



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**VITOR BOLDRINI**

**AS DINÂMICAS DO PODER ECLESIAÍSTICO NO SÉCULO X: UM ESTUDO  
SOBRE AS OBRAS E TRAJETÓRIAS DE RATÉRIO E FOLCUÍNO**

**CAMPINAS**

**2022**

**VITOR BOLDRINI**

**AS DINÂMICAS DO PODER ECLESIAÍSTICO NO SÉCULO X: UM ESTUDO  
SOBRE AS OBRAS E TRAJETÓRIAS DE RATÉRIO E FOLCUÍNO**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em História, na Área de História Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Néri de Barros Almeida

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À  
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO  
DEFENDIDA PELO ALUNO VITOR  
BOLDRINI, E ORIENTADA PELA  
PROFA. DRA. NÉRI DE BARROS  
ALMEIDA.

**CAMPINAS**

**2022**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

B637d Boldrini, Vitor, 1995-  
As dinâmicas do poder eclesiástico no século X : um estudo sobre as obras e trajetórias de Ratério e Folcuíno / Vitor Boldrini. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Néri de Barros Almeida.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Folcuin, ca. 935-990. 2. Ratherius, de Verona, ca. 890-974. 3. Carolíngios - História. 4. França - História eclesiástica - Até 987. I. Almeida, Neri de Barros, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** The dynamics of the ecclesiastical power in 10th century : a study on the works and career trajectories of Rather and Folcuin

**Palavras-chave em inglês:**

Carolingians - History

France - Church history - To 987

**Área de concentração:** História Cultural

**Titulação:** Mestre em História

**Banca examinadora:**

Neri de Barros Almeida

Claudia Regina Bovo

Robson Murilo Grando Della Torre

**Data de defesa:** 07-12-2022

**Programa de Pós-Graduação:** História

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-1559-170X>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/8978651581482624>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 07 de dezembro de 2022, considerou o candidato Vitor Boldrini aprovado.

Profª. Dra. Néri de Barros Almeida

Profª. Dra. Cláudia Regina Bovo

Prof. Dr. Robson Murilo Grando Della Torre

*A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.*

*A Antônio Celso dos Santos (in memoriam), professor de História do Colégio Antares que despertou minha paixão pela disciplina.*

## AGRADECIMENTOS

O desenrolar desta pesquisa foi muito distinto daquilo que planejei em meados de 2019, quando escrevia meu projeto de pesquisa para a inscrição no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em História do IFCH. Na época, era impensável imaginar que ficaria tantos meses afastado das acolhedoras bibliotecas da Unicamp, dos almoços no RU/RS ou na feirinha, dos cafés em frente ao prédio rosa, enfim, da convivência com colegas muito queridos que, desde que iniciei a graduação em 2016, estiveram sempre por perto para deixar o ambiente de estudo e trabalho mais descontraído. Portanto, a escrita de uma dissertação, que já é por si só um trabalho bastante árduo e solitário, se tornou ainda mais desafiadora diante da crise sanitária que abalou e continua a afetar profundamente o nosso planeta.

As dificuldades, porém, existem para serem superadas. Creio que este trabalho, apesar de suas inegáveis falhas e lacunas, é prova disso. Com muita persistência e capacidade de adaptação, é possível continuar indo atrás dos nossos sonhos e objetivos, mesmo com o surgimento de diversos contratemplos ao longo do caminho. Os obstáculos vencidos, em última instância, nos fortalecem e se tornam uma enorme fonte de inspiração para os novos desafios. Para que eu encontrasse todas essas forças e estímulos, imprescindíveis no desenvolvimento da presente pesquisa, muitos estiveram envolvidos e merecem o meu mais profundo reconhecimento.

Em primeiro lugar, meus pais, Nanci Martinelli e Marcelo Boldrini, sempre estabeleceram minha educação como prioridade máxima. O apoio incondicional de ambos foi fundamental para que eu pudesse estudar e frequentar o ensino superior. Ainda no ambiente familiar, tive constantemente ao meu lado o apoio e o bom-humor da minha irmã, Julia Boldrini. Davi Martinelli de Lira, meu primo, foi extremamente importante para que eu tivesse acesso a algumas das fontes da dissertação.

A dedicação exclusiva a este trabalho só foi possível pelo apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que me concedeu duas fontes de financiamento: uma Bolsa de Mestrado regular no país (Processo 2019/21692-4) e uma Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (Processo 2020/12398-2). Entre 2018 e 2019, também tive a honra de ser bolsista de Iniciação Científica desta agência de fomento, que acompanha de perto meus estudos e minha trajetória enquanto pesquisador há mais de 4 anos.

Desde 2016, quando iniciei a vida acadêmica na Unicamp, minha professora e orientadora Néri de Barros Almeida teve (e continua a ter!) um papel fundamental na minha formação profissional e pessoal. Suas leituras críticas contribuíram para o amadurecimento

desta dissertação. Sou muito grato pela confiança depositada em mim e pelo nosso trabalho conjunto nesses últimos anos.

A banca examinadora do meu relatório de qualificação foi muito generosa em seus comentários. Felizmente, os membros são exatamente os mesmos da defesa final: os professores Cláudia Regina Bovo e Robson Murilo Grando Della Torre se mostraram leitores atentos e críticos desta dissertação. Agradeço imensamente as contribuições ao longo da pesquisa.

No Departamento de História, os debates acerca do meu projeto de pesquisa trouxeram críticas e sugestões valiosas, em especial durante o Seminário de Linha “Dinâmicas e Linguagens Políticas” no primeiro semestre de 2020. Agradeço ainda de forma geral ao IFCH/Unicamp enquanto instituição e às pessoas que dele se ocupam por disponibilizarem excelentes infraestruturas para os meus estudos.

Meus colegas do LEME (Laboratório de Estudos Medievais), docentes e discentes dos mais diversos núcleos de todo o Brasil, sempre encorajaram ricas discussões acadêmicas. Sou muito grato pela oportunidade que me foi dada de integrar o grupo de pesquisa e expor meu trabalho em vários eventos.

Num nível mais pessoal, não posso deixar de mencionar alguns dos amigos mais próximos de Campinas, que foram companhias inestimáveis em vários momentos desde o início de minha trajetória na Unicamp: a Amábile, o Aldair, o André, o Diego, o Matias, o Vinicius e o Vitor Sorocaba foram algumas das pessoas (quase) sempre disponíveis no IFCH para almoçar, tomar um café e jogar conversa fora.

Diante da situação pandêmica, grande parte desta pesquisa foi desenvolvida trabalhando em (nas) casa(s), onde passei bastante tempo do meu mestrado. Assim, agradeço a todos os que tiveram a paciência de compartilhar o teto com um pós-graduando muito atarefado. A Amanda (sim, você morou em Campinas!) e o Guilherme, em especial, simbolizam os laços de amizade que desenvolvi morando nas repúblicas (ou pensionatos?) de Barão Geraldo.

Me considero um aluno de mestrado muito privilegiado por conta da oportunidade que me foi dada de estagiar entre outubro de 2021 e março de 2022 na Universidade de Tübingen, na Alemanha. Em terras germânicas, encontrei muitas pessoas queridas e com paciência para ajudar um brasileiro que esteve perdido em algumas situações. Meu supervisor, o professor Steffen Patzold, foi particularmente generoso no excelente acolhimento que recebi no Seminário de História Medieval. Apesar do vínculo institucional não existir oficialmente, eu o considero o coorientador desta dissertação por todo o apoio e sugestões em várias de nossas conversas (sempre com café!) na sala 215. Agradeço aos demais membros do Seminário pelas discussões acadêmicas ao longo do semestre e pela convivência diária no Hegelbau, na Mensa

ou no clássico Saint-Scholars. Faço menção especial à Ariane Wruck que, além de ter sido sempre uma companhia agradável em nossas longas conversas multilíngues na sala da secretaria, tornou viável uma tarefa que me parecia impossível assim que cheguei: lidar com a interminável burocracia alemã! Sem essa ajuda, eu teria me perdido no meio de tantos papéis e formulários. Por conta dela, eu também pude desenvolver atividades cativantes na Faculdade de Teologia Católica, incluindo a apresentação desta pesquisa. Para que isso fosse possível, contei ainda com a acolhida extremamente cordial do professor Andreas Holzem, que me recebeu gentilmente como membro da sua cadeira de ensino.

Por fim, demonstro gratidão a todos os professores que estiveram presentes ao longo da minha formação desde a educação infantil até o ensino superior: as inúmeras lições de cada um desses mestres resplandecem de diversas maneiras neste texto, embora os erros e as incongruências nele presentes sejam de minha inteira responsabilidade.

## RESUMO

Até meados do século XX a historiografia tendia a argumentar que o fim do Império Carolíngio na Europa por volta do ano 900 foi definido pelo enfraquecimento do poder político dos reis, o que teria provocado rupturas no exercício da autoridade e na manutenção da ordem pública. As abordagens mais recentes, porém, ressaltam elementos pouco considerados por essas interpretações, notadamente a importância dos clérigos, figuras muito influentes na época. Sua participação ativa na sociedade sinaliza a complexidade do quadro político em que operavam, que emergiu como uma consequência do desenvolvimento carolíngio. Em diálogo com tais pontos de vista, esta dissertação visa compreender os alcances e os limites do poder eclesiástico num momento de transformações significativas. Para tanto, serão feitas as reconstituições das trajetórias e das redes de contato de Ratério (890-974) e Folcuíno (940-990), indivíduos que compartilharam uma formação monástica beneditina semelhante, mas desempenharam papéis variados na sociedade enquanto bispo e monge, respectivamente. Por intermédio da análise dos seus textos e das fontes existentes nos contextos nos quais estiveram inseridos, este trabalho investigará as suas margens de influência nas tomadas de decisão, destacando a importância da atuação monástica e episcopal durante as remodelações da sociedade pós-carolíngia. Com isso, defenderemos que as dinâmicas políticas no século X devem ser compreendidas considerando a centralidade do poder eclesiástico, marcado por um caráter transitório e embasado na intersecção com a esfera secular.

**Palavras-Chave:** Carolíngios – História; Folcuíno; França – História Eclesiástica – Até 987; Ratério.

## ABSTRACT

Until the middle of the 20th century scholarship tended to argue that the end of the Carolingian Empire in Europe around the year 900 was defined by the weakening of the political power of kings, which caused ruptures in the exercise of authority and in the maintenance of public order. More recent approaches, however, highlight elements neglected by these interpretations, most notably the importance of clerics, who were very influential figures at this time. Their active participation in society shows the complexity of the political framework they were operating in, which emerged as a result of Carolingian developments. In dialogue with these points of view, this dissertation aims to understand the scope and the limits of the ecclesiastical power at a time of significant transformations. To achieve this goal, we will reconstitute the career trajectories and the networks of contacts of Rather (890-974) and Folcuin (940-990), individuals who shared a similar monastic Benedictine formation, but played different roles within society, as bishop and monk, respectively. Through the analysis of their texts and the examination of the sources in the contexts in which they were inserted, this project will investigate their influences on decision making, highlighting the importance of monastic and episcopal action during the remodeling of post-carolingian society. Therefore, we will argue that the political dynamics in the 10th century must be understood considering the centrality of the ecclesiastical power, marked by a transitory character, and based on the intersection with the secular sphere.

**Keywords:** Carolingians – History; Folcuin; France – Church History – To 987; Rather.

## RÉSUMÉ

Jusqu'au milieu du XXe siècle l'historiographie tendait à soutenir que la fin de l'Empire carolingien en Europe autour de l'an 900 a été définie par l'affaiblissement du pouvoir politique des rois, ce qui aurait provoqué des ruptures dans l'exercice de l'autorité et dans le maintien de l'ordre public. Des approches récentes, cependant, mettent en lumière des éléments peu pris en compte par ces interprétations, notamment l'importance des clercs, figures très influentes à cette époque. Leur participation active à la société signale la complexité du cadre politique dans lequel ils opéraient, qui a émergé à la suite des développements carolingiens. En dialogue avec ces points de vue, ce mémoire de master vise à comprendre la portée et les limites du pouvoir ecclésiastique à une époque de transformations importantes. Pour cela, nous allons reconstituer les trajectoires et les réseaux de contacts de Rathier (890-974) et de Folcuin (940-990), des individus qui ont partagé une formation monastique bénédictine similaire, mais ont joué des rôles différents au sein de la société en tant qu'évêque et moine, respectivement. À travers l'analyse de leurs écrits et l'examen des sources dans les contextes dans lesquels ils ont été insérés, ce travail étudiera leurs influences sur les prises de décision, soulignant l'importance de l'action monastique et épiscopal lors du remodelage de la société post-carolingienne. Par conséquent, nous défendrons que les dynamiques politiques au Xe siècle doit être comprises en prenant en compte la centralité du pouvoir ecclésiastique, marqué par un caractère transitoire et fondé sur l'intersection avec la sphère séculière.

**Mots-clés:** Carolingiens – Histoire; Folcuin; France – Histoire Ecclésiastique – Jusqu'à 987; Rathier.

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> – Os três novos reinos após a divisão do Império Carolíngio (843). .....	18
<b>Mapa 2</b> - A Lotaríngia no século X.....	37
<b>Mapa 3</b> - A Península Itálica no século X.....	39
<b>Mapa 4</b> - O ducado da Lotaríngia incorporado ao Reino Germânico (925-962).....	70
<b>Mapa 5</b> - Saint-Bertin (Sithiu) no século X.....	88
<b>Mapa 6</b> - Lobbes e suas principais cercanias.....	153

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - A linhagem ducal da aristocracia da Lotaríngia .....	73
<b>Quadro 2</b> - A linhagem carolíngia de Folcuíno .....	88
<b>Quadro 3</b> – A família condal de Flandres .....	107

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**BR:** WEIGLE, Fritz (Ed.). **Die Briefe der deutschen Kaiserzeit**, I. Die Briefe des Bishofs Rather von Verona. Weimar: Monumenta Germaniae Historica, 1949.

**CC46:** REID, Peter (Ed.). **Corpus Christianorum**, Continuatio Medievalis XLVI, Ratherii Veronensis Opera Minora. Turnhout: Brepols, 1976.

**CC46A:** REID, Peter (Ed.). **Corpus Christianorum**, Continuatio Medievalis XLVIA, Ratherii Veronensis. Praeloquiorum libri VI ; Phrenesis ; Dialogus confessionalis ; Exhortatio et preces. Turnhout: Brepols, 1984.

**DB:** GYSSELING, Maurits; KOCH, A. C. F. (Eds). **Diplomata belgica ante annum millesimum centesimum scripta**. Tome I. Brussel: Belgisch Inter-Universitair Centrum voor Neerlandistiek, 1950, p. 1-50.

**GaL:** PERTZ, Georg Heinrich (Ed.). **Gesta abbatum Lobiensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores IV. Hannover: Impensis Bibliopolli Avlici Hahniani, 1841, p. 54-74.

**GaS:** HOLDER-EGGER, Oswald (Ed.). **Gesta abbatum Sithiensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores XIII. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1881, p. 607-635.

**Qc:** VALTORTA, Benedetta (Ed.). **Raterio di Verona: Qualitatis coniectura**. Edizione critica, traduzione e commento. Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2016.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>17</b>
• Breve percurso pela historiografia sobre o século X.....	17
• Apresentação das fontes e da problemática de estudo.....	30
<b>Capítulo 1 - A formação monástica de Ratério em Lobbes e as disputas pela diocese de Verona (890-951).....</b>	<b>36</b>
1.1) A educação beneditina e a mudança para a Península Itálica (c. 900-920).....	36
1.2) As nomeações episcopais em Verona e os litígios subsequentes (931-951) .....	40
1.2.1) A produção literária entre 934 e 945 .....	41
a) <i>Praeloquia</i> : meditações de um homem no exílio .....	41
b) As correspondências e cópias enviadas de <i>Praeloquia</i> .....	54
1.2.2) A breve retomada da sede episcopal (946-948).....	59
1.2.3) O novo exílio e a ampliação do recurso epistolar (948-951).....	61
<b>Capítulo 2 – O retorno de Ratério à Liège (953-960) e os papéis de Folcuíno na abadia de Saint-Bertin (948-965).....</b>	<b>68</b>
2.1) Os obstáculos ao poder eclesiástico de Ratério em Liège e Lobbes (953-960) .....	68
2.1.1) O curto período entre a nomeação episcopal e o afastamento (953-955).....	68
2.1.2) A composição de textos incisivos e o retiro em Aulne (955-960).....	74
a) <i>Conclusio Deliberativa</i> , a carta a Balderico e <i>Phrenesis</i> .....	74
b) <i>Dialogo Confessionali</i> e o cargo abacial em Aulne .....	82
2.2) Folcuíno, monge e escriba de Saint-Bertin (948-965).....	87
2.2.1) A oblação beneditina em um monastério recém-reformado (c. 940-960).....	87
2.2.2) O processo de escrita da <i>Gesta abbatum Sithiensium</i> (961-962).....	92
<b>Capítulo 3 – O terceiro bispado de Ratério em Verona (961-968) .....</b>	<b>114</b>
3.1) A entronização episcopal e seus primeiros desdobramentos (961-964) .....	114
3.1.1) A segunda incursão de Otão I na Península Itálica .....	114
3.1.2) As medidas iniciais enquanto bispo .....	118
3.2) O aprofundamento das atribuições aos clérigos e o contato com outras figuras de autoridade (965-967).....	124

3.2.1) Os vínculos do bispo veronense com seus clérigos .....	125
3.2.2) As interações do prelado com demais sujeitos proeminentes da região .....	136
3.3) O acirramento dos conflitos e a partida definitiva da Península Itálica (968) .....	142
<b>Capítulo 4 – A nomeação de Folcuíno na abadia de Lobbes e a querela com Ratério (965-990).....</b>	<b>151</b>
4.1) O reencontro de Ratério e Folcuíno e as disputas pelo monastério (965-974).....	151
4.2) A produção literária no período .....	156
a) Interpretações da <i>Gesta abbatum Lobiensium</i> .....	157
b) Os embates literários pela leitura do passado de Lobbes na época de fundação .....	173
4.3) A expansão de Lobbes e de Liège após a querela (974-1008) .....	178
<b>Conclusão .....</b>	<b>184</b>
1) Ratério, um caso de poder episcopal e monástico fragilizado? .....	184
2) A relevância de Folcuíno no desenvolvimento institucional das abadias de Saint-Bertin e Lobbes .....	188
3) Questões abertas e limites da presente pesquisa .....	190
4) Perspectivas e possibilidades para futuras investigações .....	192
<b>Referências .....</b>	<b>194</b>
• Fontes editadas .....	194
1) Obras de Ratério .....	194
2) Obras de Folcuíno .....	194
3) Demais fontes .....	195
• Estudos críticos .....	197
<b>Anexo I - Registro dos principais deslocamentos, obras e eventos da trajetória de Ratério .....</b>	<b>216</b>
<b>Anexo II - Registro dos principais deslocamentos, obras e eventos da trajetória de Folcuíno .....</b>	<b>218</b>

## Introdução

- **Breve percurso pela historiografia sobre o século X**

A história da Europa carolíngia é bastante conhecida e estudada. Entre alguns de seus fatos mais abordados estão as extensas reformas administrativas e eclesiásticas, bem como o notável florescimento da vida intelectual na Corte e nos centros monásticos.<sup>1</sup> No âmbito político, a figura de Carlos Magno (742-814) é representativa do restabelecimento da unidade imperial, que havia sido fraturada a partir do declínio do Império Romano no século V.<sup>2</sup> Em 25 de dezembro de 800, o grande Rei Franco se dirigiu até Roma, onde foi coroado imperador pelo papa Leão III. Pela primeira vez desde a Antiguidade, um soberano na Europa Ocidental foi definido como Imperador dos Romanos (*imperator Romanorum*), portando o título de Augusto (*augustus*).<sup>3</sup> Em 814, ano de sua morte, Carlos Magno estava à frente de um Império continental cujas extensões abarcavam terras situadas entre Barcelona e o rio Elba, e entre Roma e o Mar do Norte.

A fragmentação da unidade imperial se deu a partir de 843, quando o tratado de Verdum encerrou as violentas disputas pela sucessão entre os netos de Carlos Magno, estabelecendo a criação de três reinos francos, a França Ocidental, sob responsabilidade de

---

<sup>1</sup> Alguns trabalhos utilizaram a expressão “Renascimento Carolíngio” para apontar que, a partir da unificação do Ocidente cristão simbolizada por Carlos Magno, teria havido um enorme desenvolvimento artístico, evidenciado pela arquitetura e pela pintura, assim como um incremento da cultura escrita com a criação de novas escolas monásticas inspiradas nas cópias dos escritos da Antiguidade Clássica. Para um balanço crítico não exaustivo das práticas carolíngias, ver os estudos reunidos em: CONSTAMBEYS, Marios; INNES, Matthew; MACLEAN, Simon (Eds.). **The Carolingian World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. GROSSE, Rolf; SOT, Michel (Eds.). **Charlemagne: les temps, les espaces, les hommes: Construction et déconstruction d’un règne**. Turnhout: Brepols, 2018. MCKITTERICK, Rosamond. **The Carolingians and the Written Word**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. **Carolingian culture: emulation and innovation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

<sup>2</sup> Nesse sentido, Carlos Magno foi muitas vezes mencionado, não apenas por historiadores, como o símbolo da coesão no continente, sendo considerado o pai fundador de uma comunidade europeia unida. Sua figura foi muito importante na constituição de uma narrativa continental conciliadora entre os países após a Segunda Guerra Mundial, bem como na construção ideológica da União Europeia. DAVIS, Jennifer R. **Charlemagne’s Practice of Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. DINAN, Desmon. **Origins and Evolution of the European Union**. Oxford: Oxford University Press, 2014. MCKITTERICK, Rosamond. **Charlemagne. The Formation of a European Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

<sup>3</sup> “DCCCL. Ipsa die sacratissima natalis Domini, cum rex ad missam ante confessionem beati Petri apostoli ab oratione surgeret, Leo papa coronam capiti eius imposuit, et a cuncto Romanorum populo adclamatum est: ,carolo augustus, a Deo coronato magno et pacifico imperatori Romanorum, vita et victoria! Et post laudes ab apostolico more antiquorum principum adoratus est atque ablato patricii nomine imperator et augustus est appellatus.” In: KURZE, Fridericus (Ed). **Annales Regni Francorum** - ab a. 741, usque ad a. 829. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores VI. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1895, p. 113.

Carlos, o Calvo, a França Média, administrada por Lotário, e a França Oriental, delegada a Luís, o Germânico (ver o mapa 1 abaixo).<sup>4</sup>

Além dessa divisão, outro marco importante do cenário político ao final do século IX foi a morte de Carlos, o Gordo, em janeiro de 888. Ele foi sucedido por Eudo, o conde de Paris, que se tornou o primeiro rei de fora da linhagem carolíngia desde 751 a governar a França Ocidental.<sup>5</sup> Os carolíngios ainda recuperariam o controle do Reino Franco em outras oportunidades, como é o caso da ascensão de Carlos, o Simples, que reinou entre 898 e 922. No entanto, a centralização imperial e a hegemonia dessa dinastia, traços marcantes do quadro político entre os séculos VIII e IX, já não eram mais claramente perceptíveis ao redor do ano 900.



Mapa 1 – Os três novos reinos após a divisão do Império Carolíngio (843).<sup>6</sup>

<sup>4</sup> JÉGOU, Laurent; PANFILI, Didier. **L'Europe seigneuriale**. 888-1215. Paris: Armand Colin, 2018, p. 9-10.

<sup>5</sup> MACLEAN, Simon. **Kingship and Politics in the Late Ninth Century**. Charles the Fat and the end of the Carolingian Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 2.

<sup>6</sup> Fonte: GAILLARD, Michèle *et al* (Eds.). **De la mer du Nord à la Méditerranée**. *Francia Media*, une région au coeur de l'Europe (c. 840-c. 1050). Luxembourg: CLUDEM, 2011, p. 600.

Até meados dos anos 1980, a historiografia propunha majoritariamente que o século X constituiu uma ruptura em relação aos avanços políticos e culturais do período carolíngio, em especial quando comparado com as realizações de Carlos Magno. Em contraste com o apogeu do Reino Franco por volta do ano 800, esse período teria sido caracterizado pela descentralização e pelo enfraquecimento da autoridade imperial, não mais capaz de controlar as disputas internas pelo poder político. Nesse quadro de uma suposta crise no exercício do poder público, a aristocracia teria assumido as tarefas e ocupações outrora reservada aos reis, substituindo-os e se colocando como uma força política primordial.<sup>7</sup>

Assim, as possíveis falhas dos herdeiros de Carlos Magno em dar continuidade ao Império teriam como consequência a manifestação da anarquia, dando início a uma “Idade de Ferro”<sup>8</sup> que se prolongaria ao longo de todo o século X. Partindo do princípio de que apenas o Estado institucionalizado moderno, detentor do monopólio da violência, seria capaz de assegurar o bom funcionamento das dinâmicas sociais, os pesquisadores defenderam que a ausência de uma autoridade pública estável engendraria conflitos permanentes entre os poderes privados, tal como evidenciado pelo contexto de esfacelamento da influência dos reis carolíngios.<sup>9</sup>

De acordo com essas interpretações, a retomada da ordem pública teria acontecido apenas com a ascensão de reinos mais institucionalmente centralizados a partir do final do século XI. Portanto, o período compreendido entre 888 e 1050, também conhecido como “longo século X”<sup>10</sup>, seria um mero intervalo entre o fim da ordem carolíngia e a posterior reestruturação monárquica, durante o qual teria havido o rompimento dos mecanismos de organização social. Deixados no esquecimento, esses 150 anos foram pejorativamente definidos como “Uma Idade Média medieval”.<sup>11</sup>

<sup>7</sup> DHONDT, Jan. *Études sur la naissance des principautés territoriales en France (IXe-Xe siècle)*. Bruges: De Tempel, 1948. THOMPSON, James Westfall. *The Dissolution of the Carolingian Fisc in the Ninth Century*. Berkeley: University of California Press, 1935.

<sup>8</sup> Entre 19 e 25 de abril de 1990, a 38ª semana de estudo sobre a Alta Idade Média em Spoleto foi consagrada aos debates sobre as qualificações do século X: “Il Secolo di Ferro: Mito e Realtà del Secolo X”.

<sup>9</sup> GIBBON, Edward. *History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Volume 2. Chicago: Encyclopedia Britannica Inc., 1990. HALPHEN, Louis. France, the last carolingians and the accession of Hugh Capet (888-987). In: BURY, John Bagnell; GWATKIN, Henry Melvill (Eds.). *The Cambridge Medieval History*. Vol 3 - Germany and the Western Empire. Cambridge: Cambridge Press, 1967, p. 71-98. LEMARIGNIER, Jean-François. *Le gouvernement royal aux premiers temps capétiens (987-1108)*. Paris: Picard, 1965. LOT, Ferdinand. *Les derniers Carolingiens, Lothaire, Louis V, Charles De Lorraine (954-991)*. Paris: Émile Bouillon éditeur, 1891.

<sup>10</sup> REUTER, Timothy. Introduction: Reading the tenth century. In: REUTER, Timothy (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 1-24.

<sup>11</sup> Termo original, no inglês, utilizado pelos editores da obra na introdução para se referirem de forma ampla aos autores que defenderam tais qualificações negativas: “A medieval Middle Ages”. Extraído de: ESDERS, Stefan. GREER, Sarah; HICKLIN, Alice (Eds.). *Using and not Using the Past after the Carolingian Empire*. London: Routledge, 2019, p. 5.

A clássica obra de Marc Bloch “*La Société Féodale*”, publicada originalmente em 1939, também identificou profundos impactos políticos e sociais a partir do fim do século IX.<sup>12</sup> Para ele, o enfraquecimento do poder real carolíngio, incapaz de garantir a segurança dos indivíduos, teria estimulado a generalização das relações de dependência pessoal entre os homens, incrementadas ainda pelo impacto das invasões normandas: “Começou então um longo período de perturbação, e, ao mesmo tempo, de gestação [...]. No estado de guerra permanente em que, daí em diante, vive a Europa – invasões, guerras internas -, mais do que nunca o homem procura um chefe, os chefes procuram os homens”.<sup>13</sup> Essas seriam as características do que Bloch define como a “primeira idade feudal”, que perpassaria todo o período compreendido entre 888 e 1050. A partir de meados do século XI, contudo, se iniciaria a “segunda idade feudal”, na qual uma paz relativa teria sido instaurada, favorecendo o renascimento intelectual, a natalidade e o reestabelecimento de redes de contatos e de comércio.<sup>14</sup>

Na tradição acadêmica francesa do Pós-Guerra vinculada à revista *Annales*, historiadores como Georges Duby e alguns de seus discípulos desenvolveram pesquisas visando explicar as supostas mudanças estruturais ocorridas entre os séculos X e XI, que teriam culminado num novo modelo social, a Sociedade Feudal.<sup>15</sup> Conforme sustentando por esses estudiosos, os cem anos posteriores à deposição de Carlos, o Gordo, o último soberano carolíngio, seria um período de brutal declínio da autoridade e das instituições públicas.

Assim, as prerrogativas fiscais, jurídicas e militares, outrora concentradas nas mãos de reis, duques, condes e viscondes, isto é, daqueles investidos de poder público pelos soberanos, teriam passado para o controle privado de castelões, dando origem a um tipo de dominação local, o senhorio banal. Esse novo grupo social, que passou a compor a classe dominante nos séculos XI e XII, foi identificado com o surgimento e ascensão da Cavalaria e dos Cavaleiros.<sup>16</sup> Tal dinâmica teria sido representada no plano ideológico pela primeira vez no

---

<sup>12</sup> BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 174.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 81-92.

<sup>15</sup> A Tese de Duby sobre a região de Mâcon, publicada pela primeira vez em 1953, deu origem a diversos trabalhos que se concentraram no estudo de localidades específicas. Eles buscaram basicamente destacar a emergência de um novo quadro político e social a partir do século XI. DUBY, Georges. **La société aux XIe et XIIe siècles dans la région mâconnaise**. Paris: EHESS, 1988. A listagem das pesquisas que seguiram esse pensamento foi elencada não exaustivamente em: ARRIGNON, Jean-Pierre; HEUCLIN, Jean (Org.). **Pouvoirs, Église et société dans les royaumes de France, Bourgogne et Germanie: aux Xe et XIe siècles (888-vers 1110)**. Nantes: Temps, 2008, p. 265-269.

<sup>16</sup> Uma sistematização e análise crítica da leitura de Duby foram realizadas em: MAZEL, Florian. Pouvoir aristocratique et Église aux Xe-XIe siècles. Retour sur la “révolution féodale” dans l’œuvre de Georges Duby. In: **Bulletin du centre d’études médiévales d’Auxerre**. Hors-série n° 1, 2008.

início do século XI pelos bispos Adalberão de Laon e Gerardo de Cambrai, que estabeleceram modelos de divisão trifuncional da sociedade feudal em vias de consolidação.<sup>17</sup>

O modelo explicativo da Revolução ou Mutação Feudal<sup>18</sup> ao redor do Ano Mil foi retomado e aprofundado por muitos trabalhos entre as décadas de 1960 e 1980. A Tese de Doutorado de Pierre Bonnassie, por exemplo, editada em 1976 e supervisionada pelo próprio Duby, identificou transforma es que teriam afetado a região da Catalunha em meados do século XI, onde as disputas pelos frutos do crescimento econ mico teriam favorecido a eleva o social dos senhores castelões, que passariam a compor um grupo aristocrático peculiar, fundado a partir das liga es de dependência feudo-vass licas<sup>19</sup>. Pierre Toubert, por sua vez, argumentou que a transi o das competências do poder público para diversos poderes em mãos privadas poderia ser testemunhada pela multiplica o dos castelos e pela reorganiza o das habita es em torno de polos castrais bem delimitados (fen meno por ele definido como *incastellamento*).<sup>20</sup> Por fim, a obra conjunta escrita por Jean-Pierre Poly e  ric Bournazel em 1980, sintetizando boa parte dos argumentos descritos acima, reforçou a ideia de que o declínio da influência pública do Império Carolíngio, isto  , o enfraquecimento do poder de seus reis, condes, viscondes, duques e bispos, teria estimulado a constru o de castelos e a forma o de domínios baseados nos direitos senhoriais privados ao redor do ano mil. Esse processo, em resumo, foi designado pelos dois autores como “Muta o Feudal”.<sup>21</sup>

Dado que o propósito central dessas explica es era identificar os elementos constituintes da Sociedade Feudal em forma o, o século X raramente foi tratado em seus próprios termos, sendo definido como um intervalo de transi o entre o período carolíngio e a afirma o do senhorio banal. Porém, novas abordagens a partir da década de 1990 passaram a questionar a abrangência e a aplicabilidade do modelo da Muta o Feudal.<sup>22</sup> Em artigo de 1992, Dominique Barthélemy contestou frontalmente o argumento de que mudanças profundas teriam ocorrido nas estruturas institucionais e sociais em virtude da degrada o da autoridade

<sup>17</sup> DUBY, Georges. **Les trois ordres ou l’imaginaire du féodalisme**. Paris: Gallimard, 1978.

<sup>18</sup> O termo “Revolu o Feudal” foi utilizado pelo próprio Duby na nomea o de um dos capítulos do livro “As três ordens”. Ibidem, p. 183-205.

<sup>19</sup> BONNASSIE, Pierre. **La Catalogne du milieu du X<sup>e</sup> siècle   la fin du XI<sup>e</sup> siècle** : croissance et mutations d’une société. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2 vols., 1975-1976.

<sup>20</sup> TOUBERT, Pierre. **Les structures du Latium médiéval**. Le Latium méridional et la Sabine du IX<sup>e</sup> siècle   la fin du XII<sup>e</sup> siècle. Roma: Escola Francesa de Roma, 1973.

<sup>21</sup> BOURNAZEL,  ric; POLY, Jean-Pierre. **La mutation féodale (Xe-XIIe si cle)**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

<sup>22</sup> Para um balanço, ver: GOETZ, Hans-Werner. Gesellschaftliche Neuformierungen um die erste Jahrtausendwende?: Zum Streit um die "mutation de l’an mil". In: HUBEL, Achim; SCHNEIDM LLER, Bernd (Eds.). **Aufbruch ins zweite Jahrtausend**: Innovation und Kontinuit t in der Mitte des Mittelalters. Ostfildern: Thorbecke, 2004, p. 31-50.

pública.<sup>23</sup> Mais sensível à cronologia e ao ritmo das transformações políticas, o autor não nega que o século X foi marcado pela descentralização dos poderes na escala dos principados e da aristocracia local.<sup>24</sup> Todavia, em sua visão, seria equivocado defender a emergência de uma sociedade em ruptura com o quadro político carolíngio do século IX. Segundo ele, não houve ao redor do ano mil transferência repentina e generalizada do poder e das prerrogativas públicas para o grupo social dos Cavaleiros situado nos senhorios e nos castelos.<sup>25</sup>

As obras de Charles West, Matthew Innes e Simon MacLean contribuíram significativamente para o debate ao reavaliarem as condições políticas do Reino Carolíngio.<sup>26</sup> Segundo elas, o rei e seus agentes não poderiam ser definidos como a expressão do poder público, em contraposição ao poder privado da aristocracia. Tal distinção dicotômica, na realidade, não existia no período, o que inviabiliza um dos argumentos do paradigma explicativo da Mutação Feudal, segundo o qual a aristocracia teria se afirmado politicamente a partir do final do século IX, aproveitando-se da fraqueza da estrutura pública carolíngia. Uma análise mais cuidadosa sugere, ao contrário, que os poderes locais estavam estreitamente articulados com os reis carolíngios, desenvolvendo complexas relações que poderiam variar entre conflito e colaboração.<sup>27</sup> Nessas condições, não é possível afirmar que haveria necessariamente um antagonismo político entre, de um lado, o rei e os seus agentes, de outro, a aristocracia.

Além disso, a leitura das fontes passou por importante reconsideração. A maior parte das monografias regionais sobre a Mutação Feudal havia identificado mudanças profundas na composição e no relato de documentos entre os séculos X e XI. O desaparecimento de formulários legislativos administrativos, como os capitulares carolíngios, a redução da

---

<sup>23</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. La mutation féodale a-t-elle eu lieu ? (note critique). In: **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, 47-3, 1992, p. 767-777.

<sup>24</sup> Os debates sobre a Mutação Feudal foram bastante intensos em artigos da revista inglesa *Past and Present* na década de 1990: BISSON, Thomas Noel. The "Feudal Revolution". In: **Past & Present**, n. 142, 1994, p. 6-42. BARTHÉLEMY, Dominique; WHITE, Stephen. Debate: the "Feudal Revolution". In: **Past & Present**, n. 152, 1996, p. 196-223. REUTER, Timothy; WICKHAM, Chris. Debate: The "Feudal Revolution". In: **Past & Present**, n. 155, 1997, p. 177-208.

<sup>25</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. **A Cavalaria: Da Germânia Antiga à França do século XII**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010, p. 145-154.

<sup>26</sup> MACLEAN, Simon. **Kingship and Politics in the Late Ninth Century**: Charles the Fat and the End of the Carolingian Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. INNES, Matthew. **State and society in the early Middle Ages: the middle Rhine valley**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. WEST, Charles. **Reframing the Feudal Revolution: Political and Social Transformation between Marne and Moselle, c.800–c.1100**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

<sup>27</sup> "This interpretation assumed an essential antagonism between king and aristocrat, and saw the collapse of the Carolingians as signalling that aristocracy's final triumph, suggesting that kings like Charles the Simple and Zwentibold were defeated by an aristocracy possessed of a swaggering new confidence. [...]. The problem, of course, is that the Carolingian kings were not in fact opposed to a strong aristocracy; indeed, they had promoted it." Extraído de: WEST, op. cit., 2013, p. 186.

ocorrência e de resoluções de sínodos episcopais, e o desenvolvimento de narrativas monásticas denunciando a violência dos laicos, seriam sinais de uma mutação política, resultante da usurpação do poder pelos castelões. Essas evidências textuais, no entanto, não comprovam o triunfo do senhorio banal sobre as instituições públicas.<sup>28</sup> Os elementos contidos na documentação estão frequentemente ligados a reivindicações contrárias ao intervencionismo dos laicos nas estruturas da Igreja.<sup>29</sup> Em outras palavras, as denúncias de ilegitimidade das práticas aristocráticas foram muitas vezes estratégias retóricas de monges, que aspiravam maior autonomia política frente aos demais grupos. Portanto, a crítica documental permite apurar hoje que a situação política entre os anos 900 e 1000 não era marcada somente por sua ruptura com a época carolíngia, tampouco pela ausência de mecanismos de organização social.

Nos últimos anos, cresceram os volumes de trabalhos dedicados a compreender o século X por si mesmo, não mais interpretado como um período obscuro<sup>30</sup> ou de mera transição da ordem carolíngia à feudal.<sup>31</sup> Embora a historiografia reconheça que se trate de um contexto distinto em relação ao apogeu do Império de Carlos Magno, a complexidade do quadro político, social e cultural impede tentativas de síntese a partir da aplicação de modelos explicativos abrangentes.<sup>32</sup>

Em razão desses pressupostos teórico-metodológicos pautados na reconsideração do impacto do fim do Império Carolíngio e na releitura crítica das fontes, os historiadores não analisam os textos visando apenas identificar indícios de mudanças amplas e estruturais. Essas

---

<sup>28</sup> De forma geral, ver: BARTHÉLEMY, Dominique. **La société dans le comté de Vendôme de l'an mil au XIV siècle**. Paris: Fayard, 1993. **La mutation de l'an mil a-t-elle eu lieu ?** Servage et chevalerie dans la France des Xe et XIe siècles. Paris: Fayard, 1997.

<sup>29</sup> MAZEL, Florian. Amitié et rupture de l'amitié. Moines et grands laïcs provençaux au temps de la crise grégorienne (milieu XI<sup>e</sup>-milieu XII<sup>e</sup> siècle). In: **Revue historique**, t. 307, 2005, p. 53-95.

<sup>30</sup> Para um debate sobre essa qualificação em específico: ZIMMERMANN, Harald. **Das dunkle Jahrhundert**. Ein historisches Porträt. Graz: Verlag Styria, 1971.

<sup>31</sup> Além do mencionado volume III da obra coletiva “The New Cambridge Medieval History” dedicado ao período entre 900 e 1024, podemos citar outros dois livros recentes muito impactantes. No campo da literatura, o trabalho de Patrícia Stoppacci se opôs à visão de que teria ocorrido uma ruptura cultural no século X em relação ao passado carolíngio. Ela também rejeitou a qualificação do período pelo prisma de uma suposta longa e permanente crise. STOPPACCI, Patrícia (Ed.). **Il secolo senza nome**. Cultura, scuola e letteratura latina dell'anno Mille e dintorni. Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2020. Já o livro editado por Warren Pezé se propôs a reavaliar as condições de conhecimento e educação por volta de 900. Uma citação extraída da introdução reflete os novos olhares e abordagens dos historiadores com relação às supostas “ordens ameaçadas” (*Bedrohte Ordnungen*) carolíngias ao longo do século X: “En définitive, on peut parler, avec Jean-Yves Tilliette, d’un “temps d’approfondissement, de maturation et d’élaboration” qui démontre que les réseaux lettrés et scolaires étaient assez solides pour résister aux menaces intérieures et extérieures et ont même su, en bien des points, poursuivre, voire dépasser les acquis carolingiens. Cette maturation progressive semble suivre un schéma incrémental, où de nouveaux auteurs sont lentement ajoutés au canon des études, puis glosés et commentés, sans que l’on décèle souvent la moindre rupture autour de 900”. PEZÉ, Warren. Introduction. L’Europe vers 900: un ordre menacé. In: **Wissen und Bildung in einer Zeit bedrohter Ordnung**: der Zerfall des Karolingerreiches um 900. Stuttgart: Monographien zur Geschichte des Mittelalters, 2020, p. 22.

<sup>32</sup> REUTER, 1999, op. cit., p. 20.

novas abordagens vêm ampliando campos de pesquisa nas últimas duas décadas acerca da sociedade pós-carolíngia. Entre eles, destacamos a reavaliação da importância do poder político e religioso dos clérigos na transição do século IX ao X.<sup>33</sup> Os indivíduos inseridos na hierarquia eclesiástica eram figuras importantes, que participavam ativamente das dinâmicas e das transformações do período. Muitas das fontes ainda preservadas são provenientes de centros monásticos e/ou episcopais, constituindo materiais valiosos para compreender algumas das concepções e atuações dos clérigos na sociedade que lhes era contemporânea.<sup>34</sup>

As pesquisas, desse modo, passaram a dar mais atenção à Igreja<sup>35</sup> e a evidenciar a imbricação entre os discursos eclesiásticos e as práticas sociais<sup>36</sup>. Podemos estudar as construções narrativas compostas pelos clérigos, conectadas com sua atuação política. Se antes o papel e as relações que os membros da Igreja estabeleciam com o conjunto da sociedade eram elementos relegados a um plano secundário, a constituição do poder destes é hoje um dos principais focos dos trabalhos sobre os séculos X e XI, o que vem abrindo novas perspectivas de estudos. A leitura crítica da documentação não se limita a analisar fenômenos restritos ao âmbito da religião – aqui compreendido como as práticas no interior das instituições eclesiásticas –, mas considera elementos como a origem social e familiar dos clérigos, seu patrimônio, seus pontos de contato com os soberanos e a aristocracia laica, enfim, a influência exercida na sociedade para além do aspecto religioso.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> O conceito de poder se refere à capacidade de levar ou influenciar terceiros a fazer o que se deseja. Isto pode ser realizado através da superioridade material, do uso do poder simbólico, da invocação de normas comuns, etc. Ver as reflexões contidas em: WEILER, Björn. **Paths to kingship in medieval Latin Europe**, c. 950–1200. Cambridge: Cambridge University Press, 2021, p. 1-21. Apenas para efeitos explicativos e didáticos, os termos “político” e “religioso” associados ao poder foram aqui separados, mas essas duas esferas aparecem mutualmente imbricadas ao longo da Idade Média. Enquanto categorias analíticas modernas, elas não podem ser consideradas isoladamente na compreensão do período medieval, como sugerido em: DE JONG, Mayke. *Ecclesia and the early medieval polity*. In: AIRLE, Stuart; POHL, Walter; REIMITZ, Helmut (Eds). **Staat im frühen Mittelalter**. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2006, p. 113-132.

<sup>34</sup> NIEUS, Jean-François; RUFFINI-RONZANI, Nicolas. *Société seigneuriale, réformes ecclésiastiques: les enjeux documentaires d’une révision historiographique*. In: MEIJNS, Brigitte; VANDERPUTTEN, Steven (Org.). **Ecclesia in medio nationis: Reflections on the Study of Monasticism in the Central Middle Ages**. Leuven: Leuven University Press, 2011, p. 77-100.

<sup>35</sup> O próprio Georges Duby, em 1991, reconheceu que sua tese de 1953 sobre a região de Mâcon havia dado pouca atenção ao lugar dos mosteiros e das instituições religiosas nas estruturas sociais, propondo a ampliação de estudos sobre esse tema: “[...] la juste place, dans la société féodale, au sein du «féodalisme», de l’Église et plus généralement de ce que nous appelons le religieux.” DUBY, Georges. **L’histoire continue**. Paris: Odile Jacob, 1991, p. 221.

<sup>36</sup> LAUWERS, Michel. *L’Église dans l’Occident médiéval: histoire religieuse ou histoire de la société? Quelques jalons pour un panorama de la recherche en France et en Italie au XXe siècle*. In: **Mélanges de l’École française de Rome. Moyen-Âge**, tomo 121, n. 2, 2009, p. 267-290.

<sup>37</sup> MÉRIAUX, Charles. *Historiographie des élites ecclésiastiques du haut Moyen Âge*. In: **L’historiographie des élites dans le haut Moyen Âge**. Actes du colloque, Université de Marne-la-Vallée, n. p., 2003.

No estudo da formação do Sacro Império Romano Germânico<sup>38</sup>, uma interpretação muito recorrente até meados de 1980 sustentava que os imperadores da dinastia otônida, iniciada a partir da coroação de Henrique I em 919, teriam criado uma Igreja sobre a qual tinham pleno controle.<sup>39</sup> Combatendo as forças centrífugas de parte da aristocracia que resistia a se integrar ao Império, eles subordinariam os bispos e demais clérigos como um mecanismo eficaz de consolidação do poder imperial.<sup>40</sup> Essa relação, de maneira sistemática, poderia ser definida como um “Sistema de Igreja Imperial” (*Reichkirchensystem*).

As pesquisas mais atuais, por outro lado, não desconsideram a importância da proximidade com os imperadores para a afirmação política dos clérigos, mas pontuam que há outros fatores envolvidos.<sup>41</sup> As tarefas e os deveres do ofício episcopal, por exemplo, precisam ser analisados considerando as bases específicas do poder e da posição dos bispos na sociedade dos séculos X e XI, nem sempre dependentes da delegação de atribuições feitas por imperadores ou aristocratas laicos.<sup>42</sup> A administração das paróquias e dioceses, a fundação de mosteiros, o desenvolvimento e expansão de leis canônicas, e ainda a promoção da arte e literatura, são

---

<sup>38</sup> A origem desta entidade política remete à criação do Reino Franco Oriental em 843 pelo já citado Tratado de Verdum. A unidade imperial seria consolidada em 2 de fevereiro de 962, quando Otão I foi coroado Sacro Imperador Germânico em Roma pelo papa João XII. REUTER, Timothy. **Germany in the Early Middle Ages: 800-1056**. Londres: Routledge, 1991, p. 141-159.

<sup>39</sup> SANTIFALLER, Leo. **Zur Geschichte des ottonische-salischen Reichkirchensystems**. Viena: Österreichische Akademie der Wissenschaften, 1954. FLECKENSTEIN, Josef. Königshof und Bischofsschule unter Otto d. Gr. In: **Archiv für Kulturgeschichte**, 38. Band, 1956, p. 38-62.

<sup>40</sup> Entre as diversas intervenções dos reis estão a participação direta nas eleições de nomeação dos bispos ao longo do Império, assim como a escolha de clérigos pertencentes à capela imperial para ocuparem catedrais episcopais ou sedes abaciais.

<sup>41</sup> Convém citar um artigo fundamental: REUTER, Timothy. “The Imperial Church System” of the Ottonian and Salian Rulers: A Reconsideration. In: **Journal of Ecclesiastical History**, n. 33, 1982, p. 347-374. Depois de Reuter, muitos trabalhos vêm pontuando que os otônidas não constituíram uma Igreja de modo sistemático e inédito. Algumas das práticas adotadas remontam ao século IX, quando o poder episcopal já estava atrelado de maneira multilateral aos reis carolíngios. Por exemplo, SCHIEFFER, Rudolf. Karolingische und ottonische Kirchenpolitik. In: BAUER, Dieter R. *et al* (Eds.). **Mönchtum - Kirche - Herrschaft 750-1000**. Josef Semmler zum 65. Geburtstag. Sigmaringen: Thorbecke, 1998, p. 311-325. Portanto, uma vez que a estreita conexão dos poderes laicos com bispos remonta, pelo menos, ao século IX, seria inadequado se referir a um “Sistema de Igreja” exclusivamente otônida ou sálio. Ver o balanço historiográfico sobre essa problemática reunido em: PATZOLD, Steffen. **Wissen über Bischöfe im Frankenreich des späten 8. bis frühen 10. Jahrhunderts**. (Mittelalter-Forschungen 25.) Ostfildern: Jan Thorbecke Verlag, 2008, p. 18-24.

<sup>42</sup> PATZOLD, Steffen. L'épiscopat du haut Moyen Âge du point de vue de la médiévistique allemande. In: **Cahiers de civilisation médiévale**, n.º. 192, 2005, p. 341-358. Nessa leitura, é reconhecido que as intervenções dos imperadores nas sedes episcopais, seja para impor um candidato ou recusar um eleito, eram apenas uma parte específica do funcionamento das dinâmicas de sucessões de bispos. Havia, portanto, outros elementos importantes na nomeação que não podem ser desprezados, como a bagagem cultural e literária carregada, a prévia experiência episcopal, as habilidades litúrgicas e as origens genealógica/social: FINCK VON FINCKENSTEIN, Albrecht Graf. **Bischof und Reich** : Untersuchungen zum Integrationsprozeß des ottonisch-frühsalischen Reiches (919 - 1056). Sigmaringen: Thorbecke, 1989.

algumas das atividades que só podem ser interpretadas plenamente se levarmos em conta o papel social próprio dos bispos.<sup>43</sup>

Graças a esses pressupostos, se multiplicaram nas últimas três décadas os trabalhos sobre os modos de exercício do poder episcopal entre os anos 900 e 1000.<sup>44</sup> Por exemplo, diversos estudos se interessaram em pesquisar como se deram as convocações e realizações de sínodos baseados nas leis canônicas<sup>45</sup>, as principais premissas das tarefas litúrgicas e pastorais<sup>46</sup>, as negociações pela administração e cobrança do dízimo<sup>47</sup>, a organização eclesiástica e espacial da diocese<sup>48</sup>, e ainda as intervenções dos prelados nas resoluções de conflitos.<sup>49</sup> Portanto, o poder episcopal esteve atrelado à justaposição das atividades dos bispos nas esferas secular e religiosa, uma vez que a administração envolvia tanto o ofício sagrado na Igreja em si, quanto a relação deles com reis ou aristocratas em prol dos bens e domínios materiais.<sup>50</sup>

Por intermédio da leitura das fontes episcopais, os historiadores analisam as percepções e representações dos bispos sobre a sociedade na qual se inseriam.<sup>51</sup> Os textos

---

<sup>43</sup> HOWE, John. **Before the Gregorian reform** : the Latin Church at the turn of the first millennium. Ithaca : Cornell University Press, 2016, p. 235-240.

<sup>44</sup> A bibliografia é numerosa. Citaremos aqui as principais coletâneas recentes que reuniram estudos sobre a função episcopal, abrangendo os séculos X e XI. BIHRER, Andreas; BRUHN, Stephan (Org.). **Bischöfe und ihre Diözesen im nachkarolingischen ostfränkisch-deutschen Reich (850–1100)**. Berlin : Walter de Gruyter, 2019. COSS, Peter; DENNIS, Chris; JULIAN-JONES, Melissa; SILVESTRI, Angelo (Eds.). **Episcopal Power and Local Society in Medieval Europe, 900-1400**. Turnhout: Brepols Publishers, 2017. GILSDORF, Sean (Ed.). **The bishop: power and piety at the first Millenium**. Münster: Lit Verlag, 2004. KÖRNTGEN, Ludger; WASSENHOVEN, Dominik (Eds.). **Patterns of Episcopal Power**. Bishops in Tenth and Eleventh Century Western Europe. Berlin: De Gruyter, 2011. MEIJNS, Brigitte; VANDERPUTTEN, Steven (Org.). **Bishops in the Long Tenth Century**. Episcopal Authorities in France and Lotharingia, c. 900- c. 1050. The Medieval Low Countries, vol. 6. Turnhout: Brepols, 2019. NEYRA, Andrea Vanina; PÉREZ, Mariel (Eds.). **Obispos y monasterios en la Edad Media** : trayectorias personales, organización eclesiástica y dinámicas materiales. Buenos Aires: Colección Cursus, 2020.

<sup>45</sup> HARTMANN, Wilfried. **Kirche und Kirchenrecht um 900**: Die Bedeutung der spätkarolingischen Zeit für Tradition und Innovation im kirchlichen Recht. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2008. HARTMANN, Wilfried (Ed.). **Recht und Gericht in Kirche und Welt um 900**. Munique: Oldenbourg Verlag, 2007.

<sup>46</sup> JONES, Anna Trumbore; OTT, John S (Eds.). **The bishop reformed**: studies of episcopal power and culture in the central Middle Ages. Aldershot: Ashgate, 2007.

<sup>47</sup> ELDEVICK, John. **Episcopal Power and Ecclesiastical Reform in the German Empire**: Tithes, Lordship, and Community, 950–1150. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

<sup>48</sup> MAZEL, Florian (Ed.). **L'espace du diocèse**. Genèse d'un territoire dans l'Occident médiéval (Ve-XIIIe siècle). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008. MAZEL, Florian. **L'évêque et le territoire**. L'invention médiévale de l'espace. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

<sup>49</sup> BÜHRER-THIERRY, Geneviève; JÉGOU, Laurent. L'episcopat du premier âge féodal (Xe - milieu XIe siècles). In: IOGNA-PRAT, Dominique *et al* (Dir.). **Cluny**: Les moines et la société au premier âge féodal. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, p. 79-90. JÉGOU, Laurent. **L'évêque, juge de paix**. L'autorité épiscopale et le règlement des conflits entre Loire et Elbe (milieu VIIIe-milieu XIe siècle). Turnhout: Brepols, 2011.

<sup>50</sup> HUYSMANS, Ortwin. **Tutor ac Nutritor**. Episcopal Agency, Lordship and the Administration of Religious Communities: Ecclesiastical Province of Rheims, c. 888- 1073. 2016. 462 f. Tese (Doutorado em História) - KU Leuven, Leuven, 2016.

<sup>51</sup> COUË, Stephanie. **Hagiographie im Kontext** : Schreibanlaß und Funktion von Bischofsviten aus dem 11. und vom Anfang des 12. Jahrhunderts. Berlin, Boston: De Gruyter, 2007. HAARLÄNDER, Stephanie. **Eine**

narrativos, tais como a hagiografia e a historiografia episcopal, bem como os tratados normativos, são fontes preciosas para investigar a imagem desenhada pelo autor a respeito do prelado ideal, que cumpria plenamente com as obrigações de sua santidade. Seria viável para um bispo, pois, colaborar na criação de atividades voltadas ao culto e celebração desse indivíduo santificado.<sup>52</sup> Essas obras não refletiam apenas as ilustrações que os bispos faziam deles próprios em seu ofício, mas também as interpretações mais amplas de seu entorno. Eles buscaram nos textos marcar as relações que esperavam constituir junto aos monges e a outros clérigos em suas respectivas dioceses, e ainda sublinhar as interações exemplares com os reis, a aristocracia laica, demais bispos e os papas.<sup>53</sup> Em suma, as fontes episcopais, por revelarem as intenções políticas de seus autores, dão acesso aos testemunhos dos prelados, que tentaram interpretar e se posicionar diante das dinâmicas sociais do período e dos problemas precisos que os abrangiam.

Além dos bispos, a historiografia recente também demonstra grande interesse pela investigação da importância do poder monástico na configuração política e social do século X. Houve um incremento de pesquisas dedicadas ao estudo das práticas sociais da escrita, de modo a enfatizar os meandros nos processos de produção dos textos monásticos, demonstrando que estavam conectados com usos pragmáticos.<sup>54</sup> Hoje são examinadas, assim, as condições nas quais os documentos foram compostos, bem como os seus modos de arquivamento.<sup>55</sup> Para os monges, a escrita foi um instrumento muito importante: seus escritos eram tentativas de melhor sintetizar o que definia a identidade de mosteiros e da comunidade monástica como um todo.<sup>56</sup>

---

**Quellengattung zwischen Hagiographie und Historiographie**, untersucht an Lebensbeschreibungen von Bischöfen des Regnum Teutonicum im Zeitalter der Ottonen und Salier. Stuttgart: Anton Hiersemann, 2000.

<sup>52</sup> A constituição de festividades a um santo através das hagiografias também engendra outras práticas paralelas, como o traslado de relíquias, a construção de igrejas e o desenvolvimento de uma topografia sagrada, que pertencem ao domínio episcopal. HIRSCHMANN, Frank G. Die Bischofsstadt als Versammlungsort der Heiligen. Patrozinien, Reliquien, Heiligengräber (10.–12. Jahrhundert). In: EHRICH, Susanne; JÖRG, Oberste (Org.). **Städtische Kulte im Mittelalter**. Regensburg: Schnell & Steiner, 2010, p. 37-52.

<sup>53</sup> SCHLOCHTERMEYER, Dirk. **Bistumschroniken des Hochmittelalters**. Die politische Instrumentalisierung von Geschichtsschreibung. Paderborn: Schöningh, 1998.

<sup>54</sup> Para uma visão geral sobre as principais premissas desse tema: CHASTANG, Pierre. Cartulaires, cartularisation et scripturalité médiévale: la structuration d'un nouveau champ de recherche. In: **Cahiers de civilisation médiévale**, n. 193, 2006, p. 21-31. MORELLE, Laurent. Les chartes dans la gestion des conflits (France du Nord, XIe-début XIIe siècle). In: **Bibliothèque de l'école des chartes**, 1997, tomo 155, p. 267-298.

<sup>55</sup> BERTRAND, Paul. À propos de la révolution de l'écrit (Xe-XIIIe siècle). Considérations inactuelles. In: **Médiévales**, 56, 2009, p. 75-92.

<sup>56</sup> DECLERCQ, Georges. Originals and Cartularies: The Organization of Archival Memory (Ninth-Eleventh Centuries). In: HEIDECKER, Karl (Ed.). **Charters and the Use of the Written Word in Medieval Society**. Turnhout: Brepols, 2000, p. 147-170. MORELLE, Laurent. The Metamorphosis of Three Monastic Charter Collections in the Eleventh Century (Saint-Amand, Saint-Riquier, Montier-en-Der). In: HEIDECKER, Karl (Ed.). **Charters and the Use of the Written Word in Medieval Society**. Turnhout: Brepols, 2000, p. 171-204. ROSÉ, Isabelle. Les moines et leur vie communautaire du IXe au XIIe siècle. Tour d'horizon historiographique. In: MEIJNS, Brigitte; VANDERPUTTEN, Steven (Org.). **Ecclesia in medio nationis: Reflections on the Study of Monasticism in the Central Middle Ages**. Leuven: Leuven University Press, 2011, p. 11-45. VANDERPUTTEN,

Eles estavam conectados, enfim, com a gestão da memória arquivística em seu conjunto, moldando contornos mais claros da memória coletiva.<sup>57</sup>

Nesse quadro acadêmico, emergiram riquíssimas produções sobre a função social de mosteiros, conforme indicam as reinterpretações dos conjuntos documentais escritos na abadia de Cluny entre os séculos X e XI.<sup>58</sup> No plano espacial, a partir da contribuição de trabalhos arqueológicos, tem sido investigado o modo como as comunidades estruturaram o entorno das abadias, que continham aglomerados de habitantes e territórios sob seu controle.<sup>59</sup> Empregando a alcunha “especialização do sagrado”, algumas obras dissertaram acerca da organização espacial do monasticismo na Idade Média Central, apontando os efeitos sobre a sociedade, a partir, principalmente, da territorialização dos domínios das igrejas.<sup>60</sup>

Alguns encontros científicos e publicações recentes debatem a respeito das fronteiras e dos complexos pontos de contato entre os poderes laicos e monásticos.<sup>61</sup> No século

Steven. Typology of Medieval Historiography Reconsidered: a Social Reinterpretation of Monastic Annals, Chronicles and Gesta. In: **Historical Social Research/Historische Sozialforschung**, 26:4, 2001, p. 141-178. Benedictine local historiography from the middle ages and its written sources: Some structural observations. In: **Revue Mabillon**, vol. 15, 2004, p. 107-130. "Literate memory" and social reassessment in tenth-century monasticism. In: **Mediaevistik**, vol. 17, 2004, p. 65-94. Monastic literate practices in eleventh- and twelfth-century northern France. In: **Journal of Medieval History**, 32, 2006, p. 101-126.

<sup>57</sup> CABY, Cécile. La mémoire des origines dans les institutions médiévales. Présentation d'un projet collectif. In: **Mélanges de l'École Française de Rome (Moyen Âge)**, n. 115, 2003, p. 133-140. DECLERCQ, Geoges. History, Memory and Remembrance in Early Cartularies and Libri Traditionum. In: **Studi Medievali**, LVIII, 2017, p. 1-21. GEARY, Patrick. **Phantoms of Remembrance: Memory and Oblivion at the End of the First Millenium**. Princeton: Princeton University Press, 1994. LAUWERS, Michel. *Memoria*. A propos d'un objet d'histoire en Allemagne In: OEXLE, Otto Gerhard; SCHMITT, Jean-Claude (Eds.). **Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2003, p. 105-126. MCKITTERICK, Rosamond. **History and Memory in the Carolingian World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. MORELLE, Laurent. Histoire et archives vers l'an mil : une nouvelle 'mutation' ? In: **Histoire et archives**, n. 3, 1998, p. 119-141. VANDERPUTTEN, Steven. Individual experience, collective remembrance and the politics of monastic reform in high medieval Flanders. In: **Early Medieval Europe**, 20(1), 2012, p. 70-89.

<sup>58</sup> Além de muitos dos trabalhos de Dominique Iogna-Prat e Didier Méhu, o 1100º aniversário da fundação do mosteiro, em 2010, impulsionou diversos eventos, dando origem, inclusive, a um livro, que sintetizou o panorama historiográfico sobre a instituição. IOGNA-PRAT, Dominique *et al* (Dir.). **Cluny: Les moines et la société au premier âge féodal**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013. Assim, foi destacado que os monges de Cluny, em concordância com as recomposições sociais contemporâneas, propuseram em seus textos estruturas e modelos sociais, nos quais deveria prevalecer a hierarquia dos valores da cultura monástica. Ver ainda: ROSENWEIN, Barbara. **To be the Neighbor of Saint Peter**. The Social Meaning of Cluny's Property. Ithaca: Cornell University Press, 1989.

<sup>59</sup> ROSENWEIN, Barbara. **Negotiating Space**. Power, Restraint, and Privileges of Immunity in Early Medieval Europe. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

<sup>60</sup> IOGNA-PRAT, Dominique. **La Maison Dieu**. Une histoire monumentale de l'Église au Moyen Age, v. 800-v. 1200. Paris: Le Seuil, 2006. LAUWERS, Michel. De l'incastellamento à l'inecclesiamento. Monachisme et logiques spatiales du féodalisme. In: IOGNA-PRAT, Dominique *et al* (Dir.). **Cluny: Les moines et la société au premier âge féodal**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, p. 315-338. LAUWERS, Michel (Ed.). **Monastères et espace social: Genèse et transformation d'un système de lieux dans l'Occident medieval**. Turnhout: Brepols, 2014. LAUWERS, Michel. **O nascimento do cemitério**. Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente Medieval. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

<sup>61</sup> Entre 30 de junho e 1 de julho de 2016, o evento “Condes e abades no mundo franco (França ocidental, França oriental e Borgonha): séculos IX e XI” ocorreu no Instituto franco-alemão de ciências históricas e sociais em Frankfurt, a partir do qual foi editado: MARTINE, Tristan (Dir.). *Comtes et abbayes dans le monde franc. Francie occidentale, Francie orientale et Bourgogne. Fin IXe – fin XIe siècle*. In: **Trajectoires**, Hors-série 2, 2017. Já o

X, por exemplo, uma das maneiras da aristocracia legitimar e demonstrar seu poder era por meio do controle do sagrado, representado pela proteção e traslado de relíquias, assim como pela capacidade de fundar uma igreja ou um monastério, que fosse responsável por perpetuar a linhagem familiar sacralizada.<sup>62</sup> A preponderância social dos laicos estava, então, bastante fundamentada numa estreita imbricação com a esfera eclesiástica. Eles controlavam os *honores* episcopais e abaciais – isto é, as nomeações de bispos e abades nas dioceses e monastérios, respectivamente – e ainda tinham alguma gerência sobre a administração dos bens e dos rendimentos fundiários da Igreja.

Essa estreita relação, por outro lado, não era sinônimo de dominação. Os clérigos não estavam, como afirmado outrora, nas mãos e sob o domínio privado dos aristocratas laicos.<sup>63</sup> O fato de muitos condes terem sido os responsáveis diretos pela fundação de monastérios não expressa, necessariamente, o controle absoluto e a manipulação desses estabelecimentos. Há elementos que permitem compreender alguns traços bem peculiares aos membros da instituição eclesiástica. Com efeito, os historiadores demonstram a força do discurso monástico, sua capacidade em organizar o mundo exterior ao claustro, e a eficácia da atuação sobre os que faziam parte da esfera laica.<sup>64</sup> A interação dos monges com os demais membros da sociedade no período, enfim, era realizada de maneira extremamente complexa, engendrando ora alianças em prol de interesses comuns, ora lutas por interesses e influências políticas conflitantes.<sup>65</sup>

---

ateliê internacional “Espaços eclesiásticos e senhores laicos. Definições, modelos e conflitos em zonas de interface (séculos IX-XIII)” aconteceu em 5 e 6 de abril de 2018 na Université Paris-Est Marne-la-Vallée e deu origem a um livro: MARTINE, Tristan; NOWAK, Jessika; SCHNEIDER, Jens (Dir.). **Espaces ecclésiastiques et seigneuries laïques (IXe-XIIIe siècle)**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2021.

<sup>62</sup> É o caso do grupo familiar laico de Marselha, que buscou legitimar sua autoridade a partir da restauração do antigo monastério de Saint-Victor e da ampliação dos lugares de culto a esse santo. MAZEL, Florian. **La noblesse et l'Église en Provence, fin Xe-début XIVE siècle**. Paris: Editions du CTHS, 2002. A estreita relação entre as comunidades monásticas e as famílias aristocráticas na região da Provença entre os séculos X e XII, inseridas numa sociedade regida pelos valores cristãos, foram o foco de pesquisa da seguinte Tese: MAGNANI, Eliana. **Monastères et aristocratie en Provence, milieu Xe.-XIIe**. Münster: Lit Verlag, 1999. Para um resumo e análise dos principais trabalhos nesse campo de pesquisa: MAZEL, Florian. *Monachisme et aristocratie aux Xe – XIe siècles. Un regard sur l'historiographie récente*. In: MEIJNS, Brigitte; VANDERPUTTEN, Steven (Org.). **Ecclesia in medio nationis: Reflections on the Study of Monasticism in the Central Middle Ages**. Leuven: Leuven University Press, 2011, p. 47-76.

<sup>63</sup> AMANN, Émile; DUMAS, Auguste. **L'Église au pouvoir des laïques, 888-1057**. Evreux: Bloud & Gay (Histoire de l'Eglise depuis les origines jusqu'à nos jours), 1945. STUTZ, Ulrich. **Die Eigenkirche als Element des mittelalterlich-germanischen Kirchenrechts**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1955.

<sup>64</sup> LAUWERS, Michel (Dir.). **Guerriers et moines: Conversion et sainteté aristocratiques dans l'Occident médiéval (IXe-XIIe siècle)**. Tunhout: Brepols, 2002. OEXLE, Otto Gerhard. *Les moines d'Occident et la vie politique et sociale dans le Haut Moyen Âge*. In: **Revue Bénédictine**, vol. 103, Issue 1-2, 1993, p. 255-272.

<sup>65</sup> MARGUE, Michel. *Pour une redéfinition dynamique des relations entre comtes et abbayes (fin IX<sup>e</sup> – fin XI<sup>e</sup> siècle)*. In: **Trajectoires**, Hors-série 2, 2017.

O breve percurso pela historiografia feito nas primeiras páginas desta introdução indica que uma das preocupações centrais dos pesquisadores nas últimas três décadas, a respeito do continente europeu entre séculos X e XI, é a reavaliação das fontes episcopais e monásticas. Pontuando as relações entre os discursos eclesiásticos e as práticas sociais, os historiadores levam em conta o protagonismo desempenhado pelos membros da instituição eclesiástica.<sup>66</sup> Com isso, se antes o foco das investigações eram os debates sobre processos políticos mais amplos, como a emergência da “Sociedade Feudal” ou o desenvolvimento de um “Sistema de Igreja Imperial”, as pesquisas atuais se concentram nas análises específicas dos textos escritos por monges e bispos, o que permite compreender os modos singulares e complexos de inserção dos clérigos nas relações sociais.

A presente dissertação está diretamente conectada com o panorama historiográfico exposto acima. Nosso objetivo central é contribuir para os debates recentes que vêm sendo abertos acerca do impacto do poder eclesiástico na sociedade do final do período carolíngio, destacando em especial a relevância das funções episcopal e monástica. Ainda que, como demonstrado nos parágrafos anteriores, as publicações sobre essa problemática tenham crescido em volume exponencialmente nos últimos anos, há muitas fontes que permanecem pouco exploradas pelos historiadores.

Entre elas, estão os textos escritos por Ratério (890-974), bispo de Verona e de Liège, monge e abade de Lobbes, e por Folcuíno (940-990), monge de Saint-Bertin e abade de Lobbes. Algumas de suas obras são conhecidas pela historiografia, porém, nenhum trabalho até o momento se propôs a considerá-las conjuntamente, de modo que fossem integradas ao estudo das trajetórias e das esferas de influência desses dois clérigos.<sup>67</sup> O preenchimento de tal lacuna historiográfica, enfim, é a finalidade principal desta pesquisa.

- **Apresentação das fontes e da problemática de estudo**

Ratério é proveniente de uma família aristocrática da região da Lotaríngia e nasceu por volta do ano 890 na diocese de Liège.<sup>68</sup> Foi oferecido na infância como oblato ao monastério

<sup>66</sup> WEST, Charles. Quelle place pour l’ecclésiologie dans l’Europe médiévale? In: **Médiévaux**, n. 74, 2018, p. 165-178.

<sup>67</sup> Ao longo dos capítulos desta dissertação, estabeleceremos, a partir da leitura das fontes, diálogo com os principais autores que se propuseram a estudar os textos de Ratério e Folcuíno. Para uma listagem resumida, ver: BOLDRINI, Vitor. Um breve levantamento dos horizontes de pesquisa sobre a sociedade senhorial do século X: os exemplos de Folcuíno de Lobbes e Ratério de Verona. In: CORDEIRO, Gabriel R. S. *et al* (Org.). **Idade Média e História Global**: Publicação das III Jornadas de Estudos Medievais. São Paulo: Pensante, 2021, p. 141-169.

<sup>68</sup> Breve resumo da vida de Ratério extraído de: DOLBEAU, François. **Rathier de Vérone**. Lecteur, remanieur et centonisateur. Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2021, p. 5-40. JACOBSEN, Peter Christian. Rather

de Lobbes, onde recebeu formação intelectual beneditina. Após os conflitos envolvendo a sucessão do bispo Estevão entre 920 e 921, acompanhou o cônego catedrático Hilduíno em viagem para a Península Itálica. Ratério se envolveu com as negociações políticas locais, tendo ocupado o cargo episcopal em Verona em duas oportunidades, uma primeira vez de 931 a 934, e a outra de 946 a 948. De retorno à sua terra natal, foi nomeado bispo de Liège e abade de Lobbes em 953 por Bruno, o arcebispo de Colônia. Dois anos mais tarde, porém, foi deposto em virtude de uma revolta da aristocracia local, e, em 961, acompanhando o imperador Otão I em expedição na Península Itálica, assumiu pela terceira vez o bispado de Verona, de onde foi expulso definitivamente em 968. Por fim, Ratério se envolveu ainda em uma disputa pelo controle abacial em Lobbes. Após sair derrotado, se exilou no pequeno monastério de Aulne, onde faleceu em 974.

Folcuíno, um descendente direto da linhagem carolíngia, nasceu aproximadamente em 940 na diocese de Liège, tendo sido batizado por Ratério.<sup>69</sup> Em 948, foi oferecido pelos seus pais como oblato na abadia de Saint-Bertin, onde foi educado intelectualmente segundo valores beneditinos. Em 965, deixou o monastério formador, pois havia sido nomeado abade de Lobbes por Eráclio, o então bispo de Liège. Folcuíno permaneceu nesse cargo até 990, o ano de sua morte, tendo inclusive superado o conflito pelo controle do monastério desencadeado pelo seu padrinho Ratério entre 970 e 973.

Como se pode observar pela breve descrição introdutória de suas respectivas trajetórias, que por vezes coincidiram, os dois clérigos estiveram envolvidos ao longo do século X em complexas disputas pela influência política sobre instituições religiosas que, como veremos nos capítulos desta dissertação, eram importantes centros de poder no período. Embora ambos sejam originários da região de Liège e tenham recebido formação monástica beneditina, seus percursos de vida foram variados e com desdobramentos muito distintos.

Consideramos então que a reconstituição e análise das trajetórias de Ratério e Folcuíno são pontos de partida interessantes, com vistas a refletir sobre a relevância, os impactos e os limites do poder eclesiástico na compreensão das dinâmicas da sociedade do século X.<sup>70</sup> Para tanto, o material selecionado para a investigação inclui, em primeiro lugar, as

---

(Ratherius) von Verona und Lüttich. In: STAMMLER, Wolfgang *et al* (Eds.). **Die deutsche Literatur des Mittelalters**. Verfasserlexikon. Berlin: Walter de Gruyter, 1989, p. 1013-1032.

<sup>69</sup> Breve resumo da vida de Folcuíno extraído de: DIERKENS, Alain. Notger, Folcuin et Rathier. L'abbaye de Lobbes et les évêques de Liège à la fin du Xe siècle. In: KUPPER, Jean-Louis; WILKIN, Alexis (Eds.). **Évêque et prince**. Notger et la Basse-Lotharingie aux alentours de l'an Mil. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2013, p. 271-294. KUPPER, Jean-Louis. Art. Folcuin, Abt von Lobbes (um 935-990). In: **Lexikon des Mittelalters**, vol. 4, 1989, p. 608.

<sup>70</sup> Não é nosso objetivo realizar um estudo meramente biográfico de Ratério e Folcuíno, o que poderia gerar complexos e talvez infundáveis questionamentos sobre em que medida “o encaminhamento singular do indivíduo

obras compostas por cada um deles, que testemunham suas impressões e respostas aos problemas que mais lhes despertavam atenção no momento da escrita.<sup>71</sup>

Ratério foi autor de uma vastíssima produção literária, composta ao longo de toda a sua carreira episcopal e monástica.<sup>72</sup> Entre seus escritos contam livros, sermões, cartas, hagiografias, decretos e tratados morais e teológicos. As citações e as ideias presentes em algumas passagens dos textos revelam os principais elementos da cultura escrita no ambiente eclesiástico do século X, como a importância da literatura bíblica clássica e da patrística.<sup>73</sup> Há de se notar o caráter autobiográfico das obras, inseridas no contexto histórico e cultural de suas ações políticas.<sup>74</sup> Portanto, uma vez que revelam as vivências e as reações de seu autor<sup>75</sup>, é possível explorá-las para investigar o papel de Ratério nas diversas situações de conflito ou negociação em que esteve envolvido.

---

é tributário do mundo exterior e por seu turno o influencia”. Extraído de: DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**. Escrever uma Vida. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 282. Propondo reconstituir suas trajetórias ao longo dos capítulos, esta dissertação visa, na realidade, interpretar a atuação específica dos respectivos clérigos, articulada ao quadro político e social mais amplo do período. Portanto, partindo da análise das carreiras eclesiásticas particulares dos dois personagens, buscaremos elucidar determinados traços da sociedade do século X. Não se trata, enfim, de discutir até que ponto os percursos de vida individuais de Ratério e Folcuíno são ou não representativos da época, mas de situá-los como importantes figuras de influência durante algumas das principais transformações que marcaram a Europa pós-carolíngia.

<sup>71</sup> Conforme será exposto nesta dissertação, Ratério e Folcuíno compuseram obras muito diversificadas. Foram confeccionadas correspondências a figuras políticas proeminentes, livros sobre as histórias de monastérios, hagiografias, reflexões de cunho moral, etc. Considerando suas particularidades, avaliaremos que a produção delas e os discursos presentes correspondiam, em grande medida, a razões pragmáticas específicas. Portanto, além de serem traços diretos das reconfigurações das relações de poder, consideraremos os elementos característicos de cada gênero textual, como os modos de arquivamento, as possíveis evidências de circulação e as audiências futuras visadas. Para uma síntese desse olhar sobre algumas das fontes textuais medievais: RICHES, Theo. The Function of the Gesta Episcoporum as Archive: Some Reflections on the Codex sancti Gisleni. In: **MS Den Haag KB**, n. 75:15, 2007, p. 7-46.

<sup>72</sup> Os textos foram redigidos entre 934 e 968, cobrindo, assim, a maior parte de sua trajetória e de suas vivências, seja enquanto monge ou bispo. Eles foram elencados cronologicamente em: CERVATO, Dario. **Raterio di Verona e di Liegi**. Il terzo periodo del suo episcopato veronese (961-968). Scritti e attività. Verona: Segno Editrice, 1993, p. 395-397.

<sup>73</sup> LEONARDI, Claudio. Raterio di Verona. Um bilancio metodologico. In: **Mittelateinisches Jahrbuch**, 24/25, 1989-90, p. 125-131. BRUNHÖLZL, Franz. **Histoire de la Littérature Latine du Moyen Âge**. Tome II: De la fin de l'époque carolingienne au milieu du XIe siècle. Turnhout: Brepols, p. 307-317. DOLBEAU, François. Ratheriana I. Nouvelles recherches sur les manuscrits et l'oeuvre de Rathier. In: **Sacris Erudiri**, n. 27, 1984, p. 373-431. Ratheriana II. Enquête sur les sources des Praeloquia. In: **Sacris Erudiri**, n. 28, 1985, p. 511-556. Ratheriana III. Notes sur la culture patristique de Rathier. In: **Sacris erudiri**, n. 29, 1986, p. 151-221. Pour mieux lire les Praeloquia de Rathier. In: **Mélanges Pascale Bourgain**. Turnhout: Brepols, 2016, p. 133-151.

<sup>74</sup> VINAY, Gustavo. Arrabbiati e sognatori. Aspetti del secolo X: la confessione sdoppiata di Raterio. In: **Alto Medioevo Latino**, n. 42, 1978, p. 377-389. LEONARDI, Claudio. Von Pacificus zu Rather. Zur Veroneser Kulturgeschichte im 9. und 10. Jahrhundert. In: **Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters**, n. 41, 1985, p. 390-417. CERVATO, Dario. **Raterio di Verona e di Liegi**. Il terzo periodo del suo episcopato veronese (961-968). Scritti e attività. Verona: Segno Editrice, 1993, p. 53-56. KLINKENBERG, Hans Martin. Versuche und Untersuchungen zur Autobiographie bei Rather von Verona. In: **Archiv für Kulturgeschichte**, n. 38/3, 1956, p. 265-314.

<sup>75</sup> “Rather is one of the few writers of medieval times, or indeed of classical times, to have included an element of autobiography in his works. He frequently tells us of his experiences and his reactions to them, of his inner thoughts and his assessment of himself”. Extraído de: REID, Peter. **The Complete Works of Rather of Verona**. Binghamton: Center for Medieval and Early Renaissance Studies, 1991, p. IX.

Embora seus escritos sejam menos numerosos, Folcuíno também deixou importantes testemunhos acerca de sua atuação na sociedade da época.<sup>76</sup> Quando foi monge em Saint-Bertin compôs em 962 a *Gesta abbatum Sithiensium*, isto é, os atos dos abades desse monastério, reunindo cartas de doações e outros documentos referentes à história institucional da abadia. Após a mudança para Lobbes em 965, escreveu a *Gesta abbatum Lobiensium*, a compilação de milagres de dois dos santos fundadores “*Ex Miraculis SS. Ursuari et Ermini*”, e a hagiografia do seu tio-avô, o bispo de Thérouanne “*Vita Folquini episcopi Morinensis*”. As contextualizações e análises dos respectivos textos permitirão apontar os papéis e os modos de influência de Folcuíno em cada uma das instituições, destacando assim suas incumbências no desenvolvimento desses monastérios beneditinos.

A reconstituição das trajetórias de ambos não pode ser limitada às suas próprias fontes. A interpretação das atividades e dos deslocamentos de Ratério e Folcuíno deve considerar outros materiais compostos no período. Por exemplo, as bulas papais e os textos diplomáticos emitidos na Corte do Sacro Império Romano Germânico e pelos reis da França Ocidental, possibilitarão situar os dois clérigos com mais precisão num contexto político mais amplo. Já as crônicas, os anais, as hagiografias, e livros como os de Liuprando de Cremona, Atto de Vercelli e Regino de Prüm, serão de grande valia quando comparados com outros documentos, visando identificar características dos quadros particulares em que Ratério e Folcuíno estiveram envolvidos. Também nos será útil o diálogo com a historiografia que já desenvolveu diversos estudos sobre o cenário político da Lotaríngia e da Península Itálica ao redor do ano 900, principais regiões por onde ambos transitaram.

Isso permitirá analisar os deslocamentos e as esferas de influência de Ratério e Folcuíno dentro do quadro mais amplo de suas redes de contato.<sup>77</sup> Isto é, suas trajetórias não podem ser compreendidas apenas em função de suas ações particulares enquanto indivíduos: muitos de seus papéis e atuação social estão diretamente ligados ao conjunto de relações que estabeleceram com outras figuras importantes do período. Portanto, a constituição do poder eclesiástico é dependente das dinâmicas redes de contato tecidas com demais sujeitos. Se esses elementos fossem desconsiderados, seria muito delicado, por exemplo, encontrar uma

<sup>76</sup> Listagem completa elencada em: WORSTBROCK, Franz Joseph. Art. Folkwin von Lobbes (Laubach). In: STAMMLER, Wolfgang *et al* (Eds.). **Die deutsche Literatur des Mittelalters**. Verfasserlexikon. Berlin: Walter de Gruyter, 1980, p. 764-767.

<sup>77</sup> Para uma discussão da definição e da importância do conceito de “redes pessoais” na sociedade da Alta Idade Média, ver: ROSÉ, Isabelle. **Construire une société seigneuriale**: itinéraire et ecclésiologie de l'abbé Odon de Cluny (fin du IXe-milieu du Xe siècle). Turnhout: Brepols, 2008, p. 363-370. Reconstitution, représentation graphique et analyse des réseaux de pouvoir au haut Moyen Âge. Approche des pratiques sociales de l'aristocratie à partir de l'exemple d'Odon de Cluny”. In: **Redes**. Revista hispana para el análisis de redes sociales, 2011, vol. 21, p. 199-172.

explicação para a terceira nomeação episcopal de Ratério em Verona em 961, ocorrida a partir da intervenção direta do Imperador Germânico Otão I. De maneira semelhante, o prestígio familiar de Folcuíno na região da Lotaríngia e na diocese de Liège foi certamente um fator decisivo para que ele pudesse ocupar o cargo abacial em Lobbes a partir de 965.

O ponto de partida desta dissertação, em suma, é a reconstrução dos percursos de vida de Ratério e Folcuíno, de modo que os impactos do poder eclesiástico de cada um deles possam ser examinados à luz das transformações e reconfigurações sociais e políticas, que estavam situadas no quadro de desmembramento da Europa carolíngia. Detalharemos como eles procuraram exercer influência nos diversos locais por onde transitaram, visando fazer prevalecer os respectivos prestígios pessoais ou projetar imagens ideais da sociedade. Estas condicionariam normas e valores, aos quais os demais grupos deveriam aderir.<sup>78</sup>

Nesse sentido, os poderes episcopal e monástico, conforme mostraremos, não eram estáticos ou rigidamente construídos, variando ao longo do tempo. Sua delimitação dependia, dentre outros fatores, das relações sociais multilaterais que se pretendia estabelecer.<sup>79</sup> Portanto, ao analisarmos as trajetórias de Ratério e Folcuíno, pretendemos destacar toda a complexidade das estratégias, por meio das quais eles defenderam princípios e buscaram ocupar posições privilegiadas de poder na sociedade do século X.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos, dispostos em ordem cronológica, segundo as obras e os eventos mais importantes do percurso de cada um. O primeiro será dedicado aos anos iniciais da vida de Ratério, passando por sua oblação no monastério beneditino de Lobbes por volta de 900, poucos anos após seu nascimento. Detalharemos os principais conflitos de sucessão pelo bispado de Liège em 920 que estimularam a sua saída da abadia e causaram sua mudança para a Península Itálica, onde foi bispo de Verona em duas oportunidades. Tendo sido preso em Pavia em 934 e mantido no exílio em Como entre 936 e 939, escreveu textos que relatam suas experiências pessoais. É o caso de *Praeloquia* e das correspondências trocadas com outros clérigos, que testemunham as suas tentativas de mobilização política.

---

<sup>78</sup> Num outro projeto de pesquisa, situado no nível da Iniciação Científica, estudamos a Vida de São Geraldo de Aurillac, fonte produzida por Odon de Cluny, por volta de 930. Foi possível averiguar como o abade idealizou a imagem de um guerreiro santo, com o objetivo de sensibilizar a aristocracia em favor da adoção de novas formas de condutas, em conformidade com as virtudes monásticas. BOLDRINI, Vitor. Paz e violência na Vida de São Geraldo de Aurillac (c. 930). In: **XVII Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP. Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica**, n. 27, 2019.

<sup>79</sup> Sobre a multiplicidade de estratégias empregadas por indivíduos ou grupos sociais para manter suas posições de poder e de influência nas sociedades da Alta Idade Média, ver: BOUGARD, François; BÜHRER-THIERRY, Geneviève; LE JAN, Régine. Les élites du haut Moyen Âge. Identités, stratégies, mobilité. In: **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, vol. 68, 2013, p. 1079-1112.

No capítulo 2 continuaremos a analisar a trajetória de Ratério, que, abdicando momentaneamente da disputa pela diocese de Verona em 951, foi nomeado bispo de Liège por Bruno de Colônia em 953, tendo sido, no entanto, destituído dois anos mais tarde. Examinaremos suas considerações sobre esses eventos em documentos como *Phrenensis* e *Conclusio Deliberativa*, que revelam as suas reivindicações em favor do prestígio pessoal e da legitimidade da nomeação. A segunda parte do capítulo abordará o início do percurso de Folcuíno, nascido por volta de 940. Com apenas oito anos de idade, se tornou oblato no monastério de Saint-Bertin em Saint-Omer. Seu período nessa abadia foi marcado pela produção da *Gesta abbatum Sithiensium*, fonte que permitirá investigar seu papel no desenvolvimento desta instituição.

O foco do capítulo 3 será o retorno de Ratério à Verona, nomeado bispo pela terceira vez em 961 após acompanhar o Sacro Imperador Romano Germânico Otão I numa viagem pela Península Itálica. Por intermédio dos textos que produziu no período, analisaremos seus modos de exercer influência e buscar administrar essa sede episcopal, com destaque para a descrição das condutas e normas de comportamento desejáveis aos clérigos locais, descritas em cartas, sermões e resoluções sinodais. As demais fontes também permitirão investigar suas visões sobre os conflitos subsequentes, que culminaram em sua destituição dessa diocese em 968.

Por fim, o quarto capítulo buscará demonstrar as maneiras de justaposição das trajetórias de Folcuíno e Ratério, durante a querela engendrada pelo controle de Lobbes entre 968 e 974. O primeiro deixou Saint-Bertin em 965, em razão de sua nomeação como abade no referido monastério, enquanto o outro retornou para o local em que havia recebido sua formação, após a terceira e definitiva expulsão de Verona em 968. Abordaremos as fontes contemporâneas ao conflito, com atenção especial aos meandros do processo de produção da *Gesta abbatum Lobiensium* e da *Miracula Ursuari*, ambas de autoria de Folcuíno. Fazendo isso, será possível compreender o desenrolar da disputa pela abadia de Lobbes e as suas consequências, caracterizando os anos finais das trajetórias dos dois homens.

## Capítulo 1 - A formação monástica de Ratério em Lobbes e as disputas pela diocese de Verona (890-951)

O primeiro capítulo da dissertação tem por objetivo estudar o início da trajetória de Ratério, adotando como pontos de inflexão o período em que foi monge em Lobbes (c. 900-920) e os eventos subsequentes à sua entronização como bispo de Verona em dois momentos (931 e 946). Como os textos escritos por ele começaram a surgir somente após a nomeação episcopal, a primeira parte será breve. Nela, lançaremos mão de fontes secundárias para examinar sua formação monástica na juventude e relacionar a partida do monastério com os conflitos de sucessão pelo bispado de Liège. Na parte segunda, analisando *Praeloquia* e correspondências diversas, isto é, documentos compostos propriamente por Ratério, veremos de quais modos buscou reivindicar a retomada do comando da diocese de Verona após ter sido afastado duas vezes, em 934 e em 948. Para tanto, mostraremos que estabeleceu diálogos com outros bispos, com o papa Agapito II e demais figuras políticas proeminentes, projetando hierarquias sociais de acordo com seu próprio prestígio pessoal e os valores e princípios provenientes da cultura monástica e patrística.

### 1.1) A educação beneditina e a mudança para a Península Itálica (c. 900-920)

Ratério nasceu por volta de 890, perto da diocese de Liège, na Lotaríngia.<sup>80</sup> Proveniente de uma família aristocrática,<sup>81</sup> foi oferecido ainda na infância como oblato<sup>82</sup> no

<sup>80</sup> A Lotaríngia se originou das divisões acordadas no Tratado de Verdum em 843, sendo designada inicialmente de *Francia Media*. Ela foi delegada ao controle de Lotário I até a morte deste, em 855, tendo sido administrada em sequência por seu filho, Lotário II. Embora tenha existido a figura de um rei na região entre 855 e 923, a Lotaríngia não constituiu um reino duradouro com uma sólida identidade, pois em 925 foi incorporada de forma definitiva ao Sacro Império Romano Germânico como um ducado deste. LE JAN, Regine. L'aristocratie lotharingienne au Xe siècle: structure interne et conscience politique. In: HANS-WALTER, Herrmann; SCHNEIDER, Bernhard (Org.). **Lotharingia**. Eine europäische Kernlandschaft um das Jahr 1000. Saarbrücken: SDV Saarbrücker Druckerei und Verlag, 1994, p. 71-88. SCHNEIDER, Jens. **Auf der Suche nach dem verlorenen Reich**. Lotharingien im 9. und 10. Jahrhundert. Köln: Böhlau Verlag, 2010. MARTINE, Tristan; NOWAK, Jessika (Dir.). **D'un regnum à l'autre**: la Lotharingie, un espace de l'entre-deux? Vom Regnum zum Imperium: Lotharingien als Zwischenreich? Nancy: Presses Universitaires de Nancy – Éditions Universitaires de Lorraine, 2020.

<sup>81</sup> DIERKENS, Alain. Notger, Folcuin et Rathier. L'abbaye de Lobbes et les évêques de Liège à la fin du Xe siècle. In: KUPPER, Jean-Louis; WILKIN, Alexis (Org.). **Évêque et prince**. Notger et la Basse-Lotharingie aux alentours de l'an Mil. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2013, p. 271-294. Sobre as origens aristocráticas de Ratério, ver especificamente a página 278.

<sup>82</sup> A Oblação é um processo através do qual um cristão laico filia-se a uma família monástica de sua escolha, por um laço de ordem espiritual, a fim de poder, em virtude desta filiação, participar dos bens espirituais desta comunidade. Sobre oblação infantil na Alta Idade Média: DE JONG, Mayke. **In Samuel's image**. Child Oblation in the Early Medieval West. Leiden: Nova York e Colônia, 1996.

monastério beneditino de Lobbes, situado próximo a essa mesma sede episcopal (ver no mapa 2 abaixo).



Mapa 2 - A Lotaríngia no século X<sup>83</sup>

Em conformidade com os valores monásticos vinculados à Regra de São Bento, Ratério foi educado nos primeiros anos do século X nessa abadia, bastante reconhecida no período pela qualidade de sua biblioteca.<sup>84</sup> Porém, em 920, com a morte de Estevão, bispo de Liège, começaram intensas disputas pela sucessão abacial.<sup>85</sup>

<sup>83</sup> Fonte: PARISSE, Michel. Lotharingia. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 311. Contornos nossos.

<sup>84</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 279.

<sup>85</sup> “920. Obiit Stephanus episcopus. Ab isto et a Dodilone Cameracensi episcopo secundo dedicatur ecclesia nostra. Succedit Richerius”. PERTZ, Georg Heinrich (Ed.). **Annales Laubienses**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum IV. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1841, p. 16

Entre o fim do século VIII e início do IX, os abades de Lobbes eram laicos nomeados – muitas vezes pelo rei – segundo os interesses dos membros da dinastia carolíngia. Em 889, no contexto de descentralização do poder real, Arnulfo, soberano do Reino Franco Oriental e duque da Caríntia, transferiu o controle do monastério para Franco, bispo de Liège. Este, então, passou a acumular dois cargos simultâneos: além de comandar a mencionada sede episcopal, se tornou também abade de Lobbes. Por essa razão, a morte do bispo Estevão era um evento de suma importância para a comunidade monástica lobiana: estava em jogo a sucessão de ambas as funções, a bispal em Liège, e a abacial em Lobbes.<sup>86</sup>

Se confrontaram pela sede episcopal e, conseqüentemente, pelo monastério de Lobbes, de um lado, o abade de Prüm, Ricário, e, de outro, o clérigo Hilduíno, cônego do capítulo catedralício de Saint-Lambert.<sup>87</sup> A querela foi mediada pelo rei da França Ocidental Carlos, o Simples, que, visando manter a influência sobre Liège, optou por apoiar Ricário.<sup>88</sup> O papa João X convocou os dois candidatos para um julgamento em Roma e decidiu excomungar Hilduíno em 921,<sup>89</sup> abrindo caminho para a nomeação de Ricário no referido bispado, onde permaneceu até sua morte, em 945.<sup>90</sup>

Derrotado e impossibilitado de assumir as funções bispal em Liège e abacial em Lobbes, Hilduíno permaneceu na Península Itálica junto com Ratério – um de seus principais aliados na querela contra Ricário –, que havia deixado o seu monastério formador em Lobbes por volta de 920 para acompanhar Hilduíno no julgamento papal. Apesar do insucesso, este tinha o apoio na região de seu primo Hugo da Provença, entronizado rei da Itália em 926.<sup>91</sup>

---

<sup>86</sup> Para uma apresentação histórica da região: DIERKENS, Alain. **Abbayes et chapitres entre Sambre et Meuse: VIIe-XIe siècles: contribution à l'histoire religieuse des campagnes du haut Moyen Âge**. Sigmaringen: J. Thorbecke, 1985. Especificamente sobre Lobbes entre os séculos IX e X, ver p. 106-119.

<sup>87</sup> ZIMMERMANN, Harald. Der Streit um das Lütticher Bistum 920-921. In: **Mitteilungen des Instituts für Österreichische Geschichtsforschung**, n. 65, 1957, p. 15-52.

<sup>88</sup> Num primeiro momento, Carlos, o Simples, havia optado pela escolha de Hilduíno na sucessão, mas teria revisto sua posição, acusando-o de traição, simonia e perjúrio. Além disso, Hilduíno mostrara apoio a Gisleberto, um conde rebelde ao rei Carlos, o que certamente pesou na sua mudança de postura em prol de Ricário. Para essas interpretações: JÉGOU, Laurent. **L'évêque, juge de paix**. L'autorité épiscopale et le règlement des conflits entre Loire et Elbe (milieu VIIIe-milieu XIe siècle). Turnhout: Brepols, 2011, p. 308-310. De acordo com Jégou, não resta dúvidas de que o conflito em Liège em 920 foi uma oportunidade para o papa de afirmar sua autoridade canônica nas disputas por sedes episcopais.

<sup>89</sup> ZIMMERMANN, Harald (Ed.). **Papstregesten 911-1024**. In: Böhmer, J. F. Regesta Imperii. 2, die Regesten des Kaiserreichs unter den Herrschern aus dem sächsischen Hause, 919-1024. Viena: Böhlau, 1969, p. 19.

<sup>90</sup> Ainda que Carlos, o Simples, tenha conseguido por intermédio desse conflito assegurar sua autoridade sobre o bispado de Liège, a sua morte em 929 e a nomeação de Gisleberto como duque da Lotaríngia por Henrique I da Germânia, em 928, tornaram a região mais suscetível à influência dos imperadores otônidas. PARISSE, Michel. **Encyclopédie illustrée de la Lorraine**, t. 2: L'époque médiévale. Austrasie, Lotharingie, Lorraine. Metz: Presses Universitaires de Nancy, 1990.

<sup>91</sup> WEIGLE, Fritz. Zur Geschichte des Bishofs Rather von Verona. Analekten zur Ausgabe seiner Briefe. In: **Deutsches Archiv**, n. 5, 1941-42, p. 349.

O Reino fazia parte da Lotaríngia, tal como definiu o Tratado de Verdum, e as figuras reais na região pertenciam à linhagem carolíngia. O *Regnum Italiae*, todavia, não expressava uma realidade geográfica bem definida, mas formações locais muito diversas. Havia, assim, tensões entre o exercício efetivo do poder real e particularismos.<sup>92</sup> Hugo, embora descendesse diretamente dos carolíngios e fosse um poderoso conde da Provença, só pôde se tornar rei da Itália após estabelecer sólidos acordos de fidelidade com a aristocracia regional. Como consequência da boa relação engendrada com este soberano, Hilduíno recebeu dele o bispado de Verona em 928, e o arcebispado de Milão, em 931 (ver o mapa 3 abaixo).<sup>93</sup>



Mapa 3 – A Península Itálica no século X<sup>94</sup>

<sup>92</sup> BOUGARD, François. Le royaume d'Italie entre l'Empire et les réalités locales. In: GAILLARD, Michèle *et al.* (Eds). *De la mer du Nord à la Méditerranée*. Francia Media, une région au coeur de l'Europe. Luxembourg: Publications du CLUEDM, 2011, p. 487-510.

<sup>93</sup> ZIMMERMANN, op. cit., 1957, p. 36. Na tentativa de constituição do seu poder real, Hugo buscou distribuir cargos políticos importantes entre seus parentes e aliados, o que explica a nomeação de Hilduíno em Verona e, posteriormente, em Milão.

<sup>94</sup> Fonte: SERGI, Giuseppe. The Kingdom of Italy. In: REUTER, Timothy (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 347. Contornos nossos.

Em razão da proximidade com Hilduíno, Ratério foi beneficiado ao sucedê-lo no bispado de Verona. Portanto, a partir de 931, incorporou duas identidades: a monástica, derivada da oblação beneditina na comunidade lobiana durante a infância, e a episcopal, advinda do novo cargo obtido na Península Itálica.<sup>95</sup>

## 1.2) As nomeações episcopais em Verona e os litígios subsequentes (931-951)

Em outubro de 931, então, Ratério sucedeu Hilduíno na diocese de Verona, contando com o consentimento do rei Hugo somente após a intervenção do papa João XI.<sup>96</sup> O período de seu bispado, contudo, foi brevíssimo: em fevereiro de 934, ele foi capturado e preso em Pavia, onde permaneceu por dois anos e meio.<sup>97</sup> De acordo com Liuprando, um clérigo contemporâneo à querela e futuro bispo de Cremona, o duque da Baviera Arnulfo invadiu a Península Itálica e teria sido recebido em Verona pelo conde Milo e por Ratério, levando Hugo a deslocar o exército para combater os invasores.<sup>98</sup> Na sequência, os bávaros foram derrotados e banidos da região.<sup>99</sup> Quando Arnulfo partiu, Milo contou com a piedade do rei Hugo, enquanto Ratério, por sua vez, foi acusado de traição e preso.

Além do período de reclusão em Pavia, passaria também três anos exilado na sede episcopal de Como, localizada próximo a Milão, entre 936 e 939, junto ao bispo Azzo. Em seguida, de março de 939 a dezembro de 944, Ratério se instalou na Provença como tutor do filho de um dos membros da aristocracia meridional. Ele ainda se deslocou para o norte em 944, pois marcou presença em Laon no Natal daquele ano, e depois foi brevemente reintegrado ao monastério de Lobbes, embora Ricário, o adversário de seu antigo aliado Hilduíno, fosse ainda o abade.<sup>100</sup>

<sup>95</sup> CERVATO, Dario. **Raterio di Verona e di Liegi**. Il terzo periodo del suo episcopato veronese (961-968). Scritti e attività. Verona: Segno Editrice, 1993, p. 69.

<sup>96</sup> REID, Peter L. D. **The Complete Works of Rather of Verona**. New York: Medieval & Renaissance texts & studies, 1991, p. 4. Além da lealdade de Ratério para com Hilduíno, sua nomeação em Verona também pode ser conectada, de acordo com Reid, à sólida formação religiosa recebida em Lobbes e o conhecimento amplo das artes liberais.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>98</sup> “Duke Arnulf of the Bavarians and Carinthians, of whom we have made mention above, as he was not very far from Italy, went there, having gathered troops with which he could take over Hugh’s kingdom. Passing through the march of Trent, the first in that part of Italy, he got as far as Verona. There he was welcomed kindly by Count Milo and Bishop Rather, as they were the ones who had invited him. When King Hugh heard this, he set out against Arnulf, having gathered an army”. Extraído de: SQUATRITI, Paolo (Ed.). **The complete works of Liudprand of Cremona**. Antapodosis III. Washington: The Catholic University of America Press, 2007, p. 137-138.

<sup>99</sup> SERGI, op. cit., 1999, p. 352-353.

<sup>100</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 280. Desse modo, Ricário não demonstrou rancor pelo partidário de seu adversário na mencionada disputa de sucessão ocorrida por volta de 920.

Nesse intervalo de aproximadamente uma década em que esteve afastado da diocese de Verona, Ratério escreveu documentos sobre suas experiências pessoais. Foram produzidas correspondências trocadas com outros clérigos, bem como um livro de contemplações conhecido como *Praeloquia*.<sup>101</sup> A vantagem trazida pelo estudo dessas fontes é o exame das movimentações políticas do referido prelado em prol da recuperação do bispado perdido, bem como a averiguação de suas perspectivas a respeito das hierarquias sociais ideais e do que seria, para ele, o funcionamento harmônico da Cristandade. Assim, os textos, contendo elementos autobiográficos, são relevantes no entendimento das maneiras pelas quais Ratério se mobilizou, reivindicando a retomada do poder episcopal em Verona por intermédio da ampliação das relações junto a outros sujeitos politicamente importantes do período.

### 1.2.1) A produção literária entre 934 e 945

#### a) *Praeloquia*: meditações de um homem no exílio

A primeira obra de Ratério conhecida e preservada teve a composição iniciada ainda em 934, quando se encontrava preso em Pavia por conta da sua participação na conspiração de Arnulfo da Baviera, contra o rei Hugo da Itália. Ele teria concluído a escrita do texto por volta de 945.<sup>102</sup> Intitulado *Praeloquia*<sup>103</sup>, apenas um manuscrito do documento datado do século X foi preservado: Valenciennes, Bibliothèqe municipale, ms. 843, ff. 1r-126r = V. O material foi copiado por escribas da biblioteca de Lobbes no último quarto do século X, provavelmente após

---

<sup>101</sup> Utilizaremos as seguintes fontes editadas em latim na interpretação dos textos de Ratério: REID, Peter L. D. (Ed.). **Corpus Christianorum**, Continuatio Medieualis XLVI, Ratherii Veronensis Opera Minora. Turnhout: Brepols, 1976. **Corpus Christianorum**, Continuatio Medieualis XLVIA, Ratherii Veronensis. Praeloquiorum libri VI ; Phrenesis ; Dialogus confessionalis ; Exhortatio et preces. Turnhout: Brepols, 1984. WEIGLE, Fritz (Ed.). **Die Briefe der deutschen Kaiserzeit**, I. Die Briefe des Bishofs Rather von Verona. Weimar: Monumenta Germaniae Historica, 1949. Também iremos recorrer à seguinte tradução para o inglês do conjunto das obras de Ratério: REID, Peter L. D. **The Complete Works of Rather of Verona**. New York: Medieval & Renaissance texts & studies, 1991. As fontes serão citadas no corpo do texto a partir da tradução própria para o português. Nas respectivas notas de rodapé, indicaremos o texto no idioma original, em latim.

<sup>102</sup> LAUDIZI, Giovanni. Osservazioni sulla composizione dei "Praeloquia" di Raterio vescovo di Verona. In: **Bollettino di studi latini**, n. 28, 1998, p. 503. VOGEL, Albrecht. **Ratherius von Verona und das zehnte Jahrhundert**. Leipzig: Zentralantiquariat, 1977, p. 66-93.

<sup>103</sup> Em latim, o título *Praeloquia* expressa que o texto é um livro de prefácios, uma vez que ele serve de introdução para outra obra chamada *Agnosticum*, não conservada. "Meditationes cordis in exsilio cujusdam Ratherii Veronensis quidem Ecclesiae episcopi, sed Lobiensis monachi, quas in sex digetas libelos volumen censuit appellari Praeloquiorum, eo quod ejusdem quoddam praeloquantur opusculum, quod vocantur Agnosticum" (CC46A, p. 3). Sobre a relação entre *Praeloquia* e *Agnosticum*: DOLBEAU, François. Ratheriana II. Enquête sur les sources des Praeloquia. In: **Sacris Erudiri**, n. 28, 1985, p. 511-556. Especialmente, p. 552-554.

a morte de seu autor (974), embora contenha alguns traços e notas escritos em partes pelo próprio Ratério.<sup>104</sup>

Ao longo de seis volumes, ele tratou de reunir as suas impressões sobre as hierarquias sociais e os deveres dos seres humanos em relações aos valores cristãos. Segundo indicado na primeira página do documento, a obra visa orientar o Atleta de Deus (*athleta Dei*) no combate ao Diabo, seu inimigo por excelência:

[...] Este pequeno livro, em nome do Senhor, contém alguns dos incontáveis bálsamos da autoridade divina, que podem ser aplicados diretamente ao Atleta de Deus quando ele entra na arena deste mundo para lutar contra o seu adversário, reunindo todas as suas forças; então ele poderá levar a coroa vencedora por merecimento.<sup>105</sup>

Embora afirme que as instruções sejam aplicadas principalmente “ao homem que está recluso em algum local, deslocado de todas as ansiedades do mundo terreno e liberto completamente de todas as distrações das coisas transitórias”,<sup>106</sup> isto é, aos que se desvencilham das preocupações do mundo secular, como os monges, Ratério pontua que o documento pode ser útil às demais pessoas, caso alguém o considere benéfico em algum aspecto particular.<sup>107</sup> De fato, o livro abrangeu os mais diversos segmentos da sociedade, de modo que as recomendações para o *athleta Dei* deveriam abarcar não apenas os habitantes de um monastério, mas a Cristandade como um todo.

Para idealizar a disciplina do atleta de Deus ao *corpus* social de forma ampla, Ratério se espelhou no prólogo da Regra de São Bento, que aconselha os monges a combaterem os vícios carnis inspirados pelo Diabo em prol da obediência a Cristo.<sup>108</sup> A partir desse princípio advindo do seu conhecimento adquirido em Lobbes<sup>109</sup>, ele visou expandir

<sup>104</sup> DOLBEAU, François. *Ratheriana I. Nouvelles recherches sur les manuscrits et l'oeuvre de Rathier*. In: **Sacris Erudiri**, n. 27, 1984, p. 387-388. DOLBEAU, op. cit., 1985, p. 512. VALTORTA, Benedetta. *Ratherius Veronensis ep.* In: CASTALDI, Lucia e MATTALONI, Valeria (Eds.). **La trasmissione dei testi latini del Medioevo / Mediaeval Latin Texts and their Transmission**. Te.Tra. 6. Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2019, p. 576-578.

<sup>105</sup> CC46A, p. 3: “[...] in nomine Domini, ex innumerabilibus divinae auctoritatis medicaminibus, in isto libello congerere, quibus athleta Dei in hoc saeculi schemate cum adversario luctaturus, viribus jam exertis, lacertis excussis, quotidie perungatur, quo certans legitime, coronam mereatur victoriae”. Em algumas citações diretas de fontes traduzidas do latim para o português nesta dissertação, acrescentamos entre colchetes certas informações na tentativa de tornar a tradução mais clara.

<sup>106</sup> CC46A, p. 3: “Noverit autem lector, sive quilibet decursor ejus, illi potissimum eundem congruere, qui omnibus sollicitudinibus saeculi praesentis exutus cunctisque rerum transeuntium”.

<sup>107</sup> CC46A, p. 3 “Quem mei quidem causa descriptum, plurimis vero si diguentur necessarium, si quis in aliquo sibi expertus fuerit utilem”.

<sup>108</sup> KURDZIEL, Emilie. *La vie est un sport de combat. L'agon dans l'oeuvre de Rathier de Vérone (v. 899-974)*. In: BOUGARD, François; LE JAN, Régine; LIENHARD, Thomas (Eds.). **Agôn. La compétition, Ve-XIIe siècle**. Turnhout: Brepols, 2012, p. 311-332.

<sup>109</sup> A bagagem intelectual desse clérigo, que será em partes exposta na análise de *Praeloquia*, é representativa dos conhecimentos que circulavam nos meios eclesiásticos letrados: “Latinity and Christianisation ensured that a

ensinamentos para toda a sociedade. Efetivamente, é esta a tônica do primeiro dos seis livros que compõem o documento.

O volume inicial de *Praeloquia* destaca que as lições e os comandos de Cristo englobam todos os fiéis, ou seja, Deus endereça suas ordens a “jovens e idosos, homens e mulheres, servos e libertos, ricos e pobres, clérigos e laicos, sem excluir e desconsiderar ninguém”.<sup>110</sup> Para produzir um discurso que alcançasse esse largo público, Ratério optou por dividir as obrigações entre os cristãos segundo critérios específicos:

Todos os mandamentos do Senhor se aplicam a toda Igreja em geral, mas alguns deles são apropriados para sujeitos específicos de acordo com as diferenças de época, ou de suas classes, condições, idade, estado moral, desejos, sexo, ou, ainda de suas motivações.<sup>111</sup>

Desse modo, por intermédio de citações do livro de Tobias do Antigo Testamento, o autor enumera alguns deveres aplicáveis a qualquer um que deseje ser um bom cristão, como respeitar os sacerdotes, temer a Deus, realizar caridade, frequentar a Igreja e visitar os doentes.<sup>112</sup> Ao mesmo tempo, porém, assinala condutas particulares de acordo com a posição de cada um na sociedade. Por essa razão, Ratério estabelece no primeiro livro interlocução direta com aqueles que desempenham determinadas atividades socioprofissionais, pontuando as obrigações dos respectivos ofícios em relação às virtudes cristãs. A partir de certas diferenciações nos âmbitos profissional e financeiro, portanto, ele quis transmitir aos fiéis os ensinamentos de Deus, derivados de seus conhecimentos da Bíblia e da Patrística.<sup>113</sup>

Independentemente do seu encargo, há sempre responsabilidades que o cristão deve assumir.<sup>114</sup> Aos homens que fazem uso das armas (*miles*), por exemplo, Ratério afirma,

---

corpus of canonical texts circulated across the west that could then be used for the interpretation of the Bible, for training in literacy and for the religious instruction of both clergy and lay elites”. Extraído de: WEILER, Björn. **Paths to kingship in medieval Latin Europe**, c. 950–1200. Cambridge: Cambridge University Press, 2021, p. 39.

<sup>110</sup> CC46A, p. 5: “juvenes et senes, mares et feminas, servos et liberos, divites et pauperes, clericos et laicos, nulli parcat, neminem excludit, omens comprehendit”.

<sup>111</sup> CC46A, p. 5: “Dominica precepta cum omni generaliter Ecclesiae congruant omnia, quaedam tamen specialiter singulis pro temporum, ordinum, conditionum, aetatum, morum, affectuum, sexuum, sive causarum diversitate coveniunt singula”.

<sup>112</sup> CC46A, p. 5: “Time Deum, sanctos precare, ecclesiam frequenta, sacerdotes honora, decimas et primitias laborum tuorum Deo offer, elemosinas pro viribus facito, uxorem dilige, preter ipsam nullam cognosce, ab ipsa etiam certis (id est festis et ieiuniorum) diebus cum ipsius consensu pro Dei timore te contine, filios in Dei timore educa, infirmos visita, mortuos sepeli”.

<sup>113</sup> As citações das Sagradas Escrituras e das obras dos Pais da Igreja por Ratério foram elencadas em: REID, Peter. **The Complete Works of Rather of Verona**. Binghamton: Center for Medieval and Early Renaissance Studies, 1991, p. 589-606.

<sup>114</sup> Ao final do prólogo, Ratério elenca os grupos socioprofissionais e econômicos específicos que pretende analisar ao longo do primeiro livro. CC46A, p. 4: “Militem, Artificem, Medicum, Negotiatorem, Causidicum, Iudicem,

embasado nos Apóstolos Lucas e João: “Não roube ninguém pela violência, nem acuse ninguém falsamente, e fiquei satisfeito com o seu lucro. [...] Nenhum assassino pode fazer parte do Reino de Cristo e de Deus”.<sup>115</sup> Os soldados, então, caso queiram evitar danos e a perdição de suas almas, devem cumprir, segundo o autor, com a obrigação de jamais derramar sangue cristão, de modo a tornar sua ocupação mais coerente com os preceitos morais da Igreja Católica.<sup>116</sup>

No segundo livro, por sua vez, são mencionados novamente certos deveres morais dos cristãos. Estes, porém, não são mais classificados pelo critério da ocupação socioprofissional, como ocorrera no primeiro volume, mas de acordo com a condição humana e estado civil. No índice, são elencados os treze grupos sociais a serem abordados na sequência: homem, mulher, marido, esposa, celibatário(a), pai e mãe, filho e filha, viúva, virgem, criança, adolescente, jovem adulto e idoso.<sup>117</sup>

Particularmente relevante para o estudo da visão de Raterio sobre as relações entre os soberanos terrenos e o poder episcopal, o livro três é dirigido às principais figuras da autoridade civil. O autor dialoga com altos escalões no âmbito político, destacando os deveres e as obrigações dos reis, bem como as relações ideais que eles deveriam estabelecer com os bispos. Esse volume de *Praeloquia* é de suma importância para nossa problemática, uma vez que o autor disserta acerca das bases da administração secular, estreitamente conectada com o poder eclesiástico.

Em primeiro lugar, os reis precisam possuir quatro virtudes, sem as quais não podem ser definidos enquanto tais: prudência, justiça, bravura e temperança.<sup>118</sup> Estes atributos devem ser conjugados com o temor a Deus e a consequente veneração aos bispos.<sup>119</sup> A partir do terceiro volume, Raterio começa então a apresentar as premissas do poder episcopal,

---

Testem, Procuratorem, Patronum, Mercenarium, Consiliarum, Dominum, Servum, Magistrum, Discipulum, Divitem, Mediocre, Mendicum”.

<sup>115</sup> CC46A, p. 6: “Neminem, inquiring, concutiatis neque caluniam faciatis alicui, et contenti estote stipendiis vestris [...] Quia omnis homicida non habet hereditatem in regno Christi et Dei”.

<sup>116</sup> Os modelos de comportamento bíblico aplicados aos soberanos e reis já faziam parte da linguagem de autores desde a época carolíngia. Eles também foram considerados por parte da literatura monástica no século X, que se propôs a avaliar as condutas dos homens que pertenciam a categoria dos *potentes* (aristocratas), como sugerido em: ROSÉ, Isabelle. **Construire une société seigneuriale**: itinéraire et ecclésiologie de l'abbé Odon de Cluny (fin du IXe-milieu du Xe siècle). Turnhout: Brepols, 2008, p. 475-490.

<sup>117</sup> CC46A, p. 46: “Virum, Mulierem, Maritum, Uxorem, Coelitem, Patrem et Matrem, Filium et Filiam, Viduam, Viginem, Parvulum, Puerum, Adolescentem, Senem”.

<sup>118</sup> CC46A, p. 78: “Sunt quaedam regalis ordinis insignia, quibus sine, etsi nomen utcunque, re tamen vera certe non potest consistere dignitas tanta. His ergo utere, his exercere, his exornare. Esto prudens, iustus, fortis et temperatus. Hoc quasi quadriga evectus regni fines perlustra”. Encontramos paralelo das virtudes destacadas por Raterio na obra ciceroniana *De Officiis*, que pontuou as qualidades requeridas para o engajamento da vida pública: “Public life was meant to be based on the pursuit of wisdom, justice (with its twin charity), fortitude and temperance”. Extraído de: WEILER, op. cit., 2021, p. 44.

<sup>119</sup> CC46A, p. 82: “Tu potius time Deum, rege, immo nutri, populum tibi commissum, deprecare sanctos, venerare episcopos, noveris illos tibi, non te illis esse prelatos, et, ut amplius dicam, deos tibi a summo et uno et singulari Deo, et angelos ab ipso magni consilii Angelo esse datos”.

demarcando uma clara hierarquia em relação aos reis. Para tanto, evoca a tradução para o latim feita por Rufino de Aquileia da *Historia Ecclesiae*, redigida originalmente em grego por Eusébio de Cesareia no século IV:<sup>120</sup> “vocês [bispos] nos foram dados como deuses por Deus, e não é apropriado que o homem [aqui entendido por Ratério como o rei] deva julgar deuses”.<sup>121</sup>

O autor, portanto, expõe a premissa que perpassará todo o restante do livro três, conforme a qual os reis estariam abaixo de toda a hierarquia eclesiástica, em especial dos bispos, aos quais deveriam demonstrar respeito.<sup>122</sup> Sustentada a partir da mobilização de um novo debate filosófico, dessa vez inspirado em Cícero,<sup>123</sup> essa ideia defende que os homens da Igreja são os verdadeiros líderes que, acompanhados por Deus, comandam o mundo terreno:

Teus amigos, ó Deus, são grandemente honrados, sua liderança é grandemente fortalecida. De quem? Dos apóstolos, evangelistas, bispos, clérigos, monges – que, renunciando ao mundo e recusando-se a ter qualquer coisa neste mundo, são justamente líderes com Deus e julgam o mundo, preferindo comandar quem tem ouro, do que terem ouro próprio.<sup>124</sup>

De acordo com a lógica indicada, as autoridades seculares têm todo o seu poder político conectado com Deus, conforme Ratério define a partir da Epístola aos Romanos (13:1): “Não há poder senão de Deus; os poderes que existem, são ordenados por Deus”.<sup>125</sup> Para dar ainda mais sustentação ao seu ponto de vista, o autor provoca o interlocutor a um debate veterotestamentário: “Se por acaso encontrarmos alguém que discorde, deixe-o provar com as Sagradas Escrituras”.<sup>126</sup>

---

<sup>120</sup> Sobre um balanço geral da importância da documentação patrística, pode ser mencionado o segundo trabalho: FREDOUILLE, Jean-Claude; ROBERGE, René-Michel (Dir.). **La documentation patristique: bilan et prospective**. Laval: Les Presses de l’Université Laval, 1990. A paráfrase de Rufino de Aquileia por Ratério em *Praeologia* foi identificada em: DOLBEAU, op. cit., 1985, p. 527.

<sup>121</sup> CC46A, p. 82: “Vos, ait ille iam fatus, nobis a Deo dati estis dii et conveniens non est, ut homo iudicet deos”.

<sup>122</sup> “Une chose, dans tout cela, doit être gardée présente à l’ésprit, c’est que le critère différentiel est allégué avant tout pour séparer et hiérarchiser les deux puissances: l’autorité spirituelle, incarnée par l’évêque, et le pouvoir temporel, personifié par le roi – à qui il revient de diriger, à l’unisson, l’ensemble des chrétiens”. Extraído de: CABAILLOT, Claire. De la théorie des trois ordres à la revue des états: Rathier de Vérone et Bonizon de Sutri. In: **Revue des études italiennes**, vol. 39, 1993, p. 41.

<sup>123</sup> Na obra “*Cato Maior de Senectute*” há uma passagem que provavelmente foi lida e interpretada por Ratério para amparar sua argumentação teológica em prol da supremacia eclesiástica destacada abaixo: “non enim aurum habere praeclarum sibi videri dixit, sed eis, qui haberent aurum, imperare”. In: POWELL, Jonathan. M. (Ed). **Tvlli Ciceronis De re publica. De legibus. Cato maior de senectute. Laelius de amicitia**. Oxford: Clarendon, 2006, XVI, 55. Sobre a relação entre Ratério e Cícero: REID, op. cit., 1991, p. 604. As obras ciceronianas estavam entre os textos mais lidos e citados na Idade Média Central Ocidental: WEILER, op. cit., 2021, p. 43.

<sup>124</sup> CC46A, p. 83: “Nimis honorati sunt amici tui Deus, nimis confortatus est principatus eorum. Quorum? Apostolorum, evangelistarum, episcoporum, clericorum, monachorum saeculo renuntiantium, qui, quia nolunt aliquid habere in mundo, jure cum Deo principantur et judicant de mundo, malentes aurum habentibus imperare quam aurum habere”.

<sup>125</sup> CC46A, p. 83: “Non est potestas, nisi a Deo; quae autem sunt, a Deo ordinatae sunt”.

<sup>126</sup> CC46A, p. 84: “Huic tamen si contradictorem forte aliquem invenimus, proferat de divinis Scripturis”.

Isto posto, podemos inferir que Ratério, mobilizando seus amplos conhecimentos filosófico, bíblico e da patrística, provenientes, em grande medida, de sua educação monástica beneditina em Lobbes, constituiu no terceiro livro de *Praeloquia* uma narrativa de subordinação dos reis aos interesses dos clérigos e, conseqüentemente, de seus principais representantes no mundo terreno, os bispos:<sup>127</sup> “Pois tu [rei] estás posto sobre alguns homens; eles [bispos] estão colocados sobre ti e todos os homens”.<sup>128</sup>

Em última instância, aquele que fere a figura episcopal, indivíduo cuja existência extrapola o mundo terreno, atinge também diretamente a Deus: “quem vos toca [bispo] é como quem toca a pupila do meu olho”.<sup>129</sup> Tal argumento pode ser relacionado com a obra *De Officiis Ministrorum*, de autoria do bispo Ambrósio de Milão (340-397), bastante conhecido no período. Segundo ele, uma vez que todo poder emana de Deus, seu uso indevido constitui uma ofensa não apenas ao povo confiado aos cuidados de um rei, mas ao próprio Criador.<sup>130</sup>

Esses elementos estão diretamente ligados às lutas pessoais de Ratério: sua destituição da diocese de Verona em 934 ocorreu, como vimos, em decorrência do conflito engendrado com o rei da Itália Hugo. Assim sendo, é plausível definir que uma boa parte do terceiro livro de *Praeloquia* foi produzida tendo em vista tal discórdia: a fonte, por conseguinte, está estreitamente conectada com as experiências mais recentes de seu autor.

De acordo com ele, “nós [bispos] vemos sendo tocados, golpeados, desprezados, subjugados, e, a estrutura que parecia estar em nosso favor, caiu”.<sup>131</sup> Os laicos no comando de cargos administrativos não teriam o direito de ofender, tampouco de destituir um bispo, pois acabariam por fazer o mesmo com Cristo. Somente a Deus, enfim, seria concedida a permissão de julgar e realocar os seus principais representantes na Terra.<sup>132</sup> A mobilização desses

<sup>127</sup> Nossa visão corrobora as conclusões de um estudo recente, que rejeitou a interpretação de um possível colapso dos trabalhos teológicos e exegéticos ao final do Império Carolíngio: SHIMAHARA, Sumi. L'exégèse biblique de la fin du IXe siècle au milieu du XIe siècle. État des lieux. In: PEZÉ, Warren (Ed.). **Wissen und Bildung in einer Zeit bedrohter Ordnung**: der Zerfall des Karolingerreiches um 900. Stuttgart: Monographien zur Geschichte des Mittelalters, 2020, p. 103-146. Os saberes abordados por Ratério, pelo contrário, demonstram como esses conhecimentos continuavam e circular, e de que maneira eram apropriados em contextos específicos do século X.

<sup>128</sup> CC46A, p. 84: “[...] nam tu super aliquos, illi super te et super omnes”.

<sup>129</sup> CC46A, p. 87: “et qui tangit vos, quasi qui tangit pupillam oculi mei”. Essa passagem encontra paralelo em um trecho do livro de Zacarias (2.8), no Antigo Testamento, como identificado por: REID, op. cit., 1991, p. 595. É de se notar, portanto, como Ratério fez um uso particular dos ensinamentos bíblicos para discutir as bases do ofício episcopal.

<sup>130</sup> “The so-called Ambrosiaster explained that all power rested with and emanated from God. Consequently, if someone assumed office out of ambition and greed, he committed an act of injustice not only against the people entrusted to their care, but also against God”. Extraído de: WEILER, op. cit., 2021, p. 50.

<sup>131</sup> CC46A, p. 87: “Sed tacti sumus, elisi sumus, sprete sumus, impulsi sumus, versati sumus, cecedit quae super nos videbatur stare structura”.

<sup>132</sup> CC46A, p. 89: “Adverte igitur quanta temeritatis sit, pro quavis culpa quemlibet laicum saltem reprehendere quempiam sacerdotem [...] Deo soli id cogitans congruere pro officii dignitate”.

argumentos está relacionada à reivindicação da retomada do seu ofício episcopal. Assim, Ratério escreveu *Praeloquia*, entre outras motivações, para contestar as atitudes de Hugo, que, enquanto rei laico, teria injustamente usurpado suas funções na diocese de Verona.<sup>133</sup>

Uma passagem do capítulo doze, bastante conhecida pela historiografia por mencionar a divisão tripla da sociedade,<sup>134</sup> também deve ser lida nessa perspectiva do estabelecimento de uma hierarquia social<sup>135</sup>, na qual as competências próprias da esfera eclesiástica fossem bem delimitadas com relação aos demais grupos sociais detentores de ofícios seculares:

Todos, eu afirmo, são filhos da Igreja, mas só alguns são filhos do Senhor. Estes são os clérigos e monges, conhecidos como servidores da Igreja e do bispo. Os demais são trabalhadores, servos ou livres, ou cavaleiros do reino.<sup>136</sup>

O esforço do autor é deixar claro que a sociedade no mundo secular precisa estar alinhada à harmonia celestial: “Tudo o que você ligar na Terra será ligado também no Céu”.<sup>137</sup> Além disso, não há poder político terreno que provenha dos reis seculares, já que a autoridade é advinda exclusivamente da vontade do Senhor. É apenas por meio deste que os reis reinam, definem as leis e exercem justiça.<sup>138</sup>

As autoridades civis, portanto, devem exercer suas funções administrativas se, e somente se, estiverem de acordo com as leis de Deus. Isso implica na necessidade de elas não

<sup>133</sup> Argumento já sugerido por: VIGNODELLI, Giacomo. Il problema della regalità nei Praeloquia di Raterio di Verona. In: ISABELLA, Giovanni. (Ed.), **C'era una volta un re...** Aspetti e momenti della regalità da un seminario del dottorato in Storia medievale (Bologna, 17-18 dicembre 2003) Bolonha: CLUEB, 2005, p. 61.

<sup>134</sup> Em função da interpretação de Georges Duby sobre a partição tripla da sociedade (os que oram, os que combatem e os que trabalham) no plano das representações, feita a partir dos escritos de Adalberão de Laon e Gerardo de Cambrai no século XI, Vignodelli aponta que não é possível supor essa leitura em *Praeloquia*, pois Ratério não está se referindo a ordens bem definidas pelo critério funcional. Ele apenas faz uso desse esquema para englobar a coletividade dos fiéis, posicionada a serviço dos clérigos: VIGNODELLI, Giacomo. Milites Regni : aristocrazie e società tripartita in Raterio da Verona. In: **Bullettino dell'Istituto storico italiano per il medioevo**, n. 109, 2007, p. 97-149. Um argumento bastante semelhante é desenvolvido por François Bougard e Régine Le Jan. Para eles, Ratério teria tentado englobar a diversidade do *corpus* social, sem estabelecer uma categorização de tipo unicamente funcional. BOUGARD, François; LE JAN, Régine. Hiérarchie : le concept et son champ d'application dans les sociétés du haut Moyen Âge. In: BOUGARD, François; IOGNA-PRAT, Dominique; LE JAN, Régine (Eds.). **Hiérarchie et stratification sociale dans l'Occident médiéval (400-1100)**. Turnhout: Brepols, 2008, p. 5-19.

<sup>135</sup> “Il est clair qu'une telle partition vient en renfort des arguments employés par Rathier pour démontrer la supériorité du clergé, et de l'épiscopat en particulier, sur les détenteurs du pouvoir temporel. [...] Même si l'évêque et le roi sont associés dans la même fonction de direction, il existe un clivage entre les deux fonctions: l'évêque, parce que plus proche du ciel, détient la supériorité du spirituel; en aucun cas, de toute manière, il ne peut être soumis à l'autorité du roi. Rathier place donc au service de sa propre défense cette image du corps social.” Extraído de: CABAILLOT, op. cit., 1993, p. 42.

<sup>136</sup> CC46A, p. 95: “Omnes, inquam, Ecclesiae filii aut de sorte sunt Domini et appellantur clerici et monachi, aut sunt Ecclesiae famuli, episcopi vero confamuli, aut laboratores, servi et liberi, aut milites regni”.

<sup>137</sup> CC46A, p. 96: “Quaecumque, solveritis super terram, erunt soluta et in caelo”.

<sup>138</sup> CC46A, p. 96: “Per me, ait, reges regnant, et conditores legum iusta decernunt. [...] Per me, inquiens, reges renant, et potentes scribunt iustitiam”.

interferirem nas atividades cotidianas do sacerdócio, notadamente o poder episcopal nas dioceses. Mais uma vez, a mensagem reflete a queixa pessoal de Ratério em relação à sua deposição em Verona: enquanto laico, o rei da Itália Hugo não tinha o direito de intervir nos assuntos reservados a Deus e seus ministros na Terra, os bispos:

[...] eu posso ser considerado culpado na minha afirmação da fé católica, e então ter sido justamente expulso do presulado a mim comprometido, isto é, aquele da Igreja de Verona, (mas somente se a autoridade do Concílio Universal decretar isto); meu coração, embora movido pela infabilidade do caso e pela novidade da tentativa contra mim, ainda não abandonou a resposta de que o poder de Deus criou todas as coisas em sua sabedoria.<sup>139</sup>

O quarto livro de *Praeloquia* volta a enfatizar os deveres dos reis com relação ao poder eclesiástico. Reiterando as obrigações das autoridades laicas diante dos prelados, o autor ressalta a hierarquia existente entre ambos<sup>140</sup>:

[...] bispos são instituídos apenas por Deus, assim como os reis, mas de forma muito mais eminente, porque estes são instituídos por bispos, enquanto os prelados, embora possam ser apontados pelos reis, não podem ser ordenados diretamente por eles.<sup>141</sup>

Ao elencar algumas das tarefas específicas do poder secular, o escritor estabelece interlocução direta com os reis: “você [rei] deve ser o protetor dele, e ele [bispo], deve ser o seu pastor; ele deve prover você com sustento espiritual, você deve provê-lo com sustento carnal, de sua própria substância, não dele; [...] ele deve te abençoar, você deve honrá-lo”.<sup>142</sup> Ratério defende, portanto, a cooperação entre ambos. Um bom rei, que preserva seus súditos e se coloca a serviço do reino ao qual foi designado<sup>143</sup>, tem os seus interesses compartilhados com os bons bispos, que sujeitam todas as almas à mais alta autoridade, isto é, àquela proveniente da vontade de Deus.<sup>144</sup> Dessa forma, seria possível que ambos pudessem trabalhar em prol de um mesmo

<sup>139</sup> CC46A, p. 105: “[...] et in assertione fidei inveniri valerem catholicae culpabilis, et ideo jure expellendus a comisso mihi praesulatu, hoc est Ecclesiae Veronensis (si tamen decreuisset auctoritas concilii universalis); respondere, ineffabilitate rei novitateque probationis permotus tamen non distulit, valente Deo per sapientiam ipsius omnia creata”.

<sup>140</sup> Para Cabailot (op. cit., 1993, p. 43), Ratério fornece nesse trecho uma prova da supremacia de sua “ordem”, a eclesiástica.

<sup>141</sup> CC46A, p. 106: “Dixi, nisi fallor, episcopus a Deo solo, ut reges, et praestantius multo quam reges, quia et reges ab episcopatis instituti, episcopi vero a regibus, etsi egli vel decerni, non valente tamen ordinari, institutos”.

<sup>142</sup> CC46A, p. 107: “[...] cum tu illius defensor, ille tuus esse debeat pastor; ille tibi seminare spiritualia, tu ei ministrare, et utique ex tuo non ex suo, debeas carnalia; [...] ille te benedicere, tu eum debes honorare”.

<sup>143</sup> CC46A, p. 128: “Tu vero, bone rex, Christianissime princeps, [...] conserva cives. Accipe, si accipis, ab extraneis; da tuis; et ut minaris, et quorum uteris saepius obsequiis, perpende. Etiam nomen in Graeco officiale tuum, et inter Graecam Latinamque illud interpretando formam agnosce, te populum portare debere; non premere”.

<sup>144</sup> CC46A, p. 107: “Vox autem boni episcopi illa debet saepius esse: omnis anima potestatibus sublimioribus subdita sit; [...] et: Non est potestas nisi a Deo [...]. Quod si nil aliud contra te sentit, praedicat, et praecipit episcopus, non modo te isto non offendere, sed multo magis, utpote pro te sentiens, debet placare”.

objetivo comum, a saber, a salvação de toda a comunidade cristã em trânsito no mundo terreno.<sup>145</sup>

A repartição das funções entre os dois poderes remonta à carta do Papa Gelásio ao Imperador Anastásio em 496, na qual mostrou que a *auctoritas sacra pontificum* e a *regalis potestas* governam conjuntamente o mundo, devendo ambos se obedecerem de maneira mútua.<sup>146</sup> Pautada na responsabilidade compartilhada entre o bispo e o rei pela salvação da Cristandade, essa concepção gelasiana dual do poder pode ser verificada em textos desde a época carolíngia, a partir do ano 830, aproximadamente.<sup>147</sup>

Como aponta Mayke de Jong, o Concílio de Paris de 829, convocado por Luís, o Piedoso, definiu com mais precisão os contornos das esferas eclesiástica e real.<sup>148</sup> Entretanto, foi estabelecido, ao mesmo tempo, que ambas fazem parte da *ecclesia*, reunindo todos os súditos do rei, o *populus christianus*.<sup>149</sup> Embora inserida num contexto mais tardio, a ideia de Ratério é extremamente similar: ele também considera que os reis e os bispos, ainda que possuam competências diferenciadas, devem assumir conjuntamente a tarefa de salvação do povo cristão. A conexão, representada em *Praeloquia*, dos poderes episcopal e real na administração do reino, revela a continuidade, nos pensamentos de Ratério, de concepções existentes desde o período carolíngio sobre as formas de relacionamento dos mundos celestial e terreno.<sup>150</sup>

Ele ainda ressalta que, caso os bispos descumpram qualquer uma de suas tarefas, não cabe ao poder laico executar julgamentos, mas às autoridades próprias da Igreja, que dispõem de mecanismos específicos para tanto: “Os bispos têm suas convenções gerais, seus sínodos universais, cânones antigos, concílios escritos, decretos dos santos padres, sanções de

<sup>145</sup> Um trecho do livro três de *Praeloquia* também faz alusão ao trabalho conjunto de reis e bispos com outros grupos sociais. CC46A, p 94: “Si ergo nos invicem sic pro participio iuvamus ordini, in quibus est maxima imperfectio Caritatis, quid illos putas por suis consortibus agere, qui illam, qua maior nulla est, Caritatis arcem non solum conscrendere, sed etiam, si fieri posset, transcendere nitentes, dum ponerent animas pro amicis, etiam pro ipsis orabant inimicis?”

<sup>146</sup> PATZOLD, Steffen. **Wissen über Bischöfe im Frankenreich des späten 8. bis frühen 10. Jahrhunderts.** (Mittelalter-Forschungen 25.) Ostfildern: Jan Thorbecke Verlag, 2008, p. 82.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 104: “Die gelasianische Zweigewalten-Lehre, die in drei Arengen Karls des Einfältigen aufgerufen wird, ist im Frankenreich der Karolingerzeit zum ersten Mal 829 wörtlich zitiert worden”.

<sup>148</sup> DE JONG, Mayke. Sacrum palatium et ecclesia: L'autorité religieuse royale sous les Carolingiens (790-840). In: **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, n. 58, 2003, p. 1243-1269.

<sup>149</sup> A estreita relação entre as figuras real e episcopal é reiterada em: BÜHRER-THIERRY, Geneviève. Episcopat et royauté dans le monde carolingien. In: FALKOWSKI, Wojciech; SASSIER, Yves (Eds.). **Le monde carolingien: bilan, perspectives, champs de recherches.** Turnhout: Brepols, 2009, p. 143-156.

<sup>150</sup> PATZOLD, op. cit., 2008, p. 103: “Tatsächlich fügen sich Rathers »Praeloquia« nämlich nur allzu gut zu dem, was die übrigen in diesem Kapitel analysierten Texte an Wissen über Bischöfe um die Wende zum 10. Jahrhundert zu erkennen gegeben haben”. Argumento mais uma vez evocado por PEZÉ, 2021, op. cit., p. 157: “Rather’s doctrine was Gelasian”.

vários papas”.<sup>151</sup> Isso significa que, caso o rei desconfie que um bispo esteja agindo de maneira imprópria, ele deve, em primeiro lugar, consultar os juízes canônicos, que determinarão as medidas e/ou punições necessárias.<sup>152</sup> Esse seria o único procedimento apropriado, por meio do qual um laico poderia levantar a mão contra um bispo sem ofender a Deus.<sup>153</sup> Sendo assim, uma vez que não cabe aos laicos decidirem sobre o futuro dos bispos nas dioceses<sup>154</sup>, eles não devem, tampouco, causar danos ou sofrimentos de ordem material e espiritual aos prelados:

[...] como um bispo não pode ser repreendido por nenhum homem, ele não deve, muito menos, ser açoitado, preso e atormentado pela fome e pela sede, sentindo frio e falta de vestimentas, e outros tipos de aflições.<sup>155</sup>

Para finalizar o quarto volume, Ratério reforça que o rei, designado protetor da Igreja de Deus, deveria se comprometer a garantir a estabilidade cristã no mundo terreno, adotando medidas coerentes e compatíveis com o exercício da administração secular de um verdadeiro rei cristão:

Não fuja, portanto, de seu dever; seguindo o exemplo de seus predecessores, restaure as igrejas de Deus, socorra os mosteiros, enriqueça-os com sua riqueza; pois haverá um tempo, talvez, em que o que você gasta será para sua salvação. Pergunte qual dos reis anteriores procedeu com justiça e sabedoria. Quem buscou a vontade de Deus para realizá-la? Quem governou o povo com justiça? Quem construiu igrejas, fundou mosteiros, montou hospícios? Em seguida, abrace-o, siga-o, imite-o.<sup>156</sup>

O trecho selecionado acima indica qual seria, segundo Ratério, uma das tarefas centrais sob responsabilidade dos reis: a proteção e expansão da Igreja e de seus bens. Tal descrição das obrigações do ministério real pode ser encontrada desde a primeira metade do século IX: o bispo Jonas de Orleans, em 834, escreveu a obra *De institutione regia* endereçada ao rei Pepino da Aquitânia, indicando a defesa do patrimônio eclesiástico como um dos

<sup>151</sup> CC46A, p. 107: “Habent [subaudit episcopi] conventus inter se generales, synodos universales, canones antiquos, concilia descripta, sanctorum decreta Patrum, sanciones diversorum pontificum”.

<sup>152</sup> CC46A, p. 107: “Si quid contra rem actum ab aliquo vel in aliquo est horum; in era judicari, examinari, vel legali potest sanctione puniri. Hos ergo consule, ad illos rem defer, illis causam committe”.

<sup>153</sup> CC46A, p. 107: “[...] nam alium esse nullum, qui manus impune, et ipso Deo intacto, possit immittere in aliquo horum”.

<sup>154</sup> Isto é, não compete ao rei Hugo da Itália decidir sobre a legitimidade canônica de Ratério como bispo da diocese de Verona.

<sup>155</sup> CC46A, p. 121: “[...] a nemine nec reprehendendus, quanto minus quilibet eorum flagellandus, carceri mancipandus, fame et siti, frigore et nuditate caeterisque afflictionum generibus tormentandus”. Segundo a edição de Peter Reid, esta descrição corresponde ao tratamento recebido por Ratério durante a prisão em Pavia, entre 934 e 936. REID, op. cit., 1991, p. 556.

<sup>156</sup> CC46A, p. 140: “Ne ergo decidas a ministerio, priorum tuorum exemplo ecclesias Dei restaura, monasteria releva, opibus dita: erit enim forte tempus, quo et ipsae expendetur pro salute tua. Interroga quis regum anteriorum juste sapiente incessit? Quis voluntatem Dei, amplius ut faceret, quaesevit? Quis jure populum rexit? Quis ecclesias construxit, monasteria fundavit, xenodochia statuit? Et illum amplectere, illum sequere, illum imitare”.

compromissos centrais do rei cristão.<sup>157</sup> Durante o reinado de Carlos, o Calvo, as medidas expressas nos cânones conciliares demonstram que os bispos buscaram estimular os reis a protegerem as igrejas contra os depredadores e opressores, atividade que deveria, assim, fazer parte das competências do ministério real.<sup>158</sup> Como já havíamos identificado acima, a ideia carolíngia de complementaridade das funções administrativas episcopal e real foi mais uma vez reforçada por Ratério ao final do quarto volume.

O quinto livro de *Praeloquia* aspira examinar o papel social e as normas de conduta dos homens da Igreja, isto é, o autor se dirige aos indivíduos que ocupam ofícios eclesiásticos. O primeiro grupo são os bispos, que, possuindo enorme dignidade, estariam situados numa posição sagrada.<sup>159</sup> Interessante notar algumas das premissas de Ratério na sua construção da imagem do poder episcopal. A partir do modelo bíblico de comportamento pastoral do Rei Davi, por exemplo, ele sugere que os bispos devem possuir a força e a coragem de um autêntico pastor da Igreja, aplicação para rezar, resistência, prática pela adoração de Deus, e, finalmente, consideração pelas doutrinas do evangelho.<sup>160</sup> Imitando os profetas, os prelados precisam, portanto, “ponderar as Escrituras, reler os livros das palavras de Deus, olhar para os apóstolos, estudar os mártires, atender ao confessor [...] Ponderar todos aqueles testemunhos de Deus”.<sup>161</sup> Somente ao colocarem em prática esses ensinamentos os bispos poderão conduzir seus rebanhos na direção correta, o que significa oferecer apoio aos mais necessitados, entre os quais estão as viúvas, os órfãos, os estrangeiros, os pobres, os doentes e os condenados.

---

<sup>157</sup> BÜHRER-THIERRY, Geneviève. L'épiscopat en Francie orientale et occidentale à la fin du IXe siècle : Substitut ou soutien du pouvoir royal ? In: LE JAN, Régine (Ed.). **La royauté et les élites dans l'Europe carolingienne** (du début du IXe aux environs de 920). Lille: Publications de l'Institut de recherches historiques du Septentrion, 1998, p. 347-364. Entre os séculos VIII e IX, foram produzidos muitos textos classificados como “espelhos de príncipe”. Os autores, normalmente clérigos, davam instruções aos reis carolíngios sobre os deveres do ofício e os modos verdadeiramente cristãos de exercício do poder secular: PEZÉ, Warren. Knowledge on Kingship at the Dawn of Feudalism (c. 900). In: **Wissen und Bildung in einer Zeit bedrohter Ordnung: der Zerfall des Karolingerreiches um 900**. Stuttgart: Monographien zur Geschichte des Mittelalters, 2020, p. 147-197. Para Pezé (p. 157), *Praeloquia* é o texto escrito no século X que mais se aproxima dos espelhos de príncipe do período carolíngio.

<sup>158</sup> BÜHRER-THIERRY, op. cit., 1998, p. 347-350.

<sup>159</sup> CC46A, p. 142: “Episcopus es? Nomen ipsum, rogo, te admoneat, officium doceat; dignitas tanta conveniat, antiqua perpende, praesentia compone. Considera quam altum quod gestas vocabulum, quam sanctum, quam sit vetustum”.

<sup>160</sup> CC46A, p. 144: “Veniamus ad David illum sanctissimum vatem, potentissimum regem, fortissimum bellatorem, pugnacissimum militem, acceptissimum Deo sacerdotem. Quid in omnibus, quae de ipso leguntur, egit, nisi te aut spiritualiter aut moraliter, etiam in his quae secundum litteram reprehensibilia videntur, quid ageres docuit? [...] quid in universis his moraliter spiritualiterque acceptis intelligis, nisi pastoris ecclesiastici fortitudinem, audantiam, orationum emolumenta, patientiam exercitiaque divini cultus, postremo rectae praedicationis et vitae scemata sacerdotalis?”.

<sup>161</sup> CC46A, p. 144: “Scrutare Scripturas, divini eloquii libros revolve, apostolos aspice, martyrea vide, confessores attende [...] perpende te tot testes Dei perpende”.

Notamos que Ratério sacralizou o ofício episcopal por meio de sua associação com os modelos de reis veterotestamentários.<sup>162</sup> A figura de David era uma importantíssima referência no exercício do poder imperial ou real na época carolíngia.<sup>163</sup> Em *Praeloquia*, por outro lado, há uma inclusão: não mais apenas a autoridade real seria sagrada à imagem de David, mas a episcopal.<sup>164</sup> Consequentemente, o bispo seria responsável por algumas das tarefas outrora exclusivas aos reis, como o “apoio aos mais necessitados” citado acima.

Ao mesmo tempo, Ratério aponta normas de conduta aos bispos que seriam incompatíveis com o cargo que ocupam. Eles são aconselhados a se afastarem de hábitos seculares que seriam fonte de vícios e de distanciamento das práticas canônicas estabelecidas pelas Sagradas Escrituras e pelos Pais da Igreja. Dentre essas atividades, se destacam a caça, a embriaguez e a ganância por riquezas materiais, práticas que, segundo Ratério, estariam muito presentes em seu tempo, como sugerem as críticas feitas aos comportamentos de alguns dos prelados: “eles anseiam por ofuscar até mesmo os reis em glória mundana, ao invés de imitar a pobreza dos apóstolos; exceder os prazeres dos ricos, ao invés de seguir a santidade dos pescadores”.<sup>165</sup>

Na continuação do quinto volume, Ratério cita que os clérigos,<sup>166</sup> de modo geral, não podem desviar daquilo acordado pelos cânones sagrados. Os monges, especificamente, devem adotar diversas condutas indispensáveis à função, como a observância à Regra de São Bento e o afastamento dos negócios seculares.<sup>167</sup> Desse modo, eles precisam respeitar a condição básica de seu ofício, isto é, o abandono de tudo aquilo que possuem no mundo terreno,

<sup>162</sup> Um exemplo de manifestação da autoridade episcopal sagrada é mencionado em: JÉGOU, Laurent. L'évêque entre autorité sacrée et exercice du pouvoir. L'exemple de Gérard de Cambrai (1012-1051). In: **Cahiers de civilisation médiévale**, 47e année, n. 185, Janvier-mars 2004, p. 37-55.

<sup>163</sup> ROSÉ, op. cit., 2008, p. 488. O abade Lupo de Ferrières (829-862), por exemplo, em carta enviada ao rei Carlos, o Calvo, afirmou “que ele deveria ser como David”. Extraído de: SOBREIRA, Victor Borges. **Epístolas e cultura política no reino de Carlos, o calvo**: o abade Lupo de Ferrières (829 - 862). Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 170.

<sup>164</sup> A sacralização dos bispos a partir de sua associação com reis veterotestamentários é verificada desde o século IX: “Der bipolaren Grundstruktur des Pariser Modells entspricht es nur zu gut, daß sie dabei nicht nur – aus westgotischen Konzilsakten schöpfend, letztlich aber in alttestamentlicher Tradition – den König selbst als *christus domini* titulierten, sondern dieses Epitheton sogleich auch auf den Bischof übertrugen”. Extraído de: PATZOLD, op. cit., 2008, p. 287.

<sup>165</sup> CC46A, p. 149: “Tunc regum ipsi seculi gloria preiri quam Apostolorum paupertas imitari; divitum voluptas superari quam piscatorum sanctitas sequi ambitur”.

<sup>166</sup> Entre os clérigos, são listados explicitamente os presbíteros, diáconos, subdiáconos, exorcistas, acólitos, leitores e porteiros: CC46A, p. 165-166: “Presbyter, Diaconus, Subdiaconus, Exorcista, Ceroferarius, Lector, Ostiarius”.

<sup>167</sup> Não podemos nos esquecer que Ratério foi monge em Lobbes entre 900 e 920, de onde certamente obteve os ensinamentos monásticos beneditinos reproduzidos em *Praeloquia*. Ironicamente, ao se envolver em conflitos pela diocese de Verona, ele próprio se desviou desses princípios.

como as ambições de suas propriedades, se colocando inteiramente, de corpo e alma, a serviço de Deus no monastério.<sup>168</sup>

Os homens da Igreja, enfim, foram representados extensivamente em *Praeloquia*. Para eles, foi destinado todo o quinto volume, ao longo do qual o autor identificou suas principais virtudes, bem como os problemas que os afligiam, estimulando o exercício adequado de suas tarefas cristãs.

O sexto e último livro de *Praeloquia* expõe a princípio sobre as condições e os estados de espírito dos homens. Para tanto, foram mobilizadas dualidades<sup>169</sup>: o justo e o pecador, o saudável e o doente, o inteligente e o ignorante, o alegre e o triste.<sup>170</sup> Por intermédio dessas categorias, Ratério visa apontar que, independentemente das situações do indivíduo, há sempre aspectos a serem observados com atenção e aprimorados.

A segunda parte do volume seis trata das reflexões finais de Ratério. Ele reitera que seu discurso, ao longo da obra, buscou incluir todos os batizados, ou seja, os cristãos das mais diversas condições sociais e/ou econômicas.<sup>171</sup> Como ninguém será excluído do Dia do Julgamento, os homens, cada qual a partir de sua situação específica, encontrariam no texto orientações para adequarem suas atitudes e os seus ofícios às virtudes cristãs.

Os seis livros que compõem *Praeloquia* revelam elementos importantes a respeito das práticas e concepções de Ratério durante a prisão e o exílio, logo após a saída forçada do comando da diocese Verona em 934. O documento foi estruturado para indicar que os cristãos, independentemente de suas condições no mundo terreno, precisam tornar suas condutas compatíveis com as leis de Deus testemunhadas nas Sagradas Escrituras e nos textos dos Pais da Igreja. Ao operar desse modo, o escritor inculcou na obra aspectos de seu momento pessoal delicado. Portanto, ela era o resultado não apenas de suas reflexões essencialmente teológicas,

---

<sup>168</sup> CC46A, p. 166-167: “Meditare regulam, vitas sanctorum Patrum crebrius relege, in his te quasi in quodam speculo conspice, et vitam tuam ad illorum compone. Obedientiam tibi primum indicito, conventus publicos caveto, contubernia saecularium fugito; [...] Et, post quam cuncta compleveris, quae vero conveniunt monacho, memento te in hoc periculoso adhuc navigare salo, in quo omnia pene incerta, omnia dubia, tam secunda quam adversa, tam naufraga quam tranquilla”.

<sup>169</sup> A divisão de categorias sociais a partir de antíteses é um dos exemplos da influência do pensamento de Gregório, o Grande, na obra de Ratério: BATANY, Jean. *Rhétorique et statuts sociaux dans les "Praeloquia" de Rathier de Vérone*. In: CHEVALIER, Raymond (Ed.). **Colloque sur la rhétorique**. Calliope I. Paris: Les Belles Lettres, 1979, p. 226.

<sup>170</sup> CC46A, p. 169-184: “Justus et Peccator, Sanus et Infirmus, Sapiens et Stultus, Laetus et Tristis”.

<sup>171</sup> CC46A, p. 191: “[...] sive etiam ut (de qualicumque ordine, conditione, dignitate, affectu, sexu, aetate ad id certaminis opus milies predicabile manus volveris dare) istic invenias quomodo te prius in tuis exercitare debeas, ut ita demum ad ea, quae ultra te sunt, felici progressu conscendas”.

mas, contendo elementos autobiográficos, abrangia também o contexto político entre 930 e 940 na Península Itálica.<sup>172</sup>

Nesse sentido, ao estabelecer um quadro do ordenamento ideal da Cristandade como um todo, indicando o lugar e as tarefas de cada cristão, Ratério acabou definindo em *Praeloquia* certas hierarquias sociais. Entre elas, destacamos a preponderância do poder político sacralizado do bispo na diocese, em detrimento da interferência de figuras laicas como os reis. Em outras palavras, o autor evocou na obra os princípios que, se fossem colocados em prática, garantiriam a existência da harmonia cristã, e, em última instância, assegurariam a independência do poder episcopal, de modo que ele pudesse ser reinstalado solidamente na diocese de Verona, da qual, em sua visão, havia sido há pouco injustamente destituído.

### **b) As correspondências e cópias enviadas de *Praeloquia***

Nos anos subsequentes à partida da Península Itálica, a produção literária de Ratério também abarcou, concomitantemente à fonte analisada acima, cartas trocadas com clérigos, que permitem extrair informações adicionais sobre suas tentativas de mobilização política. Em linhas gerais, a análise do intercâmbio epistolar e do envio de manuscritos de *Praeloquia* possibilita explorar o trabalho ativo do bispo, interessado em forjar redes de poder e relações interpessoais favoráveis, tendo em vista a retomada do seu poder episcopal na diocese de Verona.

Entre 936 e 939, ainda no período em que esteve no exílio em Como, Ratério escreveu uma carta aos arcebispos Guido, de Lyon, e Sobo, de Viena,<sup>173</sup> indicando que não poderia comparecer ao sínodo convocado devido à sua delicada situação.<sup>174</sup> Uma vez ausente,

<sup>172</sup> O texto era, portanto, uma forma de autodefesa: “Ma i Praeloquia vogliono essere soprattutto un’autodifesa. Ciò di cui si lamenta Raterio, è il modo in cui gli fu inflitta la condanna senza ascoltare la sua difesa”. Extraído de: LAUDIZI, Giovanni. Osservazioni sulla composizione dei "Praeloquia" di Raterio vescovo di Verona. In: **Bollettino di studi latini**, n. 28, 1998, p. 495.

<sup>173</sup> Além dos mencionados arcebispos, o escritor incluiu como destinatários os bispos Godescalo, de Le Puy en Velay, e Aurélio, de Grenoble, que eram provavelmente os demais participantes do sínodo: REID, op. cit., 1991, p. 209. É muito importante não confundir Viena com o arcebispado do que é hoje a capital da Áustria. Sobo, na realidade, era o arcebispo de Viena, atual sul da França, situada próximo à sede episcopal de Lyon. Portanto, os destinatários da epístola eram todos bispos dos reinos da Burgúndia e Provença. A aproximação de Ratério com esses preladados pode ser evidenciada ainda pelos anos que passou na região entre 939 e 944. Não há outras evidências documentais que permitam explorar com mais precisão como se deu a relação de Ratério com esses bispos no período.

<sup>174</sup> BR, p. 20: “Nisi deesset, patres reverentissimi, quod et maxime angustias miserrimae depromit miseriae, schedula, excusationem condignam non contumacis quidem, sed inefficacis depromerem inobedientiae prosecutione multidica, ceu scilicet competeret dominis dignissimis, pontificibus felicissimis ab indignissimo omniumque infelicissimo, quamquam et Dei misericordia coepiscopo. [...] Ea, domini, quam maxime causa est, quod iuxta vestrum non occurri vestrae dominationi praeceptum, quod iuris ipse non sum proprii, et demum, quod nemo in sese temptat descendere”.

ele exprime suas ideias por meio do envio de uma cópia de *Praeloquia*, que poderia ser debatida pelos demais no referido sínodo.<sup>175</sup> Outro objetivo do documento é a reivindicação de suporte material e espiritual. O destituído bispo conclamou então pela solidariedade de seus homólogos: “Então, tenha pena de mim, peço pelo amor de Deus, de duas maneiras: apoiando-me com suas orações e ajudando-me com recursos. Pois estou muito necessitado de ambos, e não ignoro que é seu dever provê-los.”<sup>176</sup>

O apelo de Ratério à solidariedade episcopal é uma ideia similar e influenciada pela difusão da *Collectio Anselmo dedicata*<sup>177</sup>, coleção de lei canônica bastante conhecida na Península Itálica no século X, compilada em quase 2000 capítulos ao longo de 12 livros pelo arcebispo de Milão Anselmo II, por volta de 890.<sup>178</sup> O volume dois menciona a unidade dos direitos dos bispos enquanto uma ordem (*ordo*) distinta. Por pertencerem a um grupo coeso que apresenta interesses comuns compartilhados, eles deveriam demonstrar apoio mútuo, ou seja, Guido de Lyon e Sobo de Viena, os prelados destinatários da carta, deveriam se engajar ativamente para reverterem a crítica situação do bispo afastado de Verona.<sup>179</sup>

Ratério também tentou estreitar relações com Rotberto, o arcebispo de Trier.<sup>180</sup> Para tanto, lhe endereçou por volta de 944 uma correspondência, por meio da qual, anexando uma

<sup>175</sup> BR, p. 21: “Istud de cetero sudoris mei vestro examini dirigo opusculum [Praeloquia], quod caritative relegatis propter Deum. Valet in Domino ubique memores nostri”. Na edição de Peter Reid, um trecho da carta se encontra imbricado em parte do livro V de *Praeloquia*, o que pode sugerir que somente parte desta fonte foi anexada à epístola, e não todos os seis livros, finalizados apenas por volta de 945. CC46A, p. 152: “[Epistola Eiusdem]. Ratherius exsul Widoni atque Sobboni achiepiscopis ceterisque coepiscopis concilio residentibus. Istud, domini, pro presentia suscipite nostri et legere, precor, dignemini. Fortassis enim non erit inconveniens negotio presenti”. Não há outras fontes sobre as resoluções do sínodo convocado por Guido e Sobo.

<sup>176</sup> BR, p. 21: “Cui propter Deum dupliciter misereamini, quaeso, oratione scilicet suffragando, facultate iuvando. Utroque enim hoc quam maxime indigeo vosque et debitores fore [...]”.

<sup>177</sup> Sobre a relação de Ratério com a *Collectio Anselmo dedicata*: WASSENAAR, Jelle. Bishops, canon law, and the politics of belonging in post-Carolingian Italy, c. 930–c. 960. In: ESDERS, Stefan. GREER, Sarah; HICKLIN, Alice (Eds.). **Using and not Using the Past after the Carolingian Empire**. London: Routledge, 2019, p. 221–240.

<sup>178</sup> HARTMANN, Wilfried. **Kirche und Kirchenrecht um 900: Die Bedeutung der spätkarolingischen Zeit für Tradition und Innovation im kirchlichen Recht**. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2008, p. 143–149. Outro exemplo de influência da *Collectio Anselmo Dedicata* nesse contexto é a presença de algumas de suas ideias nas obras do bispo Atto, de Vercelli: WEMPLE, Suzanne Fonay. **Atto of Vercelli**. Church state und christian society in tenth century Italy. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979, p. 38–40.

<sup>179</sup> No livro V de *Praeloquia*, dedicado aos clérigos, a obrigação dos bispos de oferecerem ajuda entre si também foi mencionada. CC46A, p. 148: “Dictum est enim a quodam non contemptibilis auctoritatis veracissime, quia quilibet Christianos, si non aliquibus pro posse subvenit, iudicabitur; episcopus, si aliquem neglexerit, condempnabitur”. Esse argumento, portanto, foi bastante enfatizado por Ratério, já que esteve presente tanto na epístola quanto em um dos volumes de *Praeloquia*.

<sup>180</sup> Interessante notar como Ratério inicia o documento, definindo Rotberto como o mais nobre dos arcebispos. BR, p. 30: “Domino reverentissimo Rotberto archipraesulum nobilissimo Ratherius servus fidelissimus”. Em razão da ausência de outras fontes, não é possível definir com precisão como se desenvolveu a sua relação com Rotberto. Porém, a julgar por um trecho da carta, notamos que a epístola não foi a primeira tentativa de contato de Ratério com o arcebispo de Trier. BR, p. 30: “Studuisse me ceterum, ut **ad vestrae respondeam interrogata dominationis**”. Grifos nossos.

cópia de *Praeloquia*, solicitou que a obra fosse lida, e, se necessário, corrigida.<sup>181</sup> Ele se colocou a serviço do arcebispo, prometendo fidelidade e se dizendo pronto para ajudar no que quer que fosse.<sup>182</sup> Em se tratando do administrador de um dos arcebispados mais importantes do Reino Franco Oriental<sup>183</sup>, notamos que Ratério, assim como fizera na carta mencionada acima, buscou apoio e aproximação junto a um dos arcebispos mais proeminentes de meados do século X, estando este, inclusive, estreitamente relacionado com os otônidas.<sup>184</sup>

Essa conexão com as pessoas mais próximas dos círculos sociais dos reis germânicos é perceptível ainda mais diretamente em uma terceira epístola, enviada entre 942 e 946 a Bruno, o irmão de Otão I e futuro arcebispo de Colônia. Nela, Ratério solicitou ao seu interlocutor leitura e possíveis correções de *Praeloquia*, cuja cópia foi incluída na correspondência.<sup>185</sup> Fazendo alusão à sua delicada situação pessoal decorrente da perda da diocese de Verona, ele se coloca como um fiel servidor de Bruno: “[...] minha miséria será aliviada por sua clareza, apenas se eu puder prestar um serviço digno e adequado à Vossa Senhoria, como um servo fiel à sua honra e um auxiliar muito confiável”.<sup>186</sup>

As cartas enviadas aos bispos não foram o único tipo de atividade literária no período. Em função de sua formação intelectual beneditina na juventude, Ratério também escreveu documentos ligados à sua identidade monástica. A Pedro de Veneza, que estava em vias de se tornar monge, enviou em 939 as principais orientações para as quais ele deveria se atentar, visando o exercício ideal do ofício. Conforme acordado na Regra de São Bento, a conversão à vida monástica precisa vir acompanhada do abandono pleno dos hábitos e das propriedades no âmbito secular. Assim como havia assinalado anteriormente em *Praeloquia*, Ratério reiterou a necessidade de manter a luta constante contra os vícios mundanos inspirados pelo Diabo: “Pois deixar o mundo terreno e seguir a Deus nada mais é do que provocar o Diabo

---

<sup>181</sup> BR, p. 31: “Librum [Praeloquia] propterea me tollere difficultas prohibuit ullum praeter istum, quem vestrae, domine mi, dirigo legendum fidei mihi que ocus remittendum: legendum, ut inepta per vos emendentur eiusdem; remittendum, ut eum regrediens habere valeam comitem”.

<sup>182</sup> BR, p. 31: “Maximam de cetero in vestra clementia habere desiderans fiduciam, de servitio vestro me, precor, potestative commune faciatis. Paratissimum namque ad omnia, quae libuerit praecipere, me pro posse noveritis esse”.

<sup>183</sup> ANTON, Hans Hubert. *Geschichte des Bistums Trier im frühen Mittelalter: Vom ausgehenden 5. Jahrhundert bis zur ersten Hälfte des 10. Jahrhunderts (480/500-930)*. In: HEINEN, Heinz; ANTON, Hans Hubert; WEBER, Winfried (Eds.). *Geschichte des Bistum Trier*. Im Umbruch der Kulturen. Spätantike und Frühmittelalter. Trier: Paulinus Verlag, 2003, p. 282.

<sup>184</sup> *Ibidem*, p. 280.

<sup>185</sup> BR, p. 32: “[...] opusculum hoc [Praeloquia] examini quoque vestri dirigo dominatus, studens et illud correctius recipere et notitiam nostri per hoc vestrae generositati ingerere”.

<sup>186</sup> BR, p. 32-33: “[...] meam per vestram claritudinem relevandam destitutionem, tantum condignam congruamque vestro dominatui impendere valeam servitutum, fidelis ad vestrum decus vestri per omnia clientulus commendatorque per cuncta fidissimus”.

à luta, e buscar laços com os homens mundanos nada mais é, também, do que dar a mão direita da paz ao inimigo”.<sup>187</sup>

Ainda que estivesse afastado do monastério de Lobbes há aproximadamente duas décadas, Ratério aparenta ter mantido ligações com a sua comunidade monástica formadora, uma vez que, entre 939 e 944, quando estava na região da Provença, escreveu aos monges locais a respeito da hagiografia de Santo Ursmar, um dos fundadores da abadia no século VII.<sup>188</sup> Ele teria encontrado um manuscrito contendo algumas das virtudes desse senhor e patrono, mas julgou que o texto carecia de revisões: “Eu assumo a correção apenas daqueles erros da obra que podem causar desentendimento aos leitores ou alienar o interlocutor com suas grosserias”.<sup>189</sup> Tendo escrito então a *Vita Ursmari Tertia*<sup>190</sup>, Ratério demonstra que o cargo episcopal em Verona não solapou a identidade monástica e o interesse em estabelecer laços com os monges lobbianos:

Receba esta [a hagiografia corrigida], amados santos Pais, de seu, não ousarei dizer filho, mas certamente servo, e, ainda, temerário fugitivo, fruto de sua instrução, compare-a com clareza com as obras que são lidas em sua companhia [...] decida com sua maior prudência e gosto qual é a melhor.<sup>191</sup>

A mobilização epistolar de Ratério indica que tentou estabelecer conexões com figuras importantíssimas do período, dando atenção especial ao diálogo com bispos presentes nas redes de contato dos otônidas. Uma vez que incluiu em cada correspondência um manuscrito de *Praeloquia*, as cartas demonstram sua tentativa de se inserir numa seleta rede intelectual composta principalmente por bispos e arcebispos de diferentes dioceses, de forma que ele e seus escritos se tornassem mais conhecidos.<sup>192</sup>

<sup>187</sup> BR, p. 26: “Relinquere enim saeculum et sequi Deum non est aliud nisi ad certamen provocare diabolum, amicitias vero postea saecularium ambire nil aliud quoque quam pacis dextras inimico dare”.

<sup>188</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 286. La production hagiographique à Lobbes au Xe siècle. In: **Revue Bénédictine**, vol. 93, 1983, p. 245-259. GOLINELLI, Paolo. Nota su Raterio agiografo. In: **Mittellateinisches Jahrbuch**, 24-25, 1989/1990, p. 125-131.

<sup>189</sup> BR, p. 28: “Quod cum non parum pro tempore nos offendisset, curavimus ea eiusdem operis solummodo corrigere vitia, quibus aut in sensu lectoris naufragare poterat intellectus aut quae nimia sui deformitate fastidium ingererent aduientibus”.

<sup>190</sup> DOLBEAU, François. Édition de la Vie de saint Ursmer, rédigée par Rathier de Vérone. In: **Rathier de Vérone**. Lecteur, remanieur et centonisateur. Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2021, p. 303-339.

<sup>191</sup> BR, p. 28-29: “Ricipiat igitur vestrae paternitatis sanctissima caritas hunc a vestro, non audemus dicere filio, sed servulo et equidem, pro nefas, fugitivo quantumcumque benigne instructionis vestrae fructum et cum his, quae apud vos leguntur, caritative conferat [...] discernat prudentissimum urbanitatis vestrae palatum, quid ex his melius”.

<sup>192</sup> Sobre os impactos sociais das correspondências epistolares: BEUNZA, José Maria Imízcoz; RUIZ, Lara Arroyo. Redes sociales y correspondencia epistolar. Del análisis cualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. In: **Redes**. Revista hispana para el análisis de redes sociales, vol. 11, 2011, p. 98-138.

De acordo com um relato posterior de Folcuíno, Ratério teria se tornado por volta de 950 num dos pensadores mais importantes no palácio do Sacro Império Romano Germânico.<sup>193</sup> Além disso, Liuprando de Cremona fez menção direta e elogiou a qualidade de *Praeloquia* e de seu autor<sup>194</sup>. Em suma, apesar da tradição manuscrita da obra ser extremamente fragmentária para apontar os seus impactos – como mencionado, apenas um exemplar datado do século X foi preservado –, podemos concluir que o texto e o caso de Ratério enquanto bispo exilado de Verona eram assuntos correntes no período, dos quais principalmente os prelados da Península Itálica tinham algum conhecimento.<sup>195</sup>

As ideias evocadas em suas obras não estavam restritas a um debate intelectual/teológico, mas carregavam aplicações políticas práticas. Em *Praeloquia*, por exemplo, embora grande parte do conteúdo descrito seja advindo diretamente de citações bíblicas e patrísticas, as formas dos argumentos e da narrativa serem constituídas são originais e provenientes das experiências pessoais do autor.<sup>196</sup> Nesse sentido, ao tentar delinear o que seria, para ele, a dinâmica ideal de funcionamento da Terra, na qual toda a Cristandade cooperaria visando a salvação eterna, Ratério enfatizou sua delicada condição pessoal enquanto bispo recém-destituído da diocese de Verona. Isso se traduziu na denotação da supremacia do poder episcopal, que não poderia ser subjugado pelas autoridades civis, tal como fizera o rei da Itália Hugo. Ambos precisariam trabalhar em conjunto para assegurar a harmonia celestial na Terra.

Ao serem anexadas junto às epístolas, essas concepções foram transmitidas a outros bispos. O propósito de Ratério, então, era estimular a circulação de seus conhecimentos da cultura letrada eclesiástica, demonstrando principalmente sua familiaridade com as Sagradas Escrituras e os textos dos Pais da Igreja. Por meio da expansão dessas ideias, ele poderia despertar a atenção de proeminentes figuras de autoridade do período sobre o seu caso, de modo a receber ajuda e solidariedade nos âmbitos espiritual e material. Essa mobilização também

<sup>193</sup> GaL, p. 64: “Advocatur Ratherius; et habetur inter palatinos philosophos primus”.

<sup>194</sup> “Rather, bishop of the same city, having been captured by the king, was consigned to exile in Pavia; there he began to write a book [Praeloquia] reflecting on his exile with sufficient humor and urbanity. Anyone who reads it will find several polished things there about this condition that will please the minds of readers no less than it will uplift them”. Extraído de: SQUATRITI, Paolo (Ed.). **The complete works of Liudprand of Cremona**. Antapodosis III. Washington: The Catholic University of America Press, 2007, p. 138.

<sup>195</sup> “This suggests that the message of Rather’s *Praeloquia* was known to some northern Italian prelates in the years following Rather’s exile, and that these bishops formed part of the initial intended audience of Rather’s invective against King Hugh.” Extraído de: WASSENAAR, op. cit., 2019, p. 231. Podemos supor também que Azzo, o bispo de Como que recebeu Ratério durante o exílio entre 936 e 939, e o prelado Atto de Verceli, estavam entre alguns dos outros possíveis leitores do texto: VIGNODELLI, Giacomo. Attone e Raterio. Un dialogo tra storiografia e filologia. In: **Filologia Mediolatina**. Studies in Medieval Latin Texts and Transmission, vol. 24, 2017, p. 221-288.

<sup>196</sup> DOLBEAU, op. cit., 1985, p. 63.

fomentaria debates e negociações sobre o ofício episcopal nas dioceses que, na melhor das hipóteses, permitiriam o retorno à Verona e a sua consolidação enquanto bispo. Por fim, através das cartas para Pedro de Veneza e para os monges de Lobbes, ele ainda demonstrou que o monasticismo beneditino, muito importante em sua formação na juventude, continuava a desempenhar um papel importante em suas reflexões, mesmo que estivesse profundamente envolvido em assuntos episcopais.

### 1.2.2) A breve retomada da sede episcopal (946-948)

As reivindicações de Ratério, testemunhadas nas fontes analisadas acima, parecem ter surtido efeito com certa rapidez: em 946, ele retomou o controle da diocese de Verona.<sup>197</sup> Ainda que as circunstâncias desse retorno não sejam fáceis de serem detalhadas com precisão, podemos tentar conectá-lo com a situação política do Reino da Itália. Desde a coroação em 926, o rei Hugo buscou consolidar sua autoridade política designando as pessoas mais próximas de seu círculo social para ocuparem importantes ofícios de poder ao longo da Península.<sup>198</sup> Nesse sentido, nomeou seu suposto aliado Berengário como marquês de Ivrea. Este, porém, não cumpriu com as expectativas do rei: em 943, diante das reivindicações de novos condes locais e suas famílias<sup>199</sup>, abandonou o marquesado e se exilou no Reino Franco Oriental, onde estabeleceu relações com Otão I.<sup>200</sup>

A autoridade de Hugo também foi contestada em outras partes da Península. Guido, poderoso bispo da diocese de Modena, estava entre os opositores ao rei, bem como o conde de Verona Milo. Esses adversários políticos do poder real consideraram Berengário um possível substituto de Hugo. Para tanto, contando com o suporte de Otão I, ele foi reconduzido à Ivrea pelos mesmos em 945, portando, ainda, o privilégio do título de marquês. Todavia, passou a dividir o poder político com outras figuras regionais em razão da criação de marquesados menores nas cercanias, como Piemonte e Ligúria.<sup>201</sup> Nesse cenário desfavorável, Hugo viu sua margem de influência política na Península drasticamente reduzida e resolveu negociar com

<sup>197</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 280.

<sup>198</sup> D'ACUNTO, Nicolangelo. Le elezioni vescovili nel Regnum Italiae tra contesti locali e sistemi a vocazione universalistica (secoli X-XI). In: **Chiese locali e chiese regionali nell'alto medioevo**. Spoleto: Fondazione Centro Italiano di Studi sull'Alto medioevo, 2014, p. 657. Foi o caso, como vimos, da nomeação de Hilduino para o arcebispado de Milão, que pôde indicar Ratério para sucedê-lo em Verona.

<sup>199</sup> Entre alguns dos motivos de insatisfação estaria a tentativa de Hugo de minar a hereditariedade dos cargos condaís, que era um dos alicerces do poder da aristocracia lombarda.

<sup>200</sup> SERGI, Giuseppe. The Kingdom of Italy. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 354.

<sup>201</sup> *Ibidem*, p. 355.

seus oponentes: em 946, abdicou do trono real em favor de seu filho Lotário, retornando na sequência para sua região de origem, a Provença. Em compensação, concedeu a Berengário o título de conselheiro, que se tornou o responsável de fato pela condução política efetiva do reino.<sup>202</sup>

Nesse quadro mais amplo de disputas na Península Itálica que a volta de Ratério à Verona deve ser compreendida.<sup>203</sup> A partida de Hugo, o rei que o havia destituído da diocese e aprisionado em Pavia em 934, foi essencial para esse retorno.<sup>204</sup> Não há elementos suficientes para afirmar com convicção que os contatos com importantes figuras de poder por meio do envio de *Praeloquia* e das epístolas analisadas acima tenham contribuído diretamente para a retomada do ofício episcopal. Essa hipótese, entretanto, parece ser plausível, uma vez que o rei Otão I começou a intervir na Península Itálica por volta de 940, tendo em vista a supracitada relação com Berengário. Ratério, por sua vez, estabeleceu no mesmo período contatos com alguns dos prelados mais próximos dos otônidas.<sup>205</sup>

Ele se tornou então bispo de Verona no lugar de Manasses, o sobrinho de Hugo que estava na função desde sua destituição em 934, preterido pelo conde Milo e por Berengário em razão dos vínculos com o antigo rei.<sup>206</sup> Contudo, a relação de Ratério com os clérigos e a população local logo se deteriorou, estimulada tanto por Milo quanto por Manasses a se revoltar contra o bispo.<sup>207</sup> Perante esse contexto delicado, foi obrigado a abdicar em 948 da função episcopal em Verona em favor de Manasses, que contava com o apoio de seu primo Lotário, o rei da Itália.<sup>208</sup> Após a morte deste, em 950, Berengário deixou de ser apenas conselheiro e obteve oficialmente o título real. Seu aliado, o conde Milo, conseguiu assegurar a influência desse grupo político em Verona ao comprar a sede episcopal de Manasses em favor de seu sobrinho homônimo.<sup>209</sup>

---

<sup>202</sup> “King Hugh, as he could not avoid the divine opposition and outshine Berengar, having left Lothar behind and entrusted him to Berengar’s care through a counterfeit peace, set out for Provence with all the wealth”. Extraído de: SQUATRITI, Paolo (Ed.). **The complete works of Liudprand of Cremona**. Antapodosis V. Washington: The Catholic University of America Press, 2007, p. 192.

<sup>203</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 80.

<sup>204</sup> Ibidem: “Raterio avvebre piuttosto sfrutatto la situazione creata dall’ascesa berengariana per essere presente al momento della divisione delle spoglie e riottenere così il suo vescovado”.

<sup>205</sup> Hipótese semelhante foi mencionada brevemente em: KURDZIEL, Emilie. La vie est un sport de combat. L’agon dans l’oeuvre de Rathier de Vérone (v. 899-974). In: BOUGARD, François; LE JAN, Régine; LIENHARD, Thomas (Eds). **Agôn**. La compétition, Ve-XIIe siècle. Turnhout: Brepols, 2012, p. 322.

<sup>206</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 81: “Raterio era divenuto una pedina importante nel gioco politico di Berengario e Milone contro Ugo, Lotario ed eventuali sostenitori, come poteva ridiventare Manasse, il quale si trovava ora escluso da Verona”.

<sup>207</sup> Ibidem, p. 81-82.

<sup>208</sup> KURDZIEL, op. cit., 2012, p. 324. Lotário, importante relembrar, era o filho e sucessor direto de Hugo de Provença.

<sup>209</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 86-87.

### 1.2.3) O novo exílio e a ampliação do recurso epistolar (948-951)

Quanto a Ratério, se exilou outra vez e buscou refúgio no Reino Franco Oriental, estreitando ainda mais as relações com os otônidas.<sup>210</sup> Ele foi de fato recebido por Liudolfo em 948, um dos filhos de Otão I.<sup>211</sup> Este soberano, ao saber que Berengário assumiu o trono real italiano – a quem já havia dado suporte contra Hugo em 943 –, encontrou uma condição favorável para intervir diretamente no Reino. Ele de fato atravessou os Alpes em 951, chegando em Pavia em setembro do mesmo ano sem qualquer oposição. No entanto, as incursões dos magiares e a rebelião na Germânia fomentada por seu filho Liudolfo forçaram seu retorno em fevereiro de 952, impedindo que permanecesse por mais tempo a ponto de afastar Berengário do trono para se consolidar como rei da Itália.<sup>212</sup>

Apesar disso, a expedição militar foi decisiva para marcar o fortalecimento da influência otônida na região, dado que Otão I passou a ser designado na documentação diplomática germânica como rei dos Lombardos e da Itália a partir de 951.<sup>213</sup> Ele ainda seria, em fevereiro de 962, coroado Sacro Imperador em Roma pelo papa João XII.<sup>214</sup>

Ratério acompanhou o Rei Germânico nessa viagem em 951 visando a retomada de seu poder episcopal, mas a situação em Verona impediu que fosse reinstalado no comando dessa diocese. Embora estivesse próximo de Otão, a complexidade do contexto local não permitia uma troca repentina de bispos a partir somente da interferência externa otônida. Conforme exposto acima, em 950 Manasses havia cedido o bispado a Milo, sobrinho do conde. Desse modo, os cargos condal e episcopal em Verona passaram a ser ocupados por pessoas pertencentes a um mesmo grupo familiar, que se tornou uma força política bastante importante da região.<sup>215</sup> Diante dessas circunstâncias, Otão não podia ignorar a influência de Milo e reinstalar seu aliado Ratério no comando da diocese por meio da imposição. Ele optou, na realidade, por balancear sua intervenção, levando em conta o papel das forças políticas locais

---

<sup>210</sup> REID, op. cit., 1991, p. 7.

<sup>211</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 85-86.

<sup>212</sup> SERGI, op. cit., 1999, p. 356.

<sup>213</sup> Em outubro daquele ano, quando ainda estava em Pavia, Otão I emitiu um diploma de imunidade ao monastério de Santo Ambrósio em Milão, se apresentando como “Otto dei gratia rex Francorum et Langobardum”. SICKEL, Theodor (Ed.). **Die Urkunden Konrad I., Heinrich I. und Otto I.** (Conradi I., Heinrici I. et Ottonis I. Diplomata). Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1879-1884, p. 218. No mesmo mês, ele ainda concedeu ao bispo Hartberto os direitos fiscais sobre o condado de Coira, e iniciou o documento se colocando como “Otto dei gratia rex Francorum et Italicorum”. Ibidem, p. 219.

<sup>214</sup> SQUATRITTI, op. cit., 2007, p. 221: “There he was received with wondrous pomp and new ceremonial, and he received the anointment of imperial rule from the same supreme pontiff and universal pope John”.

<sup>215</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 87.

já existentes antes de sua expedição em 951.<sup>216</sup> Consequentemente, Milo, embora próximo do rei da Itália Berengário, foi reconhecido bispo de Verona por Otão.

Sobre essas contestações e os conflitos desencadeados em prol da diocese entre 948 e 951, Ratério escreveu três epístolas, nas quais forneceu interpretações pessoais a respeito dos acontecimentos que culminaram na sua segunda destituição.<sup>217</sup> Os documentos foram produzidos durante ou imediatamente após a expedição do Rei Germânico na Península Itálica, o que evidencia a tentativa do autor de reestruturar o seu poder episcopal na região, se valendo, para tanto, do crescimento da influência otônida.

Numa correspondência endereçada ao papa Agapito II, Ratério deu a sua visão com relação às disputas pela sede episcopal desde 931, reivindicando uma decisão pública do Sumo Pontífice<sup>218</sup> em coerência com os cânones sagrados:

Mas se você pergunta sobre a pessoa que está reclamando, gritando e lamentando problemas: eu sou, meu senhor, o pobre miserável, que foi dado aos veronenses como bispo e lá esteve todos os dias, mas foi entregue à destruição, sobre a qual eu aqui lamento; cuja perseguição quase o mundo todo pareceu conspirar para tal; miserável e destituído da ajuda de todos, mesmo de meus próprios parentes.<sup>219</sup>

O antigo bispo se diz incomodado por ser visto e conhecido pelos demais como um “giróvago”<sup>220</sup>, e, por jamais ter sido capaz de encontrar alguém que mediasse seus conflitos, faz

<sup>216</sup> “Per riassumere possiamo perciò affermare che le elezioni episcopali nel *Regnum Italiae* devono essere comprese entro un quadro molto mosso e diversificato, nel quale i poteri locali e le comunità cittadine da un lato interagivano variamente con un sistema, quello della Chiesa regia, abbastanza consolidato nei suoi meccanismi almeno a partire dall’età carolingia, dall’altro a partire della metà del secolo XI si misuravano con il crescente protagonismo pontificio”. Extraído de: D’ACUNTO, op. cit., 2014, p. 652.

<sup>217</sup> De acordo com a edição de Fritz Weigle (1949), as três cartas foram produzidas entre outubro e novembro de 951. Desse modo, não podemos estabelecer uma ordem cronológica precisa. Expusemos neste texto de acordo com a disposição que as epístolas aparecem nas edições tanto de Weigle quanto de Reid. É provável que elas tenham sido compostas ao menos em partes já em Lobbes, onde Ratério retornou no final de 951 e permaneceu por três ou quatro meses, até o início de 952 (CERVATO, op. cit., 1993, p. 88).

<sup>218</sup> Conforme discutido no caso do conflito pela sucessão da diocese de Liège em 920, o papa passou a ampliar sua margem de influência sobre as decisões e nomeações episcopais ao longo do século X. Antes desta epístola de Ratério ser escrita, Agapito II já havia assinalado, em 950, a validade da consagração de Milo para a função episcopal em Verona, em substituição a Manasses: ZIMMERMANN, Harald (Ed.). **Papstregesten 911-1024**. In: Böhmer, J. F. *Regesta Imperii*. 2, die Regesten des Kaiserreichs unter den Herrschern aus dem sächsischen Hause, 919-1024. Viena: Böhlau, 1969, p. 66, n. 225.

<sup>219</sup> BR, p. 34: “Quodsi de persona conquerentis, vociferantes et prae angustia clamantis requiritis: ego, ego sum, domine, miserrimus ille, qui Veronensibus datus episcopus, ipso, ut ita neque absurde loquar, die destinatus sum, quam hic deploro, perditioni. In cuius persecutione ita omnis pene quasi coniuravit mundus, ut miserrimo omniumque etiam consanguineorum auxilio destituissimo mihi visum saepissime sit”.

<sup>220</sup> BR, p. 35: “Gyrovagum”. Conforme mencionado pelo próprio editor (Weigle, 1949), o termo foi extraído do primeiro capítulo da Regra de São Bento para representar pejorativamente os monges sem comprometimento, constantemente em trânsito em função das instabilidades do mundo terreno.

um apelo à sede pontifical de Roma.<sup>221</sup> Ratério afirma que teria sido vítima de uma conspiração do rei Hugo em 934<sup>222</sup>, que, trazendo de todos os lados perseguidores e inimigos, teria provocado uma reação contra ele, o que criou um pretexto para seu afastamento da diocese e prisão em Pavia.<sup>223</sup>

Após o período de 12 anos entre reclusão e exílio, Ratério foi reinstalado no comando da sede episcopal de Verona em 946. Porém, cita que os dois anos seguintes foram perturbadores, pois o conde Milo e o arcebispo de Arles e Milão Manasses (o mesmo que o havia substituído em 934) jamais permitiram que as atribuições de seu cargo fossem executadas em sua plenitude e com ampla segurança:

Para eu tentar dizer do martírio pelo qual eu sofri por dois anos pelas artimanhas do mesmo conde Milo, você pensaria que é uma história [inverossímil]. Para contar apenas sumariamente, o mais breve possível: desde que ele despertou todos os clérigos, soldados, fazendeiros e servos contra mim, eu não ousei convocar um sínodo, nem mesmo presenciar alguma assembleia dos clérigos, e tampouco mencionar algo que deveria ter sido corrigido ou proibido.<sup>224</sup>

O autor relata especificamente um episódio ocorrido durante um sínodo: “o arcebispo [Manasses], acompanhado de todos os clérigos, partiu, deixando-me sozinho na Igreja, e se apropriou de uma outra Igreja para si próprio contra mim”.<sup>225</sup> A correspondência, a partir de então, assume um tom de denúncia ao papa Agapito II: “Uma aberta conspiração contra a lei canônica! [...]”.<sup>226</sup> Numa crítica explícita ao arcebispo Manasses, que teria idealizado uma armadilha contra o bispo de Verona, Ratério parafraseia um Falso Decreto<sup>227</sup> do Papa Calisto

<sup>221</sup> Ibidem: “Hoc ad meae quoque, peccatis merentibus, damnationis cumulum, quod nec apud vestram sacratissimam sedem neque apud aliquem principum vel potentum intercessorem invenire numquam valui ullum. Ut autem quondam Paulus caesarem, ita ego appellabam Romanam sedem”.

<sup>222</sup> De acordo com o próprio Ratério, Hugo se mostrou relutante com a nomeação de Ratério, em outubro de 931. BR, p. 36: “Displicuit hoc non parum regi contraria molienti”.

<sup>223</sup> BR, p. 36: “Adhibuit undique persecutores et adversarios, qui aut deterrent me, ut effugerem, aut irritarent, ut in illum excederem et ut expellendi me invenerit occasionem. Nactus est: cepit me, retrusit in custodiam in quadam Papiæ turricula”. A reação à qual Ratério se refere é, provavelmente, a sua colaboração na invasão da Península Itálica por Arnulfo da Baviera em 934.

<sup>224</sup> BR, p. 38: “Quod martyrium versutiis eiusdem Milonis per biennium pertulerim, satagam si referre, historiam putetis. Summan tantummodo ut brevissime compreendam: Omnes clericos, milites, colonos et famulos ipso contra me patrocinante, non synodum agere, non capitulo clericorum interesse, non aliquid, quod emendandum esset, audebam solummodo commemorare, statuere quidlibet vel destituere”.

<sup>225</sup> BR, p. 38: “Hoc adeo processit, ut quadam die, dum ordines ecclesiasticos agerem, archidiaconus cum omni clero exiens me solum in ecclesia relinqueret et alteram sibi contra me vindicaret”.

<sup>226</sup> BR, p. 38: “O legis canonice publica coniuratio!”.

<sup>227</sup> Os Decretos de Pseudo-Isidoro são uma coleção de falsificação de documentos canônicos redigidos por clérigos entre 830 e 840, que compilaram textos que teriam sido supostamente escritos pelos primeiros papas, conferindo certa legitimidade às normas elencadas. HINSCHIUS, Paul (Ed.). **Decretales pseudo-Isidorianae**. Leipzig: Scientia Verlag, 1863. Para uma exposição geral do tema: UBL, Karl; ZIEMANN, Daniel (Eds.). **Fälschung als Mittel der Politik?** Pseudoisidor im Licht der neuen Forschung. Gedenkschrift für Klaus Zechiel-Eckes. MGH Studien und Texte 57. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2015. Retomaremos a discussão no capítulo 2.

I: “Se algum metropolitano [arcebispo] tentar fazer algo além do que diz respeito a sua própria paróquia em si, isso representará um enorme perigo”.<sup>228</sup> De acordo com ele, Manasses deveria limitar suas atividades aos seus próprios arcebispados em Arles e Milão, não intervindo na diocese de Verona, sob o comando de outro bispo.

Diante dessas dificuldades para cumprir com as obrigações do ofício episcopal, Ratério optou, seguindo as recomendações do rei da Itália Lotário (filho de Hugo), por abandonar a diocese em 948, deixando o cargo para Manasses.<sup>229</sup> O autor também faz menção à tentativa fracassada de retomada de Verona, dois anos depois, mesmo tendo recebido apoio de Otão I: o sobrinho do conde Milo já havia obtido e comprado de Manasses a sede episcopal, se consolidando nesse cargo.<sup>230</sup>

Em virtude das violações à lei canônica que teriam sido cometidas, segundo ele, nas suas duas destituições, Ratério faz um apelo ao Sumo Pontífice, que deveria decidir publicamente quem seria o bispo de Verona por direito, Milo ou ele.<sup>231</sup> Na audiência, aqueles que invadiram a Igreja durante o seu bispado, vistos como ladrões, deveriam se sujeitar aos termos canônicos na Sede Apostólica.<sup>232</sup> Ao final da correspondência, o autor pontua com muita clareza suas intenções, conclamando a supremacia da autoridade papal em prol de seus interesses pessoais enquanto clérigo da região de Verona:

Para resumir brevemente o que desejo: quero ser estabelecido como o verdadeiro bispo dos veronenses, ou então não ser bispo de ninguém. Isso não significa que eu seja um bispo universal. Eu estou exausto de tanto me deslocar e de ter que dizer aos outros as razões de meu constante trânsito. [...] você [papa Agapito II] não pode deixar o assunto [sobre quem é o verdadeiro bispo de Verona] indefinido, sem que isso represente o maior perigo, uma vez que emergiu uma controvérsia sobre essa questão.<sup>233</sup>

<sup>228</sup> BR, p. 39: “Si quis metropolitanus, nisi quod ad suam solummodo pertinet parochiam, agere temptaverit, gradus sui periculo subiacebit”.

<sup>229</sup> BR, p. 40: “[...] affuit missus regis Lotharii praecipientis, ut urbe decedens darem locum Manasse sedem meam invadendi.”.

<sup>230</sup> BR, p. 40: “Sed impedivit, quod alterum illic institutum rex invenit, Milionis scilicet nepotulum, ne difficile sit coniectare, cuiusce rei causa tanta mihi intulerit mala, cui quidem Manasses sedem vendiderat”.

<sup>231</sup> BR, p. 42: “[...] ad pedes apostolatus vestri me prosterno et, quis e nobis duobus, cum una ecclesiae sedes duos non admittat sedentes, episcopus sit, audire cupio”.

<sup>232</sup> BR, p. 42: “[...] audientiam rogo, audientiam flagito invasoremque ecclesiae meae cum ipso pastorum omnium pastore audaciter furem vocitans et latronem [...] coram apostolatu vestrae sedis ad certamen canonicum provoco”.

<sup>233</sup> BR, p. 43: “Verum ut in breviloquio comprehendam, quod opto: aut Veronensium esse convincar aut nequaquam episcopus. Universalem namque me praesulem esse non consequitur ullatenus, et taedet me in hoc vel errare vel errandi aliis causas praebere diutius. [...] vestrae pastoralitatis decernere debeat provisio. Absque maximo vestri, si dicere audeam, periculo, quandoquidem controversia inde orta est, indiscussum rel inquere non valetis omnino”.

Em outra carta endereçada de forma geral aos bispos companheiros da Gália, Germânia e Itália, ele solicitou que seu impasse enquanto prelado destituído de Verona fosse considerado.<sup>234</sup> De maneira semelhante ao que havia manifestado no documento enviado ao papa Agapito II, Ratério demanda um julgamento em concordância com as leis canônicas: “Eu então faço o mais sério chamado ao seu grupo sagrado [dos bispos]. Pelo amor da verdade, que é Cristo, eu imploro por conselho e ajuda, o que é nada mais do que uma convenção sinódica e a lei estabelecida pelos Pais Santos”.<sup>235</sup>

Eles deveriam julgar se a sua destituição do bispado de Verona foi correta, ocorrida antes das verdadeiras causas e explicações do fato terem vindo efetivamente à tona.<sup>236</sup> Em outras palavras, Ratério, assim como tinha pedido ao Sumo Pontífice, exige que os invasores de sua Igreja se sujeitem ao parecer da comunidade episcopal: “Eu faço a convocação e demando um concílio. Com o Pastor dos pastores, eu intimo o invasor e ladrão da minha Igreja [...] eu o desafio para um julgamento na corte dos cânones”.<sup>237</sup>

O terceiro texto produzido no contexto da segunda destituição de Verona é um apelo a todos aqueles que desejam a execução plena das leis de Cristo.<sup>238</sup> Ratério admite que a privação do bispado tem causado prejuízos enormes em sua remuneração, e, por essa razão, se vê obrigado a implorar por caridade.<sup>239</sup> Fazendo alusão aos Coríntios, ele não hesita em evocar a necessária compaixão mútua entre todos os cristãos: “Um outro diz ‘eu não odeio ninguém que seja cristão’; então você ama todos os cristãos, não há uma terceira alternativa. E esse é o amor que o apóstolo coloca acima até mesmo do martírio”.<sup>240</sup>

Afinal, de acordo com os Salmos, “abençoado é aquele que considera o pobre e o necessitado”<sup>241</sup>, no caso, o próprio autor do documento. A carência por recursos aflagada desde

<sup>234</sup> Do mesmo modo como analisamos na epístola a Guido e Sobo, Ratério faz menção ao necessário suporte mútuo entre os bispos, pautado nas ideias da *Collectio Anselmo Dedicata*. BR, p. 43: “Dominis patribus et reverentissimis compraesulibus per universam Italiam, Galiam atque Germaniam in Domino constitutis Ratherius peccator et exul”. Nesta epístola, porém, ele não indicou quais seriam os destinatários específicos.

<sup>235</sup> BR, p. 44: “[...] vestrum sacratissimum coetum constantissime appello. Consilium atque auxilium pro veritatis, quae Christus est, amore deprecor, non aliud nun tamne, quam synodicam conventionem et promulgatam a sanctis patribus legem”.

<sup>236</sup> BR, p. 43: “Adimi namque episcopo episcopatum, antequam causae eius appareat exitus, utrum ulli Christiano videri iure possit, vestrae paternitati dimitto iudicare”.

<sup>237</sup> BR, p. 44-45: “[...] concilium apelo, concilium flagito invasoremque ecclesiae meae cum ipso pastorem pastorem furem vocitans et latronem, quia scilicet aliunde ascendit, non per ostium introivit, ad certamen canonicum provoco”.

<sup>238</sup> BR, p. 45: “[...] omnibus legem Christi implere volentibus”.

<sup>239</sup> BR, p. 46: “Villicatu concessi praesulatus, hoc est Veronensis, privatus bonorumque omnium miserationi expositus, fodere ut huc usque inaniter laborando amplius non valens, remunerationis denario carens expersque omnimodi reditus [...] compulsus caritatem, sicubi est, requiro ingeminansque clamorem, meam ut respiciat, imploro, calamitatem”.

<sup>240</sup> BR, p. 47: “Nullum”, alius inquit, “odio Christianum”; ergo omnes diligis, nihil enim est tertium. Et haec est illa caritas, quam apostolus praefert etiam martyrio”.

<sup>241</sup> BR, p. 47: “Beatus, qui intelligit super egenum et pauperem”.

a perda do cargo episcopal é tão grande, que Ratério afirma não possuir meios para se dirigir até Roma e poder responder aos seus inimigos:

Mas me faltam recursos para isso; eu estou muito longe de Roma, e ainda é para esta Igreja que o assunto [perda de Verona] deve ser endereçado, se meu pedido há de ser concedido; e a generosidade dos imperadores há muito tempo abandonou o costume de providenciar veículos públicos para conduzir os bispos para os concílios (tal como nos dias anteriores da memória divina de Constantino). Dado que eu não desejo abandonar essa viagem essencial, e, como não me encontro apto para fazer isso, eu imploro pelo amor de Deus pela ajuda de todos os bons homens, não solicitando nada do homem perverso, apenas a assistência do amor.<sup>242</sup>

As três epístolas escritas entre outubro e novembro de 951 e a busca por apoio não surtiram o efeito desejado: o destituído e itinerante bispo não conseguiu recuperar seu poder na diocese de Verona, e nem há indícios de que um sínodo específico para este caso tenha sido convocado.<sup>243</sup> Por intermédio de um diploma de imunidade e proteção composto nesse mesmo ano, Otão colocou o bispado sob sua autoridade, confirmando a função episcopal a Milo, sobrinho do conde.<sup>244</sup>

Ao analisarmos a situação política de Ratério desde quando abandonou a vida monástica em Lobbes por volta de 920, é possível notar que sua trajetória, nas três décadas seguintes, foi extremamente conturbada. Ao acompanhar Hilduíno na viagem para a Península Itálica, ele decidiu se envolver em disputas pelo controle do ofício episcopal de Verona, o que engendrou atritos com diferentes agentes sociais, como os clérigos locais, o conde Milo, o bispo antecessor Manasses e o rei da Itália Hugo.

Apesar dessas instabilidades, os seus textos, como demonstrado ao longo deste capítulo, revelam as diferentes facetas de seu envolvimento no contexto político das décadas de 930 e 940 no Reino Italiano: embora não tenha alcançado pleno sucesso, Ratério desenvolveu estratégias para retomar seu poder episcopal em Verona. Após a primeira destituição em 934,

---

<sup>242</sup> BR, p. 48: “Facultas autem ilud cum desit agendi, maxime cum longius disparato Romana ob hoc adiri, si liceat, cogatur ecclesia, publicisque vehiculis, ut temporibus quondam divae memoriae Constantini, episcopos devehere ad concilia iam olim desueverit imperatorum munificentia, iter hoc tam necessarium infectum dimittere non volens, perficere non valens, bonorum omnium in hoc pro Dei amore auxilium rogo, malorum nulli aliquid inferens importunitatis, qui auxilium tantummodo flagito caritatis”.

<sup>243</sup> O papa Agapito II, por sua vez, parece ter mantido a sua decisão do ano anterior a respeito da legitimidade da nomeação episcopal de Milo (nota 218).

<sup>244</sup> “[...] et omnia illuc aspicientia inibi confirmo, eo tenore quo sub nostre permaneat aula defensionis nostreque providentie inmunitate perpetua; proinde volumus ut nullus iudex publicus aut ulli iuditiaria potestas aliquam in his exerceat potestatem in vicis aut in castellis aut in libellaris. Ad hanc ergo confirmationem iussimus hoc presens praeceptum conscribi et nostra auctoritate muniri manu nostra signatum et anuli nostri inpressione roboratum. Si quis autem infrigat, centum auri pondera quoactus exsolvat”. SICKEL, Theodor (Ed.). **Die Urkunden Konrad I., Heinrich I. und Otto I.** (Conradi I., Heinrici I. et Ottonis I. Diplomata). Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1879-1884, p. 217.

isso se traduziu na escrita de *Praeloquia* e na difusão de suas ideias através das epístolas. Caso fossem colocadas em prática, essas concepções presentes nos documentos poderiam, em sua visão, conduzir a sociedade a rumos mais condizentes com as virtudes cristãs, e ainda incrementar o prestígio pessoal do referido prelado diante das redes de contato que visava estabelecer. Para tanto, a partir do envio das correspondências, ele recorreu ao apoio de importantes figuras como os bispos Guido e Sobo, o arcebispo Rotberto, e mesmo Bruno, irmão do rei Otão I.

Essa mobilização foi certamente um dos fatores que permitiram sua segunda nomeação episcopal na diocese de Verona em 946. A complexa e instável situação política do Reino Italiano, porém, impediram a consolidação da mesma. Dois anos mais tarde, sob forte pressão do conde de Verona, Milo, e do arcebispo de Arles e Milão, Manasses, Ratério abandonou o cargo, solicitando mais uma vez o apoio de prelados conhecidos por meio das cartas. Ele ainda escreveu uma correspondência diretamente ao papa Agapito II. Apesar de expor argumentos em prol de sua causa e contar com o apoio de Otão I, podemos inferir que a força política do conde de Verona na região, sólida o suficiente para nomear seu sobrinho para o cargo episcopal, impediu que Ratério retomasse o comando do bispado em 951.

Os acontecimentos em terras italianas, todavia, serviram para aproximá-lo dos otônidas: a qualidade de sua produção literária e a riquíssima bagagem intelectual foram fatores que permitiram conexões próximas com Otão I e alguns dos bispos do Reino Franco Oriental. Evidência disso é a sua relação estreita com o chanceler Bruno, que se tornaria muito em breve arcebispo de Colônia. Esse contato foi fundamental para a nomeação bispal de Ratério em Liège em 953, evento que será detalhado no próximo capítulo.

## **Capítulo 2 – O retorno de Ratério à Liège (953-960) e os papéis de Folcuíno na abadia de Saint-Bertin (948-965)**

A primeira parte do segundo capítulo da dissertação abordará a volta de Ratério à diocese de Liège e ao monastério formador de Lobbes, após as tentativas frustradas de retomada do bispado veronense. Para tanto, exporemos as circunstâncias políticas que permitiram a nomeação em 953 para os respectivos cargos episcopal e abacial nessas instituições. Serão detalhados também os conflitos regionais na Lotaríngia que culminaram na sua destituição dois anos depois. Na sequência, exploraremos elementos da sua trajetória entre 955 e 960, período em que foi amparado pelo arcebispo de Mainz, Guilherme, e se tornou abade do pequeno monastério de Aulne. Nesse intervalo, foram escritos textos que tratam dos acontecimentos em Liège e tentam defender a legitimidade de suas funções e difamar os envolvidos na conspiração. Num segundo momento, iniciaremos a reconstituição e análise da trajetória de Folcuíno a partir da sua oblação beneditina na abadia de Saint-Bertin, no ano 948. Seu papel nesse monastério pode ser testemunhado pela escrita da *Gesta abbatum Sithiensium*, concluída em 962, três anos antes da nomeação abacial em Lobbes pelo bispo Eráclio, evento delimitador do presente capítulo.

### **2.1) Os obstáculos ao poder eclesiástico de Ratério em Liège e Lobbes (953-960)**

#### **2.1.1) O curto período entre a nomeação episcopal e o afastamento (953-955)**

No capítulo anterior foi discutida a impossibilidade de Ratério recuperar o bispado veronense após sua segunda destituição, em 948. Conforme verificado, o objetivo central de suas cartas era suscitar uma decisão pública do papa e dos bispos sobre a legitimidade da sua função episcopal, em detrimento de Milo. Apesar dessa mobilização e da presença direta de Otão I na Península Itálica, a preponderância política do grupo familiar do conde de Verona na região impediu que fosse cogitada a possibilidade de ele ocupar o cargo episcopal pela terceira vez em 951. A tentativa falha, por outro lado, o aproximou ainda mais do círculo social dos otônidas: suas obras parecem ter sido bem recebidas, já que, se colocando a serviço de Bruno, o irmão e chanceler de Otão I, passou a frequentar a escola palatina em 952 com muitos outros homens cultos letrados da época.<sup>245</sup>

---

<sup>245</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 88-89: “Dal luogo dove avrebbe voluto “perpetuo quiescere”, veniva chiamato, dopo la pasqua 952, alla scuola palatina; Ottone compensava così il mancato reinsediamento del vescovo sulla

As relações estreitas com as principais figuras do Reino Germânico foram determinantes para que Ratério se tornasse o novo bispo de Liège e, conseqüentemente, abade de Lobbes, em setembro de 953, substituindo Faraberto, que havia falecido em 23 de agosto.<sup>246</sup> De acordo com o clérigo Ruotger, autor da hagiografia de Bruno escrita entre 965 e 969, o suporte deste foi fundamental, já que via com bons olhos a eloquência, o zelo doutrinal e a rica bagagem intelectual de Ratério, o que caracterizaria uma nomeação episcopal em concordância com as leis canônicas.<sup>247</sup> Assim sendo, se tornou um homem de confiança do principal chanceler de Otão I.<sup>248</sup>

Tais momentos de sua trajetória devem ser interpretados à luz da expansão da influência otônida na Lotaríngia em meados do século X (ver o mapa 4 abaixo). Uma das maneiras do Rei Germânico incrementar a presença na região foi através da nomeação de indivíduos mais próximos do seu círculo social para cargos políticos de alta importância, ou então, por intermédio da aproximação com figuras ligadas às aristocracias locais.<sup>249</sup> Por esse motivo, Otão I designou em 944 seu genro e suposto aliado Conrado, o Vermelho, como duque

---

cattedra veronese. [...] Egli vedeva esaudita la sua richiesta, rivolta anni prima (942-946) a Bruno fratello e cancelliere di Ottone I, di poter entrare al suo servizio e si trovava, primo tra gli altri, con filosofi, litterati, filologi i che Ottone andava raccogliendo in quegli anni”.

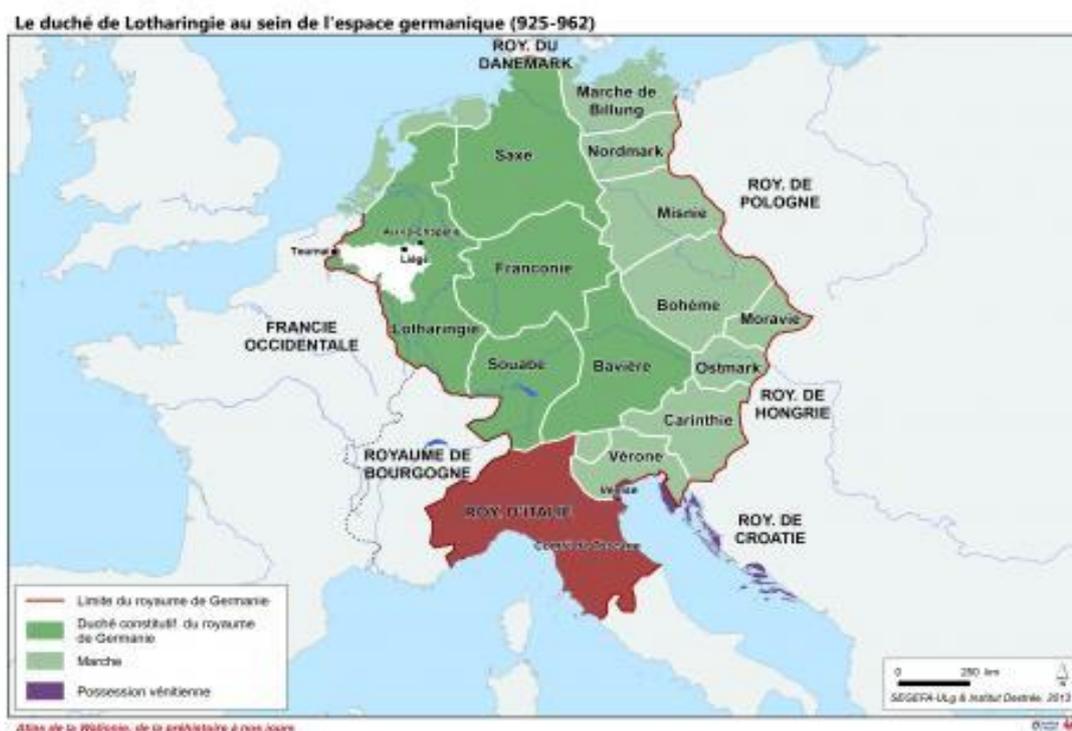
<sup>246</sup> Na primeira parte do capítulo 1, detalhamos os conflitos de sucessão pelo bispado de Liège que culminaram na partida de Hilduíno e Ratério para a Península Itálica em 920. Ricário foi então nomeado bispo, onde permaneceu até sua morte em 945. Sob a intervenção de Otão I, ele foi sucedido pelo clérigo Hugo, então abade de Saint-Maximin de Trier, que faleceu apenas 18 meses depois de sua nomeação. Entre 947 e 953, foi Faraberto quem comandou a diocese até sua morte, tendo sido então substituído por Ratério. Também havíamos mencionado que desde o final do século IX, os bispos de Liège passaram a exercer, simultaneamente, o cargo abacial em Lobbes. Sobre a história da sucessão episcopal: DIERKENS, Alain. **Abbayes et chapitres entre Sambre et Meuse: VIII-XIe siècles: contribution à l'histoire religieuse des campagnes du haut Moyen Âge**. Sigmaringen: J. Thorbecke, 1985, p. 129-132.

<sup>247</sup> PERTZ, Georg Heinrich (Ed.). **Vita Brunonis archiepiscopi Coloniensis**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum IV. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1841, p. 269: “Siquidem Ratherus, Veronae, quae civitas est Italiae, ordinatus presul, cum ex quadam levi suspitione, ut mos est gentis illius, ab honore propriae sedis esset expulsus, Leodicensi cathedrae vacanti magna eius industria [Bruno] secundum statuta canonum incardinatus est. Quod quidem propter abundantem doctrinam et eloquentiam copiosam, qua inter sapientissimos florere visus est, non eidem solum ecclesiae, cui pfeuit, sed et multis aliis circumquaque valde proficuum fore putatum est”.

<sup>248</sup> Ibidem, p. 269-270: “Simul quia in illis partibus per zelum et contentionem, unde fieri solet inconstantia et omne opus pravum, quidam etiam sacerdotes Domini plerumque, quod dictu nefas est, terrenae plus iusto confisi potentiae populum inperitum scandalizabant, saepe dictus saepeque dicendus domnus Bruno, cui iam totius regni dispensandi cura imminabat, ratus id, quod verum fuit, hunc eiectum antehac et neglectum hoc tanto beneficio ad illud fidei et veritatis faedus adduci, ut a nemine posset seduci; ita demum os loquentium inimica obstruere posse credit, si nulla occasio scandali posset in eorum episcopo reperiri”.

<sup>249</sup> HIRSCH, Paul. (Ed.). **Die Sachsengeschichte des Widukind von Korvei**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1935, p. 66-67. “Divina deinde laude dicta sacrificioque sollempniter celebrato descendebat rex ad palatium, et accedens ad mensam marmoream regio apparatu ornatam resedit cum pontificibus et omni populo; duces vero ministrabant. Lothariorum dux Isilberhtus, ad cuius potestatem locus ille pertinebat, omnia procurabat; Evurhardus mensae preerat, Herimannus Franco pincernis, Arnulfus equestri ordini et eligendis locandisque castris preerat; Sigifridus vero, Saxonum optimus et a rege secundus, gener quondam regis, tunc vero affinitate coniunctus, eo tempore procurabat Saxoniam, ne qua hostium interim irruptio accidisset, nutriensque iuniorem Heinricum secum tenuit.

da Lotaríngia, que inclusive acompanhou o rei na referida expedição militar à Península Itálica em 951.<sup>250</sup> No entanto, no ano seguinte, optou por participar da conspiração contra o reinado de Otão I promovida pelo filho deste, o duque da Suábia Liudolfo. Essa revolta obrigou a volta do Rei à Germânia, que logo privou ambos os revoltosos de suas respectivas funções ducais. Como consequência da deposição de Conrado, Otão nomeou em 953 seu irmão Bruno duque da Lotaríngia e, simultaneamente, arcebispo de Colônia.<sup>251</sup>



Mapa 4 - O ducado da Lotaríngia incorporado ao Reino Germânico (925-962)<sup>252</sup>

<sup>250</sup> Importante ressaltar que a Lotaríngia, até o final do século IX, era um reino independente, designado *regnum Lotharii*. Após a morte do rei Zuentiboldo em 900, se tornou uma entidade política na escala ducal sob constante influência dos Reinos Francos Ocidental e Oriental. Este, então, incorporou a Lotaríngia a partir de 925 em um complexo quadro político, no qual a aristocracia local manifestava constantemente o descontentamento com a perda da autonomia em função da ingerência dos reis germânicos. Um balanço historiográfico desses fenômenos foi feito por: MACLEAN, Simon. *Shadow Kingdom: Lotharingia and the Frankish World, c.850-c.1050*. In: **History Compass**, vol. 11, n. 6, 2013, p. 443–457. Ver também: MARGUE, Michael. Zwentibold, roi (895-900) et Gislebert, duc (928-939) du royaume de Lothaire. In: MARGUE, Michel; PETTIAU, Hérold (Eds.). **La Lotharingie en question**. Identités, oppositions, intégration. Lotharingische Identitäten im Spannungsfeld: zwischen integrativen und partikularen Kräften. Luxemburgo: Publications de la section historique de l’Institut Grand-Ducal de Luxembourg, 2018, p. 55-151.

<sup>251</sup> “Dans l’histoire de l’Empire, l’installation du propre frère du roi Otton Ier, Brunon (953-965), sur le siège archiépiscopal de Cologne marque un moment décisif: simultanément le souverain confiait à son frère la fonction ecclésiastique et la charge de duc de Lotharingie”. Extraído de: KUPPER, Jean-Louis. La part de l’empereur Lothaire Ier: aspects politiques, institutionnels et religieux (843-1056). In: GAILLARD, Michèle *et al* (Eds.). **De la mer du Nord à la Méditerranée**. *Francia Media*, une région au coeur de l’Europe (c. 840-c. 1050). Luxemburgo: CLUDEM, 2011, p. 25.

<sup>252</sup> Fonte: Atlas historique de la Wallonie, 2013. Disponível em: <http://connaitrelawallonie.wallonie.be/fr/histoire/atlas/le-duche-de-lotharingie-au-sein-de-lespace-germanique->

A nomeação episcopal de Ratério na diocese de Liège deve ser compreendida nesse quadro mais amplo de ocupação de cargos políticos regionais por pessoas muito próximas ao rei. Diante da tentativa de expansão do Reino Germânico por intermédio do controle e da incorporação da Lotaríngia à sua zona de influência, alguns dos bispos mais conhecidos por Otão I e sua família foram selecionados para, entre outros propósitos, representar os interesses da dinastia e consolidar a autoridade real sobre a região.<sup>253</sup>

Assim, uma vez que Bruno se tornou responsável em 953 pelo comando tanto do ducado da Lotaríngia quanto do arcebispado de Colônia, sua força política esteve revigorada o suficiente para nomear Ratério bispo de Liège e abade do monastério beneditino de Lobbes, logo após a morte de Faraberto.<sup>254</sup> Em suma, depois de passar mais de duas décadas na Península Itálica reivindicando o poder episcopal em Verona, Ratério se envolveu então com o processo de ampliação da influência política otônida sobre grande parte da Europa Ocidental, o que possibilitou o retorno à sua região de origem numa condição privilegiada enquanto bispo e abade.

A consolidação de seu poder eclesiástico em Liège e Lobbes, porém, foi impedida em razão do caráter extremamente oscilante do quadro político local. Em primeiro lugar, ocorreram nesses mesmos anos as incursões dos magiares que afetaram quase todo o Reino Germânico.<sup>255</sup> A respeito de Lobbes, em particular, é sabido que o monastério foi invadido pelos húngaros em 2 de abril de 954, o que causou grande destruição.<sup>256</sup> O abade Ratério, incapaz de proteger os edifícios, teve de se refugiar, abandonando a igreja abacial de São Pedro junto com os monges.

Além dos impactos desses ataques externos, a aristocracia da Lotaríngia demonstrava insatisfação não apenas com a nomeação de Ratério, mas principalmente com a crescente interferência do Reino Germânico, que minava grande parte da autonomia da

---

[925-962#.YMdukahKjIW](#). Acesso em 31 de maio de 2022. Em amarelo claro, está aproximadamente destacada a área sob influência da diocese de Liège.

<sup>253</sup> Sobre a influência otônida nas nomeações e sucessões episcopais durante o século X: BODE, Tina. **König und Bischof in ottonischer Zeit**. Herrschaftspraxis – Handlungsspielräume – Interaktionen. Husum: Matthiensen Verlag, 2015. PARISSE, Michel. Princes laïques et/ou moines. Les évêques du Xe siècle. In: **Il secolo di ferro**. Mito e realtà del secolo X. Settimane di studio del Centro italiano di studi sull'alto medioevo / 38. Spoleto: Fondazione CISAM, 1991, p. 449-513.

<sup>254</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 90. Importante destacar que a diocese de Liège pertencia ao arcebispado de Colônia. Isso significa que Bruno, enquanto o bispo metropolitano, tinha autoridade para controlar a sucessão episcopal em Liège, o que lhe permitiu entronizar Ratério em setembro de 953.

<sup>255</sup> MÜLLER-MERTENS, Eckhard. The Ottonians as kings and emperors. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 247.

<sup>256</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 280-281.

região.<sup>257</sup> A preponderância política de Bruno, o irmão de Otão I que passou a designar cargos eclesiásticos, foi um dos marcos mais representativos da influência otônida sobre a Lotaríngia, desencadeando uma reação brusca das forças políticas locais entre 954 e 955.

A aristocracia da região já havia manifestado, em outras oportunidades, descontentamento com a perda de seu prestígio em virtude do incremento da dependência com relação ao Reino Germânico. Gisleberto, o duque da Lotaríngia nomeado pelo rei franco oriental Henrique I em 928 – o primeiro da dinastia otônida –, decidiu se envolver em 939 numa rebelião contra Otão I, encabeçada por Henrique, duque da Baviera.<sup>258</sup> As razões que levaram Gisleberto a abandonar a fidelidade à linhagem dos soberanos germânicos não são claras, porém, é muito provável que tenha integrado em sua política os interesses da aristocracia lotaríngia (da qual de fato era proveniente), contrária à interferência de demais figuras de poder sobre a região.<sup>259</sup> A revolta, entretanto, foi logo reprimida por Otão, tendo causado a morte de Gisleberto em outubro do mesmo ano.<sup>260</sup>

Outros dois homens indicados pelo Rei Germânico assumiram o comando do ducado da Lotaríngia, o conde de Verdum Otão (940-944) e o já mencionado Conrado, o Vermelho (944-953), que também esteve presente numa manifestação contrária ao poder real.<sup>261</sup> Desse modo, podemos inferir que a incorporação da Lotaríngia ao Sacro Império em meados do século X foi acompanhada de muita resistência por parte dos duques e da aristocracia

---

<sup>257</sup> DIERKENS, op. cit., 1985, p. 116-117.

<sup>258</sup> MÜLLER-MERTENS, op. cit., 1998, p. 245: “An early failure by the young king against the sons of the Bavarian duke in 938 triggered off a series of uprisings in Saxony, Franconia and Lotharingia which lasted until 941. The heads of the rebellions and conspiracies were members of the royal family: Thankmar, who was killed in 938, and then Otto’s younger brother Henry. Duke Gislebert of Lotharingia sought his own advantage in supporting Henry”.

<sup>259</sup> “Als sich aber um Ottos Bruder Heinrich und Eberhard von Franken eine Aufstandsbewegung sammelte, schlossen sich Giselbert und weitere lothringische Magnaten an. [...] Auch für die zweite Hälfte von Giselberts Herrschaft wird eine tiefere Interpretation durch das Quellenmaterial limitiert, sodass erneut drei Beobachtung gemacht werden sollen: In der Gesamtschau fällt erstens die konstante Involvierung des lothringischen Magnaten in die westfränkische Politik auf. [...] Schließlich integrierte er [Giselbert] erfolgreich adlige Einzelinteressen in seine Politik und mobilisierte mehrfach lothringische Heere“. Extraído de: SCHUMACHER, Daniel. *Zwischen Ost- und Westfranken: Herzog Giselbert von Lothringen*. In: MARTINE, Tristan; NOWAK, Jessika (Dir.). **D'un regnum à l'autre: la Lotharingie, un espace de l'entre-deux? Vom Regnum zum Imperium: Lotharingien als Zwischenreich?** Nancy: Presses Universitaires de Nancy – Éditions Universitaires de Lorraine, 2020, p. 133-135. Alterações nossas.

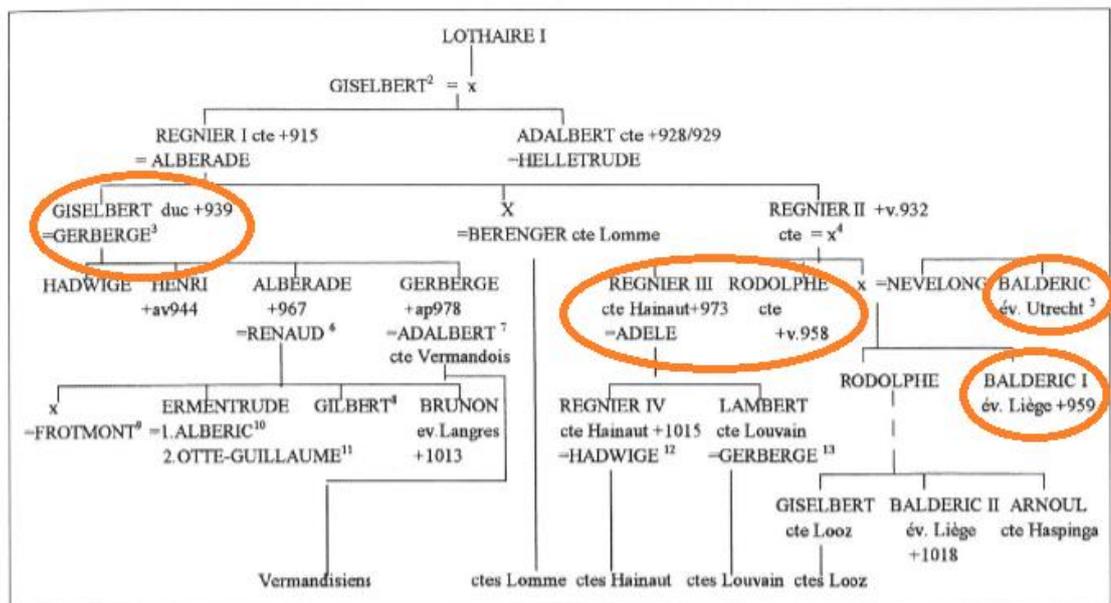
<sup>260</sup> “Eberhard was killed by swords; Gislebert was submerged by the waves of the Rhine, and, since he could not soak them up on account of their number, with his soul departing, he died; truly not one of the rest escaped who was not bound up alive or killed by the sword. Thus you see in what way the Lord lowered his hand on those who made trouble for a king whom he recognized as walking in his ways”. SQUATRITI, Paolo (Ed.). **The complete works of Liudprand of Cremona**. Antapodosis IV. Washington: The Catholic University of America Press, 2007, p. 165. “Two of Otto’s supporters were victorious at the battle of Andernach in 939 at the end of which Gislebert drowned in the Rhine. This success was enough to secure Otto’s position.”. Extraído de: PARISSÉ, Michel. *Lotharingia*. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 315.

<sup>261</sup> PARISSÉ, op. cit., 1999, p. 315-316.

local. Portanto, as reações às nomeações de Bruno em Colônia e de Ratério em Liège evidenciam a continuidade do descontentamento de forças políticas regionais opostas à expansão otônida.

Devemos inserir os eventos ocorridos em Lobbes em dezembro 954 nesse contexto mais amplo. De acordo com relatos posteriores de Folcuíno e Ruotger, enquanto Ratério celebrava o Natal de maneira esplêndida no monastério, uma grave conspiração se formou contra ele em Liège, liderada por Balderico, que pertencia a uma poderosa família da região e aspirava ocupar o cargo episcopal na diocese.<sup>262</sup> Por trás desse acontecimento está a mobilização de Reginaldo III, tio de Balderico e conde de Hainaut, que era sobrinho do duque Gisleberto, tendo inclusive apoiado este na já evocada rebelião de 939 (ver o quadro 1 abaixo).

263



Quadro 1 - A linhagem ducal da aristocracia da Lotaríngia<sup>264</sup>

A linhagem da família ducal na Lotaríngia demonstrou, mais uma vez, que a aristocracia regional não compactuava com os planos políticos de expansão dos otônidas a oeste: Gisleberto em 939, Conrado em 952 e, por último, Reginaldo em 954, foram três gerações

<sup>262</sup> GaL, p. 65: “Nam cum apud nos nativitate Domini festive et opipare celebraret, facta est in Leodio contra eum gravissima conspiratio, quae nisi et hic penitus amoveretur, et in eundem locum Baldricus, qui erat de magnatorum terrae illius prosapia oriundus, subrogaretur, sedari visa est non posse”. *Vita Brunonis archiepiscopi Coloniensis*, op. cit., p. 270: “Sed ad sui perniciem pars sinistra prevaluit; quicquid pro salute eorum gestum est, hoc sibi pestiferum aestimabant. Quid multa? Erratum est, saevitum est nec cessatum est, donec expulsione eius crudelitati suae et nequitiae satisfacerent”.

<sup>263</sup> DIERKENS, op. cit., 1985, p. 116-117.

<sup>264</sup> Fonte: LE JAN, Régine. *Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe-Xe siècle)*: Essai d'anthropologie sociale. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2003, p. 435-456. Tableau n. 8: Les Regnier. Contornos nossos indicando o grupo envolvido na conspiração contra Ratério.

de importantes figuras lotaríngias que rejeitaram subordinar a força política local ao controle do Reino Germânico. Perante tais relutâncias, Otão I não pôde consolidar a hegemonia real na região em meados do século X. Consequentemente, seus principais aliados em posição de poder estiveram vulneráveis às reações das famílias dos magnatas locais. Ratério, já numa situação bastante delicada e frágil causada pelo impacto das invasões húngaras, foi ainda vítima da revolta de Reginaldo III, sendo forçado a ceder ao sobrinho deste, Balderico, o controle do bispado de Liège em meados de 955.<sup>265</sup>

### 2.1.2) A composição de textos incisivos e o retiro em Aulne (955-960)

A perda do comando da diocese da qual era originário estimulou Ratério a escrever obras de autodefesa. Ele não deixou de reagir e manifestar descontentamento perante a conspiração que o expulsou do bispado de Liège. A análise desses textos permite compreender como se mobilizou nos anos subsequentes, buscando estimular, em prol da sua causa, o apoio dos indivíduos mais próximos de sua rede de contato. Entre 955 e 960, Ratério, embora não estivesse mais em uma posição eclesiástica de poder, deixou testemunhos a respeito de sua trajetória no contexto de disputas pelo controle da sede episcopal de Liège.

#### a) *Conclusio Deliberativa*, a carta a Balderico e *Phrenesis*

Na Páscoa de 955, já na iminência de abandonar o cargo episcopal, escreveu *Conclusio Deliberativa*, uma espécie de testamento que reuniu em quarenta artigos a argumentação da defesa de sua plena inocência perante os acontecimentos mais recentes.<sup>266</sup> Segundo Ratério, ele não seria o responsável pela instabilidade da Igreja de Liège. Embora fosse o bispo, os únicos culpados por essas agitações seriam os ladrões [*furem et latronem*] que o expulsaram, usurpando injustamente sua sede episcopal.<sup>267</sup> Além disso, argumenta que a nomeação para o cargo em setembro de 953 não pode ser invalidada, pois o processo teria ocorrido publicamente a partir de decretos dos preladados, contando com a sanção de cânones, a presença de toda Igreja, a ação legal do arcebispo de Colônia – se referindo certamente a Bruno,

<sup>265</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 92.

<sup>266</sup> REID, op. cit., 1991, p. 235-236.

<sup>267</sup> CC46, p. 3: “Ne Dei ipsius ore dampnatum furem et latronem – furem, quia furto abstulit mihi sedem; latronem, ui et potestate quia publica ab ordinantis manu extorsit, – maledictionem et lepram, quia eos mortifere decipit, qui putant eum esse episcopum, sibique communicantes commaculat, mei cessione atque silentio in ovium mihi creditarum pernitium intra idem ovile, cedendo iniquitati utique, contegam”.

o bispo metropolitano –, e a concordância de todos os clérigos<sup>268</sup>, tendo ainda sido garantido por intermédio da autoridade do rei Otão I.<sup>269</sup> O leitor, enfim, deve ter ciência que o autor buscou desenvolver no texto uma réplica incisiva contra os seus perversos expulsos.<sup>270</sup>

Um deles é justamente Balderico, seu sucessor no bispado de Liège, para o qual Ratério escreveu especificamente uma carta nesse mesmo período. Ele reforça que cumpriu com os todos os deveres e obrigações da função para a qual fora designado, de forma a não deixar aos seus críticos nenhum motivo para ataques maliciosos.<sup>271</sup> Os resultados da rebelião da aristocracia lotaríngia liderada por Reginaldo III entre 954 e 955 foram não apenas a destituição de um bispo escolhido segundo as leis canônicas, mas também o impacto de invasores sobre toda a região, tal como devastações, catástrofes de fogo e fome, tumultos e confusões, mortes violentas, degradação da Igreja e conflitos familiares, nos quais o próprio destinatário da carta, Balderico, esteve envolvido.<sup>272</sup>

Depois de escrever esses dois textos em prol da legalidade de sua função no comando de Liège, Ratério deixou finalmente a sede episcopal em meados de 955 e contou com a hospitalidade de Guilherme, filho ilegítimo de Otão I, que havia sido apontado por este em 954 para comandar o arcebispado de Mainz.<sup>273</sup> Mais uma vez ficou demonstrada sua proximidade com a linhagem otônida. Após a expulsão da diocese que havia recebido de Bruno, o irmão do Rei Germânico, Ratério recorreu ao socorro de um dos filhos deste, que havia sido

---

<sup>268</sup> CC46, p. 4: “Ne iudicio presulum, testimonio decretorum, sanctione canonum, sub presentia totius Ecclesiae, a legitimo archipresule, consensu, qui utique et requiritur legibus, clericorum, publice facta infirmari ullatenus posse decernam”.

<sup>269</sup> CC46, p. 5: “Ne clementissimum atque veracissimum piissimi regis [Otto] concessum asseram, aut saltem credere videar, aut inconstantem aut (quod est indecentius) fraudulentum fuisse. [...]. Ne manum tantae, quae patravit, auctoritatis condempnam”.

<sup>270</sup> CC46, p. 7: “Quadragesima igitur adverbialibus his quondam, ni me supputatio fallit, cum pro episcopo Leodicensi importunissimis suasoribus obstiterim Ratherius ego, renisus sex et decem illis prioribus pro Veronensi, pravigeris respondere lector me noverit compulsoribus”.

<sup>271</sup> BR, p. 50: “[...] redeo, episcopatum obambulo; cum prestantioribus ecclesiae tam clericis quam laicis agenda pertracto, sua cuique attribuere dispono, profore plurimis, obfore nulli, levare multos, oprimere neminem Deo suffragante delibero. [...]. [I]sta omnia ita aequae et ferre et agere institui, ut nullum cavilla[toribus, defu]turam quorum non dubitaveram copiam, calumpniandi linquerem locum”.

<sup>272</sup> BR, p. 54: “[P]ost annuam igitur invasorum possessionem, post totius provinciae vastitatem, post famis atque incendii cladem, post iuria diversissima, post homicidia, post efractiones [c]reberrimas ecclesiarum, post multos gemitus viduarum et pupillorum, post quaerimoniam oppressae totius ecclesiasticae familiae, post spoliatos omni substantia presbiteros et omnimodi ordinis clericos, post mo[n]achorum laicis mancipatam custodiam, post prostitutam vidualem atque virginalem sanctimoniam, post sanguinem sanguine inconsiderantissime tactum, post predas inenarrabiles tam [a] tuis quam a tibi renitentibus”.

<sup>273</sup> “Anno dominicae incarnationis 954. indictione 12. beatae memoriae domnus Frithuricus sanctae Mogontiacensis ecclesiae archiepiscopus 8. Kal. Novembris obiit. Eodem vero anno ego Willielmus, tantae successionis indignus, loco eius cum consensu cleri et populi eiusdem sanctae sedis, 16. Kal. Ianuarii, ipsoque die pace inter regem Ottonem et filium eius Liudolfum facta in loco Aranstedt, sum electus, et in 9. Kal. Ianuarii Moguntiae ordinatus”. In: PERTZ, Georg Heinrich (Ed.). **Annales Augiensis**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores I. Hannover: Impensis Bibliopoli Hahniani, 1826, p. 69.

inclusive um de seus discípulos na escola palatina real entre 952 e 953.<sup>274</sup> Guilherme se mostrou engajado pela causa de seu antigo mestre, como aponta o trecho de uma carta enviada ao papa Agapito II no final do mês de outubro de 955:

Primeiramente, a causa a ser tratada no momento é a da condição da santa igreja, dos bispos afastados, e das sedes das quais foram rejeitados – do afastado Heroldo e de Ratério, entronizado legalmente e em concordância com os cânones na Igreja de Liège, que logo em seguida foi expulso sem nenhuma causa como se fosse um camponês.<sup>275</sup>

Ainda nesse ano, Ratério aproveitou-se da acolhida do arcebispo Guilherme para iniciar a escrita do terceiro texto com o propósito de atestar a validade de sua entronização episcopal em Liège e, ao mesmo tempo, deslegitimar a conspiração que o havia afastado. Em *Phrensis*, fornece sua interpretação sobre os acontecimentos mais recentes na Lotaríngia, elencando na obra as razões dos conflitos pelo bispado entre 953 e 955 e indicando alguns dos personagens envolvidos.<sup>276</sup> Os primeiros parágrafos do prefácio do documento buscam reforçar a legalidade e o esplendor de sua nomeação episcopal:

Então, quando a oportunidade surgiu em Liège [após a morte de Faraberto, em agosto de 953], por intermédio e intervenção do irmão do rei, o arcebispo Bruno, ele [Ratério] não foi apenas eleito na presença do rei no palácio de Aquisgrana pelos próprios representantes, mas foi também nomeado por bispos, abades, condes, e líderes de todo o reino, em 21 de setembro de 953. Quatro dias depois, no domingo seguinte, [Ratério] foi eleito bispo pela congregação da Igreja de Liège, composta por outros 7 bispos, dois dos quais eram arcebispos, a saber: Bruno, arcebispo de Colônia, e Rotberto, arcebispo de Trier. Os bispos restantes eram Balderico de Utrecht, Hildibaldo de Münster, Drogo de Osnabrück, Berengário de Verdum, e Fulberto de Cambrai. Tudo passou de acordo com os decretos e seguindo o exemplo daqueles que fizeram o mesmo no passado. Ele foi aclamado sob grande aplauso por toda a congregação presente e solenemente entronizado.<sup>277</sup>

<sup>274</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 93.

<sup>275</sup> “Primo inibi de statu sanctae aeclesiae, de episcopis excaecatis et a sedibus suis reiectis – de caeco Heroldo et de Rathario [Ratharius] Leodicensi aeclesiae canonice et legaliter intronizato moxque more villici sine causa eiectionis – caeterisque loliis triticum sanctae aeclesiae suffocantibus causa agetur”. In: HEHL, Ernst-Dieter (Ed.). **Brief Erzbischof Wilhelms von Mainz an Papst Agapit II**. Die Konzilien Deutschlands und Reichsitaliens (916-1001). Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1987, p. 206.

<sup>276</sup> REID, op. cit., 1991, p. 244.

<sup>277</sup> CC46A, p. 199: “[...] data optione, interventu fratris ejus Brunonis archipraesulis atque patrartu, postquam electus coram eodem ad Aquas, quod dicitur, Grani palatium, non solum ab his, quorum intererat specialius, sed et ab episcopis, abbatibus, comitibus, totiusque regni primoribus quarta solemnitas jejunii septim mensis feria fuerat expetitus; rursus sequenti Dominica ab eodem, hoc est, Leodicensis Ecclesiae populo electus, septem a coepiscopis (duo quorum fuerant archipraesules, caeteri praesules) praelibato scilicet Brunone, Rodberto, Baldrico, Hildibaldo, Druogone, Berengario, atque Folberto, connivenlia decretorum, consensu atque exemplis nonnullorum, quibus et id contigerat, antiquorum, summo totius, quae aderat, favore, destinatus eidem, atque solemniter inthronizatus Ecclesiae”.

Embora não existam outras fontes sobre o acontecimento que nos permitiriam discutir se o relato pessoal de Ratério sobre sua entronização é ou não preciso,<sup>278</sup> ele cita o apoio que teria recebido de outros ilustríssimos prelados da época. Também foi sublinhada uma estreita vinculação com o rei Otão I e com a Igreja Metropolitana de Colônia, comandada pelo arcebispo Bruno, demonstrando a concordância do cargo episcopal com as estruturas de organização das províncias eclesiásticas.<sup>279</sup> Ratério menciona ainda a suposta aprovação recebida por parte de toda a congregação da Igreja de Liège, as solenidades de quando foi entronizado, e ainda a continuidade de seu bispado em relação às práticas de seus predecessores, justificando, assim, a plena legitimidade de sua indicação para o exercício da função.

A formulação desse quadro de excelência no momento de entronização na diocese, elaborado imediatamente após o autor tê-la perdido, nos permite inferir que Ratério buscou desqualificar e reprovar a revolta conduzida por Reginaldo III e Balderico, que o forçaram a abandonar Liège. Portanto, por ter recebido a graciosa aprovação do rei Otão I, o suporte do arcebispo Bruno – da arquidiocese a qual a diocese de Liège pertencia –, e, não menos importante, a aprovação geral dos clérigos, não haveria motivos para a sua saída forçada do bispado no qual havia sido instalado de maneira justa.<sup>280</sup> Por ser uma forma de defesa pessoal de Ratério, a fonte contém, portanto, os principais argumentos do autor, que visava fundamentar o exercício do seu poder episcopal.

Ele afirmou que, menos de dois anos após sua nomeação, teria sido vítima de uma conspiração em que estiveram envolvidos Reginaldo III e Rodolfo, condes de Hainaut e Hesbaye<sup>281</sup>, respectivamente, bem como dois dos arcebispos presentes na entronização, Rotberto de Trier<sup>282</sup> e Balderico de Utrecht, cujo sobrinho homônimo logo se tornou bispo de

<sup>278</sup> A segunda hagiografia de Bruno de Colônia, escrita anonimamente no século XII, menciona que Ratério foi nomeado perante os sete bispos mencionados, contando com o consentimento dos clérigos e seguindo estritamente as leis canônicas. O relato, portanto, é compatível com as descrições de *Phrenesis*. Todavia, por se tratar de uma fonte posterior, não sabemos se o seu autor simplesmente não extraiu essas informações do próprio texto de Ratério.

<sup>279</sup> “The organisation of the church in the tenth and early eleventh centuries maintained the structures established in the early years of the Christian church and particularly that of the Frankish church in the preceding three centuries, whose principles had originally been based on Roman imperial administrative units. Ecclesiastical provinces, headed by the metropolitan or archbishop, comprised a number of dioceses, whose bishops were under the jurisdiction of their metropolitan”. Extraído de: MCKITTERICK, Rosamond. *The Church*. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 131.

<sup>280</sup> CC46A, p. 206: “Clementia regis, interventu cujus praecipue intererat, archipraesulis, electione cleri et plebis, convenientia decretorum, exemplis nec modicis meliorum, consensu canonum, iudicio atque consilio comprovincialium [...]. constitutus, incardinatus, vacans vacanti Ecclesiae episcopus, cur post omnia ista expulsus sit, invenire – vecors ejus ut fuit assertio – minime valuit”.

<sup>281</sup> Condados situados nas cercanias de Lobbes. Na ausência de uma tradução específica para o português, optamos por manter o nome na forma francesa.

<sup>282</sup> O mesmo que havia sido o destinatário de uma das cartas analisada no primeiro capítulo da dissertação (ver página 55).

Liège e abade de Lobbes em 955.<sup>283</sup> Bruno de Colônia, enquanto arcebispo, tinha a responsabilidade de proibir que essa sucessão episcopal ilegal ocorresse. Todavia, segundo Ratério, ele não interveio, pois não havia encontrado aliados suficientes do bispo afastado para reverter a situação, ou então, temia que os dois condes mencionados pudessem se juntar ao antigo duque da Lotaríngia Conrado, o Vermelho, ampliando as revoltas locais contrárias ao poder otônida.<sup>284</sup>

Na continuação do prefácio do documento, o autor sustenta que *Phrensis* é o resultado da necessidade de escrever sobre suas inquietudes, direcionando a obra especialmente para os arcebispos conspiradores Balderico e Rotberto.<sup>285</sup> Com este último, especificamente, Ratério dialoga buscando a reconciliação.<sup>286</sup> Por se tratar de um antigo aliado de sua rede de contato mais próxima e de uma figura política importante na região, ele poderia ter força e influência suficientes para reinstalar o bispo afastado em Liège. Para tanto, teria que deixar de tomar parte em favor da conspiração da aristocracia lotaríngia encabeçada pelos condes Reginaldo III e Rodolfo, pelo arcebispo de Utrecht Balderico, e pelo sobrinho deste que se tornou abade de Lobbes.

O livro foi dividido em doze volumes, que, de acordo com Ratério, são essencialmente uma coleção de cartas, sendo que cada um deles tem um ou mais destinatários

<sup>283</sup> CC46A, p. 199: “[...] cumque postea ingenio jam fati Baldrici [Utrecht], patratuque, qui eum super ambonem ecclesiae Coloniensis spectanti cuncto specialius collaudaverat populo, Rodberti Trevirorum archiepiscopi, vi publica comitum Regeneri atque Ruodvolti, nepos ipsorum, qui et filius fratris extiterat Baldrici (talia ut quid contigerint ne difficile sit conjectari) ejusdem nominis puer quidam ut institueretur”. O arcebispo de Utrecht Balderico era primo do antigo duque da Lotaríngia Gisleberto. Ele pertencia, assim como Reginaldo III e Rodolfo, a um importantíssimo grupo familiar aristocrático da região (representado no quadro 1 acima), o que explica seu envolvimento no conflito em detrimento de Bruno e Ratério.

<sup>284</sup> CC46A, p. 199: “[...] et, ut per omnia materies personarum acceptione pateat neglecta, timiditate jam dicti regis germani [Bruno], ne scilicet jam fati comites a rege ad Conradum, qui tunc contra ipsum agebat, deficerent, sibique cum eo inimicarentur; vel (quo verius ipsius asserunt defensores) resistendo quia nullum habere potuit idem archiepiscopus, ut inhiaverat, ex episcopi amicis, vel militibus adiutorem, fuisset expulsus”.

<sup>285</sup> CC46A, p. 200: “Amplexus ille cum convicio reaccensum, sopitus qui jam fuerat, scribendi aliqua rursus ardorem, praesentem, quem cunctis proponeret, condere contra eos maturavit statim libellum, cujus summam appellat, eorum juxta sententiam, Phrenesim, seque ipsum phreneticum, qui inusitato utique tunc temporis more, non ad nummos tali in discrimine, non ad arma, ut quidam, non ad copiam amicorum, sed ad libros, ad armaria, ad priscorum confugerit judicium. Invehitur autem proemio in isto in Rodbertum amplius, in Baldricum mordacius [...]. Archiepiscopum [id est Rodbertum Trevirensis] vero quam non reddat opusculis suis intactum, videre est indignantibus”.

<sup>286</sup> Pelo conteúdo da carta enviada a Rotberto (p. 55), Ratério tinha um enorme apreço por este clérigo, definindo-o como “o mais nobre dos arcebispos”. Como vimos acima, ele esteve ainda presente em sua nomeação na diocese de Liège em setembro de 953. As razões dessa mudança brusca de posicionamento não são claras. Uma hipótese, porém, pode ser levantada. Rotberto sentiu o decréscimo de sua influência na região em virtude da ascensão política de Bruno enquanto arcebispo de Colônia e duque da Lotaríngia. Assim, embora próximo dos otônidas, e le pode ter se mobilizado para encurtar o poder do irmão do rei Otão I, o que incluiu apoiar a conspiração contra Ratério, bispo entronizado diretamente por Bruno: “Erst seit 953 geriet Rotbert deutlich in den Hintergrund, als Brun zum Erzbischof von Köln erhoben und ihm auch das Herzogtum Lotharingen übertragen wurde”. Extraído de: BAUER, Thomas. Art. Ruotbert (Rotbert), Erzbischof von Trier (seit 931), † 19.5.956 Köln, begr. Trier, (wahrscheinlich) Liebfrauenkirche. In: **Neue Deutsche Biographie**, Band 22, 2005, p. 268.

específicos.<sup>287</sup> No conjunto, todavia, a obra foi escrita para ser benéfica aos bispos que por ventura se encontrassem em dificuldades, uma vez que foi composta a partir da delicada situação de seu próprio autor.<sup>288</sup> Infelizmente, somente o primeiro livro, um tipo de continuação do prefácio, foi preservado. Contudo, por conter elementos da argumentação de Ratério em prol do seu poder episcopal em Liège, tal como nos demais trechos analisados acima, pode ainda ser útil para nossa problemática.

Em *Phrenesis* estão presentes determinadas justificativas canônicas evocadas pelo autor para alegar que seu afastamento foi completamente ilícito. Quando um bispo é nomeado de maneira legal, tal como Ratério defende que teria sido o seu caso em 953, não haveria razões para que fosse removido da posição:

Uma vez que foi aceito, o bispo não pode ser deslocado de sua posição – a menos que tenha havido uma audiência prévia e ininterrupta. Portanto, não existe força suficiente para destronar um bispo; os elogios e as censuras dos cristãos, as demandas e as proibições da lei concordam em igual medida e o protegem igualmente.<sup>289</sup>

Ratério, assim, se manifesta contrário à sua expulsão de Liège. Defende que teria sido legalmente entronizado em uma Igreja cujo comando estava vago após a morte de Faraberto, se valendo, para tanto, das determinações dos Falsos Decretos de Pais da Igreja como Antero, Calisto e Gregório o Grande.<sup>290</sup> Como veremos abaixo, esse conjunto documental é particularmente importante pelo debate que mobiliza a respeito da possibilidade de um bispo comandar mais de uma diocese ao longo de sua vida.

<sup>287</sup> CC46A, p. 203: “Quod et dissimilitudo approbat eorum maxima, quod quidam scilicet illorum nil aliud nisi congregatio sunt epistolarum”. No índice (CC46A, p. 202-203), são listados brevemente os assuntos de cada volume e a quem são destinados: II – Sumo Pontífice; III – rei Otão I; IV – arcebispos Bruno e Rotberto; V – arcebispo Bruno; VI, VII e VIII – Balderico de Utrecht, Rotberto e Balderico de Liège; IX – arcebispo Bruno; X – a congregação de Liège; XI e XII – sem destinatários explícitos. Em resumo, Ratério tinha como principais interlocutores os responsáveis pela sua destituição e o arcebispo de Colônia. Embora o conteúdo seja desconhecido, podemos supor hipoteticamente que ele escreveu para essas figuras de autoridade buscando despertar a atenção sobre o seu caso, tal como já havia feito após os litígios em Verona (capítulo 1).

<sup>288</sup> CC46A, p. 205: “Noverit sane eorum tam improbator, quam factor, neglector, quam lector, nullos in re, quam sumpsimus, agenda invenire moderni temporis se posse calamitosis uliliores episcopis libellos; nec adeo tamen caeteris quoque artibus atque ulilitatibus expertes, ut non valeat de quibusdam difficillime alio inveniendis promptissima in eis, nisi desit studium, quoque inveniendi doctrina. Cui enim episcoporum capessendae victoriae canonico in certamine quovis contra adversarios copiose non ferunt ista suffragium, non tulisse, fateor, valebit usquam gentium quod est, si aderit certe, hoc uti et obscure dicam, librorum”.

<sup>289</sup> CC46A, p. 207: “Illius namque provisor pelli nequit de semel accepta provisione, ni audientia praecedente, vicinorum sine murmure. Ad episcopum detrudendum hoc exemplo nullum, vis nulla requiritur; ratjo, laus et vituperatio, plebis consensus, et prohibitio legis partibus conveniunt aequis, paribusque proficiunt modis”.

<sup>290</sup> CC46A, p. 208: “Hic sanctorum insanus Patrum, Antheri videlicet, Calixti, atque Gregorii ex decretis, sanctorumque non paucorum se legaliter vacanti inthronizatum Ecclesiae astruere laborans exemplis, ea postquam subter inseruerat, adjecit”.

O Primeiro Concílio Ecumênico de Niceia em 325 tinha proibido a transferência episcopal, vista como propensa ao abuso por incitar a ambição e o carreirismo.<sup>291</sup> Os Decretos de Pseudo-Isidoro, no entanto, revelam que o debate canônico sobre o tema no final do período carolíngio foi reaberto: a partir de discussões formuladas por clérigos ao final do século IX acerca da autonomia e dos direitos dos bispos, foi reavaliado que um prelado poderia ser autorizado a se transferir para outra diocese, caso tivesse sido forçado de algum modo a abandonar a sua antiga sede.<sup>292</sup> Por volta de 900, o recurso aos Falsos Decretos de Calisto e Antero se tornaram então uma justificativa canônica comum para a translação episcopal.<sup>293</sup> Portanto, nesse quadro, não surpreende que Ratério tenha argumentado que o fato de ter sido bispo de Verona anteriormente não deslegitima seu bispado em Liège, visto que foi obrigado a deixar o cargo episcopal na Península Itálica<sup>294</sup>:

Por favor note, o mais facilmente que puder, o quão claramente o decreto do Papa Antero perturba o firme julgamento de sua eloquência contra mim, assim como também perturba os julgamentos mais distantes de toda a mesma autoridade. Pois Antero diz primeiro, mais favoravelmente à minha causa: “Mas para ambos – isto é, para aqueles que sofrem fome da Palavra e para os bispos necessitados quando são entronizados em outras cidades [sedes episcopais] – uma grande quantidade de piedade é mostrada. Aqueles que negam isso, embora tenham a aparência de piedade, negam a essência da piedade”.<sup>295</sup>

Os Falsos Decretos chegaram até Ratério através da expansão da *Collectio Anselmo Dedicata*, coleção de lei canônica muito difundida ao norte da Península Itálica no século X, a

<sup>291</sup> PIETRAS, Henryk. **Council of Nicaea (325)**. Religious and Political Context, Documents, Commentaries. Roma: Gregorian and Biblical Press, 2016.

<sup>292</sup> “Possibly inspired by the cases raised by Gregory the Great, the Pseudo-Isidore compilers argued that transfer was legitimate if forced upon a bishop by *utilitas* or *necessitas*. [...]. Moving sees oneself was a sign of inconstancy. A bishop could be moved, however, and yet remain constant if the impulse did not come from the bishop himself. All in all, there was a great deal of scope here for career mobility.”. Extraído de: LEYSER, Conrad. Episcopal Office in the Italy of Liudprand of Cremona, c.890–c.970. In: **English Historical Review**, vol. 125, 2010, p. 804-805.

<sup>293</sup> ROBERTS, Edward. Bishops on the Move. Rather of Verona, Pseudo-Isidore, and Episcopal Translation. In: **The Medieval Low Countries**, n. 6. Turnhout: Brepols, 2019, p. 128.

<sup>294</sup> Em *Conclusio Deliberativa*, outro texto analisado nesta seção do capítulo, também houve uma breve menção aos bispos que ocuparam a função episcopal em mais de uma diocese, amparados pelas supostas determinações dos papas Calisto, Antero e Gregório. CC46, p. 6: “Petrus non qualiscunque, sed cui ore proprio noscitur, Pasce oves meas, ipse Deus dixisse, invictissimum eiusmodi precesserat agmen, Secuntur e vestigio Felix, Eusebius, Perigenes, Gregorius Nazianzenus, Meletius, Dositheus, Alexander, Reverentius, Ioannes, Palladius, item Alexander, Theosebius, Policarpus, Hierophilus, Optimus, Silvanus, Martinus Corsicae, Ioannes Squillacenus, quidam Terracinensis. Fautores quorum existunt Calixtus papa, Antherus papa, theologus atque noster opinatissimus (si tamen de testimonio tantae non dubitatur auctoritatis) Gregorius; dampnari, si dampnantur, cum quibus felicissimum iudico”.

<sup>295</sup> CC46A, p. 212-213: “Advertite sane namque, si placet, (potestis optime) quam aperte Antheri papae decretum, abruptum me contra improvide loquaciatis vestrae perturbat, ut et ejusdem auctoritatis omnis longius, iudicium. Nam cum benigne satis mei in causa praemisisset, dicens : Utrisque autem, id est et famem verbi patientibus, et episcopis necessitatem, quando inthronizantur in aliis civitatibus, non modica exhibetur misericordia. Negantes autem hoc, speciem licet pietatis videantur habere, virtutem ejus abnegant”.

qual ele teve acesso certamente durante o bispado em Verona.<sup>296</sup> A temática da mobilidade episcopal, presente nos Decretos atribuídos falsamente aos papas Antero, Calisto e Evaristo, foi evocada de modo enfático em *Phrensis* para argumentar que seu autor agia em plena concordância com as leis canônicas ao ocupar a sede episcopal de Liège após ter sido destituído do bispado veronense.<sup>297</sup> Em suma, observa-se aqui um exemplo bastante elucidativo da forma pela qual os conhecimentos sobre as leis e os costumes da Igreja foram mobilizados no caso particular de um bispo, cujo poder na diocese vinha sendo bruscamente questionado.<sup>298</sup>

Na conclusão do volume, o autor faz menção explícita aos dois arcebispos envolvidos de forma ativa na conspiração. Em primeiro lugar, Ratério se dirige a Deus buscando diminuir as penas de Rotberto de Trier, que havia falecido em 19 de maio de 956<sup>299</sup>, cujo pecado principal teria sido retirar a liderança da diocese de Liège das mãos do bispo legalmente entronizado:

Poupe, ó Deus, seu servo redimido Rotberto, tenha piedade dele, seja misericordioso com ele [...]. O pecado dele (isto é, o pecado de querer sacrificar o rebanho de outro [do próprio Ratério]) não é contra mim, porque eu não sou nada, mas contra você. Só você pode rapidamente dar-lhe perdão e remissão se estiver disposto a poupá-lo. Peço-te, ó Deus, e peço-o de todo o coração, que o conceda para que ele possa percorrer em liberdade os caminhos estrelados.<sup>300</sup>

Por fim, o segundo arcebispo conspirador, Balderico de Utrecht, é descrito de modo pejorativo. Ratério se dirige a ele unicamente após a morte de Rotberto: “Dado que um está ausente, eu pensei em lidar com você, Balderico, publicando os trabalhos que eu havia composto contra ele (ou melhor, para ele) em particular”.<sup>301</sup> As atitudes deste homem estariam

<sup>296</sup> ROBERTS, op. cit., 2019, p. 131: “[...] he [Rather] clearly knew the False Decretals from his first tenure in Verona (931-4). From the late ninth century, the False Decretals became widespread in northern Italy via a canon law collection known as the *Collectio Anselmo dedicata*, produced in perhaps Pavia or Vercelli during the episcopate of Anselm II of Milan (882-96)”. Na análise de algumas das cartas no capítulo 1 (p. 54-59), havíamos mencionado a presença desses cânones nos seus escritos.

<sup>297</sup> Ele replicou um argumento exposto em *Phrensis*, que havia sido extraído das alegações de Rotberto de Trier, segundo o qual Ratério não era bispo de Liège pois havia sido afastado de seu bispado em Verona. CC46A, p. 210: “teque ideo non esse episcopum, quia episcopio pulsum”.

<sup>298</sup> “But these canon law collections were also deployed by bishops in more local, quotidian contexts. Bishops could use the authorities transmitted in canon law collections to rebut dissenting clerics within their dioceses, who would have presented quite a common challenge to episcopal authority”. Extraído de: WASSENAAR, op. cit., 2019, p. 226.

<sup>299</sup> Segundo a edição de Peter Reid, Ratério teria escrito *Phrensis* entre abril de 955 e maio de 956. Portanto, a conclusão da obra coincide com a data da morte de Rotberto, conforme evidenciado pela menção a este acontecimento nos últimos parágrafos do texto.

<sup>300</sup> CC46A, p. 216: “Parce, Deus, famulo, miserens miserescere redempto, cum requie veniam huic pie dando piam. Nil mihi, nil quia sub tibi, sec peccasse probatur, ut mactare velit qui pecus alterius. Non pecudi nam, sed Domino reus ille tenetur, lex habet in terriis omnibus una simul. Tu solus veniam, tu solus ferre medelam, si parcendo velis, mox potuisse pius. Hinc te posco, Deus, tribuas onbixe rogatus, liber ut astringeras is queat ire venias”.

<sup>301</sup> CC46A, p. 217: “Pensitaverim sane cum sepe, ut absente relicto tecum agam, adhuc presens, Baldrice, in edendis opusculis, quae contra illum, vel pro illo, precipue composueram”.

em desacordo com o cargo episcopal sagrado que ocupa: “você confia mais no dinheiro do que nos livros, nas armas do que nas bibliotecas, no poder/na riqueza de amigos do que na sabedoria de nossos ancestrais”.<sup>302</sup>

As alegações pautadas nas discussões sobre as leis canônicas não produziram um efeito prático concreto. Ratério não conseguiu retomar o ofício episcopal em Liège, devido à continuidade da preponderância política do grupo familiar da aristocracia lotaríngia que havia entronizado Balderico em meados de 955. Entretanto, no final desse mesmo ano, em razão de sua reaproximação com Bruno, ele pôde se tornar o abade do pequeno monastério de Aulne, situado nas cercanias de Lobbes.<sup>303</sup> Para tanto, se mostrou essencial um acordo do arcebispo de Colônia com os conspiradores, especialmente Balderico e Reginaldo III, permitindo seu retorno às proximidades da diocese de Liège.<sup>304</sup>

O trecho de uma carta copiada no século XII datada, segundo o editor Fritz Weigle, da passagem do ano 955 para 956, testemunha a gratidão de Ratério para com o irmão do Imperador Otão I e duque da Lotaríngia. Ocupando a partir de então um cargo abacial, ele teria se transformado num novo homem, cujo espírito obteve uma melhor condição.<sup>305</sup>

### **b) *Dialogo Confessionali* e o cargo abacial em Aulne**

A persistência da força política da aristocracia lotaríngia oposta à consolidação do poder otônida sobre a região impediu, portanto, que Ratério recuperasse o comando da diocese de Liège. Por outro lado, no final de 955, lhe foi concedida por intermédio de Bruno de Colônia a função abacial de um monastério estreitamente vinculado a Lobbes, sua instituição formadora. Ele pôde então deixar o resguardo junto ao arcebispo de Mainz Guilherme, passando a ocupar um cargo eclesiástico efetivo, embora de menor proeminência e poder do que o ofício episcopal que havia perdido há pouco.

---

<sup>302</sup> CC46A, p. 217: “[...] vitio, nummis quam libris utique nitens, armis quam armariis, copia amicorum quam iudicio priscorum”. O comportamento de Balderico seria o oposto ao de Ratério, conforme indicado pelo paralelo deste trecho com a nota 285.

<sup>303</sup> ARNOULD, Maurice-Aurélien. Un village disparu de la Sambre liégoise: Aulne. In: DECKERS, Joseph; LEJEUNE, Rita (Eds.). **Clio et son regard**. Mélanges d'histoire, d'histoire de l'art et d'archéologie offerts à Jacques Stiennon à l'occasion de ses 25 ans d'enseignement à l'Univ. de Liège. Liège: P. Mardaga, 1982, p. 1-22.

<sup>304</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 93-94: “Nel frattempo però avveniva un progressivo riavvicinamento a Bruno, il quale doveva aver premuto sia presso Baldrico che presso Reginero per ottenere un gesto di riparazione nei confronti di Raterio, come anche presso Raterio stesso perché non continuasse nelle sue invettive”.

<sup>305</sup> BR, p. 66: “Epistola episcopi Rateri ad sanctum Brunonem: Exstat etiam epistola ipsius episcopi ad sanctum Brunonem directa, satis luculenter digesta, in qua, eum patronum suum nominans, cum inestimabili gratiarum actione protestatur se divina clementia preeunte et subsequente et eius spirituali prudentia mediante in virum alterum transformatum et renovatione mentis et spiritus in melioris status efficaciam commutatum suorumque omnium amorem in profectum et augmentum sui honoris conglutinatum”.

A produção literária deste clérigo nos anos subsequentes foi marcada pela escrita de seu diálogo confessional, concluído provavelmente por volta do ano 960.<sup>306</sup> Se trata de uma obra cujas tradução e interpretação são bastante delicadas: Ratério faz diversas alusões obscuras que, quando identificáveis, o são muito arduamente.<sup>307</sup> As dificuldades da leitura do texto estão associadas também à sintaxe de seu complexo e rebuscado latim, bem como à ausência de uma estrutura formal de desenvolvimento. Foram alternadas as vozes de um suposto criminoso, pecador incorrigível, e de seu confessor, mas que são ambas derivadas do exame de consciência do próprio autor.<sup>308</sup>

Apesar desses obstáculos, a fonte é relevante para a nossa problemática por trazer elementos da trajetória do agora abade de Aulne. Por se tratar de uma confissão pessoal, o tema central de *Dialogo Confessionali* é, evidentemente, a exposição dos pecados cometidos pelo seu autor, executada a partir da autorreflexão sobre seu percurso de vida, de forma a obter um melhor conhecimento sobre si próprio e suas ações. Ratério, em 960, já era um homem idoso de aproximadamente 70 anos de idade, que havia passado por formação monástica beneditina, três bispados malsucedidos, e o cargo abacial em Lobbes e em Aulne: “Confesso a Deus Todo-Poderoso, e a todos os seus santos, e a você, sacerdote de Deus, e a quem quer que leia isto, todos os pecados que cometi desde o início de minha vida até esta hora miserável”.<sup>309</sup>

O afastamento e a desvirtuação das atitudes do autor com relação aos princípios e valores morais estipulados pela Regra de São Bento são as principais inquietações repercutidas ao longo do documento.<sup>310</sup> Isto é, Ratério admite que os acontecimentos ligados à sua trajetória o distanciaram dos ideais monásticos praticados durante a juventude em Lobbes (900-920), tais como o isolamento do mundo exterior ao claustro e a rejeição ao envolvimento com assuntos

<sup>306</sup> REID, op. cit., 1991, p. 266: “Excerptum ex Dialogo Confessionali”.

<sup>307</sup> Essa é uma característica das fontes de Ratério de forma geral: “Finally, a word must be said about Rather’s style. He is not an easy author to read [...]. This characteristic tends to make hard work for the reader”. Extraído de: REID, op. cit., 1991, p. 15. Sobre os desafios de ler e traduzir seus documentos: REID, Peter. **Tenth-Century Latinity: Rather of Verona**. Malibu: Undena, 1981.

<sup>308</sup> RENSWOUDE, Irene van. The sincerity of fiction. Rather and the quest for self- knowledge. In: **Forschungen zur Geschichte des Mittelalters**, vol. 15, 2010, p. 238: “Rather’s Confessional Dialogue is a cacophony of many different voices that all belong to the author”. De acordo com Renswoude, em alguns momentos do texto se trata da confissão de Ratério ao seu confessor imaginário. No entanto, em outras passagens esses papéis estão invertidos, o que acaba por indeterminar certas referências: “This shows that there is no simple equation between Rather the author, the narrating ‘I’ and the Criminal. Other interlocutors in the dialogue can assume the role of the narrating ‘I’ as well and resume speech after the introduction ‘I say’. This switching of roles creates a tension within the text that undermines the integrity of the ‘I’”. Ibidem.

<sup>309</sup> CC46A, p. 223: “Confiteor enim Domino Deo omnipotente et omnibus sanctis eius, et tibi Dei, quicumque legeris, sacerdote, omnia peccata mea, quaecunque feci ab initio vitae meae usque ad hanc miseriam horam”.

<sup>310</sup> CERVATO, Dario. Raterio, monaco e vescovo itinerante: di luogo, di mansioni e di animo. In: **Atti del IV convegno del „Centro di Studi Farfensi“**, Santa Vittoria in Matenano, 9-12 Settembre 1993 (Scuola di Memoria Storica, 4), San Pietro in Cariano 1996, p. 55-83.

políticos seculares.<sup>311</sup> Por conseguinte, é patente a tensão existente entre, de um lado, a identidade enquanto monge beneditino, que pressupõe o ideal do abandono de qualquer tipo de desejo ou posse material, de outro, o envolvimento no jogo político de sucessão dos bispados de Verona e de Liège.<sup>312</sup>

Como apontado pela voz do confessor: “Veja o que você adquiriu, homem infeliz, a tal custo não apenas em dinheiro, mas também em problemas”.<sup>313</sup> Os desejos do mundo terreno, portanto, são a causa principal dos tormentos e dos pecados do autor de *Dialogo Confessionali*, que não se mostra arrependido e nem demonstra interesse e disposição para corrigi-los, expondo-os de forma vã e fortuita.<sup>314</sup> Ele confessa, em resumo, sem sentir qualquer tipo de remorso, manifestando tampouco o desejo sincero de praticar a penitência e se afastar dos hábitos causadores dos pecados.<sup>315</sup> Como consequência dessas contradições, o diálogo confessional termina sem resolução, conforme exposto pela voz do confessor: “[...] eu deixo seus cuidados a Deus [...]. Rogo para que a misericórdia onipotente e a clemência dele possam alcançar o que não vejo que nenhuma tentativa ou ameaça minha possa fazer”.<sup>316</sup>

Os eventos ocorridos entre 960 e 961 comprovam que Ratério não estava inclinado a readotar um estilo de vida em plena concordância com os padrões monásticos beneditinos, de maneira a renunciar sua participação nas principais controvérsias da conjuntura política do período. Por volta de cinco anos após ter obtido o cargo abacial em Aulne, uma carta ao arcebispo de Colônia testemunha seu envolvimento nas disputas pelas sucessões de bispados.<sup>317</sup>

---

<sup>311</sup> CC46A, p. 225: “Sed accepto ipse calamo matura iam etate et legitima scripsi in hunc modum scriptumque super altare possui, non super aliud nisi ipsum: Ego Ratherius promitto stabilitatem meam et conversionem meorum morum et obedientiam secundum regulam sancti Benedicti coram Deo et sanctis eius. Infinita sunt itaque mea, quae exarari in hac non potuerunt confessione, ineffabiliter gravia, quae sunt exarata”.

<sup>312</sup> Esse elemento está presente não apenas em *Dialogo Confessionalis*, mas no conjunto de suas obras: “This tension formed a dominant theme in Rather’s writings, in which he reflected on the possibility of remaining a monk, while carrying out his office as bishop, or whether he should decide to give up his high position and return home. The problem that seems to have vexed Rather more than anything was not, as one would expect, the many misfortunes he suffered as bishop of Verona and Liège, but rather the inner difficulties he experienced in reconciling two states of being, bishop and monk. The passages in which he expressed his longing to go home, belong to the most dramatic and poetically phrased parts of his work”. Extraído de: RENSOUDE, op. cit., 2010, p. 235.

<sup>313</sup> CC46A, p. 252: “Ecce quod tanto pretio non solum pecuniae sed et laborum innumerabilium, infelicissime, acquisivisti”.

<sup>314</sup> CC46A, p. 256: “[...] nullum torum te criminum, scripseris ea licet, competenter deflesse, emendasse, penituisse nec visceraliter umquam optasse”.

<sup>315</sup> CC46A, p. 253: “Tui ipsius enim scripto atque verbis conicio, quod pretendis, non te meditari corde satis sincero”.

<sup>316</sup> CC46A, p. 265: “[...] curo te Deo [...]. Faciat omnipotentissima ipsius, flagito, misericordia et gratuita clementia, quod facere nullus, ut cerno, valet conatus atque instantia”.

<sup>317</sup> REID, op. cit., 1991, p. 318-319.

A julgar pelo conteúdo da correspondência, Bruno estaria interessado em convocar um concílio sinodal para discutir a possível restituição de Ratério no comando da diocese de Liège.<sup>318</sup>

Essa possibilidade só foi aberta em virtude das mudanças no quadro político da Lotaríngia, onde a aristocracia local, que havia conspirado em 955 contra o arcebispo de Colônia e o bispo de Liège, começou a perder forças perante a afirmação política dos otônidas na região. Como vimos, após a deposição de Ratério, seus cargos abacial e episcopal foram ocupados por Balderico, o sobrinho dos condes Reginaldo III e Rodolfo, duas das figuras principais da rebelião. Em 957, ele concedeu a Erlúino de Gembloux o comando da abadia de Lobbes, permanecendo somente como bispo de Liège.<sup>319</sup>

Todavia, alguns eventos subsequentes definharam a influência do grupo político dos condes locais. O novo abade, em primeiro lugar, não foi bem aceito pela comunidade monástica lobiana, que logo o expulsou do claustro.<sup>320</sup> O bispo Balderico e o conde Rodolfo faleceram respectivamente em 20 de abril de 959 e em 958 (data precisa incerta), e, em último lugar, Bruno forçou Reginaldo III ao exílio na Boêmia.<sup>321</sup> O resultado desses acontecimentos foi o enfraquecimento do grupo da aristocracia regional (representado no quadro 1), que perdeu espaço para o poder político da linhagem dos otônidas.

Nesse quadro, o arcebispo de Colônia esteve mais uma vez em condições de ditar o ritmo da sucessão episcopal de sua diocese sufragânea de Liège: em 21 de agosto de 959, nomeou para esta função o clérigo Eráclio<sup>322</sup>, que, por sua vez, indicou no ano seguinte Aletrão

<sup>318</sup> BR, p. 70: “[...] me ad hoc compellit auctoritas, ut causa restitutionis, [...] meae synodali debeam concilio adesse”.

<sup>319</sup> DIERKENS, op. cit., 1985, p. 117-118. Erlúino foi o primeiro abade do monastério beneditino de Gembloux, fundado em 945 por Guiberto, um aristocrata da Lotaríngia. Não há fontes detalhando sua nomeação em Lobbes. Sua ascensão, porém, parece ser explicada pela proximidade com o grupo social representado por Balderico e seus condes-tios, cuja preponderância política se tornou eminente após a expulsão de Ratério. Portanto, o assunto da sucessão abacial em Lobbes passou a competir à aristocracia local que esteve à frente da conspiração em 955. Como resultado, foram separadas as funções de abade e bispo de Lobbes e Liège, respectivamente, que eram ocupadas pela mesma pessoa desde 889 (ver nota 86 no capítulo 1).

<sup>320</sup> Ibidem, p. 119. Segundo Dierkens, essa reação aconteceu ainda no ano 957, embora Erlúino tenha mantido o título de abade de Lobbes até 960.

<sup>321</sup> BETHMANN, L. C. (Ed.). **Gesta episcoporum Cameracensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores VII. Hannover: Impensis Bibliopolli Avlici Hahniani, 1846, p. 439-440. “[...] Rainerus atque Lantbertus, filii videlicet Raineri, quem vivente adhuc imperatore archiepiscopus Bruno, qui sub fratre monarchiam tenebat, pro insolentiis, pro rapinis, pro aecclesiae incussionibus, pro multis etiam sceleribus saepe arguendo corrigebat, saepe beneficiis eius sevitiam placando leniebat; sed cum tamen eius feritatem siriatico turgore inflatam nullo modo premere potuerit, in exilio tandem perpetuo dampnatum fratri contradidit, terramque suam primum Richario nobili viro, sed hoc defuncto Warnero et Raynaldo, quibus etiam defunctis, Godefrido atque Arnulfo comitibus nobilissimis contulit, filiosque eius praefatos a patriis finibus pro eisdem insolentiis eliminavit”.

<sup>322</sup> Uma carta escrita por Eráclio por volta de 968 demonstra que foi um clérigo formado na escola palatina real, tendo sido inclusive instruído por Ratério entre 952 e 953: SILVESTRE, Hubert. Comment on rédigeait une lettre au Xe siècle. L'Epître d'Eracle de Liège à Rathier de Vérone. In: **Le Moyen Âge**. Revue d'histoire et de philologie, n. 58, 1952, p. 1-30.

para o cargo abacial de Lobbes, que já contava com o suporte dos monges desde a partida forçada de Erlúino em 957.<sup>323</sup>

A carta de Ratério está inserida nesse contexto. Bruno, ao recuperar o controle da região de Liège, ocupou-se de encontrar o substituto de Balderico. Apesar de entronizar Eráclio em um primeiro momento, é provável que tenha consultado logo na sequência o bispo que ele mesmo nomeou em 953, e que havia sido destituído dois anos depois.<sup>324</sup> Seu objetivo, em resumo, era convocar um sínodo para discutir os procedimentos da retomada da legitimidade canônica do cargo episcopal nessa diocese, interrompida em razão da conspiração de 955 que havia imposto um bispo sem o consentimento da Igreja Metropolitana.

Apesar da disposição do arcebispo de Colônia em seu favor, Ratério respondeu na epístola que Bruno deveria reconsiderar a possibilidade de discutir formalmente o caso, uma vez que não tinha mais interesse em retornar para Liège na condição de bispo.<sup>325</sup> As causas dessa recusa são basicamente três, que não se excluem necessariamente: impactado pelas autorreflexões em *Dialogo Confessionali*, pode ter optado por permanecer no monastério de Aulne, de forma a reforçar a identidade beneditina dentro do claustro; em segundo lugar, é possível que tenha se mostrado satisfeito e bem representado com a nomeação de seu antigo discípulo Eráclio para a função; finalmente, perante a iminência da segunda intervenção direta de Otão I na Península Itálica<sup>326</sup>, é muito provável que Ratério tenha tido em mente a retomada do comando da diocese de Verona, da qual, como vimos no primeiro capítulo, havia sido duas vezes afastado.<sup>327</sup>

Em maio de 961, o Rei Germânico efetivamente partiu para a sua segunda expedição militar em terras italianas, acompanhado certamente por Ratério, que foi entronizado no bispado veronense ao final do mesmo ano. O terceiro período à frente dessa sede episcopal entre 961 e 968 delimitará a análise do capítulo seguinte. Antes disso, porém, devemos detalhar elementos acerca do início da trajetória em Saint-Bertin de seu afilhado, o monge Folcuíno.

<sup>323</sup> DIERKENS, op. cit., 1985, p. 119-120.

<sup>324</sup> Se a data aproximada da epístola estimada pelo editor Fritz Weigle for correta (dezembro de 960 – fevereiro de 961) e considerarmos que Ratério não tardou mais de 18 meses para fornecer esta carta-resposta a Bruno, podemos supor que o arcebispo de Colônia o contactou sobre a possibilidade de realização do sínodo após ter nomeado Eráclio em Liège no ano 959.

<sup>325</sup> BR, p. 70: “[...] ut causa restitutionis, quam minime desidero, meae synodali debeam concilio adesse, suggero, ut considerare nequaquam dedignemini, ne, toties nitens toties repulsus, Deum videar temptare et Da huic locum dicenti protervi conatus inani labore reniti. Magis cum rubore licet novissimum quem coepi locum tenere mihi liceat, ne duplicatus pudor osorum super me derisiones accumulēt”.

<sup>326</sup> No final de 960 (portanto numa data muito aproximada da carta de Ratério a Bruno), o papa João XII já havia enviado mensageiros a Otão I solicitando sua intercessão para combater os supostos abusos e a tirania do ainda rei da Itália Berengário. CERVATO, op. cit., 1993, p. 141-142.

<sup>327</sup> Além da perda do cargo de bispo nos anos 934 e 948, houve ainda a tentativa malsucedida de reocupar a função em 951, a partir da primeira incursão militar de Otão I no Reino Italiano.

## 2.2) Folcuíno, monge e escriba de Saint-Bertin (948-965)

Nesta segunda parte do capítulo iniciaremos a reconstituição e análise da trajetória de Folcuíno, cuja inserção nas relações sociais testemunha a importância do poder eclesiástico – especificamente monástico – na compreensão do quadro político de meados do século X. Serão destacados particularmente o processo de sua oblação beneditina na abadia de Saint Bertin, ocorrido em 948, bem como os papéis lá desempenhados enquanto monge. Para tanto, examinaremos seu único texto do período, a *Gesta abbatum Sithiensium*, fonte concluída em 962, que permite explorar a importância deste clérigo para o desenvolvimento identitário e institucional do referido monastério.

### 2.2.1) A oblação beneditina em um monastério recém-reformado (c. 940-960)

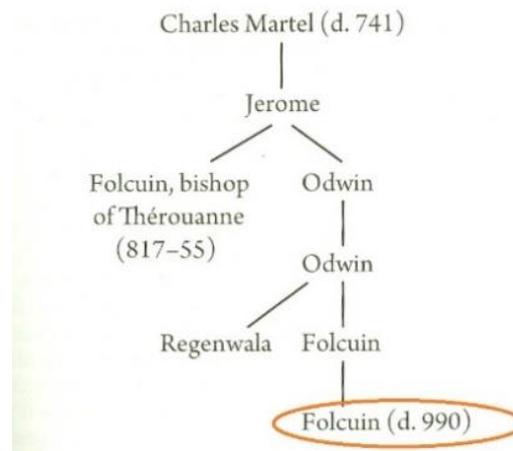
Descendente da linhagem carolíngia, Folcuíno nasceu por volta de 940 na diocese de Liège. Seu tio-avô homônimo, bispo da diocese de Thérouanne entre 816-855, era neto de Carlos Martel, um dos prefeitos de palácio mais ilustres do século VIII, muito conhecido pela vitória diante dos mouros na Batalha de Poitiers em 732 (ver a genealogia no quadro 2 abaixo).<sup>328</sup> Por dispor dessa ascendência prestigiosa que remonta ao Reino Franco unificado, sua família possui origens aristocráticas enraizadas tanto na região da Lotaríngia quanto no norte da França Ocidental.<sup>329</sup> Foi batizado por Ratério, provavelmente em 944, ano em que este retornou brevemente à terra natal após o exílio em Como e a passagem pela Provença.<sup>330</sup>

---

<sup>328</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 287-288. LE JAN, Régine. L'aristocratie lotharingienne au Xe siècle: structure interne et conscience politique. In: HANS-WALTER, Herrmann; SCHNEIDER, Bernhard (Org.). **Lotharingia**. Eine europäische Kernlandschaft um das Jahr 1000. Saarbrücken: SDV Saarbrücker Druckerei und Verlag, 1994, p. 88, quadro 11. Pepino, o Breve, filho de Carlos Martel, foi o primeiro rei franco da dinastia carolíngia a partir de 751.

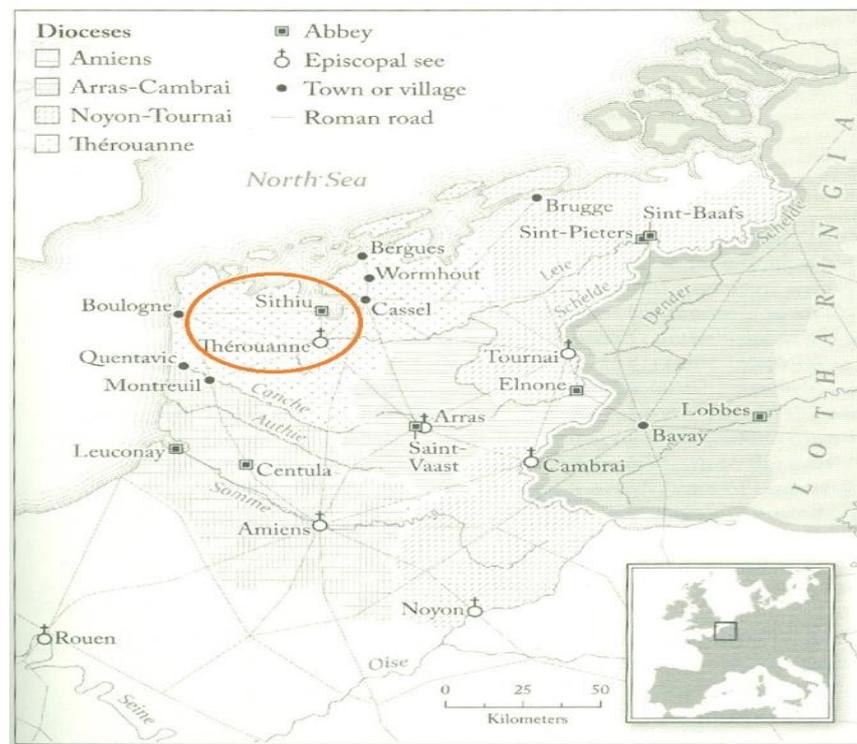
<sup>329</sup> MÉRIAUX, Charles. **Gallia irradiata**. Saints et sanctuaires dans le nord de la Gaule du Haut Moyen Âge. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006, p. 180-181: “Les circonstances politiques peuvent expliquer que la famille ait jugé opportun d’ancrer aussi en Francie occidentale une partie de son prestige”.

<sup>330</sup> DOLBEAU, op. cit., 1984, p. 422: “Rathier était en effet absent de Belgique entre 926 et 944; il n'a pu prendre part au baptême de Folcuin qu'à son retour, ce qui revient à rajeunir considérablement le futur chroniqueur et abbé de Lobbes par rapport à la chronologie reçu”.



Quadro 2 - A linhagem carolíngia de Folcuíno <sup>331</sup>

Em 948, ainda durante a infância, Folcuíno foi oferecido pelos seus pais como oblato no monastério de Saint-Bertin em Sithiu, situado na diocese de Thérouanne, ao norte do Reino Franco Ocidental estabelecido pela divisão do Tratado de Verdum (ver o mapa 5 abaixo).



Mapa 5- Saint-Bertin (Sithiu) no século X<sup>332</sup>

<sup>331</sup> Fonte: DEFRIES, David. **From Sithiu to Saint-Bertin**. Hagiographic Exegesis and Collective Memory in the Early Medieval Cults of Omer and Bertin. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2019, p. 143. Contornos nossos.

<sup>332</sup> Fonte: DEFRIES, op. cit., 2019, p. XII. Contornos nossos.

A chegada pode ser explicada pela estreita conexão existente há mais de um século de sua família com essa abadia beneditina. Como citado, seu tio-avô havia ocupado o cargo episcopal em Thérouanne em meados do século IX, e o seu pai, cujo nome também é Folcuíno, visava contribuir para a santificação e celebração deste bispo, que fora sepultado na Igreja de Saint-Bertin em dezembro de 855.<sup>333</sup> Para tanto, ele procedeu em 928 à elevação do corpo e de suas relíquias, tendo recebido a concordância do então abade Adolfo.<sup>334</sup> A oblação de Folcuíno no ano 948, em suma, marca a continuidade das relações seculares de sua linhagem familiar com este monastério e com a região de Thérouanne.

É conveniente contextualizar os principais acontecimentos desta abadia para compreender os modos de inserção e os papéis que Folcuíno aí desempenhou como monge.<sup>335</sup> Saint-Bertin desenvolveu-se a partir do monastério construído em meados do século VII – sob a supervisão de Omer, o primeiro bispo de Thérouanne –, chamado de Sithiu, nome da pequena cidade (*villa*) em que estava localizado. Até o início do século IX, a abadia de Sithiu era composta basicamente por dois núcleos: em primeiro lugar, a Igreja de Notre-Dame, em honra aos santos apóstolos Pedro e Paulo, que, por ter sido o local de sepultamento de Omer, foi renomeada em homenagem a este fundador. Em segundo lugar, a Igreja de São Martinho, construída por Bertin, um dos colaboradores de Omer na formação da comunidade monástica. Ele foi sepultado nessa Igreja que, conseqüentemente, passou a ser designada Saint-Bertin. Em resumo, durante o período merovíngio e o início do carolíngio, Sithiu era uma abadia na qual seus monges, sob a autoridade do abade, serviam ambas as igrejas que compartilhavam o culto de dois de seus santos fundadores, Omer e Bertin.

Em 820, no contexto das reformas religiosas do rei Luís, o Piedoso<sup>336</sup>, o monastério passou por algumas transformações sob a iniciativa do seu então abade Fridogíseo. Ele

<sup>333</sup> Sobre Folcuíno de Thérouanne (817-855): DIERKENS, Alain. Le cheval de l'évêque Folcuin de Thérouanne († 855). In: JÉGOU, Laurent; *et al.* (Dir.). **Faire lien**. Aristocratie, réseaux et échanges compétitifs. Mélanges en l'honneur de Régine Le Jan. Paris: Publications de la Sorbonne, 2015, p. 279-288.

<sup>334</sup> UGÉ, Karine. **Creating the Monastic Past in Medieval Flanders**. Nova York: Boydell & Brewer, 2005, p. 61. MÉRIAUX, op. cit., 2006, p. 180: “En procédant à cette élévation [de l'évêque Folcuin], les membres de la famille savaient que le monastère [Saint-Bertin] entretiendrait désormais la *memoria* familiale don't on rappelait de la même façon à quell point elle était liée aux Carolingiens”. Alterações nossas.

<sup>335</sup> Síntese histórica obtida a partir de: DEFRIES, op. cit., 2019, p. 1-7. MEIJNS, Brigitte. Chanoines et moines à Saint-Omer. Le dédoublement de l'abbaye de Sithiu par Fridogise (820-834) et l'interprétation de Folcuin (vers 962). In: **Revue du Nord**, n. 342, 2001, p. 691-705.

<sup>336</sup> “All the same, the impressive list of Aquitanian monasteries that had been founded or reformed by Louis testifies to the very real energy with which he set about reform – that is, improving the efficacy of the cult of God in general, and the quality of monastic prayer in particular. This was also a matter of following in his father's footsteps: it was Charlemagne who began to impose the Rule of Benedict on all the monasteries of his realm. Louis followed suit, extending and intensifying observance of the *Regula Benedicti*, assisted by Witiza, a nobleman raised at the court of Pippin and Charlemagne”. Extraído de: DE JONG, Mayke. **The Penitential State**. Authority and Atonement in the Ages of Louis the Pious (814-840). Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 17-18.

substituiu um terço dos monges por cónegos, que foram assentados na Igreja de Notre-Dame (Saint-Omer) e obtiveram parte das propriedades da abadia. Na Igreja de São Martinho (Saint-Bertin), por sua vez, foram instalados os monges restantes, reduzidos em 60 indivíduos. Apesar dessa separação, ambas as igrejas, a cónega e a monástica, bem como os respectivos clérigos, continuaram a fazer parte de uma mesma instituição, o monastério de Sithiu, sob o comando de um abade.

Em 944, porém, uma nova reforma foi estimulada por Arnulfo I, o conde de Flandres, que dispunha de grande prestígio e exercia influência considerável sobre as instituições monásticas da região.<sup>337</sup> Ele convocou o abade Gerardo de Brogne para comandar Sithiu, que estabeleceu uma clara cisão entre as duas igrejas formadoras do monastério.<sup>338</sup> Assim, se entre os séculos VII e IX ambas faziam parte de um mesmo estabelecimento, a reforma de 944 as separou em termos institucionais. Por um lado, a Igreja de São Martinho (Saint-Bertin) se tornou uma abadia beneditina sob a autoridade do abade regular – o próprio Gerardo –, composta exclusivamente por monges. Por outro, a Igreja de Notre-Dame (Saint-Omer) passou a abrigar os cónegos do capítulo catedralício, constituindo uma comunidade independente. Em meados do século X, em resumo, o monastério de Sithiu foi oficialmente dividido, dando origem a duas instituições não mais interligadas.

A oblação de Folcuíno está inserida de maneira estreita nesse contexto, uma vez que foi oferecido pelos seus pais à abadia apenas quatro anos após o início das intervenções de

---

<sup>337</sup> A ascensão política dos condes de Flandres foi consolidada com o incremento dos patrimônios de uma família do norte do Reino Franco Ocidental, ocorrido a partir das divisões do Tratado de Verdum em 843. O acúmulo de poder originou a formação do condado de Flandres, sob a autoridade desta linhagem familiar. Um modo de exercício da autoridade política condal era por meio da influência sobre os monastérios da região. Balduíno II, por exemplo, se tornou abade laico de Sithiu em 900. Seu filho e sucessor Arnulfo I continuou a tarefa de consolidação do condado, desenvolvendo relações estreitas com instituições eclesiásticas. Ele estimulou reformas em São Pedro de Gante em 941 e em Saint-Bertin em 944, por intermédio do monge Gerardo de Brogne. A partir de meados do século X, portanto, Sithiu e outros monastérios ao norte da França Ocidental passaram a estar vinculados de modo intenso com o processo de formação política de Flandres, e o conseqüente crescimento do poder de seus condes. Ver balanço dessa relação sintetizado em: MEIJNS, Brigitte; VANDERPUTTEN, Steven. Gérard de Brogne en Flandre. État de la question sur les réformes monastiques du Xe siècle. In: **Revue du Nord**, n. 385, 2010/2, p. 271-295.

<sup>338</sup> Essas atividades tinham como propósito restaurar a disciplina da vida monástica nas instituições reformadas, de modo a garantir a uniformização das práticas segundo as determinações da Regra de São Bento. Todavia, essas intervenções representavam, mais amplamente, a continuidade da afirmação política de Arnulfo e de sua linhagem familiar condal: “The diverse situation of Flanders’ monasteries in the decades leading up to the reforms of the 940s–950s indicates that Arnulf’s principal motive in promoting reform by no means was to “restore” monastic life in the region, or simply to promote the cult of relics and the commemoration of his ancestors. Rather, he seems to have been looking for ways to benefit to the fullest possible extent from his monasteries’ wealth and status”. Extraído de: VANDERPUTTEN, Steven. **Monastic Reform as Process: Realities and Representations in Medieval Flanders, 900-1100**. Ithaca–London: Cornell University Press, 2013, p. 39. Além de São Pedro de Gante (941) e Sithiu/Saint-Bertin (944), Arnulfo reformou por intermédio de Gerardo de Brogne outras quatro instituições eclesiásticas do condado de Flandres, das quais era o abade laico: Saint-Bavon (946), Saint-Riquier (948), Saint-Amand (952) e Saint-Vaast (954).

Gerardo de Brogne. Desse modo, sua entrada em Saint-Bertin coincide e é contemporânea ao processo de reforma que cristalizou a criação da comunidade monástica beneditina, não mais formalmente vinculada à Igreja de cónegos de Saint-Omer. A família de Folcuíno, além de possuir, como vimos, uma conexão histórica com a diocese de Thérouanne e com o monastério de Sithiu, tinha também alianças próximas com a linhagem dos condes de Flandres, que estavam em vias de expandir seu poder político sobre as instituições monásticas da região.<sup>339</sup> Todos esses elementos foram fatores primordiais para que ele pudesse ser instalado em Saint-Bertin como monge.<sup>340</sup>

A reforma de Gerado de Brogne causou impactos significativos nos anos posteriores. O processo de divisão de Sithiu em duas instituições e a tentativa de imposição da disciplina monástica – pautada na *Regula Benedicti* – aos monges da abadia de Saint-Bertin foram fenômenos acompanhados de muita turbulência. A comunidade, por exemplo, não foi unânime para aceitar a interferência de Arnulfo I e do novo abade: muitos monges não concordaram com as medidas e foram expulsos pelo conde de Flandres, que os substituiu por clérigos de outras regiões, em especial da Lotaríngia.<sup>341</sup> A sucessão abacial também se mostrou deficitária, já que entre 944 e 962, sob intervenção direta de Arnulfo I, seis diferentes indivíduos foram designados para o comando do monastério.<sup>342</sup> Entre a sua oblação em 948 e os dezessete anos seguintes em que passaria em Saint-Bertin enquanto membro da comunidade monástica, Folcuíno esteve, em suma, inserido nesse quadro de instabilidade institucional, marcado por transformações substanciais, bem como por tensões e reações às mesmas.

O primeiro texto de sua autoria foi produzido, portanto, durante uma época particularmente tumultuosa da história de Saint-Bertin. Ele se destacou dos demais monges do

<sup>339</sup> DIERENKS, op. cit., 2015, p. 280: “C'est dans ce contexte politique général qui voit aussi la montée en puissance du comté de Flandre que s'insèrent la tentative de lancer le culte de saint Folcuin dans l'évêché de Thérouanne (928) et la volonté de placer le jeune Folcuin (c. 940) comme oblat à Saint-Bertin, abbaye qui faisait l'objet des soins attentifs du comte de Flandre Arnoul Ier et d'un « réformateur » lotharingien, Gérard de Brogne”.

<sup>340</sup> VANDERPUTTEN, Steven. "Literate memory" and social reassessment in tenth-century monasticism. In: **Mediaevistik**, vol. 17, 2004, p. 78: “The fact that his parents had offered him [Folcuin] to this particular abbey was not a coincidence: its attractiveness as a centre of cultural excellence, combined with its close alliance to the Flemish count's court, turned the abbey into a focal point for ambitious noblemen”. Alterações nossas.

<sup>341</sup> DEFRIES, op. cit., 2019, p. 213. De acordo com Defries (p. 192), somente dez monges de Sithiu continuaram a fazer parte da comunidade monástica de Saint-Bertin após a reforma de 944. O restante partiu para a Grã-Bretanha, onde o rei Edmundo I os assentou no monastério de Bath.

<sup>342</sup> Em virtude do seu papel de influência em Saint-Bertin, o conde de Flandres continuou a ser considerado o abade laico mesmo após a reforma. De fato, era ele quem conservava o referido título. Porém, a direção da abadia era exercida efetivamente por clérigos presentes no cotidiano da comunidade monástica. Assim, logo após Gerardo de Brogne partir para dar prosseguimento às atividades reformadoras em Saint-Pierre de Gante (947), Womar e Agilo foram indicados para substituí-lo. Outras figuras à frente de Saint-Bertin no período foram Wido (948), Hildebrando (950 e 962), Regenoldo (954) e Adolfo (960). Todos eles foram basicamente escolhidos ou apontados pelo conde Arnulfo e/ou por Gerardo de Brogne. DEFRIES, op. cit., 2019, p. 215-216.

período pela escrita de um documento encomendado por Adolfo, o abade entre 960 e 962.<sup>343</sup> Se, por um lado, não há evidências para enfatizar a relevância de seu papel na abadia desde a oblação, por outro, a produção textual de Folcuíno iniciada em 961 atesta que se tornou talvez o mais importante escriba local, contando com a confiança da principal figura à frente do monastério.<sup>344</sup>

A fonte denominada *Gesta abbatum Sithiensium*, concluída no início de 962, além de destacar os atos e as sucessões dos abades desde a fundação da instituição no período merovíngio, reuniu alguns dos documentos mais importantes existentes nos arquivos monásticos do século X.<sup>345</sup> O texto é relevante para a nossa problemática, pois através de sua leitura e análise poderemos identificar a atuação de Folcuíno em Saint-Bertin ao redor do ano 960, isto é, caracterizar o significado de seu poder monástico, que estava vinculado de modo mais amplo ao desenvolvimento histórico e institucional desta comunidade.

### 2.2.2) O processo de escrita da *Gesta abbatum Sithiensium* (961-962)

O manuscrito “*Vetus Folcuinus*”, supostamente escrito pelo próprio Folcuíno entre 961 e 962, era uma versão da *Gesta abbatum Sithiensium* e foi conservado nos arquivos de Saint-Bertin até o final do século XVIII, quando desapareceu durante a Revolução Francesa.<sup>346</sup>

<sup>343</sup> MORELLE, Laurent. Diplomatic Culture and History Writing: Folcuin’s Cartulary-Chronicle of Saint Bertin. In: MAXWELL, Robert A. (org.). **Representing History**, 900-1300. Art, Music, History. University Park: The Pennsylvania State University Press, 2010, p. 53-65 e 221-224. Especialmente p. 56, na qual Adolfo é descrito como o “comissário” do trabalho de Folcuíno.

<sup>344</sup> BERKHOFER, Robert F. **Day of Reckoning: Power and Accountability in Medieval France**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 36. “Until 961, Folcuin's place at Saint-Bertin, as a young, junior monk who held no major position, would have been like the other monks. Only in 961 did Folcuin have the confidence of the abbot-elect and become charged with the custody of the *scrinium*, the records and treasures of Saint-Bertin”. Certamente, não por mera coincidência, Folcuíno foi oficialmente professado como monge nesse mesmo ano de 961, que simboliza, portanto, o crescimento de sua importância e influência na instituição: UGÉ, op. cit., 2005, p. 61.

<sup>345</sup> “As a result of this, the new abbot Adalolphus (elected 4 April, 961) instructed him [Folcuin] to assemble a collection of the most important legal documents from the abbey's archive”. Extraído de: VANDERPUTTEN, op. cit., 2004, p. 78. Alterações nossas. As *Gestae* (atos) *abbatum* (de abades) e *episcoporum* (de bispos) são textos que começaram a ser bastante difundidos a partir do século X e continuaram muito presentes ao longo de toda a Idade Média Central. Se trata de um gênero textual cuja classificação é extremamente complexa. São considerados trabalhos historiográficos, já que sumarizam os feitos e as sucessões dos abades, mas, ao mesmo tempo, são também vistos como documentos legais por sintetizarem cartas relativas aos registros de doações ou aquisições de propriedades e/ou privilégios. Finalmente, as *Gestae* podem conter ainda textos litúrgicos ou hagiográficos. Sobre essas múltiplas categorizações: SOT, Michel. **Gesta episcoporum, gesta abbatum** Turnhout: Brepols, 1981, p. 17-19. GEARY, Patrick. Entre gestion e *Gesta*. In: GUYOTJEANNIN, Olivier; MORELLE, Laurent; PARISSÉ, Michel (Eds.). **Les Cartulaires**. Actes de la Table ronde organisée par l'Ecole nationale des chartes et le G.D.R 121 du C.N.R.S., Paris, 5-7 décembre 1991. Genève et Paris: Librairie Droz et Librairie H. Champion, 1993, p. 13-26.

<sup>346</sup> Informações sobre a tradição manuscrita do documento extraídas de: MAZEURE, Nicolas. **La vocation mémorielle des actes: L’utilisation des archives dans l’historiographie bénédictine dans les Pays-Bas méridionaux, Xe – XIII siècles**. Turnhout: Brepols, 2014, p. 149-156. Dados expostos também nos mencionados

A fonte só pode ser trabalhada, por conseguinte, a partir de textos posteriores. A edição de Oswald Holder-Egger, na *Monumenta Germaniae Historica* (MGH), foi elaborada basicamente segundo uma cópia feita entre 1775 e 1790 por Dom Charles Joseph Dewitte, o último monge arquivista da abadia, que reproduziu todas as cartas e documentos conservados no monastério até o ano anterior à sua destruição, incluindo *Vetus Folcuinus*.<sup>347</sup> O editor da MGH, porém, publicou somente as passagens narrativas, desconsiderando as demais partes que compunham o texto de Folcuíno. As cartas e os documentos diplomáticos, por exemplo, foram editados separadamente em 1951 por Maurits Gysseling e A.C.F Koch.<sup>348</sup> Por fim, François Louis-Ganshof trouxe uma nova versão do políptico de Saint-Bertin.<sup>349</sup>

Diante dessa tradição manuscrita fragmentária, consideraremos as três edições citadas acima, que não correspondem diretamente ao documento composto por Folcuíno no século X, mas, se analisadas de maneira conjunta, nos aproximam da estrutura original da *Gesta abbatum Sithiensium*. Logo no início do prólogo da obra, são explicitados os dois objetivos principais do documento:

Em nome da Santa e Indivisível Trindade. Neste códice/livro os cenobitas desejaram manifestar os atos dos abades de Sithiu/Saint-Bertin e as doações de possessões, que foram concebidas pelos fiéis diante da presença de cada um no tempo deles a este sagrado local, com inscrição das respectivas cartas. Contando com o apoio de Cristo, nós iniciamos esta obra com Bertin, o primeiro abade, senhor fundador deste local.<sup>350</sup>

A descrição das ações e sucessões dos abades é um componente importante da fonte, mas não o único, como parece ter sido interpretado por Oswald Holder-Egger na MGH. O texto mescla a narrativa dos principais acontecimentos da história monástica desde a fundação, em meados no século VII, com a transcrição de documentos diplomáticos (cartas reais, por exemplo) e demais concessões e privilégios obtidos. Em vista disto, a *Gesta*

---

trabalhos de Berkhofer (2004), Morelle (2010), Ugé (2005) e Vanderputten (2004). Em 1791, tanto a abadia de Saint-Bertin quanto o capítulo catedrático de cônegos de Saint-Omer foram dissolvidos pelos revolucionários, o que casou enorme perda de evidências materiais.

<sup>347</sup> HOLDER-EGGER, Oswald (Ed.). *Gesta abbatum Sithiensium*. In: *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores XIII*. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1881, p. 607-635. Considerações sobre a tradição manuscrita e os critérios utilizados nesta edição em p. 605-606.

<sup>348</sup> GYSSELING, Maurits; KOCH, A. C. F. (Eds). *Diplomata belgica ante annum millesimum centesimum scripta*. Tome I. Brussel: Belgisch Inter-Universitair Centrum voor Neerlandistiek, 1950, p. 1-50.

<sup>349</sup> GANSHOF, François-Louis. Le polyptyque de l'Abbaye de Saint-Bertin (844-859). In: *Mémoires de l'Institut national de France*, tome 45, 1975, p. 57-209.

<sup>350</sup> GaS, p. 607: “In nomine sanctae et individuae Trinitatis. In hoc codice gesta abbatum Sithiensis cenobii depromere cupientes vel possessionum traditiones, quae a fidelibus sub uniuscuiusque illorum tempore sacro huic loco cum cartarum inscriptione sunt concessae, describere volentes, a primo ipsius loci structore domno Bertino abbate operis huius exordium sumamus, Christo [auxiliante]”.

selecionou alguns materiais dos arquivos da instituição, sintetizando com mais precisão os elementos constituintes e pertencentes a Saint-Bertin:

Observando este manuscrito, nós simplesmente o preenchemos recordando os conteúdos das pequenas partes de pergaminhos, reunidos num único livro, pelo benefício de qualquer um que seja curioso para conhecer as possessões desse estabelecimento; aqui ele poderá encontrar prontamente a quantidade e nomes [das possessões] prefaciadas apropriadamente com o ano de encarnação do Senhor e com o ano de cada rei, segundo aquilo que estava ao nosso alcance; não todas, porque muitos escritos foram esquecidos pelos nossos predecessores, seja porque pereceram no fogo que consumiu os livros, ou porque foram danificados pela idade.<sup>351</sup>

Essa pretensão de Folcuíno está relacionada ao momento conturbado da abadia: o texto, como apontado, foi encomendado por Adolfo em 961, no contexto de transformações institucionais decorrentes da reforma que havia sido iniciada por Arnulfo I e Gerardo de Brogne em 944. Como vimos, além da separação de Sithiu em dois novos estabelecimentos eclesiásticos – o capítulo catedralício de cônegos de Saint-Omer e o monastério beneditino de Saint-Bertin –, a intercessão do conde causou ainda a substituição de quase todos os monges anteriores ao processo.

A *Gesta abbatum Sithiensium*, desse modo, pode ser parcialmente definida como uma tentativa de reorganização institucional da comunidade monástica perante o impacto das medidas reformadoras. Ao expor as principais cartas e documentos a respeito dos bens e das possessões que, em tese, pertenceriam à abadia, o autor, sob o impulso de Adolfo, buscou registrar de forma mais acurada aquilo que definia a identidade de Saint-Bertin enquanto um espaço de poder particular. Ao operar dessa forma, descreveu parte do patrimônio fundiário local, permitindo delimitar a preponderância do usufruto deste pelos monges, em detrimento até mesmo da ingerência do conde de Flandres. O documento, em resumo, continha um valor administrativo e jurídico intrínseco.<sup>352</sup>

Esta característica não pode ser desvinculada da narrativa dos atos e das sucessões dos abades. Em outras palavras, a *Gesta abbatum Sithiensium* integra dois gêneros textuais,

<sup>351</sup> GaS, p. 608: “Hunc tantummodo codicem de menbranulis in unius libri cumulavimus corpus, ut, si forsan quis istius loci possessionum investigandarum fuerit avidus, ad hunc recurrat; ibi numerum et nomina invenire poterit quantocius sub pretitulatione annorum dominicae nativitatibus vel tunc temporis cuiuslibet regis abbe coniunctum, prout nostrae erat possibilitatis, sed non omnia, quoniam multa ab antecessoribus nostris neglecta sunt, partim librorum incensione, partim demolita vetustate”.

<sup>352</sup> “[...] le cartulaire-chronique a um but juridique: étayer le patrimoine foncier de l’abbaye, par un aperçu chronologique de l’obtention et de la confirmation de biens, authentifiés par les documents d’archives. Ainsi, il ne facilite pas seulement l’accès au chartrier et sa consultation, il fonctionne aussi comme un avertissement au comte [Arnulf I de Flandres] de ne plus agir en abbé et en détenteur des domaines appartenants aux moines”. Extraído de: MAZEURE, op. cit., 2014, p. 155. Alterações nossas.

arquivístico e histórico, que estão mutualmente imbricados.<sup>353</sup> Eles são alternados de maneira cronológica ao longo do documento: Folcuíno inicia a obra com a descrição da fundação do monastério de Sithiu, se alongando até os eventos coetâneos à conclusão do texto em 962. As cartas e os demais documentos, por sua vez, são inseridos de acordo com a sequência da narrativa.<sup>354</sup>

A leitura e análise da fonte serão feitas, portanto, considerando todas essas partes que a compõem, e que foram artificialmente separadas ou minimizadas por alguns editores modernos, causando o desmantelamento da estrutura original do manuscrito do século X.<sup>355</sup> Tendo em vista o conjunto documental na íntegra, que atesta a complexidade da produção literária de Folcuíno, discutiremos como a *Gesta abbatum Sithiensium*, além de sintetizar e explicitar os patrimônios e privilégios de Saint-Bertin, concebeu, ao mesmo tempo, narrativas específicas e parciais a respeito do passado monástico, que dizem muito a respeito da memória que o autor e os demais monges estavam buscando idealizar no momento da escrita.

Os primeiros capítulos versam sobre o período de fundação de Sithiu durante o bispado de Omer em Théroouanne. De acordo com Folcuíno, Adroaldo, um poderoso homem da região, começou a tratar a respeito da herança de suas possessões. Por intermédio do estímulo de Omer, ele teria transferido em 645 a Bertin, que havia chegado há pouco na diocese, os direitos sobre a cidade de Sithiu, onde um oratório, formando um complexo monástico, deveria ser construído em homenagem ao apóstolo Pedro.<sup>356</sup> Também foi estabelecido que Bertin se tornaria o primeiro e único abade. Uma cópia da doação de Adroaldo foi anexada ao final do

<sup>353</sup> VANDERPUTTEN, op. cit., 2004, p. 84. MORELLE, op. cit., 2010, p. 54 propôs até mesmo o uso explícito do título “*Gesta et traditiones*”, isto é, os atos [dos abades] e as transferências [de propriedades], de forma a se aproximar ainda mais da estrutura do duplo projeto de Folcuíno, situado entre cartas e história.

<sup>354</sup> A edição da *Gesta* de Benjamin Guérard, embora desconsiderada pelos historiadores por se basear na cópia da *Vetus Folcuinus* de um manuscrito do século XII que alterou substancialmente a estrutura do texto de Folcuíno, apresenta como vantagem em relação à versão de Oswald Holder-Egger na MGH o fato de ter mantido as cartas mescladas ao longo da narrativa: GUÉRARD, Benjamin (Ed.). **Cartulaire de l'abbaye de Saint-Bertin**. Paris: Collection de documents inédits pour servir à l'histoire de France, 1840. UGÉ, op. cit., 2005, p. 62: “The text was published for the first time in 1840 by Benjamin Guérard under the title *Cartulaire de l'abbaye de Saint-Bertin*; Guérard unfortunately relied without criticism on the twelfth-century copy and his edition is extremely unreliable”.

<sup>355</sup> UGÉ, Karine. Creating a usable past in the tenth century. Folcuin’s *Gesta* and the crises at Saint-Bertin. In: **Studi medievali**, n. 37, 1996, p. 889: “I will show how the scattering of these different parts of his work deforms Folcuin’s purpose and how a close look at the relation between the charters, the narrative and the sources used by Folcuin unveils significant elements concerning the history of the abbey as well as the goals of the author”.

<sup>356</sup> GaS, p. 608: “In primordio igitur huius operis, auspice Christo, preponimus traditionem Adroaldi tunc temporis inlustrissimis, qui, velud in Gestis almi patris Bertini legitur, cum hereditarium possessionis suae non haberet, post decessum fragilitatis humanae, tractare coepit assidue, qualiter Christo commendaret terrena, ut mercaretur superna. Igitur adveniente domno Bertino in territorium Taruenninse, **hortatu beati presulis Audomari tradidit Adroaldus supra memoratus almo Bertino villam sui iuris Sithiu noncupatam** anno incarnationis domini nostri Iesu Christi 645, qui est annus 11. regis Hlodovei, filii Dagoberti, quatinus ibi cenobium in honore principis apostolorum construeret et ad ordinem vitae monasticae plurimos accenderet exemplo conversationis propriae; cuius traditionis exemplar hic etiam scire volentibus pre oculis inscribere curavimus”. Grifos nossos.

primeiro capítulo.<sup>357</sup> Na sequência, é afirmado que o bispo Omer de Théroutane concedeu a Bertin o privilégio pleno da autoridade abacial sobre a igreja que ele havia construído em honra de Santa Maria em Sithiu, onde desejava ser sepultado. De fato, isto ocorreu alguns anos depois, tendo o local sido redefinido com o seu nome.<sup>358</sup> Uma carta de Omer explicitando a doação da Igreja de Notre-Dame à Sithiu e ao seu abade Bertin em 662 é mencionada, a qual teria sido supostamente assinada por ele próprio.<sup>359</sup>

Essa perspectiva da história institucional feita por Folcuíno na *Gesta*, contudo, é distinta daquela relatada pela primeira hagiografia conhecida em Sithiu. As *Vitae Audomari*,

---

<sup>357</sup> A carta de Adroaldo acerca da transferência da *villa* de Sithiu, embora anexada na *Gesta*, não corrobora de maneira integral com a versão de Folcuíno, já que Bertin não é colocado em destaque diante dos demais fundadores, tampouco é explicitamente nomeado como primeiro abade. Na realidade, Omer foi quem recebeu primeiramente os direitos sobre Sithiu. DB, p. 6: “**Dominis sanctis patribus Bertino Mummolino Ebertranno.** Ego in Dei nomine Adroaldus, sana mente, sanoque consilio integra; deliberationis, prout mundana peccata mea illecebris abstergere Dominus dignetur, dono vobis omnem rem portionis hereditatis meae **in pago Taroanense, quod domno patri Audomaro, apostolico viro, ad senodochium suum sedificandum dare volumus**; sed ipse salubre ac melius consilium nobis donavit, ut ipsam rem vobis delegarem, ut ibi monasterium in honorem sancti Petri principis apostolorum construere debeatis ad conversandum monachis, ubi beati pauperes spiritu et domesticis fidei adunari debeant, quorum voces cotidie ad aures Domini personare noscuntur, quorum petitiones Dominus audit et implet. Propterea vobis in Christo patribus dono, per hanc epistolam donationis, in pago Taroanense, villam proprietatis meae noncupante Sithiu, supra fluvium Agniona, cum omni merito suo, vel adjacentiis, seu aspicientiis ipsius villae”. Grifos nossos.

<sup>358</sup> GaS, p. 609: “In eodem quoque anno, sub eodem principe Hlothario fecit beatus Audomarus Taruennensis ecclesiae episcopus domno Bertino privilegium ecclesiae suae, quam in honorem sanctae Dei genitricis Mariae construxerat in Sithiu villa ad corpora fratrum tumulanda, ut ipsa basilica sub umbraculo patrocinii predicti abbatis Bertini seu successorum eius per succedentia tempora usque in finem regatur [...]. Igitur decedente domno Audomaro episcopo, in villa Waurantis dicta, distante a Sithiu cenobio fere quatuor miliaribus, a domno Bertino, secundum ipsius beati viri in hoc privilegio rogatum, exinde deportatus, in suprascripta basilica, coram altare Dei genitricis est humatus; ac deinceps ipsa basilica domno Bertino fuit subdita”.

<sup>359</sup> DB, p. 9: “[...] Audomarus, Christi gratia, Taruennensis ecclesiae episcopus. [...] Quia placuit nobis, juxta fraternalem consensum et visceralis pietatis affectus, ita cor nostrum intrinsecus mollivit, ut basilica in insula Sithiu, ubi in antea monasterium in Dei nomine edificatum esse videtur, ubi regulariter viventes aderant monachi sub libertate constituti, ibidem pariter cum ipsis monachis, pro eorum consolatione vel adjutorio, basilicam, communi opere, ad corpora eorum vel nostrum quiescenda, aedificavimus in honorem sanctae Mariae genitricis Domini nostri Ihesu Christi ut in suprascripta basilica, juxta ipsorum fratrum plenissimam caritatem, in ejus locello corpusculum meum, post obitum meum, ibidem depositus vel conditus, deberet inter ipsorum corpuscula monachorum, qui, religioso habitu, ad omnipotentis Dei verbum, convenerunt de dissimilibus gentibus, de squalitate mundi, in unius gremio sanctae ecclesiae, pro amore Christi, consolidati sunt”. A autenticidade dessa epístola é bastante questionável. A plataforma Telma (<http://telma-chartes.irht.cnrs.fr/>), base de cartas que avalia a plausibilidade de fontes primárias, não reconhece a veracidade deste documento de Omer. Outro elemento que compromete a epístola é a reivindicação da preponderância e da liberdade dos monges e dos mosteiros, sem qualquer interferência dos cônegos, p. 12: “sub ea uti diximus libertate, sicut plurima monasteri, et monachi ibidem consistentes debeant in perpetuum permanere firmissimum, ut iamdicti monachi a predicto monasterio eiusque celulas, quia nihil de canonica auctoritate convellitur [...]”. Essas informações são provavelmente anacrônicas para o século VII e indicam que a carta foi forjada em um momento posterior. Como vimos, não havia uma separação nítida entre as competências dos cônegos e dos monges de Sithiu até, pelo menos, o início do século IX, com as reformas de Fridogíseo. Considerando essa linha tênue entre os clérigos durante todo o período merovíngio, é difícil imaginar conflitos e disputas pelo poder na abadia entre grupos bem definidos de cônegos e monges, já que a divisão e as conseqüentes tensões entre eles só estiveram explícitas com o advento da reforma do conde Arnulfo de Flandres e Gerado de Brogne, a partir de 944. Outra crítica da autenticidade é o fato de ser improvável, no quadro do século VII, que o bispo Omer tenha afastado Sithiu de sua jurisdição episcopal, concedendo plena autonomia a Bertin e à abadia: EWIG, Eugen. Das Privileg des Bischofs Audomar von Théroutane von 663 und die Anfänge der Abtei Sithiu. In: ENNEN, Edith; WIEGELMANN, Günther (Eds.). **Festschrift Matthias Zender.** Studien zur Volkskultur, Sprache und Landesgeschichte. Bonn: Bouvier Verlag, 1972, p. 1019-1046.

*Bertini, Winnoci* reuniram no mesmo conjunto documental a vida dos santos fundadores, isto é, de Omer, Bertin e Winnoc.<sup>360</sup> Nessa coletânea, Adroaldo teria concedido direitos sobre a *villa* de Sithiu não diretamente a Bertin – como apontado por Folcuíno –, mas, antes da chegada deste, ao bispo de Thérouanne Omer. Além disso, a construção do oratório dedicado a São Pedro e, conseqüentemente, do estabelecimento monástico, foi confiada não de modo exclusivo a Bertin, mas a outros dois clérigos, Bertram e Momélin. Este último, inclusive, foi apontado por Omer como o primeiro abade de Sithiu, que só depois de ter sido nomeado bispo de Noyon teria sido substituído por Bertin na função abacial.<sup>361</sup>

A leitura de Folcuíno sobre a fundação da abadia diverge de forma substancial da interpretação da primeira hagiografia dos santos locais. A *Gesta* deu enorme ênfase ao papel de Bertin, em detrimento da participação dos outros clérigos – Bertram e Momélin – e mesmo do bispo de Thérouanne Omer. Em sua construção do passado do monastério, o autor privilegiou a narrativa mais coerente com a preponderância da instituição da qual ele fazia parte no momento da escrita, isto é, Saint-Bertin, que havia se tornado uma abadia independente ao redor da Igreja de São Martinho, onde este santo fundador havia sido sepultado.<sup>362</sup> Para tanto, Folcuíno teve acesso certamente a outros conjuntos hagiográficos, em especial à *Vita III Bertini*, da qual extraiu os principais elementos, bem como às mencionadas cartas de Adroaldo e Omer.<sup>363</sup> Ele era o escriba de um estabelecimento que, desde 944, por intermédio das reformas

<sup>360</sup> LEVISON, Wilhelm. (Ed.). **Vitae Audomari, Bertini, Winnoci**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores V. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1910, p. 753-775. A data dessa coleção hagiográfica é incerta. Ugé (2005, p. 51), seguindo o argumento do editor Levison, sugere que foi escrita no início do século IX, pouco antes de 820. Defries (2019, p. 106), por outro lado, propôs que as *Vitae* foram compostas entre os anos 730 e 750.

<sup>361</sup> LEVISON, op. cit., 1910, p. 758–761. “Post hoc non multo temporis intervallo ad beatum Audomarum de predicta Constantinense regione tres una cum mente viri, **Mummolinus, Ebertrannus sanctusque Bertinus, pariter venerunt**, relinquentes etiam secundum Domini preceptum parentes, patriam omnesque propinquos. [...] Adrowaldus vero prudenti consilio fallaces divitias presentis seculi spernens nec ullum abens filium, magnam suae hereditatis partem cum omni sua multiplici substantia Deo et **beato obtulit Audomaro, villam videlicet, quae noto nomine vocatur Sithiu**. [...] Postquam ergo prefati Dei famuli ad eum pervenerunt, concessit illis, ut monachorum abitaculum edificassent, ubicumque illis in predicta placuisset villa. [...] Cognoscentes etiam locum illum a Domino ipsis traditum, dehinc, beato Audomaro pio eorum patre favente, monasterium nomine Sithiu ex predicta villa nominatum super Agnionam fluvium in Dei nomine edificare ceperunt, confluentibusque undique relegiosis viris ad predictos Dei famulos, **beatus Audomarus Mummolinum multitudini preposuit monachorum**. Sed non multo post haec temporis intervallo prefatus **venerabilis abbas Mummolinus ad Noviomensis urbis episcopatum**, divina largiente gratia, provectus est et per viginti et sex annos predictae civitatis populum a Domino sibi creditum rite gubernavit. Gloriosus igitur pontifex **Audomarus post Mummolinum in predicto monasterio sancto monachorum choro beatum preposuit Bertinum** sanctis enim fratribus in eodem loco sub districto regulae rigore Deo servientibus dilectus atque amabilis beatus fuit Bertinus”. Grifos nossos.

<sup>362</sup> UGÉ, op. cit., 1996, p. 896: “Furthermore, Folcuin’s *Gesta* was written exclusively for the monastic community, since he had it signed by those living ‘according to the rule’, the monks of Saint-Bertin and their abbot. In these conditions, it is only logical that Folcuin would favor the version of the story most favorable to his own monastic community”.

<sup>363</sup> BOLLAND, Jean (Ed). **Vita altera Bertini**. In: Acta Sanctorum Septembris 2, 1755, p. 590-595. Sobre a relação da *Gesta* com esta hagiografia: UGÉ, op. cit., 2005, p. 65-66. A datação da *Vita III Bertini*, contudo, suscita

do conde de Flandres Arnulfo e de Gerardo de Brogne, fora ocupado por monges alinhados, em tese, com a Regra de São Bento, separados institucionalmente dos cônegos da Igreja catedralícia de Saint-Omer.

A apreciação do passado do monastério na *Gesta*, portanto, era parcial e propunha consolidar uma interpretação específica em favor da abadia de Saint-Bertin, que estava inserida, durante a produção literária de Folcuíno, num contexto de transformações significativas. Entre elas, se destaca a tentativa de afirmação da supremacia da ordem monástica beneditina, principalmente com relação à ordem dos cônegos, após a cisão das duas comunidades em 944.<sup>364</sup> O texto, em síntese, buscou indicar que a fundação de Sithiu, embora estivesse a cargo de diferentes clérigos, teria ocorrido, acima de tudo, por conta da atuação primordial de São Bertin. Por ser ele o patrono da instituição da qual o autor da *Gesta* fazia parte enquanto escriba, isto é, o monastério de Saint-Bertin, os monges desta comunidade seriam, na opinião de Folcuíno, os únicos sucessores legítimos – ao contrário dos cônegos de Saint-Omer – de Sithiu, dissolvida poucos anos antes da sua oblação.<sup>365</sup>

Há outros elementos no texto relativos à história da abadia no período merovíngio. Em particular, são destacadas as aquisições do santo fundador Bertin na formação do complexo monástico. Ele teria um papel fundamental não somente na sua fundação em si, conforme exposto acima, mas também na expansão do patrimônio fundiário e na obtenção de privilégios.<sup>366</sup> O quinto capítulo cita que em 677 “um certo homem ilustre chamado Amalfrido transferiu ao senhor Bertin o monastério que ele tinha construído em sua propriedade Hunulfo, situada no *pagus* de Cambrai sobre o rio Escaud”.<sup>367</sup> Foi estabelecido que Bertin teria o direito de *precaria* (usufruto) sobre a instituição enquanto Amalfrido e sua filha Auriana estivessem

---

discordâncias. Ugé (2005, p. 88-90) defende que foi escrita em meados do século X, no contexto das reformas de Arnulfo e Gerardo, e, portanto, da separação entre as comunidades de Saint-Bertin e Saint-Omer. Defries (2019, p. 136-140), por sua vez, sustenta que a produção do texto ocorreu por volta de 850, antes do incremento da rivalidade entre monges e cônegos. Qualquer que seja a data, é evidente que Folcuíno utilizou este texto na construção de sua narrativa, já que continha alguns elementos em prol do protagonismo de Bertin na fundação de Sithiu.

<sup>364</sup> UGÉ, op. cit., 1996, p. 896: “Nevertheless, whatever his attitudes toward the sources, his narrative is clearly influenced by a ‘pro Saint-Bertin’ and a pro-monastic bias. At the time Folcuin was writing his *Gesta*, the tensions between monks and canons may have been revived by recent Benedictine restoration of Saint-Bertin”.

<sup>365</sup> MORELLE, op. cit., 2010, p. 57: “In the work of Folcuin, Saint-Bertin implicitly always appears as the true heir of old Sithiu”.

<sup>366</sup> Nesse sentido, o capítulo 11 enfatiza de maneira geral o quão imprescindível Bertin teria sido no crescimento das riquezas materiais e espirituais do monastério. GaS, p 610: “Haec et alia quam plurima se adhuc vivente monasterio suo adauxit cum ingenti desudatione. [...] Certum est autem, quod omni vitae suae tempore in preparatione loci sibi a Domino traditi sudasset, unde nec abstinit, donec priscis monasteriis regali auctoritate constructis regalibus privilegiis et terrarum opulentia coequaret”.

<sup>367</sup> GaS, p. 609: “[...] vir quidam inclitus nomine Amalfridus tradidit domno Bertino monasterium quod construxerat in proprietate sua nomine Hunulfi-curte in pago Cameracense super fluvio Scald”.

vivos, e, após a morte destes, ele e os seus abades sucessores receberiam a posse integral.<sup>368</sup> A transferência dos bens do monastério Hunolfo à Sithiu é transcrita logo na sequência.<sup>369</sup>

No tempo da liderança de Bertin, a *Gesta* também faz menção às sucessões dos reis merovíngios, relacionando a atuação política destes com o desenvolvimento institucional da abadia. Nesse sentido, são citadas quatro cartas dos reis Clotário III, Teodorico III e Clóvis III.<sup>370</sup> No conjunto, elas confirmam a proteção, a imunidade e a autoridade régia sobre os bens de Sithiu e seus abades. A autenticidade das cartas, porém, é extremamente discutível, e se supõe que todas sejam falsificações ou, ao menos, interpolações.<sup>371</sup>

Ao final do seu período abacial, em 689, após transferir o comando da abadia ao novo abade Rigoberto, Bertin ainda ordenou a este que construísse uma Igreja em honra de São Martinho, que teria se tornado o centro principal do monastério.<sup>372</sup> Nove anos depois, o santo fundador foi sepultado nessa basílica, sob a supervisão do abade Erlefrido.<sup>373</sup> Após os citados Rigoberto e Erlefrido, a função abacial teria sido exercida cronologicamente por Erkembodo, Waimar e Nantário, cujos atos foram descritos na *Gesta* essencialmente a partir dos documentos diplomáticos adquiridos.<sup>374</sup>

Erkembodo, além de abade de Sithiu, era também bispo da diocese de Théroutane, tendo obtido entre 717 e 722 três privilégios reais, sendo um de Childerico II, e os demais de

<sup>368</sup> Ibidem: “[...] per precariam haberet et post suum obitum ac filiae eius Aurianae supradictus abbas Bertinus seu successores sui hoc habeant, teneant atque possideant et quemcunque prepositum ibi preponere voluerint licentiam habeant”.

<sup>369</sup> DB, p. 16: “[...] ipsum monasterium superius nominatum Hunulfo Curtis ad integrum, aspectus vel subjectus, omni tempore ad Sithiu monasterio debeat esse”. A autenticidade da fonte não é questionada pela base Telma.

<sup>370</sup> DB, p. 7-9, 13-15, 17-18, 18-20, respectivamente.

<sup>371</sup> A recente edição de Theo Kölzer na MGH das cartas reais merovíngias fez uma minuciosa crítica de autenticidade dessas fontes: KÖLZER, Theo (Ed.). **Die Urkunden der Merowinger**. In: Monumenta Germaniae Historica. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2001. Os quatro documentos citados na *Gesta* durante o período abacial de Bertin (transcritas na edição da MGH respectivamente nas páginas 258, 321, 329 e 339) são classificados como *unecht* (irreal) ou *interpoliert* (interpolado). Isto significa que as cartas, tal como editadas na Diplomata Belgica (DB) e aqui reproduzidas, não poderiam, por conta dos seus aspectos formais e/ou filológicos, ter sido produzidas no século VII sob supervisão dos respectivos reis. Não temos informações suficientes para determinar em que medida Folcuíno foi responsável direto pelas falsificações. Em todo caso, essas fontes foram deliberadamente selecionadas por ele na composição da *Gesta*, uma vez que reiteram a importância de Bertin e conferem um argumento de legitimidade aos bens e possessões de Sithiu.

<sup>372</sup> GaS, p. 610: “Beato igitur Bertino iam in senium vergente, regimen coenobii sui Rigoberto venerabili viro commisit, ut, relicto mundanae implicationis negotio, liberius vacaret Deo. Hic sub tempore regiminis sui, domno Bertino ordinante et iubente, construxit monasterium in honore sancti Martini, qui nunc loci caput et totius abbatiae principatus existit, anno [689]”. O autor, mais uma vez, procurou destacar a proeminência de Bertin e da Igreja na qual este foi sepultado. Contudo, não há outros elementos que comprovem a superioridade de sua importância em relação ao outro polo constituinte do complexo monástico, isto é, a Igreja de Saint-Omer. Essa referida centralidade talvez fosse um fato consumado no século X, mas não durante o período merovíngio.

<sup>373</sup> GaS, p. 611: “Sub huius prefati Erlefridi regiminis tempore beatus pater Bertinus plenus dierum et sanctitate post diuturnum in Domini servitute famulatum carnea relinquens ergastula, migravit ad Christum, percepturus ab ipso aeternae remunerationis bravium, qui erat annus dominicae incarnationis 698 [...]. Sepultusque est in basilica sancti Martini, ubi plurimae a Domino virtutes per eius merita sunt patrae”.

<sup>374</sup> GaS, p. 611-612, capítulos 17-26.

Teodorico IV.<sup>375</sup> Após sua morte em 742, foi substituído por Waimar, que recebeu no ano seguinte uma renovação e confirmação do privilégio concedido por Teodorico IV, assinado supostamente pelo recém-entronizado rei Childerico III.<sup>376</sup> Nantário, o último abade do período merovíngio mencionado no texto de Folcuíno, teve o seu período à frente do monastério marcado pela obtenção de uma pequena igreja (*cellam*) em Roxem (*Hrokashamo*), transferida por um certo presbítero Felix, que teria atestado a doação em uma carta.<sup>377</sup>

Folcuíno continua a demarcar o vínculo de Sithiu com o Reino Franco, já que explicita no capítulo 28 os eventos da ascensão da dinastia carolíngia com Pepino, o Breve.<sup>378</sup> Os abades da comunidade aparentam ter estabelecido conexões estreitas com esses reis, já que Hardrado, em 769, foi agraciado com a confirmação da autoridade real dos privilégios de imunidade da abadia, emitida por Carlos Magno um ano após o início do seu reinado.<sup>379</sup> Durante o seu período à frente do cargo abacial, ele ainda obteve para o monastério outras três doações que expandiram consideravelmente o patrimônio fundiário: de Sigerardo, a posse da basílica de Saint-Michel e de suas cercanias em *Hrokashem*, no condado de Flandres;<sup>380</sup> de Waldberto, a gestão absoluta sobre *Loningaheim* em Boulonnais;<sup>381</sup> finalmente, de Sigeberta, o controle dos bens existentes em *Fresingahem*, no bispado de Théroutane.<sup>382</sup> Também seus dois sucessores, os abades Odlando e e Nantário II, receberam em favor de Sithiu doações e direitos de expansão de influência tanto de Carlos Magno quanto de outras importantes figuras da região.<sup>383</sup>

Após a morte de Nantário II em 820, o posto abacial foi ocupado por Fridogíseo que, a julgar pelos documentos diplomáticos na *Gesta*, também obteve, tal como seus

<sup>375</sup> DB, p. 23-24, 24-25, 26-27. De acordo com Kölzer, somente a carta de Childerico II (p. 441), que confirmou a imunidade e a posse real ao monastério, pode ser classificada como autêntica. Os documentos ditos de Teodorico IV são falsos (p. 446) ou interpolados (p. 444).

<sup>376</sup> DB, p. 29-30. Kölzer aponta que esta carta é mais uma falsificação (p. 475).

<sup>377</sup> GaS, p. 612: “Post decessum autem prefati abbatis Waimari Nantharius totius abbatiae sublimatus est dignitati. Cui anno 3. prefati regis Hilderici quidam presbiter Felix nomine tradidit ad usum monasterii sui Sithiu cellam sui iuris propriam vocabulo Hrokashamo sive Therealdo-loco, ut testatur illius traditionis karta, quam hic ad confirmationem credulitatis describimus sub tenore antiquae illius dictationis” Edição da carta em DB, p. 30-34. Classificada como autêntica, segundo a base Telma. Nesse catálogo, na realidade, todas as epístolas ditas privadas, isto é, não provenientes dos reis francos, são definidas como verdadeiras, com exceção da mencionada carta atribuída falsamente a Omer (DB, p. 9-13).

<sup>378</sup> GaS, p. 612: “Qui Christi roboratus virtute, inter celebrationem consecrationis prefati altaris et oblationem sacratissimi sacrificii unxit in regem Francorum predictum florentissimum regem Pippinum et duos filios eius Karolum et Karlomannum, sed et uxorem ipsius incliti principis Pippini nomine Bertradam, indutam cicladibus regiis, gratia septiformis Spiritus sancti in Dei nomine consignavit anno dominicae incarnationis 754”.

<sup>379</sup> DB, p. 34-35. Documento mencionado em GaS, capítulo 30, p. 613. O trabalho de verificação da autenticidade de cartas reais feito Kölzer na MGH continuou a analisar documentos do período carolíngio, mas somente a partir do reinado de Luís, o Piedoso. As fontes de Carlos Magno, por conseguinte, ainda não foram submetidas a análises de veracidade. Neste trabalho, consideraremos de modo provisório que são autênticas.

<sup>380</sup> DB, 35-36.

<sup>381</sup> DB, p. 37-38

<sup>382</sup> DB, p. 38-39.

<sup>383</sup> GaS, p. 613, capítulos 35-39. DB, p. 39-45.

antecessores, alguns privilégios para a abadia. Há duas cartas em prol de Sithiu do rei Luís, o Piedoso, que havia substituído Carlos Magno após a morte deste em 814. A primeira teria confirmado um direito de exploração dos bosques e florestas adjacentes ao complexo monástico, que havia sido concedido pelo seu pai em 794. Já a segunda reforçaria a imunidade e proteção real ao monastério e às suas possessões.<sup>384</sup>

Apesar de a *Gesta* demonstrar que Fridogíseo dava continuidade a uma prática habitual dos abades anteriores, a saber, a expansão e consolidação do patrimônio fundiário, testemunhada nos documentos diplomáticos anexados, sua atuação em Sithiu é retratada de maneira pejorativa. Se, por um lado, os líderes da comunidade monástica eram mencionados pelo autor principalmente em função das contribuições que deram para o fortalecimento institucional da abadia, por outro, o período em que Fridogíseo esteve encarregado da função abacial é descrito por Folcuíno a partir das inconveniências que teria trazido. No início do capítulo 47, foi dito que ele “sequer seria digno de portar consigo o nome de abade”.<sup>385</sup> Junto à transcrição da primeira carta real de Luís, o Piedoso, o autor comenta que foi obtida não em prol de Sithiu, mas para o escárnio de sua própria vaidade.<sup>386</sup>

As acusações só aumentam nos parágrafos seguintes. Fridogíseo teria sido o responsável tanto por descartar a observância sagrada da regra dos monges – isto é, a *Regula Benedicti* –, que havia sido conservada no local com muito afincio, quanto por dizimar a crescente opulência material trazida pelas diversas doações desde a fundação do monastério. Sithiu, em suma, teria sido beneficiada, sob a supervisão desse abade, em favor de pessoas externas ao claustro, e não da comunidade monástica em si.<sup>387</sup>

O principal evento que desencadeou essa caracterização negativa foi a mencionada reforma de 820, que introduziu cónegos na instituição. Os 130 monges que compunham até então Sithiu se dividiam entre os dois polos principais da abadia: 83 estavam ligados à Igreja de São Martinho, onde Saint-Bertin foi sepultado, e os outros 40 habitavam na Igreja de Notre-Dame, na qual jazia Saint-Omer. Nas palavras de Folcuíno, após a intervenção tirânica (*Qui in initio tyrannidis suae*) de Fridogíseo, porém, 23 monges que não consentiram em seguir a

<sup>384</sup> Mencionadas na GaS, p. 615, capítulos 48-50 e transcritas em DB nas páginas 46-47 e 48-51, respectivamente. A documentação diplomática de Luís, o Piedoso, foi submetido à avaliação de autenticidade: KÖLZER, Theo (Ed.). *Die Urkunden Ludwigs des Frommen*. In: Monumenta Germaniae Historica. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2016. A primeira carta deste rei citada na *Gesta* (p. 460) é identificada como uma interpolação, enquanto a segunda (p. 706) é vista como verossímil.

<sup>385</sup> GaS, p. 614: “[...] Fridegisum videlicet, nec ipso nomine dignum abbatem”.

<sup>386</sup> GaS, p. 615: “[...] petiit abe o licentiam in sepe dicti monasterii sui Sithiu silvas venationem exercere [...] ad suae vanitatis ludibrium exercendum”.

<sup>387</sup> GaS, p. 614: “Nam cum actenus sacra monachorum regula miseratione Dei in hoc coenobio foret conservata, crescente rerum opulencia, monachis ordinationem monasterii sui abstracta, abbatia regali beneficio in externas personas est beneficiata”.

perversidade do abade abandonaram Saint-Bertin, e os que estavam assentados em Saint-Omer foram substituídos por 30 cônegos.<sup>388</sup> As propriedades também foram divididas: uma porção (*mensa abbatialis*) foi destinada ao abade e a outra (*mensa conventualis*) deveria ser repartida proporcionalmente entre os cônegos e monges.<sup>389</sup> As consequências dessas mudanças teriam sido a destruição da caridade fraternal no monastério e o incremento das hostilidades entre os clérigos das respectivas igrejas.<sup>390</sup>

A interpretação de Folcuíno sobre o período abacial de Fridogíseo corresponde muito mais ao contexto de produção da *Gesta*, em meados do século X, do que às circunstâncias do processo de reforma iniciado em 820. O autor, assim como já havia tentado demonstrar na sua narrativa a respeito da fundação de Sithiu, buscou conectar a história desta abadia original com o monastério recém-institucionalizado de Saint-Bertin, ao qual ele pertencia. Isto é, tentou argumentar que a suposta existência de uma vida monástica regular segundo a *Regula Benedicti* em Sithiu articularia o passado desta abadia com a sua comunidade, considerada a legítima sucessora e herdeira das posses materiais. Nessa leitura, são depreciadas quaisquer medidas que não fossem tidas em proveito do monasticismo beneditino. Assim, a chegada dos cônegos, que inclusive passaram a gerir parte das propriedades, é vista pejorativamente como uma grande perda e ruptura institucional, o que levou Folcuíno a descrever as mudanças de 820 – bem como o abade por elas responsável – de modo mais radical e traumático do que realmente foram.<sup>391</sup>

---

<sup>388</sup> Ibidem: “Qui in initio tyrannidis suae, cum cerneret abbatiam universam tot monachorum usibus delegatam, utputa centum et triginta monachorum inter utraque monasteria, Sancti scilicet Bertini Sanctique Audomari, degentium, nichilque suarum voluptatum usibus sequestratum, avariciae iaculo cecatus, monachorum impudenter temptat vitam destruere, ut res eorum usibus a fidelibus traditas suae lasciviae potuisset facilius mancipare. Quod diabolica suggestionem mente conceptum, nefanda est ab illo perpetracione peractum. Nam in capitaneo apostolorum seu Sancti Bertini loco, ubi 83 monachi deserviebant Domino, 60 pro humana potius laude quam pro Dei amore retinuit; reliquos districtioris vitae viros, quos suae perversitati putavit non consentire, de monasterio expel lens, abire permisit. In Sancti Audomari quoque monasterio, ubi regulariter viventes aderant 40 monachi, 30 canonicos ibidem ad serviendum deputavit in ministerio Christi”.

<sup>389</sup> Ibidem: “Ac post haec totius abbatiae circuiens villas, et quia duplex extabat monachorum numerus, dupplam eis portionem villarum est largitus. Canonicis autem, quia pauciores erant numero, simpla contra monachis est data portio”.

<sup>390</sup> Ibidem, p. 614-615: “Hic etiam fraternae karitatis utriusque monasterii destructor extitit, dum et monachi sibi iustum et ab antiquis patribus traditum reverentiae honorem vindicant canonicorumque subiectionem sibi veraciter defendunt, et canonici ab ipso abbate canonico fallaci assertione principatum ad se monasteriorum pertinere dicunt”.

<sup>391</sup> MEIJNS, op. cit., 2001, p. 695. O artigo demonstra como Folcuíno, influenciado pelo prisma da reforma beneditina de 944, distorceu os significados das medidas tomadas por Fridogíseo: “Il est tout aussi douteux que l’action de Fridogise ait mis fin à la charité fraternelle”. Os monges e cônegos continuaram a ser dirigidos pelo mesmo abade, servindo uma única instituição apesar da separação das *mensae*, prática recorrente nas primeiras décadas do século IX. Além disso, Folcuíno supõe que haveria uma homogeneidade dos 130 clérigos que habitavam o complexo monástico em 820, sendo todos, segundo ele, monges que seguiam os valores beneditinos. Meijns, por outro lado, argumenta que, como de praxe no período merovíngio, a ordem monástica em Sithiu não era tão unívoca como defendia Folcuíno, existindo, concomitantemente, clérigos com modos de vida mais moderados, incluindo cônegos. Nessa perspectiva, a reforma de Fridogíseo pode ser vista mais como uma mera institucionalização de uma situação informal já existente, do que uma reforma radical, tal como representada na *Gesta*.

Ao detalhar as medidas tomadas por Hugo, sucessor de Fridogíseo em 834, o autor da *Gesta* explicita outra vez como as circunstâncias institucionais em Saint-Bertin na época da escrita do texto influenciaram seu olhar sobre o passado de Sithiu. De acordo com Folcuíno no capítulo 57, apesar das turbulências de sucessão no Reino Carolíngio após a morte de Luís, o Piedoso, e as consequentes disputas entre seus filhos pelo poder político, Hugo teria sujeitado os cônegos à autoridade dos monges de maneira louvável e delegado a custódia das duas igrejas que compunham o complexo monástico exclusivamente a Saint-Bertin.<sup>392</sup> Essas determinações, porém, não parecem ser verossímeis, ou seja, não há elementos que demonstrem discordâncias e disputas por hegemonia entre as comunidades logo após as reformas de 820.

A *Gesta* faz alusão na narrativa a uma suposta carta de Hugo (*per descriptionem capitularem*) que confirmaria a mencionada submissão, no entanto, não há uma cópia transcrita no documento.<sup>393</sup> Além disso, uma vez que ambas as igrejas continuaram sob a governança do mesmo abade, é improvável que Hugo tenha agido em favor somente de Saint-Bertin, desprezando completamente os interesses dos cônegos de Saint-Omer, que estariam sujeitos de modo pleno aos monges.<sup>394</sup> Nessas circunstâncias, a leitura dos eventos de Sithiu de meados do século IX feita por Folcuíno é marcada pela perspectiva que privilegia a primazia da ordem monástica beneditina instaurada em 944 a partir das atuações do abade Gerardo de Brogne e do conde Arnulfo. Isso significa que qualquer medida de Fridogíseo em favor dos cônegos fora vista pelo autor como uma perda para a comunidade de Saint-Bertin, da qual era escriba.

A marca pessoal de Folcuíno está presente no relato de outros acontecimentos do século IX. Após a morte de Hugo em 844, Adalardo foi nomeado abade, no entanto, o destaque do capítulo 58 da *Gesta* foi o bispo de Thérouanne Folcuíno, que, como vimos, era o tio-avô do autor do texto. É curioso notar como a figura episcopal dessa diocese, a qual Sithiu de fato pertencia, havia sido mencionada somente no início do documento, quando foram narrados os acontecimentos ligados à fundação da abadia. Não é mera coincidência que o papel dos bispos

---

<sup>392</sup> GaS, p. 617: “Hugo abbas [...] postquam locum hunc sua constitutione laudabiliter stabilivit, qua et canonicos Sancti Audomari monachis Sancti Bertini etiam per descriptionem capitularem iuste subjugavit monachumque ab inferius monasterium ad Sancti Audomari custodiam deputavit”. O autor não esconde a instabilidade política do Reino Franco em meados de 840, p. 616: “Ista autem periculosissima discordia sine requie quinquennii occupaverat tempus. Sub hac tempestate [...]”.

<sup>393</sup> A única fonte diplomática no tempo de Hugo registrada na *Gesta* é a confirmação da imunidade e proteção real do monastério e de seus bens feita por Luís, o Piedoso, em 835. DB, p. 52-54. Kölzer (p. 885) não questionou a autenticidade do documento. Uma suposta carta deste abade foi incluída na edição de Guérard, porém, como apontado por Ugé (2005, p. 67-69) a partir dos estudos de Laurent Morelle, ela é uma falsificação da segunda metade do século XI, não estando presente, portanto, no manuscrito *Vetus Folcuinus*.

<sup>394</sup> UGÉ, op. cit., 2005, p. 67: “In these circumstances, it is unlikely that he would have subjected St Omer’s community to the monks of Saint-Bertin”.

de Théroutanne volte a ser destacado entre os atos dos abades somente quando alguém da linhagem familiar do escritor da *Gesta* tenha sido entronizado nesse cargo. Portanto, Folcuíno deixa de lado por um tempo as realizações de Adalardo para enfatizar a relevância de seu tio-avô no desenvolvimento do monastério.

Entre as suas realizações estariam a translação das relíquias do santo fundador Bertin em 846 e o novo sepultamento na Igreja que havia sido nomeada em sua homenagem.<sup>395</sup> Também foi destacado como ele próprio se ocupou da sucessão de seu bispado, depois de quase 40 anos na função.<sup>396</sup> Por fim, ao falecer em dezembro de 855, foi enterrado em Sithiu ao lado direito de Bertin, conforme havia solicitado.<sup>397</sup> Essa inserção profunda do bispo de Théroutanne na história da sucessão de abades é excepcional na *Gesta*. A sua presença atesta que Folcuíno, além de contribuir para a celebração de São Bertin no monastério, buscou consolidar ainda os laços desta instituição com a sua família, cujos passados coincidem de maneira estreita desde a atuação de seu tio-avô, descrito como um bispo e santo local.<sup>398</sup>

Somente após a exaltação de Folcuíno de Théroutanne a *Gesta* volta a elencar os atos dos abades e as respectivas cópias de documentos diplomáticos. Adalardo, por um lado, além de ter sido responsável por prosperar as cidades (*villas*) em favor do uso pelos monges, também teria ordenado a escrita de um políptico, um documento de gestão que coletou informações referentes às terras, às pessoas e aos rendimentos de Sithiu.<sup>399</sup> Por outro, seu período abacial foi marcado negativamente pelas acusações recebidas por parte do rei Carlos, o Calvo – tendo sido inclusive afastado do monastério em 859 e substituído por Hugo II durante

---

<sup>395</sup> GaS, p. 618: “Huius autem regiminis anno 3, qui erat annus Verbi incarnati 846, sancti Bertini corpus a sancto Folcwino episcopo, ut ferunt, transfertur et reconditur 17. Kal. Augusti”.

<sup>396</sup> Ibidem: “Longa, inquit, senectute fessus isdem beatus antistes Folcwinus, utputa qui 40. in episcopatu fere peregerat annum, cum iam non posset publice missarum sollempnia celebrare, cognito hoc, rex, illo adhuc vivente, quod contra canones erat, successorem ei episcopum destinavit”.

<sup>397</sup> GaS, p. 619: “Transiit autem in suprascripta villa anno incarnationis dominicae 855, indictione 3, feria 3. vespascente, qui erat annus prefati regis Karoli 15. et episcopatus ipsius beati presulis 40, 19. Kal. Ianuarii. Rogaverat autem isdem pontifex, ut, sicubi exitus eius accederet, corpus illius ad Sithiu monasterium, in basilica sancti Bertini portaretur tumulandum. [...]. Deportantes autem beati viri corpus ad Sithiu monasterium, ad latus sancti Bertini dextrum est tumulatum”.

<sup>398</sup> Folcuíno contribuiu explicitamente para a santificação deste bispo de Théroutanne com a escrita da hagiografia *Vita Folquini episcopi Morinensis*, em 971, alguns anos após deixar Saint-Betin para se tornar abade em Lobbes. Identificamos, porém, que já na *Gesta* ele buscou estabelecer uma conexão íntima entre o principal santo fundador de Sithiu e o seu tio-avô.

<sup>399</sup> GaS, p. 619: “Abbas igitur Adalardus villas ad fratrum usus pertinentes vel quicquid exinde sub qualicumque servitio videbatur provenire, absque his quae in aliis ministeriis erant distributae vel quae militibus et cavallariis erant beneficiatae, tali iussit brevitate describere”. Transcrição do políptico em: DB, p. 57-64. Versão mais recente editada por: GANSHOF, François-Louis. Le polyptyque de l'Abbaye de Saint-Bertin (844-859). In: **Mémoires de l'Institut national de France**, tome 45, 1975, p. 57-209. Para uma análise, SOBREIRA, Victor Borges. **O modelo do grande domínio**: os polípticos de Saint-Germain-des-Prés e de Saint-Bertin. História e historiografia. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 32-46. RENARD, Étienne. Que décrit le polyptyque de Saint-Bertin? A propos de la notion de mense a l'époque carolingienne. In: **Revue Mabillon**, vol. 15, 2004, p. 51-79.

alguns meses –, bem como pelas invasões dos vikings pagãos em 861, que causaram enormes perdas materiais e humanas à abadia.<sup>400</sup>

A história de Sithiu na segunda metade do século IX é relatada na *Gesta* em estreita conexão com as dificuldades políticas mais amplas enfrentadas pelos reis carolíngios. Os capítulos seguintes à morte de Adalardo indicam que a abadia obteve novos bens materiais e expandiu seu patrimônio fundiário, recebendo, inclusive, documentos favoráveis com a chancela do rei Carlos, o Calvo.<sup>401</sup> Todavia, foi igualmente afetada pelas invasões normandas e de outros pagãos, pela fome e por doenças contagiosas.<sup>402</sup> As violentas disputas de sucessão pelo trono real carolíngio também foram citadas, uma vez que impactaram negativamente a Igreja de Saint-Bertin, tornando-a vulnerável aos ataques externos.<sup>403</sup>

A partir do capítulo 98, Folcuíno continua a narrar na *Gesta* os acontecimentos mais importantes na Corte do Reino da França Ocidental, dado que os seus reis ainda são uma figura de autoridade relevante em Sithiu, mas, ao mesmo tempo, começa a descrever as interferências no monastério por parte de um grupo político em plena ascensão na região: os condes de Flandres. Balduíno II, apesar de ter encontrado bastante resistência dos monges contrários à ingerência dos poderes seculares, se tornou abade laico em 900, estabelecendo estreitas relações

<sup>400</sup> GaS, p. 619: “Igitur post haec anno dominicae nativitatis 859 et prefati regis Karoli 20. prefatus abbas Adalardus apud eundem regem incusatus, anno regiminis sui 16. abbatia ab eo est abstracta atque Hugoni iuniori est data 9. Kal. Aprilis, [6. feria ante pasca], qui erat canonicus et filius Chonradi et avunculus Karoli supra memorati regis. [...]. Anno namque regiminis eius 2, cum saeva paganorum lues non tantum circumiacentes terminos, verum etiam seposita regna grassando ferro igneque consumeret, amica sibi fraude, pecunia avidi, rapina famelici, toto nisu allo mari velivolantes, spumantia certatim sulcabant freta, pertinacique cursu tandem applicuerunt in finibus Menapum, in sinum qui vocatur Iserae portus; ibique prosilientes, incendiis ac devastationibus nusquam indulgentes, ad famosissimum locum pausionis Christi confessorum Audomari atque Bertini subripiendorum properant aviditate thesaurorum, sabbatoque ebdomadis pentecostes, hora secunda pervenerunt ad locum quo tendebant”.

<sup>401</sup> Adalardo foi sucedido, cronologicamente, por Hunfrido, Hilduíno, Folco e Rodolfo. (GaS, p. 620-624, capítulos 67-97). Com exceção desse penúltimo abade, todos os demais obtiveram concessões para uso de terras ou transferências de propriedades, acompanhadas das respectivas cartas: DB, p. 64-65, 69-70, 71-72, 79-81, 81-82. No período de Hilduíno, em particular, teriam sido emitidos três documentos de Carlos, o Calvo, cujos propósitos eram, de maneira geral, expandir e proteger com imunidade real o patrimônio fundiário do monastério. DB, p. 73-74, 76-78, 78-79. Os diplomas de Carlos, O Calvo, foram editados a parte, contendo críticas de autenticidade: LOT, Ferdinand (Dir.). **Recueil des Actes de Charles II le Chauve**, roi de France. Paris: Imprimerie nationale, 1943. As três cartas mencionadas foram consideradas autênticas e verdadeiras (p. 322, 458 e 468).

<sup>402</sup> GaS, p. 621, capítulo 77: “In ipso anno [incarnationis Domini 874] facta est fames magna et mortalitas hominum per pestilentiam permaximam. Vinum autem extitit habundanter; annoque insecuto ignis globus maximus in aurora diei de aethere est lapsus, itemque stella cometes apparuit 6. Idus Iunii”. Ibidem, p. 622, capítulo 88: “Huius anno primo [878] monasterium Sancti Petri et Sancti Bertini iam vice altera a Nordmannis est incensum 5. Kal. Augusti; et eclipsis solis quarta facta est Kal. Novembris, 4. feria, hora 9; et mortalitas hominum et pecorum magna”.

<sup>403</sup> Por exemplo, no capítulo 88, Folcuíno faz alusão ao conflito em 879 pelo reinado da França Ocidental entre os irmãos Luís III e Carlomano, filhos do falecido rei Luís II, o Gago. GaS, p. 622: “Hludowicus autem, filius Karoli imperatoris, anno regni sui secundo necdum expleto obiit Compendio palatio 5. Idus Aprilis anno incarnationis Domini 879. Deinde filii eius Hludowicus et Karlomannus regnum eius inter se dispertiunt”. Em 891, Sithiu foi mais uma vez invadida pelos normandos pagãos. GaS, capítulo 96, p. 623: “Sequenti quoque dominico meridie venit exercitus reliquus paganorum ampliori multitudine ad castellum sanctorum predictorum; et pugnaverunt a meridie usque ad vesperum 6. Nonas Mai, et nichil prevaluerunt. Sed aliqua pars illorum intravit ecclesiam sancti Bertini”.

entre o monastério e sua linhagem familiar.<sup>404</sup> O rei Carlos, o Simples, teria confirmado o posto abacial deste conde por intermédio de uma doação real, cujo documento não foi transcrito na fonte.<sup>405</sup>

Ao tratar dos eventos do século X, a *Gesta* se diferencia da estrutura que a caracterizava até então. Além de conferir centralidade aos condes de Flandres, notamos que Folcuíno não anexou mais nenhuma fonte diplomática ao documento. Nas suas descrições dos acontecimentos na abadia a partir do ano 900, ele se concentrou em relatar a história institucional de Sithiu exclusivamente por meio de uma narrativa cronológica, sem qualquer transcrição de cópias de cartas, tal como havia feito ao tratar do passado merovíngio e carolíngio.<sup>406</sup> Houve apenas menções breves às contribuições materiais ou fundiárias dos sucessivos líderes da comunidade monástica. Este estilo será mantido até o final da *Gesta*.

Dessa maneira, nos parágrafos seguintes, o autor expõe atos e sucessões de abades, que são, simultaneamente, condes de Flandres (ver o quadro 3 abaixo). A única exceção é o capítulo 104, no qual o centro da narrativa é a elevação, em 928, do corpo e das relíquias de Folcuíno, santo bispo de Thérouanne.<sup>407</sup> Após esta breve digressão, é dito que depois da morte

---

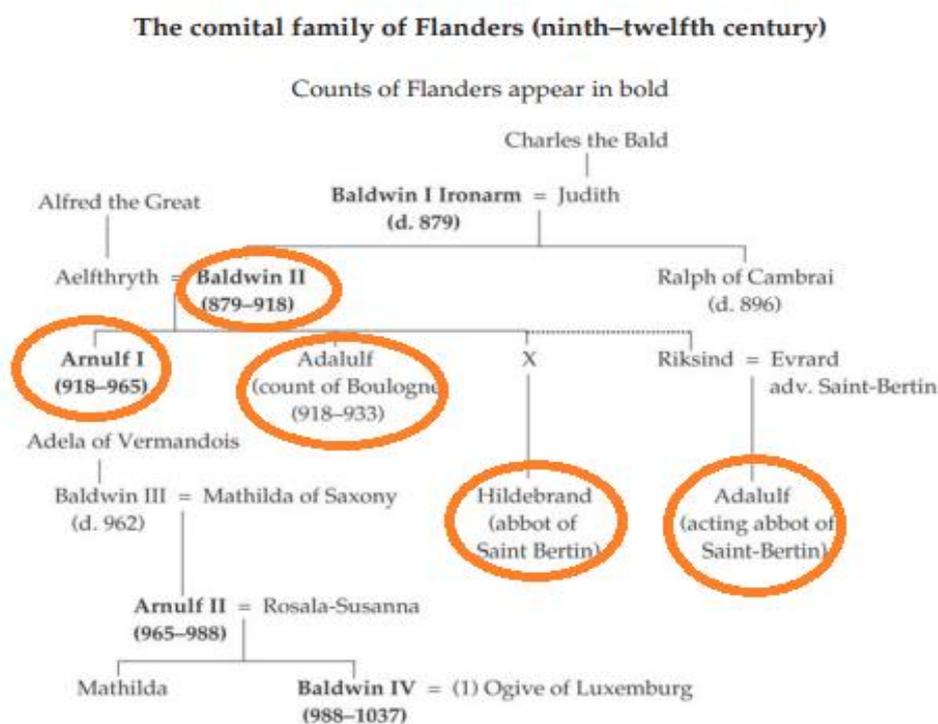
<sup>404</sup> GaS, p. 624: “Post mortem autem Rodulfi abbatis Balduinus inclitus marchisus abbatiam tenere gestiens, regem adiit, deprecaturus, si id quoquo modo posset extorqueri, abbatiam Sithiensis coenobii sibi concedi. Quod audientes monachi, Grimbalduum quendam ex ipsis monachum ad regem dirigunt, id omnimodis, si posset, consilium toto conamine evacuandum. Quo proficiente, obviam habuit eundem comitem; quo tenderet, requirentem. Cui cum respondisset, se regem expetere velle, indicavit ei, se regia donatione abbatiam acquirere posse, si monachorum voluntas in hoc non videretur contraire, se quoque obnixè petere, ne eum ex hoc vellet impedire. Talibus in verbis discessum est. Grimbalduusque via qua ceperat pervenit ad regem; reperitque ibi venerabilem Folconem, quondam Sithiensis coenobii abbatem, tunc vero gloriosum Remorum archipresulem. Quod audientes monachi, Grimbalduum quendam ex ipsis monachum ad regem dirigunt, id omnimodis, si posset, consilium toto conamine evacuandum. Cui cum ex monachorum verbis intimasset, omnes unanimiter ante locum velle deserere, quam sacer locus sub laicali redigeretur potestate, postulavit in Dei omnipotentis nomine, ut expeteret regi, ne hoc sub eius regni permitteret fieri tempore, quod ab antecessoribus numquam videbatur factum esse”.

<sup>405</sup> GaS, p. 625: “Baldwinus autem post haec abbatiam optinuit regia donatione”.

<sup>406</sup> MORELLE, op. cit., 2010, p. 55: “It is also significant that the structure of the work is not uniform. A profound change in the text occurs in the years 898-900. After this period, the work becomes a true chronicle, as Folcuin liberates himself from the heavy editorial apparatus of the charters”. MAZEURE, op. cit., 2014, p. 199-214 argumenta que a nova forma de organizar o texto está associada, entre outros elementos, a uma mudança na percepção do autor, que julgou que a exposição narrativa sobre a dinâmica do desenvolvimento histórico seria um método mais conveniente para tratar do passado em si, enquanto os documentos com um valor administrativo deveriam ser postos à parte numa classificação arquivística.

<sup>407</sup> Já havíamos apontado neste capítulo (nas páginas 103 e 104) as razões de Folcuíno ter descrito detalhes da vida de seu tio-avô na *Gesta*. Nesta passagem, ele parece reforçar a conexão do bispo com sua linhagem familiar direta e com Sithiu, já que indica que seu pai foi quem tomou a iniciativa de proceder à elevação e celebração dos restos mortais do santo no monastério. GaS, p. 627: “Anno post haec 928. felicissimae incarnationis Iesu Christi domini nostri, tempore Karoli reclusi, indictione 1, meus, qui hoc ipsum scribo, pater Folcwinus nomine cum fratre suo apparatu quo poterant de regno Hlotharii huc adveniunt, sancti Folcwini corpus, quod eo usque tempore terra tegebatur, levare cupientes. Erant enim utriusque eiusdem beati viri carnali consanguinitate proximi. Postulata etiam a predicto comite et abbate Adalolfo licentia, ventum est ad sancti viri tumbam cum cereis et timiamateriis et choro psallentium, elevaveruntque corpus Idus Novembris, feria 5, die inlucescente; preparaveruntque supradicti refectioem fratribus, prout poterant; vinum namque et omnia ad victum necessaria venientes secum detulerant”.

de Balduino II, em 918, seu filho Adolfo herdou a região da diocese de Thérouanne e, por consequência, o cargo abacial em Sithiu.<sup>408</sup> No entanto, faleceu em 933 e foi sepultado na Igreja de Saint-Bertin, deixando alguns bens em proveito do monastério.<sup>409</sup> Seu substituto foi o irmão Arnulfo I, cujo papel é destacado no texto.



Quadro 3 – A família condal de Flandres<sup>410</sup>

Arnulfo transferiu à abadia o direito de uso e usufruto do *fiscum Merki*.<sup>411</sup> Sua esposa, Attala, obteve licença dos monges e dos bispos de Thérouanne e Cambrai para se colocar em frente ao altar de Saint-Bertin e rezar pela salvação das graves doenças que a

<sup>408</sup> Gas, p. 627: “[...] et post haec egrotans, obiit anno Verbi incarnati 918, 4. Idus Septembris. [...]. Markam vero eius filii eius inter se diviserunt; et Arnulfus, qui maior natu erat, Flandriam, Adalolfus vero civitatem Bononiam et regionem Taruennicam pariterque Sancti Bertini suscepit abbatiam”.

<sup>409</sup> Ibidem: “Igitur post haec Adalolfus comes et abbas in hoc ipso monasterio Sithiu egrotans, obiit anno nativitatís Domini 933, Idus Novembris, sepultusque est in basilica Sancti Bertini, in latere sinistro altaris sancti Martini capitanei. Inter reliqua autem donaria dedit ad eundem locum calicem sui potus aureum et balteum ad calicem consecrationis dominici sanguinis faciendum; armillas autem suas Sancto Audomaro ad patenam concessit faciendam. Dederat quoque antea eidem Sancto Audomaro pallium quoddam, auro margaritisque mirifice intextum, contra quod Arnulfus alterum Sancto Bertino concessit, consimili opere precipuum. Post cuius luctuosum obitum Arnulfus, frater eius, abbatiam cum reliquo eius comitatu recepit”.

<sup>410</sup> Fonte: UGÉ, op. cit., 2005, p. XIII. Contornos nossos indicando os membros da linhagem condal que exerceram o cargo abacial em Sithiu/Saint-Bertin e foram citados na *Gesta*.

<sup>411</sup> GaS, p. 628: “In ipso quoque eius ingressu inclitus markisus Arnulfus per rogatu eiusdem suae amantissimae coniugis tradidit eidem loco ad usus fratrum fiscum Merki cum omnibus adiacentiis [...]”.

aflingia. Até o final da sua vida, ela não cessou de doar ornamentos ao monastério.<sup>412</sup> A atuação mais preponderante de Arnulfo, no entanto, é explicitada na sequência. O capítulo 107 aborda diretamente a reforma que ele teria iniciado em 944 ao convocar Gerardo de Brogne para intervir na comunidade. Folcuíno, portanto, passa a relatar eventos que eram a ele contemporâneos: conforme exposto, havia sido oferecido como oblato pelos seus pais nessa instituição apenas 4 anos após o começo do processo que desencadeou as referidas mudanças, o que foi mencionado explicitamente no documento.<sup>413</sup>

Em um primeiro momento, o autor não esconde que as medidas tomadas pelo conde Arnulfo e pelo novo abade Gerardo de Brogne tenham sido impactantes: muitos monges foram expulsos de Saint-Bertin e a população local lamentou a saída deles.<sup>414</sup> Por outro lado, Folcuíno reconhece a importância desse processo para a instauração da ordem monástica beneditina, da qual era um notório expoente e defensor. Em sua visão, a observância religiosa deveria estar alinhada com a obediência à *Regula Benedicti*, que estava totalmente abandonada no início da reforma.<sup>415</sup> Folcuíno, em resumo, não repudiou as intervenções de Arnulfo. Pelo contrário, este conde, designado como “glorioso”, confiou a direção do monastério a outros clérigos de confiança, como seu sobrinho Hildebrando, em 950. Este, substituindo Gerardo de Brogne, teria garantido a plena aplicação da disciplina monástica e o sustento material necessário.<sup>416</sup> Ao final

---

<sup>412</sup> GaS, p. 627-628: “Huius autem abbatis et comitis Arnulfi nobilissima coniunx Attala, cum sepiissime magnis infirmitatibus esset aggravata, desiderare cepit, ut in hoc monasterio ei licentiam monachi darent intrare, ut coram altare sancti Bertini pro salute deprecatura liceret se prosternere. Huius igitur rei causa advocatis venerabilibus episcopis Wicfrido Taruennensis ecclesiae episcopo et Folberto Cameracensis, denudavit eis desiderium suum. Accepta etiam a monachis licentia, anno nativitatis Domini 938. Annoque 5. Hludowici regis, feria secunda pascae, introduxerunt eam prefati episcopi in eodem monasterio, non sine tremore maximo, quoniam hoc illa prima facere presumpserat, quod antea reginarum nulla concupiscere vel audebat. Intrando autem plurima huic loco ornamenta contulit et quamdiu vixit, numquam donare cessavit”.

<sup>413</sup> GaS, p. 629: “Quo tempore ego ipse haec scribens Folcwinus a patre Folcwino supra iam memorato et matre Thiedala de regno Hlothario dicto huc adductus, anno incarnationis felicissimae domini nostri Iesu Christi 948, die festivitatis elevationis sancti Bertini, quae succedit omnium sanctorum festivitati, sancto Bertino oblatas, monachus, pro dolor! facie tenus, sum effectus”. Mesmo se a data da oblação indicada for correta, chama a atenção que Folcuíno buscou deixar mais uma vez clara a existência de seu vínculo pessoal estreito com a abadia, ao demonstrar que sua entrada coincide com o dia da festividade do santo fundador Bertin.

<sup>414</sup> GaS, p. 629: “Erat autem populi ad hoc ipsum spectaculum congregati non parvi numerus, eratque videre dolorem cunctis in monachorum exitu premaximum et lacrimas in oculis plurimorum turbationemque eiusdem loci famulorum cum reliqua multitudo plebium, in monachos regulares et in ipsum comitem insurgere volentium”.

<sup>415</sup> GaS, p. 628-629: “Antedictus autem abbas et comes Arnulfus, dolens religionem monasticam, quae inibi in priori tempore a beato Bertino constructa vigeat, tunc temporis aboletam, cepit cogitare, qualiter pristinam religionem extrueret et locum antiqua sanctitate nobilitaret. Ob hac igitur causa Gerhardum quendam abbatem ad se advocavit et cum ipsis monachis tractare cepit, si forte ad consensum boni consilii eorum animum inclinare posset. Cumque illi in obduratione mentis permanentes, nec minis nec blanditionibus flecterentur, hos de monasterio precepit abire anno saluberrimae nativitatis Iesu Christi Domini 944, 17. Kal. Mai; ipsique Gerardo abbati, qui pene solus et primus in occiduis partibus ultimis temporibus regularis vitae normam servabat, cum monachis e diversis locis collectis, eundem monasterium tradidit regulariter gubernandum”.

<sup>416</sup> GaS, p. 629: “Supra memoratus igitur gloriosus markises Arnulfus post Widonem antedictum abbatem parvo post tempore Hildebrando, nepoti suo, eundem monasterium contradidit ad regendum. Sub cuius tempore ita in hoc monasterio sanctitatis excrevit religio, ut forma et exemplum foret cunctis per circuitum constructis monasteriis. Gaudebant siquidem monachi sub tanto patre constituti, quoniam eis et interiora mentium sua

de seu período em Saint-Bertin em 953, quando foi enviado por Arnulfo para reformar a abadia de Saint-Vaast, o monastério sob sua supervisão havia sido revigorado, onde passou a predominar a rígida observância da *Regula Benedicti*.<sup>417</sup>

A narrativa é concluída com a descrição dos papéis dos demais clérigos apontados por Arnulfo para comandar Saint-Bertin.<sup>418</sup> Hildebrando, após sua partida, foi sucedido respectivamente por Regenoldo, conhecido por participar, junto com o bispo de Thérouanne Wicfrido, de uma cerimônia de celebração da elevação das relíquias dos santos fundadores, e por Adolfo, que havia encomendado a escrita da *Gesta* para Folcuíno em 961.<sup>419</sup> O penúltimo capítulo menciona já alguns eventos de 962, ano de finalização da obra. Por exemplo, a volta de Hildebrando, que se tornaria abade pela segunda vez a partir da indicação de seu tio, o conde de Flandres.<sup>420</sup> Dessa forma, o autor ocupou-se de relatar inclusive os acontecimentos mais recentes, contemporâneos à composição do texto. No último capítulo, já em forma de epílogo, Folcuíno evoca diretamente o mandatário da obra, o clérigo e então abade de Saint-Bertin Adolfo, pontuando a respeito da tarefa que lhe foi delegada, seus métodos e os resultados:

Eu concluí, com ajuda do Senhor, o que você havia ordenado para que eu fizesse, amado e santo senhor pai Adolfo, reunindo em um documento único as doações dos fiéis, com suas cartas, bem como os atos dos abades desde o primeiro, o senhor fundador Bertin, até o último, que está em cargo no tempo presente [Hildebrando]. Eu revelo – verdadeiro é o meu testemunho – que escrevi nada além daquilo que pude encontrar nas fontes transmitidas pelos antigos ou a partir das histórias dos homens perspicazes.<sup>421</sup>

---

exortatione amministrabat pabula et exteriora corporibus sufficienter prebebat necessaria; studebat autem inter reliqua sanctae regulae precepta iussioni huic maxime obedire, qua abbati precipitur, ut studeat plus amari quam timeri, ut ne, dum nimis eraderet eruginem, frangeretur humanae fragilitatis vas; discretionemque ita in cunctis suis actibus assumebat, ut in iussionibus suis esset et quod fortes cuperent et quod infirmi non refugerent”.

<sup>417</sup> GaS, p. 630: “Cum igitur locus iste religione qua supra diximus vigeret sub prefato abbate, cogitatio incidit glorioso comiti Arnulfo, ut pari religione Sancti Vedasti nobilitaret monasterium”.

<sup>418</sup> VANDERPUTTEN, op. cit., 2013, p. 47: “In subsequent years, Arnulf would pursue a policy of appointing indigenous monks as abbot of the reformed monasteries, perhaps in an attempt to secure the “Flemish” character of the monastic leadership”. A continuidade de sua importância em Saint-Bertin é atestada pelo fato de que mesmo após a implantação do abade regular Gerardo de Brogne em 944, Arnulfo continuou a ser descrito por Folcuíno como “comes et abbas”, GaS, capítulo 110, p. 632. Ver quadro 3 acima que fornece uma visão panorâmica da conexão estreita entre a família condal de Flandres e a figura abacial deste monastério.

<sup>419</sup> GaS, capítulos 109-110, p. 630-632. Folcuíno menciona explicitamente que Adolfo foi nomeado segundo a vontade dos monges: “cum eorum [fratribus] voluntate Adalolfo superius iam nominato et eiusdem monasterii monacho commisit die sollempni sacratissimae caenae anno 961”. Ele já fazia parte da comunidade, pois o capítulo 106 cita que, por volta de 938, havia sido oferecido como oblato pelos seus pais. Portanto, Adolfo foi um dos nove outros monges que permaneceram na comunidade após as reformas iniciadas em 944.

<sup>420</sup> GaS, p. 632: “Revertente autem domno Adalolfo de partibus quibus missus fuerat, iterum inquisitio et electio de abbate futuro coepit ventilari. Mittens autem comes Arnulfus, direxit post Hildebrandum supra memoratum abbatem et nepotem suum, et ei iterato hunc commendavit locum, quem et actenus miseratione Dei regit, qui est annus supra memoratus dominicae nativitatis”.

<sup>421</sup> GaS, capítulo 111, p. 632: “Explevi iam, auxiliante Domino, quae iusseras, domine et beatissime necnon et amantissime pater Adalolfe, comprehendens in uno codice traditiones fidelium cum kartis earum necnon et gesta

Os anexos da *Gesta* após o fechamento da narrativa incluem uma lista com os nomes de todos os supostos 46 monges, que viviam regularmente no monastério segundo a *Regula Benedicti* e sob o comando de Hildebrando,<sup>422</sup> bem como a transcrição de cópias de cartas não inclusas entre os atos dos abades ao longo do documento.<sup>423</sup> Entre elas, se destacam as concessões e privilégios referentes a *Stenetlant*, um priorado que foi anexado ao patrimônio fundiário de Sithiu no século IX durante o período abacial de Fridogíseo, por intermédio do monge e escriba Guntberto e de seu pai Goiberto.<sup>424</sup>

No conjunto, o documento constitui um material relevante para avaliar as condutas e incumbências de Folcuíno enquanto monge e escriba de Saint-Bertin. Ele foi encarregado de escrever um texto que, em primeiro lugar, pudesse prover à comunidade monástica uma ferramenta relevante diante das profundas transformações institucionais advindas com as reformas impulsionadas a partir de 944 por Gerardo de Brogne e Arnulfo de Flandres. Em outras palavras, a iniciativa de produção da *Gesta* foi uma resposta do abade Adolfo – e, provavelmente, dos demais monges – aos impactos decorrentes do estabelecimento da ordem monástica beneditina em Saint-Bertin, que se tornou uma abadia própria, separada da igreja dos cônegos de Saint-Omer, a qual esteve historicamente vinculada. Importante reiterar que 961, o ano de início da composição da obra, marca também a nomeação de Adolfo, que possuía o apoio dos demais monges, uma vez que era proveniente desta comunidade, diferentemente dos outros abades apontados pelo conde Arnulfo I.<sup>425</sup> Portanto, perante o contexto de modificações e contínuas interferências dos poderes laicos, Adolfo e os demais membros da abadia

---

abbatum ab ipso primo loci huius structore domno Bertino abbate usque ad ultimum, qui nunc preest nostrae aetatis tempore. Fateor autem, ipsa veritate teste, me nichil hic aliud scripsisse, nisi quod in exemplariis antiquorum potui reperire aut strenuis viris narrantibus agnoscere”.

<sup>422</sup> GaS, p. 632-633: “Subscripsi etiam per ordinem fratrum nostrorum nomina, quos ego iuvenulus et pene ultimus recorder in hoc monasterio regulari vixisse vita”.

<sup>423</sup> GaS, p. 632: “Reliquas vero kartas per diversorum ministeriorum officio deputatas curavi separatim inscribere, ut quod unicuique ministerio distributum erat faciliori inquisitione posset inquirens indagare”.

<sup>424</sup> A chegada de Guntberto foi relatada na *Gesta* no capítulo 52, p. 65-66. Nessa passagem, foi citada a transferência de *Stanetlant* – incluindo os seus bens fundiários adjacentes – à abadia de Sithiu. Cópia dos respectivos documentos editado em: DB, p. 47-48, 48-49, 51-52, 54, 56-57, 65-66, 67-69, 72 e 74-75. Gysseling e Koch (p. 3) destacam que, em *Vetus Folcuinus*, as cartas relativas à *Stanetlant* constituíam uma segunda parte do manuscrito após a *Gesta* em si: “Le manuscrit original de Folcuin, qui contenait 326 pages et avait 230 mm. de hauteur sur 149 mm. de largeur, comprenait deux parties: les *Gesta Abbatum Sithiensium* proprement dits et les chartres concernant le prieuré de *Stenetland*. Seize pages laissées em blanc entre les deux ou intercalées par après, ont été remplies par des continuateurs”. Sobre a relação da família de Guntberto com o priorado e a incorporação à Sithiu: COOLEN, Georges. Guntbert de Saint-Bertin, Chronique des temps carolingiens. In: **Revue du Nord**, vol. 40, 1958, p. 213-224. MEIJNS, Brigitte. Communautés de chanoines dépendant d'abbayes bénédictines pendant le Haut Moyen Âge. L'exemple du Comté de Flandre. In: **Revue bénédictine**, vol. 113, 2003, p. 90-123.

<sup>425</sup> Além dos condes de Flandres que se tornaram abades laicos em Sithiu/Saint-Bertin, a saber, Balduino I, Adolfo e Arnulfo I, este último escolheu para comandar o monastério Gerardo de Brogne, Womar, Agilo, Wido, Hildebrando e Regenoldo, todos eles clérigos externos, isto é, monges não pertencentes originalmente a Saint-Bertin, mas que foram designados para o cargo abacial.

encontraram um meio para melhor definir a identidade histórica e patrimonial de Saint-Bertin.<sup>426</sup>

Foi confiado a Folcuíno um trabalho bastante peculiar, no qual deveria descrever os elementos mais importantes que compunham esta instituição. Entre eles, estão o registro dos bens fundiários e dos direitos de uso e exploração de terras, o que explica a função dos documentos diplomáticos anexados ao longo do texto. As cópias de algumas das cartas de doação de propriedades datadas, desde o período merovíngio, foram reunidas na *Gesta* para delimitar com mais precisão aquilo que definia o patrimônio do monastério, demarcando suas zonas de atuação e influência e restringindo a interferência de outras instituições ou figuras de autoridade, incluindo os próprios condes de Flandres.<sup>427</sup> Nessa mesma lógica, as fontes reais eram materiais que, ao transcreverem as proteções de imunidades e os privilégios, também poderiam reforçar a legitimidade da constituição de Saint-Bertin como um eminente espaço monástico de poder da diocese de Thérouanne em meados do século X.<sup>428</sup>

Um diploma de Lotário, rei da França Ocidental, escrito em 962 – ou seja, durante a composição da *Gesta* – é mais uma evidência do desenvolvimento institucional da abadia.<sup>429</sup> A realeza, permanecendo como uma importante instância de poder na região mesmo após o fim do Império Carolíngio e a ascensão política dos condes de Flandres, conferiu ao monastério a inalienabilidade de seus domínios e confirmou a proteção pela imunidade real.<sup>430</sup> Os abades

---

<sup>426</sup> MAZEURE, op. cit., 2014, p. 154-155: “La décision de commencer la rédaction du cartulaire-chronique coïncide donc avec une période d’instabilité institutionnelle, caractérisée par une position abbatiale précaire, par une unité difficilement atteinte et par des rapports aléatoires avec le comte. Ce contexte explique les motifs de rédaction et les publis ciblés”.

<sup>427</sup> UGÉ, op. cit., 1996, p. 898: “The preoccupation with keeping records of the abbey landholding and privileges was obviously a protection against the count’s sticky fingers. In this regard, it is not surprising that Adalulf, who had reasons the fear the count’s assertiveness, would be the patron of the *Gesta*”.

<sup>428</sup> Cabe aqui um último comentário sobre a autenticidade das cartas reais anexadas na *Gesta*. Expusemos que algumas foram consideradas falsas, especialmente aquelas datadas supostamente do período merovíngio. Morelle (2010, p. 223-224) considera improvável que Folcuíno tenha sido o mentor das falsificações perpetuadas no manuscrito *Vetus Folcuinus*, pois é mais plausível que elas tenham ocorrido em momentos anteriores, em especial durante o século IX. Mazeure (2014, p. 171) pontua ainda que os anos de redação do documento (961-962) não coincidem com um período de ampla campanha de falsificações de cartas reais. Assim, é possível supor que o autor compôs o texto a partir da sua seleção das principais fontes diplomáticas – autênticas ou falsas – já existentes nos arquivos da abadia de Saint-Bertin em meados no século X (Berkhofer, 2004, p. 28). Conforme proposto por Ugé (2005, p. 69), não há como responder de maneira definitiva se Folcuíno tinha ou não consciência do fato que parte dos documentos com os quais trabalhava haviam sido anteriormente forjados. Em todo caso, eles foram mobilizados na *Gesta*, uma vez que contribuíam para cumprir com os objetivos de seu autor.

<sup>429</sup> HALPHEN, Louis; LOT, Ferdinand (Eds.). **Recueil Des Actes de Lothaire Et de Louis V** : Rois de France (954-987). Paris: Imprimerie nationale, 1908, n. 15, p. 32-35.

<sup>430</sup> MEIJNS, Brigitte. A defence against the arrows of the disturbance to come: royal protection and the consolidation of monastic reform under Count Arnulf I of Flanders (918–65). In: **Early Medieval Europe**, n. 26, 2018, p. 486–517. Para Meijns, o diploma atesta a aliança estabelecida pelo conde de Flandres com o rei da França Ocidental, tendo em vista a garantia da sucessão condal por parte de seu neto Arnulfo II.

seguintes, inclusive, conseguiram assegurar maior estabilidade política e controle das possessões.<sup>431</sup>

Além do aspecto arquivístico, a *Gesta* também contribuiu, por intermédio da narrativa das sucessões e dos atos dos abades de Sithiu, para moldar uma leitura do passado que pudesse congregiar os monges da comunidade de acordo com uma história em comum. Os fios condutores do texto são, além da ordem cronológica, os elementos em favor do beneditismo e da formação de Saint-Bertin como um complexo monástico independente. Essa perspectiva acabou por impactar a interpretação de Folcuíno sobre os principais eventos da história da abadia. Além de conferir excessiva centralidade na narrativa ao santo fundador Bertin e à Igreja de São Martinho por ele construída, o autor sobrevalorizou o papel da *Regula Benedicti*, idealizando a existência de uma suposta predominância do monasticismo em Sithiu durante os períodos merovíngio e carolíngio. Por essa razão, as medidas tomadas por Fridogíseo em prol dos cônegos de Saint-Omer foram definidas de maneira negativa, e, pelo mesmo motivo, as reformas de Arnulfo I e Gerardo de Brogne foram exaltadas, já que teriam garantido a restauração da disciplina e a uniformização da ordem beneditina.

Essa visão parcial do passado é favorável aos monges que compunham a comunidade por volta de 960. Como vimos, após o início das intervenções do conde de Flandres em 944, muitos deles foram trazidos da Lotaríngia para substituírem aqueles que, se opondo às recentes transformações, haviam deixado o monastério. Os novos membros eram, em sua maioria, apoiadores da reforma monástica e defendiam a superioridade espiritual da vida no claustro em relação aos cônegos catedráticos.<sup>432</sup> Folcuíno era um representante desses princípios, já que foi oferecido como oblato e recebeu sua formação de acordo com eles. A narrativa da *Gesta*, portanto, criou uma versão da história institucional sob o prisma dos valores beneditinos, o que poderia contribuir para consolidar a união entre os monges mais antigos e os recém-chegados a Saint-Bertin por meio da identificação deles com um passado compartilhado.<sup>433</sup>

Por fim, há de se destacar no texto os traços que evidenciam a influência de seu autor em particular. Além de estar alinhado com os projetos de reforma em prol da ordem monástica, vimos também que ele deixou suas marcas pessoais na fonte ao comentar a respeito

---

<sup>431</sup> VANDERPUTTEN, op. cit., 2013, p. 60: “Walter of Saint-Bertin and his successor, Trudgand, pursued a policy of institutional stabilization, consisting in part of new deals with long-time lay occupants of monastic possessions”. Walter foi o sucessor, a partir de 973, na função abacial de Saint-Bertin de Hildebrando, que era o abade em exercício no ano de conclusão da *Gesta*.

<sup>432</sup> DEFRIES, op. cit., 2019, p. 213-214.

<sup>433</sup> MORELLE, op. cit., 2010, p. 57: “The ‘Bertineans thus appeared to be the guardians of the two institutions’ [Saint-Bertin e Saint-Omer] common past”. Alterações nossas.

de seu tio-avô, o bispo de Thérouanne entre 816 e 855, bem como ao narrar a translação de suas relíquias. Esse acréscimo consolida a ligação histórica de Sithiu/Saint-Bertin com sua proeminente linhagem familiar, uma aliança que já havia assegurado a sua oblação em 948. Desse modo, Folcuíno era um destacado monge e escriba, cuja produção literária, manifestada pela composição da *Gesta*, estava a serviço da instituição da qual fazia parte. Ele escreveu sob os auspícios do abade Adolfo, conferindo aos monges um instrumento que melhor definisse a abadia em termos patrimoniais e históricos. Ainda assim, notamos seu próprio envolvimento em função da ênfase dada aos papéis dele e dos demais membros de sua família para o desenvolvimento do monastério, que estavam em concordância com a *Regula Benedicti*, a celebração do culto do santo fundador Bertin, a predominância institucional da Igreja de São Martinho construída por este no século VII, a supremacia do poder abacial e, enfim, a superioridade espiritual da ordem monástica beneditina – concentrada no edifício de Saint-Bertin – na cidade de Sithiu sobre os cônegos do capítulo catedralício de Saint-Omer.

Apesar de ocupar uma posição privilegiada de poder como um dos principais monges e escribas da abadia que se tornaria uma prestigiosa instituição por volta do final do século X<sup>434</sup>, Folcuíno não permaneceu muito tempo em Saint-Bertin após concluir a escrita da *Gesta abbatum Sithiensium*. O então abade de Lobbes Aletrão faleceu em 9 de novembro de 965, o que levou o bispo Eráclio de Liège a encontrar um substituto. Sua escolha recaiu sobre Folcuíno, que optou por deixar a cidade de Sithiu para assumir um cargo eclesiástico ainda mais proeminente na comunidade lobiana, tendo sido ordenado em Colônia no dia 25 de dezembro desse mesmo ano.<sup>435</sup> No capítulo 4, analisaremos os pormenores da opção de Eráclio na referida nomeação, detalhando os elementos que explicam a chegada de Folcuíno à diocese de Liège e, mais especificamente, ao monastério do qual o seu padrinho Ratério é proveniente. Antes, porém, devemos considerar a atuação deste em Verona entre 961 e 968, onde foi bispo pela terceira e última vez.

---

<sup>434</sup> VANDERPUTTEN, op. cit., 2013, p. 20: “What is revealed by his account is that Saint-Bertin, having survived a troubled phase in the 960s and early 970s, emerged as a powerful institution governed by abbots intent—whether they were always successful in these ambitions is a different point—on managing and preserving the monastic domain, maintaining the high intellectual and artistic standards of their institution, and judiciously managing their participation in regional and international networks”.

<sup>435</sup> DIERKENS, op. cit., 1985, p. 120.

### **Capítulo 3 – O terceiro bispado de Ratério em Verona (961-968)**

Este capítulo examinará a trajetória de Ratério no bispado veronense entre a sua terceira nomeação para o cargo episcopal, no final de 961, e o abandono definitivo do comando da diocese em 968. Esse período é particularmente bem documentado, uma vez que a grande maioria dos seus textos foi produzida ao longo dos sete anos em que ocupou a função.<sup>436</sup> Dispomos de numerosas evidências materiais que possibilitam analisar a atuação do bispo, isto é, identificar de que maneira buscou constituir e consolidar seu poder episcopal. Ao mesmo tempo, porém, poderemos avaliar os entraves que limitaram o pleno exercício do posto ao qual foi designado. O capítulo será dividido cronologicamente. Na primeira parte, serão detalhadas as condições da sua chegada ao bispado, bem como a situação política da região nos primeiros anos após a entronização. Num segundo momento, verificaremos os modos pelos quais Ratério tentou administrar a diocese entre 965 e 967, destacando, simultaneamente, as dificuldades decorrentes. Por fim, a terceira seção discutirá as circunstâncias que o forçaram a abandonar Verona, em especial a intensificação das discórdias com os clérigos locais.

#### **3.1) A entronização episcopal e seus primeiros desdobramentos (961-964)**

##### **3.1.1) A segunda incursão de Otão I na Península Itálica**

O retorno de Ratério ao posto episcopal em Verona deve ser compreendido à luz da nova intervenção militar de Otão I no Reino Italiano. Este soberano já havia comandado uma expedição à Península em 951, sem, todavia, assegurar a incorporação plena da mesma ao Reino Germânico, tampouco consolidar a hegemonia do seu poder real na região.<sup>437</sup> Dez anos depois optou por reenviar tropas, mas com propósitos mais ambiciosos: expulsar o então rei Berengário e Adalberto, filho e herdeiro deste, e ainda obter apoio do papa em Roma para se afirmar como novo Sacro Imperador Romano Germânico. De acordo com o cronista Liuprando de Cremona, a campanha teria sido, literalmente, coroada com um grande sucesso. Em agosto de 961, atendendo algumas súplicas, ele adentrou na Península Itálica, afastou Berengário e seus

---

<sup>436</sup> A edição das obras de Ratério feita por Peter Reid (p.VII-X) enumera que foi o autor de 66 textos, 43 dos quais teriam sido escritos após a terceira nomeação como bispo de Verona.

<sup>437</sup> Eventos detalhados no capítulo 1, páginas 61-62.

principais aliados do Reino, foi acolhido com muitas honras em uma cerimônia organizada pelo Sumo Pontífice João XII, e, por fim, recebeu a unção do agora sagrado governo imperial.<sup>438</sup>

Depois desses eventos, Otão I passou a governar diretamente o Reino Italiano, que se tornou parte constitutiva do Sacro Império Romano Germânico. Para tanto, explorou os conflitos de interesse entre as principais figuras políticas estabelecidas antes de sua incursão. O Imperador incrementou o poder temporal dos bispos, garantindo privilégios de imunidade. Ao mesmo tempo, no entanto, balanceou esta medida com o desenvolvimento de pequenos marquesados a partir de 961, que foram ocupados pela pequena aristocracia, cujas famílias governavam diferentes regiões da Península Itálica.<sup>439</sup> O controle efetivo do Reino, portanto, pressupunha a consideração das forças políticas prévias à interferência germânica e o equilíbrio de poder entre marqueses, condes e bispos.

A reinstalação de Ratério no bispado veronense pode ser vista como um desdobramento da expansão imperial de Otão I, cuja autoridade se tornou um componente importante do quadro institucional a partir de meados do século X em terras italianas.<sup>440</sup> Ao deixar Aulne, o monastério do qual era abade, ele certamente esteve presente nessa expedição militar junto ao Imperador, que chegou em Verona entre setembro e outubro de 961 e o nomeou para o ofício episcopal. O soberano, todavia, não permaneceu por muito tempo, já que precisou rumar à Pavia, onde celebraria o Natal, e à Roma, local da sua coroação em fevereiro do ano seguinte.

Dessa forma, o caso de Ratério não pode ser visto como excepcional, já que sua entronização fazia parte de uma política otônida mais ampla. Além dele, alguns outros bispos foram apontados para assumirem a liderança de dioceses do Reino Italiano, representando os

---

<sup>438</sup> SQUATRITI, Paolo (Ed.). **The complete works of Liudprand of Cremona**. Historia Ottonis. Washington: The Catholic University of America Press, 2007, p. 220-221: “As for himself, having gathered his forces, Otto came quickly to Italy. There he expelled both Berengar and Adalbert from the kingdom, so fast that it was clear he had the most holy apostles Peter and Paul as allies. [...] There [Rome] he was received with wondrous pomp and new ceremonial, and he received the anointment of imperial rule from the same supreme pontiff and universal pope John” Alterações nossas.

<sup>439</sup> MÜLLER-MERTENS, op. cit., 1999, p. 251: “Otto and his successors employed a policy of exploiting aristocratic conflicts of interest, of preserving the balance of power between margraves, counts and bishops, of encouraging the development of new smaller margravates and granting privileges to the bishoprics. In this way they were able to stabilise their rule in the *regnum Italiae*”. SERGI, op. cit., 1999, p. 359: “In fact, he only succeeded in consolidating his rule by paying more attention to the power of the local magnates. [...] The support of the bishops possessing temporal powers was obtained: between 962 and 964 he issued diplomata to the bishops of Parma, Reggio, Modena and Asti”.

<sup>440</sup> FUMAGALLI, Vito. Il potere civile dei vescovi italiani al tempo di Ottone I. In: MOR, Carlo Guido (Ed.). **I poteri temporali dei vescovi in Italia e in Germania nel Medioevo**. Atti della settimana di studio, 13 - 18 settembre 1976. Bologna: Il Mulino, 1979, p. 77-86.

interesses imperiais: Valperto em Milão, Valdo em Reggio, Pietro IV em Ravenna, e, por fim, Liuprando em Cremona.<sup>441</sup>

A força política dos otônidas foi o elemento crucial para o seu retorno ao cargo episcopal veronense. Mais uma vez, as relações estreitas tecidas com esta dinastia e com o seu Imperador permitiram que assumisse uma posição eclesiástica de poder. Assim como já havia sido o caso em Liège em 953 e em Aulne em 955, a sua participação na rede de contato da linhagem dos soberanos germânicos possibilitou a reinstalação em Verona no ano 961. Desse modo, Ratério parece ter mantido grande prestígio na Corte Imperial, que lhe assegurou um terceiro ofício religioso em menos de oito anos.<sup>442</sup> A influência de Otão I foi grande o suficiente para reassentá-lo na função de bispo, mas, após o Imperador ter deixado essa diocese, Ratério se viu diante dos velhos problemas locais que já havia confrontado em tempos anteriores.

O cenário político da região, marcado pela força do grupo familiar do conde Milo, tinha sido o principal impeditivo para que ele retomasse o ofício episcopal em 951, conforme exposto no primeiro capítulo. Dez anos depois, sua entronização foi viabilizada pela incorporação plena do Reino da Itália ao Sacro Império Romano Germânico. Entretanto, isso não anulou as tensões políticas precedentes, tampouco garantiu a integridade das realizações de suas tarefas como bispo. Em outras palavras, Otão I estava em condições de nomear indivíduos para esses importantes cargos eclesiásticos, mas não necessariamente de mantê-los. Assim sendo, Ratério pôde tirar proveitos da incursão militar deste soberano para retomar seu papel em Verona, porém, logo na sequência, precisou lidar com os obstáculos regionais decorrentes, sendo que a complexa relação com o conde tenha sido talvez o principal.

Ainda que composta alguns meses após os eventos ligados à nomeação, uma carta de Ratério – cujos fragmentos preservados não permitem apontar um destinatário específico – atesta as dificuldades encontradas assim que foi reinstalado na diocese.<sup>443</sup> Em primeiro lugar, ele diz ter sido forçado a conceder parte do patrimônio fundiário ao então bispo Milo – que estava no comando da sede episcopal veronense desde 950 –, incluindo duas pequenas abadias.<sup>444</sup> Essa transferência pode ter sido o resultado de uma provável negociação de Otão I,

---

<sup>441</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 144.

<sup>442</sup> Mesmo que indireta, podemos supor acerca da importância da influência otônida quando Ratério recuperou brevemente a sede episcopal de Verona pela segunda vez, entre 946 e 948, como argumentado no capítulo 1 (páginas 59-60).

<sup>443</sup> Fritz Weigle estimou em sua edição que a epístola teria sido escrita no final do ano 964, enquanto Reid propôs os últimos meses de 962 como data aproximada de produção do texto.

<sup>444</sup> REID, op. cit., 1991, p. 412: “This another [Milo] took away, to whom I was forced to give one of my best communities together with two small abbeys, so that there might be “friendship” between us, and that we might harmoniously keep our swon pledge. The friendship was a dream, the gift was sure reality”. Não podemos citar esta fonte em latim, pois ela foi editada à parte por Weigle, isto é, fora da MGH, em uma revista a qual não tivemos acesso: WEIGLE, Fritz (Ed.). *Urkunden und Akten zur Geschichte Rathers in Verona*. In: **Quellen und**

que certamente ofereceu esses bens a Milo para que deixasse o bispado em favor de Ratério. O Imperador buscou então consolidar a ascensão de sua autoridade política na região – traduzida pela restauração de seu bispo aliado –, sem deixar de se conciliar com as figuras de poder anteriores.

Outra mudança em Verona subsequente à sua intercessão foi a expulsão do conde Egelrico, que havia substituído o anteriormente mencionado Milo, tio do bispo homônimo, falecido em 955.<sup>445</sup> Para o seu lugar, o soberano germânico indicou Ernesto, acompanhado de Bucco. É de se notar o impacto da influência otônida, que substituiu duas das mais importantes figuras da região, a condal e a episcopal, destinadas a se alinharem com o projeto político de integração da Península ao Sacro Império. Por outro lado, essa medida não permitiu consolidar a estabilidade política local. Posto de outra forma, a incorporação do Reino da Itália suscitou turbulências, especialmente no caso de Verona.

A mencionada carta de Ratério testemunha as tensões decorrentes da sua entronização. Logo nos primeiros meses após ter sido restabelecido no comando da diocese, ele alega que Bucco, embora indicado por Otão para protegê-lo contra os inimigos, teria se tornado o seu maior adversário.<sup>446</sup> Entre as suas ações estariam o ataque ao bispo por meio de diversas traições, armadilhas e emboscadas.<sup>447</sup> Ainda que ambos fossem partidário dos otônidas – isto é, compunham um mesmo grupo de aliança política –, as tensões podem ser explicadas pela imprecisão na delimitação das tarefas do conde e do bispo. Esses dois cargos eram da mais alta importância em Verona, e o conteúdo relatado na carta evidencia que Bucco e Ratério divergiam acerca das competências reservadas a cada um.

As desavenças com o novo conde e com o bispo antecessor Milo não impediram, por outro lado, a sua confirmação na função. Um sínodo realizado em Pavia em abril de 962, do qual participaram Otão I, o papa João XII e diversos outros bispos, reconheceu o seu direito

---

**Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken**, vol. 29, 1938-1939, p. 1-40. Os demais textos de Ratério nela presentes serão expostos segundo as versões traduzidas em inglês por Reid.

<sup>445</sup> Egelrico, na realidade, era sobrinho do conde Milo e irmão do bispo homônimo: BOUGARD, François. Milone. In: **Dizionario Biografico degli Italiani**, vol. 74, 2010. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/milone\\_%28Dizionario-Biografico%29/](https://www.treccani.it/enciclopedia/milone_%28Dizionario-Biografico%29/). Isso sugere uma continuidade da relevância da linhagem familiar na região entre os anos 950 e 960, que visava preservar os prestigiosos ofícios de poder, incluindo o episcopal, o que, como vimos, havia impedido a restauração de Ratério em 951.

<sup>446</sup> REID, op. cit., 1991, p. 412: “There came a man whose name [Bucco] echoes another full of horror – saying that he had been especially commissioned by the most pious emperor [Otto] to make me under his particular care and to be my advocate, protector, and defender against all my enemies. [...] I realized that instead of being my advocate he was the despoiler of all my goods, instead of being my protector he was my chiefest adversary, and instead of being my defender he was my stealthy attacker”.

<sup>447</sup> Ibidem, p. 413: “[...] [Bucco] has now for a full year been so constantly assailing me with treachery, entrapments, and ambushes, that this poor sinner is weary of life itself”.

ao bispado de Verona.<sup>448</sup> Uma vez confirmado em sua posição, Ratério deu início formalmente ao terceiro período à frente dessa diocese. Suas primeiras atividades nos anos seguintes à nomeação serão exploradas a seguir.

### 3.1.2) As medidas iniciais enquanto bispo

Nos primeiros três anos de sua atividade episcopal, Ratério escreveu a respeito do encargo obtido. Esses textos são de grande valia para determinar as principais formas do bispo administrar e comandar a sua diocese, bem como verificar as adversidades enfrentadas. Em 27 de janeiro de 962, ou seja, apenas alguns meses após a entronização do novo prelado, houve a misteriosa desapareção do corpo e das relíquias de São Metro, que estavam situados na Igreja de São Vitalis, o que impeliu Ratério a publicar na sequência uma espécie de panfleto a respeito das possíveis causas, se distanciando de qualquer acusação de cumplicidade ou conivência com a translação indesejada:<sup>449</sup>

Quando o mais glorioso, justo e piedoso Imperador Augusto Otão I, muito estimado em todo lugar, entrou no Reino da Itália para o seu feliz triunfo, a população de Verona sofreu uma grande perda; a culpa não foi só do bispo que estava indignamente no ofício, mas também daqueles que o precederam nos últimos sessenta anos. O corpo de um certo homem, São Metro, foi retirado do subúrbio da cidade, na qual estava situada a Igreja de São Vitalis, tendo sido um roubo louvável, mas uma perda condenável, como a multidão disse. Uma vez que incontáveis milagres ocorreram ali, muitos visitavam o memorial do Santo com amor religioso [...].<sup>450</sup>

Assim, dada a importância dos restos mortais de São Metro para a população local, a sua perda causou impactos profundos no cotidiano da diocese, o que suscitou cobranças em relação ao bispo por ela responsável. Sua estratégia foi minimizar os significados da translação,

<sup>448</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 156: “Così, tutte le autorità in campo, imperatore, papa e vescovi, si univano a restituirlo per la terza volta sulla sua sede veronese e lo facevano con più forza che mai”. Não foi conservada nenhuma fonte contendo a descrição das deliberações do sínodo. Na MGH foram reunidas as referências e estudos sobre ele: HEHL, Ernst-Dieter (Ed.). **23. Pavia**. April 962. Die Konzilien Deutschlands und Reichsitaliens (916-1001). Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1987, p. 221-225.

<sup>449</sup> ANTI, Elisa. Raterio, Verona e il furto del corpo di san Metrone. In: **Il difficile mestiere di vescovo (secoli X-XIV)** (Quaderni di storia religiosa). Verona: Cierre, 2000, p. 9-30. PAPASIDERO, Marco. *Translatio sanctitatis*. I furti di reliquie nell'Italia medievale. Firenze: Firenze University Press, 2019, p. 71-72. VALTORTA, Benedetta. Raterio agiografo: l'Invectiva de translatione sancti Metronis. In: **Hagiographica**, vol. 22, 2015, p. 151-166.

<sup>450</sup> CC46, p. 13-14: “[...] tempore quo cuncto predicabilis seculo, gloriosissimus, equissimus atque piissimus Otto imperator Augusto Italiam intraverat feliciter triumphaturus – Veronesi populo gravissimum, culpa non solum illius qui tunc inibi indignissime preerat, presulis, sed et sexageno qui eum precesserant annorum curriculo, dampnum. Cuiusdam enim Metronis utique sancti corpus ex suburbio civitatis eiusdem, quod basilica beati martiris continebat Vitalis, furto laudabili, amisso dampnabili fuerat asportatum, loquebatur uti vulgus indoctum. Cuius sancti memoriam pro signorum innumerabilium eiusdem beati patratu inibi exhibitorum, cum vulgaris religioso amore frequentaret caterua [...]”.

indicando que a ausência, na realidade, teria beneficiado mutuamente os veronenses e o santo. O corpo deste foi transportado para um local onde o seu mártire seria glorificado dia e noite e com a devida veneração, e não desvalorizado como na Igreja São Vitalis, frequentada por poucos clérigos.<sup>451</sup> Assim sendo, além de negar sua responsabilidade pela perda das relíquias, Ratério aponta que a translação em 962 é uma consequência da situação de Verona naquele ano, onde a proteção ao sepulcro teria sido negligenciada.<sup>452</sup>

Esta alegação lhe permitiu expandir o propósito do documento, demonstrando não somente os eventos do desaparecimento do corpo de São Metro em si, mas também alguns dos problemas centrais em seu bispado. Isto sugere que a relação de Ratério com a população, especialmente com os clérigos, já se mostrava desgastada logo nos meses seguintes à terceira nomeação. O autor ressaltou aspectos negativos de suas experiências vivenciadas na diocese desde os anos 930 e 940. Embora marcante, a translação dos restos mortais do Santo não pode ser lamentada profundamente.

Os veronenses não manifestariam respeito perante os demais apóstolos e mártires, uma vez que, se realmente estivessem perturbados com a mencionada perda, frequentariam as celebrações dos outros santos com culto e veneração mais devotos.<sup>453</sup> Eles tampouco deixaram de criticar e abusar de seus bispos, incluindo o próprio Ratério.<sup>454</sup> Este, em resumo, além de precisar se justificar a respeito do desaparecimento das relíquias de São Metro, admitiu no texto que as circunstâncias em Verona não eram completamente favoráveis para sua administração quando retornou à sede episcopal em 961.

As atividades de Ratério nos primeiros anos após assumir cargo de prelado foram caracterizadas ainda pelo registro textual de diversas pregações reunidas em sermões. Elas eram destinadas a toda congregação de Verona, embora tenha sido dada ênfase particular às condutas e aos comportamentos dos clérigos. Em 963, foram compostos quatro sermões em momentos

---

<sup>451</sup> CC46, p. 14-28 “[...] ita locus (proh nefas!) viluerat isdem, militibus reddito eidem ecclesiae competenti donato, presbyter nec illic esset aliquis, qui previderet locum, tam pretiosum continentem thesaurum [...] sed scire ut vere sanctum dignatione Dei honorificentissime illo translatum, ubi veneratione debita tuorum certaminum excolatur die noctuque martyrium”.

<sup>452</sup> CC46, p. 26: “Sed te, proh nefas, ita tenus deploramos a nobis, sancte, neglectum, ut furto adiri venerabile tuum quoquomodo valuisset sepulchrum, quod facinus quoque non inficiamur fuisse nefandum”.

<sup>453</sup> CC46, p. 14-15: “Principibus indignissime abuteris apostolorum, super martyres ambulas, confessores gressibus calcas, virginum veneranda pedibus immundissimis teris sepulchra et, canum more fenum aliis prohibentium latratu perinuido, quos venerari detrectaveras presentes, maledictis prosequeris abeuntes, immo (quod veracius) te fugientes, alios visitantes. [...] Nam si veraciter amissos doleres, relictos devotiore cultu atque obsequio frequentares”.

<sup>454</sup> CC46, p. 15: “Vere tamen, quanquam invidiose tibi prelatos valeas obloquendo, ut conaris, reprehendere, te tamen meliores, suadeo, cogites minime meruisse. [...] Martirem sane tuum si tantopere diligebas, ut, quid tam male custodieras, consenserit sane, ut criminari contendis, altiori forte consilium Deique amplius convenienti disposito tuus episcopus [Ratherius]?”.

festivos do calendário cristão, a saber, Quaresma, Páscoa, Ascensão e Pentecostes, respectivamente.<sup>455</sup> Em linhas gerais, esses textos orientaram os fiéis do bispado acerca das principais práticas e hábitos que deveriam fazer parte das celebrações, como sintetizado pelas recomendações aos clérigos por intermédio do Sermão na ocasião da Festa de Ascensão de Cristo:

Gostaria que todos vocês se lembrem, queridos irmãos, que meu trabalho chegou a este ponto neste momento, que, tomando emprestado para minha fala os testemunhos dos Pais ortodoxos, recomendei à sua fraternidade as ações que deveríamos tomar, as razões para essas ações, e o comportamento que deveríamos observar nos quarenta dias que antecederam a Ressurreição do Senhor. Eu recomendei como deveríamos nos alegrar na Páscoa, e como, depois da Páscoa, ou melhor, nos cinquenta dias após a Páscoa, deveríamos parar nosso jejum e cantar aleluia dia e noite. Mas absolutamente não devemos retornar aos vícios que foram vencidos por jejuns, orações e caridades, com a graça de Deus nos ajudando para que não nos desesperemos [...].<sup>456</sup>

No ano seguinte, houve continuidade da pregação dos sermões. Na Quaresma, Ratério discutiu a respeito de caridade, orações e jejum, reiterando que esta última prática, acompanhada da abstinência, deveriam ser rigidamente observadas pelos fiéis ao longo dos quarenta dias que antecedem a Páscoa.<sup>457</sup> Na segunda pregação de 964, ocorrida provavelmente nas vésperas desta data festiva, foi convocada uma ampla penitência pública, destinada a toda congregação de Verona, que deveria expor a dor dos pecados passados tendo em vista a absolvição.<sup>458</sup> De forma semelhante ao que foi citado no sermão anterior, apenas o jejum, a oração e a caridade poderiam conduzir os adeptos de Cristo ao serviço de Deus e afastá-los dos vícios causadores da perdição espiritual eterna.

O documento mais elucidativo a respeito das práticas de Ratério na sede episcopal de Verona, contudo, é uma carta endereçada ao bispo de Parma Huberto, na qual ele não somente sistematizou algumas das principais premissas do poder dos preladados em suas respectivas dioceses, como também revelou elementos de sua delicada relação com os clérigos locais, já deteriorada desde os dois bispados anteriores (931-934; 946-948). A epístola

<sup>455</sup> REID, op. cit., 1991, p. 336-352.

<sup>456</sup> CC46, p. 47: “Meminisse optarems dilectionem vestram percipide, fratres, laborem hoc tempore nostrum huiusmodi ad terminum devenisse, ut, conducta, ex orthodoxorum testimoniis Patrum copia fandi, insinuarems collegio vestro quid, cur, qualiter in precedente resurrectionem Domini Quadragesima Paschae, quod a jejuniis quidem cessandum, aleluia die noctuque canendum; ad vitia vero, jejuniis, orationibus, et elemosinis, cooperante gratia Dei, ut desperare nullatenus debuissimus, exhausta, minime redeundum [...].”

<sup>457</sup> CC46, p. 65-89. REID, op. cit., 1991, p. 380-400.

<sup>458</sup> CC, 46, p. 97-105. REID, op. cit., p. 401-408.

intitulada *De contemptu Canonum* foi produzida em novembro de 963 e agrupou certas determinações estipuladas pelos cânones sagrados.<sup>459</sup>

No início do documento, Ratério elaborou um tipo de coletânea que reuniu resoluções canônicas de concílios sinodais, bem como cartas e decretos de diferentes papas.<sup>460</sup> A grande maioria dessas diretrizes fora convencionada nos séculos IV e V, tendo sido apresentadas no texto para sustentar a preponderância do poder episcopal na diocese. Por exemplo, uma vez que compete ao bispo a responsabilidade pela administração da sua Igreja, ele é quem deve controlar não somente as propriedades da mesma, mas também os clérigos que a compõem, de forma que as ações destes permaneçam subordinadas às ordens dos prelados.<sup>461</sup> O propósito do recurso à exposição de fontes relacionadas ao direito canônico é claro: expressar que nada que ocorre no bispado deve ser estranho ou desconhecido de seu líder. Este, por sua vez, asseguraria as boas condutas de todos os fiéis, não devendo ser contrariado, tampouco privado de suas tarefas em nenhuma circunstância.

As razões da descrição desses argumentos ficam evidentes logo na sequência da obra. Após mencionar a necessidade que o bispo tem de supervisionar as atividades cotidianas dos clérigos, o autor aponta que muitos deles agiam de acordo com a própria vontade, sem considerar as ordens provenientes do governante da diocese. Ratério insinua então um tom acusatório em *De contemptu Canonum*, assinalando que os altos clérigos de Verona violavam as leis canônicas citadas no início da fonte.<sup>462</sup> Entre as suas atitudes ilegais estariam a usurpação

---

<sup>459</sup> REID, op. cit., 1991, p. 353.

<sup>460</sup> São mencionados explicitamente os Cânones dos Apóstolos (375-380), os concílios de Antioquia (341), Gangra (340) e Calcedônia (451), cartas e decretos dos papas Clemente (88-99), Gelásio (492-496), Urbano (222-230), Eugênio (654-657) e Leão (440-461): BR, p. 73-75. Muitos desses conhecimentos chegaram até Ratério por meio da expansão dos Falsos Decretos de Pseudo-Isidoro, que, como discutido no capítulo 2, estiveram presentes na coleção canônica *Collectio Anselmo Dedicata*, a qual o autor teve acesso na Península Itálica a partir de sua primeira nomeação episcopal em 931.

<sup>461</sup> Sobre a exclusividade da administração dos bens da Igreja por parte do bispo, Ratério faz alusão aos Cânones dos Apóstolos: BR, p. 73: “In canonibus apostolorum cap. legitur XXXVIII: Omnium ecclesiasticorum negotiorum curam episcopus habeat et ea velut Deo contemplante dispenset; item: Praecipimus, ut in potestate sua episcopus res ecclesiae habeat”. No que concerne à subordinação e o controle dos clérigos pelos bispos, são citadas a carta do papa Clemente e um capítulo do concílio de Calcedônia: BR, p. 73-75: “Ex epistola Clementis papae: Cunctis fidelibus et summopere omnibus presbyteris et diaconibus ac reliquis clericis attendendum est, ut nihil absque licentia proprii episcopi agant. Non utique missas sine eius iussu quisque presbyterorum in sua parroecia agat, non baptizet nec quicumque absque eius permissu agat. Similiter et reliqui populi, maiores scilicet ac minores, per eius licentiam, quicquid agendum est, agant nec sine eius permissu a sua parroecia abscedant nec in ea adventantes morari presumant. Animae vero eorum ei creditae sunt; ideo eius consilio omnia agere debent, et eo inconsulto nihil. [...] De clericis, qui sunt in pthochiis, monasteriis atque martyriis, quae sub potestate episcoporum uniuscuiusque civitatis existunt: Clerici, qui praeficiuntur pthochiis vel qui ordinantur in monasteriis et basilicis martyrum, sub episcoporum, qui in unaquaque civitate sunt, secundum sanctorum patrum traditiones potestate permaneant nec per contumaciam ab episcopo suo dissiliant”.

<sup>462</sup> Sobre a utilização do direito canônico por Ratério, especialmente na fonte aqui analisada: CAPITANI, Ovidio. Raterio e il diritto canonico. In: *Atti del X Convegno storico Internazionale* (Todi, 12-15 ottobre 1969). Todi: Convegni del Centro di Studi sulla Spiritualità Medievale, 1973, p. 137-164.

de funções delegadas ao bispo, como a repartição de víveres de acordo com o próprio desejo e o comando sobre outros clérigos, mitigando dessa forma toda a autoridade bispal sobre os fiéis da congregação.<sup>463</sup> Isto sugere que Ratério estava com dificuldades para fazer prevalecer seu poder, tendo que se confrontar com indivíduos que limitavam seu controle das atividades e dos bens do bispado veronense. Tais obstáculos, como sustenta, não poderiam prosseguir: seus inimigos, por terem desrespeitado totalmente os preceitos canônicos, deveriam ser examinados à luz das leis de Deus.<sup>464</sup>

Os capítulos seguintes de *De contemptu Canonum* buscam destacar de maneira ainda mais enfática os direitos do bispo. Por exemplo, o texto deixa claro que ele é que detém o controle dos recursos da Igreja, sendo o único responsável pela sua distribuição.<sup>465</sup> A obra também menciona que, assim como a relação de um marido com sua mulher, o bispo e a diocese se pertencem mutuamente, não sendo legalmente possível quebrar tais vínculos, a não ser em caso de adultério.<sup>466</sup>

Ratério não deixa de mencionar sua situação pessoal, caracterizada pelas múltiplas nomeações episcopais.<sup>467</sup> Nesse sentido, procurou defender a legitimidade do ofício, afirmando que a entronização na sede bispal de Liège em 953 não foi um tipo de traição com relação à Verona, mas uma decorrência da conspiração que havia forçado a sua saída.<sup>468</sup> O sucessor Milo, por ter ocupado o cargo de um bispo injustamente afastado, isto é, cuja destituição não foi

---

<sup>463</sup> BR, p. 76-77: “Si ergo ad episcopum nihil de rebus pertinet, quibus clerici vivere debent, aut ipse eis non debet ut animale ita et corporale dare in tempore tritici mensuram, et si, ut actus continent apostolorum, non dividitur singulis ab episcopo vel quolibet alio ab eodem ad id officium instituto, prout cuique opus est, sed ipsi clerici dividunt inter se, prout quilibet eorum potentior est, et non iuxta consuetudinem aliarum ecclesiarum omnibus ecclesiae clericis, sed iuxta propriam voluntatem solis diaconibus et presbyteris, debent, quae Veronensi ecclesiae collata sunt, cedere, ut ditati videlicet habeant, unde contra episcopum suum valeant rebellare, et ut dominantur ceteris et ad sui auxilium per potestatem possint eos, cum volunt, compellere et iuramentum alteri, quem illi scilicet attraxerint, episcopo fidelitatis fecisse iubere et, si non obedierint, de ecclesia eos eicere posse [...]”.

<sup>464</sup> BR, p. 77: “Nam cum totius fraudis et perfidiae illorum hinc sumat scaturiginem insania, quod non dissimiles videlicet illis, de quibus dictum est, quod relinquentes mandata Dei tenerent traditiones hominum, lege penitus canonica floccipensa consuetudines teneant antecessorum suorum, reges utique aut interficientium aut excecantium, episcopos aut ignominiose vivere compellentium aut, si hoc perpeti, ut noster iste, quivis illorum pacienter nequivit [...]”.

<sup>465</sup> BR, p. 79: “Accipe et distribue facultates ecclesiae; alter distributis fideliter eisdem cantatur clamasse: Noli me derelinquere, pater sancte, quia thesaurus tuos iam expendi”.

<sup>466</sup> Ibidem: “Quodsi te huiusmodi vocabulorum scandalizat prolatio, audi ex epistola Evvaristi papae aliquid simile: Ecclesiae, inquit, non licet dimittere episcopum suum, ut alterum vivente eo accipiat, ne fornicationis vel adulterii crimen incurrat. Nam si adulterata fuerit, id est, si se alteri episcopo iunxerit aut super se alterum episcopum adduxerit aut esse fecerit vel desideraverit, aut per acerrimam poenitentiam suo reconcilietur episcopo aut inupta permaneat”.

<sup>467</sup> Conforme discutido no capítulo 2, ele já havia mobilizado o debate acerca da ocupação de mais de uma sede episcopal pelo mesmo bispo para legitimar a sua entronização em Liège.

<sup>468</sup> BR, p. 83: “Anxiari ego nec avariciae causa vel superbiae me intronizatum fateri, sed pulsum a propria sede, necessitate coactum regem adisse tunc temporis piissimum, nunc cesarem gloriosissimum, illum super hoc consuluisse praesulum consilium, illos vero misericorditer me elegisse et populi assensu coniuncto fraternaliter inthronizasse, utilitatis etiam occasione quod illorum intersit, praetenderam”.

fundamentada pelas leis canônicas, teria traído a ligação sagrada do bispado veronense com o seu líder Ratério, se valendo, para tanto, de poderes seculares para obter a direção de uma Igreja que já havia sido confiada a outro prelado.<sup>469</sup>

A segunda parte da obra intensifica as críticas aos clérigos italianos, cujas condutas desprezariam de forma acintosa as leis canônicas. O desrespeito à autoridade do bispo na diocese é somente uma forma de negligência das normas de Deus. O comportamento desses indivíduos seria ainda mais abominável em razão de hábitos como o abandono da disciplina e o abuso do vinho. Tal frouxidão na observância dos valores religiosos os aproximaria do estilo de vida dos laicos, eliminando quase toda a distinção entre a fisionomia e as práticas cotidianas de ambos.<sup>470</sup>

O propósito do texto, em resumo, era organizar uma coleção de fontes canônicas, cuidadosamente selecionadas pelo seu autor para sustentar a supremacia do seu poder episcopal em Verona.<sup>471</sup> Ao indicar os preceitos que deveriam garantir e legitimar o pleno exercício da administração da mencionada diocese, Ratério explicitou na correspondência ao bispo Huberto de Parma os entraves que impediam que atuasse de acordo com os atributos reservados ao seu ofício. O principal deles seria a insubordinação dos clérigos locais, que, além de não reconhecerem a preponderância da autoridade do seu bispo devidamente demonstrada pelo direito canônico, possuíam um estilo de vida avarento e sujeito aos vícios que os afastavam da observância religiosa em prol do serviço de Deus. Portanto, *De contemptu Canonum* testemunha as aspirações e os objetivos de seu autor enquanto bispo encarregado de comandar uma sede episcopal, bem como as condições que dificultaram a viabilidade dessas práticas, pelas quais ele precisaria espenhar-se muito desde os anos iniciais após obter novamente o cargo.

---

<sup>469</sup> BR, p. 86-88: “[...] ei apostolice auctoritatis miserit litteras, nonne ille, qui me tam sacrilege iniuriavit – sed non adeo ut iste Deum et omnia iura, tam divina quam humana, siquidem ille me homunculum unum, iste totum penitus mundum, ille unam adulteravit ecclesiam, iste eandem et omnes per universum orbem difusas [...]. "Ascendisse" vero potius quam "intrasse" convincitur ille, de quo in canonibus dicitur: Si quis potestatibus secularibus usus per eas ecclesiam obtinuerit, deponatur, et segregentur, qui ei communicant”.

<sup>470</sup> BR, p. 101: “Quaerat et aliquis, cur pre ceteris gentibus baptismo renatis contemptores canonicae legis et vilipensores clericorum sint magis Italici. Hoc, fateor, causa superius ait relata. Quoniam quidem libidinosiores eos et pigmentorum venerem nutrientium frequentior usus et vini continua potatio et neglegentior disciplina facit doctorum. Unde ad tantam consuetudo et maiorum eos exempla iam olim impulerunt impudentiam, ut solummodo barbirasio et verticis cum aliquantula vestium dissimilitudine nudo, et quod in ecclesia cum neglegentia agunt non parva, unde tamen affectant magis placere mundo quam Deo, a ritu distare eos videas laico”. Importante recordar o apeço de Ratério pela disciplina monástica beneditina, tendo em vista os seus laços estreitos com a abadia formadora de Lobbes. O apeço a esses princípios certamente causou espanto diante do estilo de vida pouco rigoroso, em sua percepção, dos clérigos locais.

<sup>471</sup> CAPITANI, op. cit., 1973, p. 158: “Ecco il significato strumentale del "memento" canonistico rateriano; i suoi segni di "nota" nei codici che va glossando. Egli sa che alla luce di un certo dossier canonistico, che viene arricchendo, il suo caso è risolto in partenza, a suo completo favore [...]”.

A julgar pelos documentos produzidos nos primeiros anos de seu terceiro bispado em Verona, notamos que Ratério escreveu acerca dos principais obstáculos que impediam a plena consolidação de seu poder na região. Ele foi restabelecido no ofício como parte da política de incorporação do Reino Italiano ao Sacro Império Germânico, realizada a partir incursão de Otão I na Península entre 961 e 962, tendo sido este inclusive coroado pelo papa João XII. O soberano germânico nomeou bispos aliados para consolidar a hegemonia imperial, tal como foi o caso em Verona. Nessas circunstâncias, Ratério conseguiu retomar a função episcopal e buscou ampliar sua influência enquanto administrador do bispado.

Por um lado, as fontes atestam suas tentativas de coordenar de maneira ampla as condutas dos fiéis da congregação veronense por intermédio da pregação de sermões. Por outro, embora tenha defendido a legalidade canônica de sua entronização e da primazia de seu poder episcopal, ele exprimiu nos textos desavenças com o conde Bucco, o bispo antecessor Milo, e ainda com os clérigos locais, muitas das quais remontam às décadas de 930 e 940, na época dos seus dois primeiros bispados. Como veremos, Ratério precisará lidar ainda mais com esses conflitos nos anos seguintes, que evidenciam as possibilidades e limitações da atuação do prelado em sua diocese.

### **3.2) O aprofundamento das atribuições aos clérigos e o contato com outras figuras de autoridade (965-967)**

As atividades de Ratério entre 965 e 967 foram caracterizadas pela tentativa de ampliação de medidas que já haviam sido tomadas nos três primeiros anos de seu bispado. A principal delas é a busca pelo controle e pela subordinação mais estreitos dos clérigos locais à autoridade episcopal. Os documentos manifestam as formas de desenvolvimento de relações com estes, marcadas em especial pela tensão entre, de um lado, o anseio do bispo por transformações em suas condutas e na estrutura da igreja veronense como um todo, e, de outro, as reações deles às pretensões do comandante da diocese.

Nesse mesmo período, Ratério compôs textos, principalmente em formato de cartas, para estabelecer diálogos com demais indivíduos envolvidos nas disputas pelo exercício de influência na região. Esses materiais, entre os quais está incluso *Qualitatis coniectura Cuiusdam*, um trabalho de autorreflexão, são de suma importância para analisar suas impressões sobre a situação em Verona. A análise dessas fontes, enfim, pode revelar elementos relevantes acerca das delimitações do poder do bispo no período.

### 3.2.1) Os vínculos do bispo veronense com seus clérigos

As atitudes de Ratério no início de 965 demonstram a persistência de tensões com relação ao bispado anterior de Milo. Ele procurou afirmar sua primazia como novo líder da diocese, proibindo em 12 de fevereiro os clérigos que haviam sido ordenados pelo antecessor – ilegalmente entronizado em sua visão – de assumirem seus respectivos ofícios.<sup>472</sup> Porém, esta medida aparenta ter encontrado bastante oposição, já que no dia seguinte um novo documento foi emitido, relativizando tal determinação. O bispo reafirmou que não reconheceria os cargos daqueles homens apontados por Milo, por ele qualificado como o usurpador de sua sede episcopal, mas pontuou que poderiam decidir de acordo com a consciência própria se desejam ou não permanecer em suas funções.<sup>473</sup>

Esses eventos sugerem que Ratério tinha em mente eliminar por completo as influências deixadas por Milo em Verona, de forma a constituir um novo ordenamento da diocese. Contudo, não havia unanimidade para concretizar esta ideia. Em outras palavras, não sendo possível introduzir transformações de tamanho impacto, era necessário levar em consideração a importância de estruturas de organização prévias no bispado, incluindo a força política dos clérigos.

Se o poder de Ratério na diocese não era forte o bastante para impedir esses indivíduos de exercerem suas atividades, ele procurou então instruí-los a respeito de seus comportamentos e deveres por meio de alguns textos. O primeiro deles foi uma carta escrita durante a Quaresma de 966, que sistematizou as orientações gerais a todos os clérigos de Verona numa deliberação sinodal.<sup>474</sup> A fonte visa estabelecer um controle maior, por parte do bispo, das características que os sacerdotes deveriam possuir para pudessem fazer efetivamente parte da sua diocese. Os padres que celebram a missa diariamente, por exemplo, dado que consagram o sacrifício de Cristo e o transmitem para os demais fiéis, precisam sempre fazê-lo desprovidos

---

<sup>472</sup> REID, op. cit., 1991, p. 414: “Mitigating the requirements of the canons on those who have been ordained by the pretender to this seat [Milo], I hereby instruct them to abstain from the office to which he unlawfully appointed them until the coming day of lawful ordination, with the authority of God and of the Blesses Mary and St. Peter, first of the Apostles, and all the saints”.

<sup>473</sup> Ibidem, p. 414-415: “I will not go so far as to call the usurper of my office [Milo] ‘bishop’ lest I damn myself with my own words, nor will I recognize that those appointed by him could in any way be priests or deacons, lest I seem to have demoted my own appointees. Therefore, I moderate the canonic sanction against them which I announced yesterday, and repeated today, leaving them to God’s judgment and their own conscience: if they have no fear in carrying out the offices enjoined by the usurper, I do not forcibly prevent their presumption [...]”.

<sup>474</sup> REID, op. cit., 1991, p. 444. Sobre a continuidade dos sínodos ao longo do século X: HEHL, Ernst-Dieter. Die Synoden des ostfränkisch-deutschen und des westfränkischen Reichs im 10. Jahrhundert. Karolingische Traditionen und Neuansätze. In: HARTMANN, Wilfried (Ed.). **Recht und Gericht in Kirche und Welt um 900**. Munique: Oldenbourg Verlag, 2007, p. 125-150.

de qualquer tipo de vício ou pecado.<sup>475</sup> A intenção de *Synodica* é justamente precisar as condutas que afastariam os homens da Igreja do exercício inapropriado de suas funções.<sup>476</sup>

As obrigações e proibições são extraídas de *Admonitio synodalis*, um texto anônimo escrito por um bispo entre os séculos IX e X, que o destinou aos seus clérigos abordando as temáticas dos hábitos dos padres e do exercício adequado do ofício.<sup>477</sup> Ratério explorou este documento com o objetivo de elencar determinadas normas, para as quais os indivíduos encarregados de cargos religiosos em sua diocese deveriam se atentar nas práticas diárias.<sup>478</sup> Entre elas, podem ser mencionadas a proibição às mulheres de frequentarem o dormitório dos sacerdotes, as instruções sobre o ordenamento de objetos no altar e a supressão da embriaguez. Tendo em vista a garantia da condução harmoniosa das missas em Verona, foram dadas orientações específicas aos padres, tais como a interdição de celebrá-las fora de uma igreja e os procedimentos para o momento de celebração da Eucaristia.<sup>479</sup>

Ao final de *Synodica*, o autor ressalta a existência de uma hierarquia eclesiástica que deve ser respeitada. De acordo com ele, os recursos eclesiásticos seriam divididos entre os membros da diocese, sem que houvesse concorrência ou disputas pelos respectivos bens. Esse

---

<sup>475</sup> BR, p. 129: “Cum enim sacerdotes non ob aliud vocemur, nisi quia sacrum conficere et dare populo debemus, scriptura vero sancta dicat econtra: Quicquid tetigerit immundus, immundum erit, quomodo potest saltem dici aliquid sacrum inmundissimis manibus nostris tractatum?”.

<sup>476</sup> As instruções aos clérigos, especialmente padres, a respeito das medidas que deveriam colocar em prática, é um tema de crescente interesse da historiografia sobre a Alta Idade Média: PATZOLD, Steffen; VAN RHIJN, Carine (Eds.). **Men in the Middle: Local Priests in Early Medieval Europe**, Berlin, Boston: De Gruyter, 2016. PATZOLD, Steffen. **Presbyter. Moral, Mobilität und die Kirchenorganisation im Karolingerreich**. Stuttgart: Hiersemann Verlag, 2020. Ver especialmente capítulo VII „Ausbildung und Wissen lokaler Priester“, no qual há exemplos concretos de bispos que tentaram contribuir para a formação/educação de seus padres, tal como é o caso de Ratério em *Synodica*.

<sup>477</sup> POKORNY, Rudolf. Nochmals zur *Admonitio synodalis*. In: **Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte: Kanonistische Abteilung**, vol. 71, no. 1, 1985, p. 20-51. Não existe uma edição crítica desta fonte, entre outros motivos, pela existência de 125 manuscritos produzidos entre os séculos IX e X, o que dificulta as tentativas de precisar a(s) data(s) e o(s) local(is) de composição. Esta quantidade de textos é bastante incomum para documentos da Alta Idade Média. Segundo Pokorny, *Admonitio Synodalis* reuniu algumas das principais premissas canônicas do período, utilizando como referência central as obras do abade Regino de Prüm, em especial: *Libri duo de synodalibus causis et disciplinis ecclesiasticis*. SILANO, Giulio. **Regino of Prüm: Two Books on Synodal Causes and Ecclesiastical Discipline**. Toronto: PIMS, 2021.

<sup>478</sup> A edição de Fritz Weigle destacou em itálico as passagens que não são palavras de Ratério, mas citações diretas de *Admonitio Synodalis* (BR, p. 130-135).

<sup>479</sup> BR, p. 130-134: “In primis ammonemus, ut vita et conversatio vestra inreprehensibilis sit, scilicet ut cella vestra sit iuxta ecclesiam et in ea feminas non habeatis. [...] Et haec vestimenta nitida sint et ad nullos usus alios sint. [...] Corporale mundissimum sit, altare coopertum de mundis linteis. Super altare nihil ponatur, nisi capsae et reliquiae aut forte quatuor evangelia et buxida cum corpore Domini ad viaticum infirmis, cetera in nitido loco recondantur. Missalem plenarium, Lectionarium et antiphonarium unaquaeque ecclesia habeat. Locus in secretario aut iuxta altare sit praeparatus, ubi aqua effundi possit, quando sacra vasa abluuntur, et ibi vas nitidum cum aqua pendeat ibique manus lavet post communionem. Nullus extra ecclesiam per domos aut in locis non consecratis missam cantet. [...] Nullus vestrum sit ebriosus et litigiosus, quia servum Domini non oportet litigare. [...] Volumus autem scire de quolibet presbytero [...]. Orationes quoque missarum et canonem bene intellegat, et si non, saltem memoriter ac distincte proferre valeat. Epistolam et evangelium bene legere possit et utinam saltem ad litteram eius sensum posset manifestare. Psalmorum verba et distinctiones regulariter ex corde cum canticis consuetudinariis pronunciare sciat”.

aspecto é particularmente enfatizado no caso dos clérigos, que não poderiam reivindicar aquilo que pertence aos bispos.<sup>480</sup> Eles tampouco teriam permissão para nomear outros sacerdotes sem a prévia autorização do líder da diocese.<sup>481</sup> Ratério buscava, portanto, não somente influenciar as condutas dos clérigos de seu bispado, orientando-os acerca das práticas religiosas que considerava adequadas, como também demarcar suas próprias competências no ofício episcopal.

A sua determinação em supervisionar os hábitos dos padres da diocese de Verona pode ser verificada por um outro documento, escrito no mesmo período da carta *Synodica*, isto é, durante a Quaresma de 966. Ele julgou a respeito do casamento celebrado pelo sacerdote João, que consagrou a união sagrada do seu filho com a mulher.<sup>482</sup> Para Ratério, o evento foi ilegítimo, pois, uma vez que um clérigo é impedido de ter uma esposa, o caso do nascimento do filho de João revela que teria ocorrido por parte dele fornicção, ou, ainda pior, adultério.<sup>483</sup> Este pecado seria agravado pelo seu desejo de selar o matrimônio do descendente.<sup>484</sup> Por fim, João celebrou o casamento numa data completamente ilícita, o dia da morte de Cristo. O bispo ordenou a todos – isto é, João, seu filho e a esposa deste – que cumprissem 40 dias de penitência. Caso fosse rejeitada, eles estariam sujeitos à excomunhão.<sup>485</sup>

O zelo de Ratério com relação às condutas morais de seus clérigos aumentou ainda mais a partir do final de 966. Numa outra carta – *Itinerarium* – escrita em dezembro, ele aponta seu interesse em partir para Roma, onde encontraria ambiente propício para discutir leis canônicas e definir com mais precisão os rumos da administração de Verona.<sup>486</sup> Com a viagem marcaria presença num sínodo previsto para ocorrer em janeiro do ano seguinte, do qual

---

<sup>480</sup> BR, p. 135-136: “Cum auctoritas quoque contineat ecclesiastica, ut de rebus ecclesiasticis quatuor fieri debeant partes, e quibus una episcopi, altera fabricae ecclesiae, tertia clericorum, quarta debeat esse pauperum et hospitem, si vestram pleniter habetis, de illis, quae ad episcopum, fabricam vel pauperes pertinent, nullam invidiam habeatis, reminiscens Dominum praecepisse: Non concupisces rem proximi fui, et: De re, quae ad te non pertinet, ne sollicitus fueris”.

<sup>481</sup> BR, p. 137: “Clericum nemo vestrum sine licentia faciat nostra, nullus balbum vel ultra mensuram blesum, nullus eum, qui de litteris durum habet sensum”.

<sup>482</sup> REID, 1991, op. cit., p. 452: “*De Nuptu Illicito*”.

<sup>483</sup> CC46, p. 140: “[...] presbyter vero aut diaconus uxorem legitimam non posset habere; si filium de ipsa fornicationem vel, quod peius est, adultero gentium facit presbyterum, ille iterum suum, suum alter iterum”.

<sup>484</sup> CC46, p. 139: “Quod cum ita sit, qui filium suum Ecclesiae mancipat canonice Domino militaturum et postea seculare illi acquirit conjugium, perspicue cernitur, quod eadem manu eum Domino auferat, qua illum Deo ipse tradiderat, et ablatum Ecclesiae reddat – pro nefas! – curiae”.

<sup>485</sup> CC46, p. 141-142: “Prescriptos igitur et omnes, qui in tali scelere aut Quadragesimam aut jejunium precipuum aliquod aut noctem Dominicam aut vestivitatem ullam preclaram se recognoscunt violasse, mecum, qui utique hactenus dum non restiti consentiens fui, quadragesima diebus moneo, penitentiam agere, ita videlicet ut si ceteri fideles reficiuntur tertia hora, nos sexta [...]. Quod si hoc, ut suspicor, immo certifico, respuitis et mecum jejunare non vultis, et aut ego vos excommunico temporaliter aut Deus vos dampnat eternaliter, intersit vestra nec ulla mea sit culpa”.

<sup>486</sup> REID, 1991, op. cit., p. 468.

participariam o papa João XIII, o Imperador Germânico Otão I e diversos outros bispos.<sup>487</sup> Essa poderia ser a oportunidade de Ratério para obter deliberações pautadas nos cânones sagrados, viáveis de serem aplicadas na condução de sua diocese, incluindo os privilégios episcopais que vinham sendo negados pelos clérigos. Por conta dessa perturbada relação, declara que não será acompanhado por nenhum deles no sínodo.<sup>488</sup>

O restante do texto é um diálogo do autor com os seus clérigos, em que predomina o tom acusatório. Nele, Ratério apresenta os principais elementos que impediam a condução da diocese em harmonia com as leis canônicas. Por exemplo, tendo em vista os possíveis desdobramentos do sínodo realizado em 966, cujas deliberações haviam sido registradas em *Synodica*, ele lamenta que quase todas as instruções tenham sido ignoradas. O comportamento dos clérigos, em especial, seria o elemento mais chocante, pois algumas de suas atitudes correntes, como a convivência diária com mulheres e a constante embriaguez, continuariam a fazer parte do cotidiano das igrejas de Verona, afastando-os das normas estabelecidas pelos cânones sagrados.<sup>489</sup> Diante dessas circunstâncias, o bispo não estaria em condições de administrar sua diocese adequadamente:

Para dizer brevemente, a causa de toda a perdição da população confiada a mim são os clérigos que continuam [com essas práticas]. Pois como eu poderia ousar convocar algum laico para um sínodo sobre adultério, perjúrio, ou pecados em geral, quando me foi negada a justiça ao clero? Não haveria nenhum clérigo a quem o homem laico não iria constantemente dizer em seu coração, mesmo se não ousasse falar: ‘hipócrita’, isto é, falso clérigo [...].<sup>490</sup>

---

<sup>487</sup> BR, p. 140: “Accedit ad cumulum commoditatis, quod misericordia conditoris imperatorem nobis concessit aequissimum, piissimum, sapientissimum, dominum scilicet nostrum cesarem gloriosissimum, qui, cum prae omnibus, qui sub caelo sunt, iam dictis ceterisque regalium praerogativarum insigniis inestimabiliter polleat, sanctissimum papam, dominum utique Iohannem episcopum, secundum proprietatem sui vocabuli "gratia Dei" ad idem opus electum Romuleae quidem urbi papam instituit dignissimum, orbi vero universo patrem et provisorem industrium. Quos convocaturos synodum autumo universalem, concedat Deus, sanctae suae ecclesiae, ut expedit, utilem”. Sobre o concílio sinodal em Roma em janeiro de 967: HEHL, Ernst-Dieter (Ed.). **28 Rom.** Januar 967. Die Konzilien Deutschlands und Reichsitaliens (916-1001). Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1987, p. 255-260.

<sup>488</sup> BR, p. 142-143: “[...] cum et exinde tot me non desinat in iuriis lacessere, ut omni me praerogativa ordinis episcopalis adeo, sicuti ante, ita et post, non dimittatis privare, ut nihil ex ea mihi relinquatis praeter chrismae confectionem et chrismandi quilibet cum subscriptionibus potestatem, adeo quoque de vobis sim inhonoratus, ut, cum omnes coepiscopi illuc venturi de clericis suis parere inibi habeant honorati, ego de vobis nec unum sim habiturus, cum de mea paupertate non sim vobis adeo inhumanus [...]”.

<sup>489</sup> BR, p. 143: “[...] sed si hoc agere temptavissem, omnibus, quae in canonibus sunt scripta, regiratis, de nullo eorum vos curare viderem omnimodis. [...] Interdicit per omnia magna synodus, non alicui, qui in clero est, subintroductam habere personam, nisi sororem, et cetera, quae sunt inibi notata, quem vestrum ab huius neglecto praecepti potuissem excipere? [...] Et, ut ad minora vobisque per nulla veniam, si legeretur contemptores canonum acrius arguendos de conspirationibus etiam et conspiratoribus, de periuris, de ebriosis et qui in tabernis bibunt et qui usuris inserviunt, si legaliter synodarem, quem ex vobis indampnatum relinquerem?”.

<sup>490</sup> BR, p. 144: “Breviter dixerim: Causa perditionis totius mihi populi commissi commanentes illi sunt clerici. Quem enim laicorum de adulterio convenire ausus fuisset in synodo, quem de periurio, quem de quovis flagitio, clericorum frustratus iudicio? Quis enim ille esset, cui non continuo ille, et si labiis non auderet, corde diceret: Ypocrita, id est pseudoclerice [...]”. Alterações nossas.

Nesse quadro, Ratério defende que não há razões para convocar um novo sínodo ou concílio, visto que muitos não seguiriam as deliberações.<sup>491</sup> As instruções aos padres que haviam sido exploradas em *Synodica* são citadas outra vez para indicar que não foram devidamente obedecidas.<sup>492</sup> Embora alguns sacerdotes tenham adotado essas medidas em suas igrejas urbanas ou rurais, os cônegos catedráticos não se mostravam dispostos a seguir tais determinações.<sup>493</sup> Diante de todos esses entraves, o bispo de Verona não enxerga outra possibilidade para tratar das questões a não ser a discussão sobre a autoridade dos cânones sagrados no sínodo de Roma, a ser realizado muito em breve.<sup>494</sup> Enquanto líder da sede episcopal, é sua responsabilidade defender o cumprimento daquilo estipulado pelas leis canônicas junto a todos os indivíduos pretencentes à congregação.

No geral, podemos considerar *Itinerarium* como um desabafo e um apelo de Ratério perante a situação dos clérigos do bispado veronense e a sua relação com eles. Incomodado com os hábitos dos sacerdotes, o prelado julgou que muitos estariam agindo de forma contrária às leis de Deus, originando diversos vícios e pecados, entre os quais foram mencionados a constante embriaguez e a coabitação com mulheres, condutas acompanhadas de fornicção ou adultério. Como consequência desses comportamentos, o bispo considerou que era sua tarefa encontrar meios para transformar radicalmente o estilo de vida de seus clérigos, visando alinhar a prática cotidiana destes, isto é, o exercício dos ofícios religiosos que ocupavam, com os mandamentos de Deus representados pelos cânones sagrados. Se ele não tomasse essas providências, haveria ainda um risco enorme de muitos padres serem condenados pela eternidade.

Um dos procedimentos para encontrar tais recomendações canônicas e contornar a situação, como vimos, foi a decisão de participar do sínodo de Roma que ocorreu, efetivamente, em janeiro de 967. No entanto, não há elementos que comprovem a sua presença.<sup>495</sup> Os argumentos evocados por Ratério em *Itinerarium*, principalmente a respeito dos clérigos, não foram objetos de discussão. Assim, mesmo que tenha participado, não é possível relacionar

---

<sup>491</sup> BR, p. 145: “Unde igitur synodus ageretur, nil amplius, quod emendaretur, invento?”.

<sup>492</sup> Ibidem: “Sciscitatur itaque de fide, illorum inveni plurimos neque ipsum sapere symbolum, qui fuisse creditur apostolorum. Hac occasione synodicam scribere omnibus presbyteris sum compulsus, in qua continetur primitus ita suasum [...]”. O trecho seguinte foi extraído diretamente de uma passagem de *Synodica*, BR: p. 125.

<sup>493</sup> BR, p. 146: “Ad quod cum titulares omnes et illos de plebibus paratos, Deo gratias, invenissem, vos cardinales, qui ut quondam scribae et pharisei populares, ita istos in perditionem mittitis omnes, ita hinc manere adhuc cerno rebelles, ut eligatis cum inimico eiusdem fidei, Arrio, in aeternum dampnari, quam hoc publice, ut aliarum ecclesiarum clerici, cantando salubriter vinci”.

<sup>494</sup> Ibidem: “Tali namque me infelicissimum necessitate urgente non haberem illuc pergere, ubi possem ex hoc consilium aliquod invenire?”

<sup>495</sup> CERVATO, op. cit., 1991, p. 240: “Gli elementi per affermallo mancano completamente”. HEHL, op. cit., 2007, p. 255: “Ob Rather dann an ihr teilgenommen hat, ist ungeklärt”.

diretamente as deliberações deste sínodo com as suas reivindicações e possíveis impactos no bispado veronense.

Por outro lado, em abril do mesmo ano, um segundo evento foi sediado em Ravenna, no qual algumas das pautas teriam sido o celibato e o casamento clerical, assuntos abordados insistentemente por Ratério.<sup>496</sup> Ele parece, inclusive, ter assinado um documento atestando seu comparecimento.<sup>497</sup> Mesmo contando com as chancelas do papa João XIII, do Imperador Otão I e dos demais bispos presentes, o líder da diocese de Verona, de acordo com uma carta enviada em julho de 968 a Ambrósio<sup>498</sup>, chanceler imperial na Península Itálica, não conseguiu reunir um concílio sinodal diocesano em Verona para discutir e colocar em prática as referidas normas canônicas logo após o seu retorno de Ravenna. Isso ocorreu porque muitos clérigos se rebelaram contra o bispo, se recusando a participarem desse sínodo que deveria ter como mote a transformação de alguns de seus hábitos, incluindo o celibato.<sup>499</sup>

Apesar de todos esses obstáculos, Ratério permaneceu insistindo em encontrar meios para administrar sua diocese, principalmente no que se diz respeito à influência sobre os sacerdotes. Para tanto, além das medidas tomadas acerca dos seus costumes, tal como aquelas apresentadas acima, ele também buscou interferir no aspecto econômico. Redigido em novembro de 967, um decreto intitulado *Judicatum* tinha como objetivo estabelecer uma divisão mais equitável das receitas da Igreja, redistribuindo-as entre as variadas ordens de clérigos.<sup>500</sup> O bispo partiu da observação de que “aqueles encarregados do maior trabalho na Igreja seriam os mais assolados pela pobreza premente”,<sup>501</sup> um impasse que deveria ser resolvido de modo que cada um recebesse as recompensas em conformidade com o próprio trabalho e suas necessidades.

De acordo com o texto, Ratério teria concedido aos sacerdotes as condições materiais indispensáveis para que pudessem zelar dia e noite a serviço de Deus. Foi dada atenção particular aos clérigos cuja situação era mais precária, tais como os padres catedráticos,

---

<sup>496</sup> “Aus indirekten Nachrichten sind als Verhandlungsgegenstände der Synode die Restitution Ravennas und von Ravennater Territorien and die römische Kirche, das Problem der Klerikerehe und der gerichtlichen Beweismittel bekannt“. Extraído de: HEHL, op. cit., 2007, p. 261.

<sup>497</sup> Ibidem, p. 278: “Ratherius Veronensis ecclesie episcopus subscripsi”.

<sup>498</sup> REID, op. cit., 1991, p. 527. Retomaremos a discussão deste texto na terceira parte deste capítulo.

<sup>499</sup> BR, p. 183: “Ratherius Ambrosio. Celebrata mediante Aprili universali synodo Ravennae reversus convocavi ex omnibus nostrae diocesis plebibus presbyteros et diaconos, relaturus ex praecepto serenissimi imperatoris quae inibi constituta sunt, ad concilium omnes. Cumque versutia mihi semper rebellium vitaeque meae insidiantium nostrae matris ecclesiae maiorum venire quidam sint dedignati illorum, ex his, qui convenerant, aliqui cum maxima deliberaverunt superbia, quod neque mulierositatem relinquerent neque ab officio cessarent”.

<sup>500</sup> REID, op. cit., 1991, p. 483.

<sup>501</sup> REID, op. ci., p. 484: “I observed that those who took on the greater labor in the Church were also beset by the more pressing poverty [...]”.

subdiáconos, acólitos e porteiros da catedral, que receberam parte dos rendimentos provenientes das igrejas de Santa Maria Consoladora, Stelle, São Giovanne e São Pietro.<sup>502</sup> Eles obtiveram também direitos de exploração sobre bens fundiários, entre os quais estavam inclusos os mansos de São Procolo e Paltiniaco, bem como dois arrendamentos de São Giusto.<sup>503</sup>

Tais privilégios deveriam ser repartidos para o uso comum entre esses três grupos – padres, subdiáconos e acólitos –, que, por trabalharem a serviço do bispo mais do que qualquer outros, mereceriam as mencionadas recompensas conforme a importância dos serviços prestados ao líder da diocese.<sup>504</sup> Em suma, as concessões permitiram ao baixo clero um usufruto sobre áreas maiores, das quais poderiam extrair proventos, desde que cumprissem as tarefas em seus respectivos ofícios em favor e sob a supervisão do bispo.

Para que essa medida fosse viável, Ratério precisou retirar o direito sobre essas propriedades dos que definiu como “ingratos” e “traidores”, fazendo alusão certamente aos clérigos mais ricos, em especial os cônegos, que controlavam os patrimônios dos grupos que deveriam ser favorecidos com as determinações do bispo.<sup>505</sup> O confisco não ocorreu sem oposição, o que agravou a já tensa relação de Ratério com o alto clero do capítulo catedralício de Verona, engendrando disputas pelo exercício da autoridade.<sup>506</sup> Numa carta enviada ao chanceler imperial Ambrósio em abril de 968, para a qual retornaremos na terceira parte do capítulo, cita que a redistribuição dos rendimentos das igrejas e das demais propriedades aumentou as discórdias com os cônegos catedralícios, que continuaram a contrariar o prelado.<sup>507</sup>

---

<sup>502</sup> REID, op. cit., 1991, p. 484-485: “I have therefore bestowed certain property recently confiscated from ingrates on some of the chapel priests, subdeacons, acolytes, and doorkeepers of our cathedral, namely, those currently in those positions [...] the revenues of the Church of Sta. Maria Consolatrice, together with all that belongs or will belong to it [...]. I have given also another church of the Blessed Mother of God, the one called In Stelle, so that the candle money which comes from it may be at the service of the aforementioned church and that of S. Giovanni in Fonte”.

<sup>503</sup> REID, op. cit., 1991, p. 485: “I have allowed them also something from the manse of S. Procolo in the Valpatena, in the area called Cuzzano, one homestead; in the valley of Sala two tenancies of S. Giusto at the walls. I have also bestowed on them the little manse called Paltiniaco with its serfs, servants, and all belonging to it, and tithes also from Catle Oppeano, and the property which is called De Forendanis, [...] together with the Church S. Pietro de Pressana with all its properties”.

<sup>504</sup> REID, op. cit., 1991, p. 486: “For I have decided that since these three orders toil in the bishop’s service more particularly than all the others, in addition to what they do in their ecclesiastical ministry, they ought to receive something peculiarly theirs for the service specially rendered him”.

<sup>505</sup> “Rathierius tried to redress this problem by proposing a restructuring of the cathedral chapter, thereby removing the lower clergy from the chapter’s control and giving them their own patrimony and seat at the urban church of Santa Maria Consolatrice”. Extraído de: MILLER, Maureen. **The Formation of a Medieval Church: Ecclesiastical Change in Verona, 950–1150**. Ithaca: Cornell University Press, 1993, p. 47.

<sup>506</sup> Ibidem, nota 24, cuja tradução do trecho de *Judicatum* é mais acurada do que aquela proposta na edição de Reid: “They [canons of the cathedral chapter] maintain that I create a schism by removing these [lesser clergy] from the discipline of their superiors. I do not remove them from discipline, but I am eager to rescue them, if it were possible, from want and the temptation to neglect the service of God”.

<sup>507</sup> BR, p. 168-169: “Inveterata itaque hac iam per aliquot annos, nunc non quidem, ut ferunt, acta, sed, quod melius est, patefacta discordia, pessima non cessant mihi tendere, ut semper, insidiarum, me tamen non ignorante, molimina”.

O resultado dessa forte oposição teria sido a impossibilidade de consolidação das medidas de transferência de usufruto dos bens fundiários.

Outra evidência da deterioração desta relação é um sermão pregado poucas semanas após a escrita de *Judicatum*, ainda no final do ano 967.<sup>508</sup> Em *Sermo Clericis Suis Sibi Rebellibus* houve acusações dirigidas aos clérigos, que se recusariam a escutar e a seguir as normas delimitadas pelos cânones sagrados.<sup>509</sup> Se nos documentos anteriores Ratério buscou adotar medidas concretas para reformular a estrutura do bispado veronense ou instruir os sacerdotes acerca das condutas adequadas, neste texto não houve nenhuma orientação específica, somente queixas sobre a insubmissão com relação ao bispo, e, em última instância, a Deus. Ele lamenta que tenha perdido todas as possibilidades de negociar com os clérigos rebeldes, indicando sua incapacidade de comandar a congregação dos fiéis de Verona.<sup>510</sup> Posto de outra forma, o exercício do cargo episcopal não era exercido em sua plenitude, já que os mecanismos de administração da diocese eram em partes obstruídos pelas reações contrárias dos clérigos locais pertencentes aos mais altos escalões, como os cônegos do capítulo catedralício.

O conteúdo da fonte aponta que Ratério, na prática, já havia perdido grande parte de seu poder de influência e capacidade de concretizar muitas de suas tarefas enquanto bispo. Ao final de 967, a insubordinação dos sacerdotes não tornou possível a consolidação das modificações que pretendia instaurar. Como destacaremos na terceira seção do capítulo, a situação logo se tornou insustentável e, sem qualquer margem de manobra sobre a diocese, ele não teve outra escolha a não ser abandoná-la definitivamente em meados de 968.

Ao examinarmos a atuação de Ratério entre 965 e 967 de maneira panorâmica, notamos que há uma tensão constante entre as tentativas de fazer prevalecer as medidas ligadas à sua função episcopal e as circunstâncias que impediam a concretização delas. Desde o início de seu terceiro bispado, como demonstrado particularmente em *De Contemptu Canonum*, ele já se mostrava engajado em estabelecer um controle maior sobre os comportamentos e a forma dos clérigos de Verona se organizarem. Nos anos seguintes, apesar dos obstáculos, Ratério buscou aprofundar tais intervenções, como mostram as obras que produziu no período. Estas se

---

<sup>508</sup> REID, op. cit., 1991, p. 489.

<sup>509</sup> BR, p. 157: “[...] qui cum canonici affectent vocari et de stipe canonicis delegata incessanter conquerantur, in tantum recusant esse canonici, ut consuetudinibus malignorum solummodo innitentes, nil quod canones sanciunt sancti, nedum legere vel facere, tolerant saltem audire [...]”.

<sup>510</sup> BR, p. 159: “Quod vero cum vestri quibusdam id agere devito, non contemptu fraternitatis facio, sed rustico illo monitus exemplo, quo dicitur: Quod oculus non videt, cor non dolet, videtur quaedam et pernecessari a doloris fore levigatio, si eis non visis, qui mihi tanta mala fecerunt et facere non desinunt, absit aliquantisper malorum ipsorum recordatio, dum auctores eorundem quantulacumque obnubit oblivio”.

mostram relevante para compreender como foram desenvolvidas as relações do prelado com os demais membros da diocese nos anos seguintes, isto é, permitem analisar os meandros da condução de um bispado.

A problemática das ingerências de Ratério junto aos seus clérigos é conhecida pela historiografia e foi inserida por alguns pesquisadores nos debates sobre as origens das reformas religiosas ditas “gregorianas” de meados do século XI. Em razão dos debates mobilizados e das medidas que visava instaurar, ele foi definido com um bispo “pré-gregoriano”,<sup>511</sup> ou seja, precursor das transformações na estrutura de organização da Igreja impulsionadas principalmente por Grégorio VII (1020-1085):

I cardini dell'interpretazione di Raterio come teologo riformatore, un'interpretazione consueta e largamente diffusa nella nostra storiografia, si fondano sostanzialmente su tre aspetti delle sue rivendicazioni: la riaffermazione della dignità e della suprema autorità dei vescovi sulla diocesi, e della loro conseguente autonomia ed ingiudicabilità rispetto al potere laicale; l'impegno per la riforma morale del proprio clero, con la lotta per il ristabilimento di una rigida osservanza dei canoni, e contro il concubinato e la simonia; la proposta, come base e condizione di questa riforma, di una riorganizzazione della proprietà ecclesiastica, saldamente riportata sotto la piena ed esclusiva autorità del vescovo, per sottrarla così alle alienazioni ed agli interessi privati o di casta. Marginalmente, a corroborare questa interpretazione dell'opera di Raterio, vengono indicati anche altri motivi che si ritrovano nei suoi scritti: l'esaltazione del primato di Roma, come suprema autorità su cui fondarsi per promuovere un ristabilimento della disciplina ecclesiastica; l'affermazione dell'assoluta invalidità delle ordinazioni impartite da un vescovo invasore e simoniaco; l'impegno culturale, che travalica il terreno strettamente canonistico, per investire tutto il problema della formazione dottrinale e pastorale del clero.<sup>512</sup>

O trabalho de Maureen Miller também indica que muitas das providências adotadas por Ratério, especificamente no caso Verona, foram aprofundadas nos séculos XI e XII, embora ele próprio reconheça seus esforços como falhos.<sup>513</sup> A educação e formação dos clérigos locais, problemática de suma importância para o bispo, se tornou uma pauta prioritária na administração da diocese a partir do século XI, estimulando o desenvolvimento de *scole*, centros

<sup>511</sup> FLICHE, Augustin. **La réforme grégorienne**. I: Formation des idées grégoriennes. Paris: E. Champion, 1924, p. 74-92. LUMAGHI, Louis Francis. **Rather of Verona: Pre-Gregorian Reformer**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, University of Colorado, Boulder, 1975. CAVALLARI, Vittorio. **Raterio e Verona** (qualche aspetto di vita cittadina nel X secolo). Verona: Istituto per gli studi storici veronesi, 1967, p. 18, 22-24.

<sup>512</sup> Citação extraída de: MICCOLI, Giovanni. Raterio, um riformatore? In: **Raterio da Verona**. Atti del X Convegno storico Internazionale (Todi, 12-15 ottobre 1969). Todi: Convegni del Centro di Studi sulla Spiritualità Medievale, 1973, p. 98-99.

<sup>513</sup> MILLER, op. cit., 1993, p. 49-50: “Bishop Raterius judged his own efforts to improve the Veronese clergy a failure, but the spread of scale he encouraged was to provide an institutional means for a real reform of the secular clergy in the eleventh and early twelfth centuries”.

que poderiam promover não apenas o aperfeiçoamento das práticas cotidianas dos sacerdotes, como também sua disciplina e devoção espiritual.<sup>514</sup>

Não é nosso propósito discutir neste capítulo em que medida o bispado de Ratério interferiu ou teve seu legado apropriado nos séculos posteriores, especialmente no contexto das reformas da Igreja. Nos parece muito mais produtivo buscar definir os significados de suas atitudes durante o período em que foi prelado dos veronenses, ou seja, ao longo da década de 960. Nesse sentido, a posição de Cervato nos parece bastante convincente, que, se concentrando em examinar os papéis deste bispo em suas circunstâncias espaciais e temporais próprias, argumentou que era de fato um reformador da organização da diocese de Verona nos campos político, monástico e pastoral.<sup>515</sup> Entretanto, por não defender nenhum programa sistemático de reforma, se limitando ao caso específico de seu bispado, ele não pode ser caracterizado como um pré-gregoriano, ou seja, um precursor das medidas de Grégorio VII.<sup>516</sup>

Em outras palavras, não é conveniente comparar seus planos específicos na diocese com momentos históricos posteriores.<sup>517</sup> Uma solução para interpretá-los com mais precisão é inseri-los nas lutas de poder presentes no contexto político e cultural de meados do século X, isto é, considerar sua atividade pastoral de bispo enquanto tal. O exercício do ofício episcopal por Ratério, assim sendo, não está deslocado, muito menos à frente temporalmente das tarefas de demais prelados do período. Portanto, suas ações estão diretamente conectadas com o quadro mais amplo do episcopado da época, tendo em vista que muitos outros líderes de dioceses também tiveram atitudes semelhante para reformar a estrutura de organização de suas respectivas congregações.<sup>518</sup>

O exemplo de Atto de Vercelli (924-961) é bastante elucidativo da relação de Ratério com bispos contemporâneos na Península Itálica. Assim como o comendate do bispado veronense, Atto mostrou preocupação com a forma de distribuição das propriedades das igrejas,

---

<sup>514</sup> Ibidem, p. 51: “This need for priests, as the number of new churches increased over the eleventh century, certainly encouraged the development of *scole*. [...] Although the formation of *scole* seems to respond to a need to train more priests, these institutions also offered the opportunity for fellowship advocated by reformers in order to promote both discipline and spiritual devotion in the clergy. They were communities as well as centers of education”.

<sup>515</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 366: “[...] a presincere dalla intenzione di Rateri, ci sono alcuni aspetti che inducono a considerarlo come riformatore. Si poltrà forse parlare di Raterio esponente delle correnti di riforma d’oltralpe, che si andavano manifestando nel campo politico, monastico e pastorale”.

<sup>516</sup> Ibidem: “Ma è eccessivo vedere in lui un pregregoriano. [...] Pur non essendo Raterio un precursore di Gregorio VII, por non avendo egli esposto nessun programma sistematico di riforma e pur presentandosi come esponente della tradizione carolingia, egli offre tuttavia una serie di indicazioni che presentano degli accenti nuovi”.

<sup>517</sup> Um exemplo extremo foi a comparação dele com Martin Luther King (!): REECY, Benny R. **Learning in the Tenth Century**. Greenville: Furman University, 1968, p. 40: “[...] he could have been a Marthin Luther in the tenth century except that he chose to work within the established order of the Church”.

<sup>518</sup> CERVATO, op. cit., 1991, p. 357-360, contendo uma lista expositiva dos bispos engajados, bem como Ratério, em posturas reformadoras no ambiente cultural e letrado do século X.

e ainda se confrontou com problemas muito semelhantes de conduta e disciplina de seus clérigos, tais como o desrespeito ao celibato e a evidente falta de instrução para a celebração apropriada das missas.<sup>519</sup>

A citação de Miccoli transcrita acima sintetiza muito bem os objetivos de Ratério, que estavam, portanto, alinhados e eram coerentes com as formas de atuação próprias dos prelados do século X na Europa Ocidental. Nesse sentido, a reorganização das maneiras dos clérigos se estruturarem e as atribuições de suas condutas no ofício foram consideradas pautas prioritárias. Como vimos nos textos *Synodica* e *Itinerarium*, baseando-se na sua leitura das determinações dos cânones sagrados, Ratério procurou exercer a primazia de sua autoridade enquanto principal figura de poder do bispado veronense, o que foi traduzido pelas tentativas de alinhar os comportamentos e as práticas dos sacerdotes com as normas das respectivas funções que considerava as mais relevantes de serem adequadamente cumpridas. Para tanto, precisou cogitar ainda a execução de mudanças estruturais de cunho econômico e material, conforme explicitado em *Judicatum*.

No geral, esse conjunto documental expressa aspectos importantes acerca das maneiras pelas quais o bispo buscou ampliar sua influência sobre os indivíduos que pertenciam à diocese. Essas medidas, por outro lado, provocaram diversas reações, advindas principalmente dos cônegos do capítulo catedralício, que se opuseram à redistribuição dos recursos e rendimentos das igrejas que causaria perdas significativa no usufruto de propriedades e bens fundiários. Por fim, houve a insubordinação de muitos outros clérigos, que não se mostraram dispostos a alterar alguns padrões de comportamentos em conformidade com os cânones sagrados declarados por Ratério, como o cumprimento rigoroso do celibato e o abandono do vício da embriaguez.

A consequência dessas divergências foi a crescente perda de controle, por parte do bispo, sobre as decisões referentes aos seus sacerdotes, que passaram a dispor de certa margem de autonomia. Como será explorado a seguir, esses obstáculos abrangiam não somente os clérigos em si, mas também outros personagens de influência envolvidos nas disputas pela hegemonia local.

---

<sup>519</sup> WEMPLE, Suzanne Fonay. **Atto of Vercelli**. Church state und christian society in tenth century Italy. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979, p. 111-113: “It led to the moral decline of the clergy, brought about the devastation of church property and undermined the obedience of the laity to ecclesiastical authority. [...] Some priests went so far as to live publicly with women, thus placing prostitutes in charge of their homes and even making them their heirs. [...] The Bishop of Vercelli ordered his priests to perform burial rites gratuitously and to give the parishioners free instructions in reading and writing. [...] In this manner, Atto noted, the church was enslaved and made the laughingstock of the people, and ecclesiastical authority was weakened”.

### 3.2.2) As interações do prelado com demais sujeitos proeminentes da região

As tarefas ligadas à administração da diocese de Verona entre 965 e 967 estiveram articuladas ao diálogo com outros indivíduos que desfrutavam de alguma importância política nesse contexto. Além dos documentos analisados acima endereçados diretamente aos clérigos, visando moldar suas condutas e modos de organização, Ratério produziu obras a respeito das relações sociais mais amplas que buscou estabelecer, na tentativa de desenvolver suas atividades episcopais.

Um ponto de apoio é justamente Otão I, o Imperador que havia garantido sua terceira entronização em Verona. Quatro anos depois, em meados de 965, o bispo enviou ao soberano germânico uma carta reivindicando suporte para obter maior quantidade de recursos materiais, em troca do incremento de sua obediência à linhagem familiar dos otônidas.<sup>520</sup> Se esse apoio advindo da clemência imperial não fosse possível, argumenta Ratério, ele não teria mais condições de permanecer no bispado, ao qual precisaria renunciar para retornar à vida monástica beneditina na abadia de Lobbes.<sup>521</sup>

Assim como já havia sido o caso da nomeação de 961, Ratério demonstra a importância de Otão I em sua trajetória, agora para a manutenção do posto episcopal. Não temos fontes provenientes diretamente da Corte Imperial para confirmar se o auxílio ocorreu nesse momento de fato. Porém, a julgar pela continuidade de Ratério no ofício por mais alguns anos, bem como pelas demais evidências documentais que serão exploradas nesta seção, podemos afirmar que houve uma ampliação da conexão – ou, indo além, dependência – dele com relação ao Imperador e a outras figuras ligadas ao Sacro Reino Germânico.

Ainda no ano 965, o prelado dos veronenses tratou do legado do seu antecessor na função, isto é, Milo. Numa correspondência à Sede Apostólica enviada em primeiro de agosto, Ratério argumentou em favor da legitimidade da sua nomeação episcopal.<sup>522</sup> Para tanto, parafraseou diversos trechos de resoluções canônicas de concílios sinodais, com o propósito de

<sup>520</sup> REID, op. cit., 1991, p. 418-419.

<sup>521</sup> BR, p. 117-118: “Querimonia itaque omni postposita, flexis praecordiorum, domine, omnium genibus, indeficientissimo flumini compl[ec]tendam vestrae amplitudinis deprecor misericordiam, ut, quia coepistis hanc mihi impendere, immo ecclesiae mihi elemosinaliter commisse non dedignemini gratiam, ut, etsi acquirere aliquid pro mea vilitate non potest, sa[Item] pro Dei amore nihil ex his, quae antecessores mei et ego iuste et legaliter per XXX annos tenuimus, sacerrimi imperii vestri perdat diebus. Quod si peccatis merentibus non conceditur meis, utilius mihi fui[sset] in Christo defungi quam praesulatu huiusmodi fungi. [...] Quid vero mihi aliud restare conspicio, nisi ut, gratificata pro restitutionis elemosina imperiali clemencia parvipensa inconstantiae nota, portum, quem reliqui, repetam monasterii, ut, quia non datur episcopum, saltem Deo restituam qualemcumque, quem illi abstuli, si non despicit, monachum”.

<sup>522</sup> REID, op. cit., 1991, p. 420.

identificá-las com suas experiências pessoais.<sup>523</sup> O argumento central trazido a partir da seleção dessas deliberações é invalidar as atividades de Milo em Verona. Este, por ter usurpado ilegalmente de Ratério o comando da diocese entre 950 e 961, deveria ter todas as suas determinações anuladas, incluindo a revogação dos diferentes cargos eclesiásticos que havia estabelecido.<sup>524</sup> O autor da carta, em resumo, buscou chamar a atenção da Santa Sede acerca do seu alinhamento com a autoridade dos cânones, visando obter o reconhecimento da legalidade de sua função em detrimento de Milo.

Para este, inclusive, foi endereçada uma outra epístola em dezembro de 965, que indica as principais tensões decorrentes da sucessão episcopal.<sup>525</sup> Predomina o tom acusatório no texto, em que Ratério descreveu pejorativamente as atitudes de Milo, que buscava, segundo o autor, usurpar o exercício de seu ofício bispal em Verona. Além de ser comparado com um adúltero por reivindicar o comando de uma diocese já ocupada por um legítimo líder, ele estaria ainda prejudicando a si próprio por transgredir os cânones sagrados.<sup>526</sup> Suas supostas tentativas de sabotar as atividades episcopais cotidianas de Ratério não fariam o menor sentido, uma vez que só poderia ser removido do cargo se houvesse alguma ordem do Imperador Germânico ou do Sumo Pontífice.<sup>527</sup>

A carta, assim sendo, era uma forma de defesa pessoal do prelado em exercício diante da persistência de seu antecessor, que, mesmo destituído em 961, continuou intervindo para recuperar o posto perdido. A documentação evidencia, em suma, as principais dificuldades encontradas por Ratério na região nos anos seguintes à sua terceira entronização, tendo que lidar com a manutenção da influência de certas forças políticas, especialmente aquela representada por Milo.

A sua situação no bispado é revelada de maneira ainda mais detalhada em outro texto composto no início de 966. A obra intitulada *Qualitatis coniectura* é uma reflexão pessoal de Ratério sobre suas vivências recentes, e reuniu alguns dos eventos mais importantes em

---

<sup>523</sup> Foram mencionadas explicitamente passagens dos concílios de Antioquia e Constantinopla, bem como cartas dos papas Inocente I, Nicolau e Estêvão II. Em linhas gerais, esses trechos combinados tratam a respeito da impossibilidade de um bispo ilegítimo poder desempenhar alguma tarefa, a qual, se executada, deveria ser prontamente descartada.

<sup>524</sup> Medida já envisada por meio de um decreto anterior, como destacamos na página 125.

<sup>525</sup> REID, op. cit., 1991, p. 423.

<sup>526</sup> BR, p. 121-122: “Collata enim haec ad invicem duo ostendunt: ovem esse, quamvis peccatorem, qu[i] iniuste aliquid ab inferente patitur, lupum, qui infert. [Sane cum audis, quod dimissam qui duxerit, moechatur], si tu non vereris moechari, metuo, scias, ego Nicolaita vocari. [...] cum pontifices canonum facis tam graviter transgressores, dum tui existunt fautores [...]”.

<sup>527</sup> BR, p. 123: “Si resipiscere numquam deliberas, alia moli[ri quod] coepisti, tempta, suggero, via imperatoris et ducum nostrorum, si va[les], adquirendo utique, quo recedam, imperium, [et non per significantiam aliquam, sed simpliciter et aperte ad intelligendum]”.

Verona, principalmente a respeito da relação do atual bispo com demais sujeitos proeminentes.<sup>528</sup> A escrita da fonte pode ser interpretada como uma autojustificação do prelado, interessado em defender a legalidade e a primazia de suas atitudes perante os membros da congregação dos fiéis.<sup>529</sup> Ela sintetiza, em resumo, os propósitos visados por Ratério através da administração de sua diocese, assim como os desafios decorrentes.<sup>530</sup>

No início do texto, o autor destaca que a motivação da escrita é oferecer um material para se antecipar às críticas de seus inimigos, constituindo uma resposta e, ao mesmo tempo, uma explicação sobre si próprio e suas atitudes.<sup>531</sup> As formas de exercício da atividade episcopal, em primeiro lugar, foram sintetizadas nos parágrafos seguintes, e se mostram coerentes com medidas já evocadas em outras obras. Em *Qualitatis coniectura*, há menção à pretensão de transformar os hábitos e as condutas dos clérigos, elementos que já haviam sido manifestados em *De Contemptu Canonum*, e que seriam retomados em outros textos escritos ao longo do ano 966, como *Synodica e Itinerarium*.<sup>532</sup> Tais preceitos, segundo Ratério, estariam pautados na observância rigorosa das leis canônicas.<sup>533</sup>

---

<sup>528</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 211: “Nasceva così la *Qualitatis Coniectura*, scritto centrale nel terzo periodo dell’episcopato veronese di Raterio, che compendia e sviluppa i temi e i problemi che finora sono venuto esponendo. Essa informa degli ultimi avvenimenti e, confrontata con i numerosi altri scritti di Raterio, aiuta a capire meglio – per limitarci ora a questo solo aspetto basilare – la sua situazione di vescovo, la quale era anche oggettivamente intricata, e il suo rapporto con Milone, che non era facilmente risolvibile”. REID, op. cit., 1991, p. 427. Além das edições de Reid, há uma tradução recente da fonte para o italiano que será considerada: VALTORTA, Benedetta (Ed.). **Raterio di Verona: Qualitatis coniectura**. Edizione critica, traduzione e commento. Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2016.

<sup>529</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 214: “Con la *Coniectura* Raterio se metteva intenzionalmente sulla strada che l’avrebbe condotto ai tentativi di cambiamento morale ed economico-amministrativo che avrebbero caratterizzato il periodo finale del suo episcopato veronese. Sulla base dei richiami agli scritti e all’azione precedente e successiva, rispetto a cui si trova in posizione centrale, è possibile guardare a essa come a un punto di arrivo e di partenza in questo periodo. Con la risposta positiva ad essa, cosa che si deduce dal seguito degli avvenimenti, Raterio ottiene via libera al suo programma, oltre che l’assicurazione della sua permanenza a Verona”.

<sup>530</sup> Qc, p. 4: “Testo complesso come il suo autore, resoconto e insieme critica del proprio operato, la Qual. é composta con il dichiarato intento di contraporre ai numerosi detrattori la propria versione dei fatti; è anche l’ultimo tentativo di richiamare l’attenzione dell’imperatore Ottone I, e dei posteri, sulla sostanziale correttezza delle proprie posizioni”.

<sup>531</sup> Qc, p. 63: “Sono costretto in tutte le mie azioni, parole, addirittura intenzioni, a confrontarmi con le critiche dei miei nemici, come se fossi io l’único a non dover affrontare quel supremo giudizio in cui sarà vagliata ogni colpa rimasta qui senza correzione; [...]. Così voglio offrire io stesso materia ai miei cavillatori, per aiutarli nella loro occupazione preferita [...] e per prevenire, com’una sorta di anticipazione, qualunque cosa diciate, qualunque cosa possiate dire, e in qualunque sneso, di me, voglio io stesso parlare di me, come mai nessuno, prima di me, credo, ha fatto di se stesso”. Transcreveremos a tradução para o italiano da fonte nesta e nas demais notas, editada por Valtorta junto com a versão em latim.

<sup>532</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 215-216: “La *Coniectura* prelude così alla strenuità della lotta di Raterio alla mulierositas, lotta già intrapresa al tempo del *De Contemptu Canonum*, solo accennata qui, ma perseguita poi nel *Del Nuptu* e nella sua azione dopo il sinodo di Ravenna dell’aprile 967. Quanto ai rimproveri dei ‘costumi, studio e canto dei chierici’, l’osservazione rinvia alla situazione e alle circostanze in cui sorgerà la *Synodica* e alle indicazioni in essa contenute”.

<sup>533</sup> Qc, p. 65: “Critica moralità, preghiere e canto del suo clero. Un matrimonio illegale lui lo chiama adulterio. Predica che si deve seguir’ela legge piuttosto che la consuetudine. Proibisce il lavoro servil’ela domenica. Ordina a coloro che gli sono stati affidati di servire Dio non solo in modo inconsueto, ma addirittura inaudito”.

Particularmente relevante para a compreensão das práticas de condução do bispado, o capítulo 13 expressa algumas das reivindicações concretas para obter condições mais apropriadas no exercício do seu cargo episcopal. A principal delas é a requisição de uma proteção maior junto ao Imperador Germânico, que poderia defendê-lo contra as violações de propriedades pertencentes à Igreja de Verona que pudessem ser possivelmente cometidas por forças políticas locais, em especial os condes e viscondes.<sup>534</sup> O apoio de Otão I também seria bastante importante para orientar Ratério acerca das medidas que deveriam ser adotadas na administração da diocese: o soberano germânico, em sua visão, indicaria os responsáveis pela reconstrução de igrejas destruídas, estimaria o valor e a forma da aplicação dos recursos, e, enfim, designaria como as ofertas à Santa Mãe de Deus deveriam ser conduzidas e distribuídas.<sup>535</sup>

Tais súplicas foram consequências, muito provavelmente, das adversidades descritas nos parágrafos seguintes. Segundo o autor, ele teria sido vítima de uma conspiração, em janeiro de 965, que o afastou temporariamente do palácio episcopal.<sup>536</sup> A origem desta ocorrência teria sido a intervenção do bispo antecessor Milo, para o qual Ratério não deixou de proferir severas acusações:

E para não esconder a maldade de suas intenções, sei muito bem que você preferiu que eu ficasse em um lugar onde eu fosse facilmente acessível aos inimigos, sujeito, como antes, à sua vontade, ou agora também aos riscos pessoais, e que você ficou descontente não por eu ter deixado uma moradia insegura, mas por ter me mudado para um lugar mais protegido: portanto você não pode justificar não ser meu assassino, mesmo que a providência divina ainda preserve minha vida.<sup>537</sup>

Nesse quadro de evidente conflito com Milo, Ratério argumenta que estava vulnerável aos ataques do usurpador de sua sede episcopal, não podendo contar com a plena

---

<sup>534</sup> Qc, p. 89-90: “‘Vorrei anche’ – dice – ‘che l’imperatore si dignasse di difendere nel nostro interesse ciò che i suoi predecessori hanno dato e garantito alla nostra Chiesa, con i loro decreti, contro conti, visconti e sculdaci, e se qualcosa è stato fatto da me, o dagli altri due invasore, per necessità, o per sottrazione illegale, o come commutazione o livello, o per la cosiddetta precaria, contro la volontà di Dio e contro giustizia, che ordinasse con tutta la sua autorità che venga annullato; io non pretenderei che questi beni mi venissero restituiti, ma che fossero concessi a chi si voglia in usufrutto, purché non alienati alla Chiesa”.

<sup>535</sup> Qc, p. 90: “Per me non chiederei altro, se non che l’autorità del nostro piissimo imperatore si dignasse di indicare alla mia umile persona chi debba ricostruire le chiese distrutte della nostra diocese, e con che proventi; che cosa spetti a me, per nutrire il gregge a me affidato da Dio e da lui; chi debba amministrare le offerte alla santa Madre di Dio e dove e come distribuirle”.

<sup>536</sup> Qc, p. 93: “Non accuso nessuno, non giustifico nessuno; non critico nessuno, non lodo neanche nessuno. Fui catturato, portato via, riportato”.

<sup>537</sup> Qc, p. 95: “E per non tacere la malvagità delle tue intenzioni, so benissimo che preferivi che io rimanessi in un luogo in cui io fossi facilmente raggiungibile per i nemici, soggetto come prima alla tua volontà o ora anche a rischi personali, e che tu eri dispiaciuto non perché io avessi lasciato un’abitazione insicura, ma perché mi ero trasferito in luogo più protetto: perciò non puoi giustificarti di non essere il mio omicida, anche se la provvidenza divina conserva ancora la mia vita”. Tradução nossa.

proteção de Bucco, o conde de Verona, embora este tenha sido designado pela duquesa da Baviera Judite justamente para comprimir tal tarefa.<sup>538</sup> Ao final do texto, o autor faz um chamado apelativo ao Imperador Germânico, que deveria avaliar os eventos mais recentes em Verona, demonstrando um cuidado particular em reafirmar a posição e a fidelidade do bispo que ele próprio havia entronizado em 961.

Minha captura, expulsão, deportação, sequestro, prisão, saque da Igreja, destruição da sede episcopal, cancelamento da doação do imperador, anulação do seu trabalho, invasão da cidade, vilipêndio da majestade imperial e muitas outras ações semelhantes estavam, e ainda estão, em questão; como não há melhora, a causa só poderia piorar com um assassinato. Portanto, o risco deve ser evitado, em primeiro lugar, de que – e isto é certamente o que acontece com mais frequência conosco – os culpados de algum crime se voltem para uma autoridade antes daquele que sofreu sua ofensa [Ratério]; como fez muito recentemente aquele que conduziu todos os que então me capturaram, conspiraram e cometeram inúmeros crimes contra mim e contra os meus, e que, além disso, tendo sido nomeado diácono, contra a justiça e o direito, pelo invasor do meu episcopado [Milo], depois dos roubos e sacrilégios que lhe foram atribuídos por aqueles que dizem conhecê-lo, tomando posse da terra de nosso direito, saqueando-a, e, refugiando-se aos pés do imperador sem que ninguém o perseguisse, invocou que eu lhe tiraria o benefício.<sup>539</sup>

Apesar dos obstáculos nas relações sociais em Verona revelados em *Qualitatis coniectura*, a continuidade do bispado de Ratério nos anos seguintes parece ter sido assegurada efetivamente pelos seus laços estreitos com a autoridade imperial de Otão I. Como vimos na seção anterior, o ano de 966 havia sido marcado pela ampliação de medidas que visavam alterar as condutas dos clérigos. Elas foram representadas, por exemplo, nos textos *Synodica* e *De Nuptu Illicito*.

A presença do Imperador em terras italianas a partir do final do mesmo ano foi um fator que aumentou ainda mais o apoio deste soberano à atividade episcopal de Ratério.<sup>540</sup> Além

<sup>538</sup> Qc, p. 91-93: “La nobile duchessa, conoscendo il mio carattere, sapendo dei numerosi nemici che questo mi aveva procurato, e che erro del tutto privo, in quanto staniero, dell’aiuto di amici, temendo che me ne derivasse peggio di quanto accadde, mi affidò alla protezione di un conte non ignoto”.

<sup>539</sup> Qc, p. 101: “Erano, e sono ancora, in causa lamia cattura, espulsione, destituzione, rapimento, imprigionamento, saccheggio della Chiesa, distruzione della sede vescovile, cancellazione dell’elemosina dell’imperatore, annullamento del suo operato, invasione della città, vilipendio della maestà imperiale, e molte altre azioni simili; non essendoci miglioramenti, la causa potrebe solo peggiorare con un omicidio. Perciò bisogna innanzitutto evitare questo rischio, che – ed è certamente ciò che accade con maggior frequenza da noi – si rivolgano ad una autorità i colpevoli di qualche crimine, prima di colui che ha subito la loro offesa; come recentissimamente ha fatto colui che ha guidato tutti quelli che allora mi hanno catturato, che ha macchinato e commesso innumerevoli delitti contro di me e i miei, e che oltretutto, nominato diacono, contro giustizia e diritto, dall’invasore del mio episcopato, dopo i furti e i sacrilegi che gli attribuiscono quelli che dicono di conoscerlo, impossessandosi della terra di nostro diritto e saccheggiandola, rifugiandosi ai piedi dell’imperatore senza che nessuno lo perseguitasse, ha inventato che io gli avrei tolto il suo beneficio”. Tradução nossa.

<sup>540</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 235: “La centralità e l’importanza dell’anno 966 nel terzo periodo del l’episcopato di Raterio a Verona sono accentuate dalla presenza dell’imperatore in Italia all’inizio del più lungo dei suoi tre soggiorni, presenza che dava a Raterio nuova fiducia e audacia nella realizzazione dei suoi progetti”.

de ter destacado em *Itinerarium* que deveria participar junto com o soberano germânico do sínodo em Roma em janeiro de 967, houve ainda outras formas de aproximação com Otão I durante a estadia deste na Península Itálica. Entre outubro e novembro, na realidade, ele esteve presente pessoalmente na cidade de Verona, onde, tendo sido recebido pela hospitalidade do bispo, lhe concedeu um *Privilegium* que evidencia a existência de um apoio mútuo entre ambos.<sup>541</sup>

As resoluções indicadas na fonte beneficiavam tanto a Igreja de Verona em si, quanto o próprio poder episcopal de Ratério, revelando que as reivindicações a Otão I em *Qualitatis coniectura* foram, em grande medida, atendidas.<sup>542</sup> A autoridade do Imperador confirmou, em primeiro lugar, a validade das concessões que haviam sido emitidas pelos seus predecessores à diocese. Isto incluiu o direito de organizar um mercado local nas ocasiões das festas de São Zenão e de Domingo de Ramos, bem como as remunerações referentes aos rendimentos de bens fundiários.<sup>543</sup> No que se refere aos direitos do bispo, este passaria, a partir de então, a controlar todas as propriedades pertencentes perpetuamente à Igreja, sem que outras figuras de poder, em especial o conde e os próprios clérigos, possam interferir de forma a limitar as suas atividades. Caso contrário, eles ficariam sujeitos a punições por parte do prelado ou de seus representantes.<sup>544</sup>

Essas deliberações acima diziam respeito ao bispado veronense de maneira ampla. Por outro lado, o privilégio também favorecia Ratério de forma pessoal. Otão I o colocou sob

---

<sup>541</sup> REID, op. cit., 1991, p. 481. SICKEL, Theodor (Ed.). **Die Urkunden Konrad I., Heinrich I. und Otto I.** (Conradi I., Heinrici I. et Ottonis I. Diplomata). Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1879-1884, p. 474-475.

<sup>542</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 258: “Da questo punto di vista, esso si articola innanzi tutto come privilegio concesso alla chiesa veronese e al vescovo in carica, e come mundeburdio concesso a Raterio personalmente”.

<sup>543</sup> SICKEL, op. cit., 1879-1884, p. 474-475: “Noverit omnium fidelium nostrorum tam presentium scilicet quam futurorum industria, interventu karissimi filii et aequinomi nostri concessisse nos e+clesie+ Ueronensi cui clementia nostra imperiali auctore deo Raterius episcopus presidere dinoscitur, ab amore dei et sancte+ dei genetricis sanctique Zenonis quicquid residuum est de eo quod antecessores nostri antecessoribus ipsius ad portas duas civitatis pertinens contulerunt, unam scilicet que+ dicitur sancti Zenonis, alteram que+ nomine sancti Firmi vocatur, cum theloneo de plaustis et omni nobis ex eisdem debito reddito. Concedimus etiam, immo reddimus ei mercatum in festivitate sancti Zenonis vel in ramis palmarum, sicut antecessores nostri eidem e+clesie+ concessisse narrantur; concedimus etiam ei duas portiones de ripatico et ipsum ex integro ripaticum in castello quod vocatur Portus; quicquid etiam antecessores nostri usque ad nostra tempora eidem e+clesie+ contulerunt et per precepta firmaverunt, totum concedimus atque isto precepto firmamos”.

<sup>544</sup> Ibidem, p. 475: “Omnem quoque publicam functionem a castellis ipsius que+ nunc sunt et imperpetuum ad eandem e+clesiam pertinentia erunt, ita abscidimus ac removemus ut neque comes neque vicecomes neque sculdascio potestatem ullam in eis manendi vel aliquem habeant distringendi, sed omnes in eis commanentes ita sub potestatem vel istius vel illius qui per successiones temporum iam dicte e+clesie+ prefuerint, maneant, ut nusquam eos distringere aliqua nostro imperio subiecta licentiam habeat potestas, sed si quid perperam vel a mansariis vel a castellanis vel a plectitiis vel incensitis vel a comendatis vel clericis vel famulis ipsius fuerit actu m, aut ab ipso aut a ministerialibus ipsius sit iuste et legaliter emendatum”.

sua proteção, já que era visto como um bispo fiel à estrutura de poder do Reino Germânico.<sup>545</sup> Consequentemente, a sua posição enquanto comandante da diocese poderia ser reforçada, uma vez que o documento cita explicitamente que esse apoio estava vinculado em específico ao papel episcopal de Ratério em Verona: as violações do amparo imperial e as punições subsequentes previstas diziam respeito, basicamente, a atitudes contrárias à sua autoridade como prelado.

No geral, as medidas de Otão I, embora tenham sido benéficas a Ratério em Verona, não garantiram a consolidação de seu poder episcopal, tampouco apaziguaram os conflitos que limitavam o impacto de suas decisões. Essa relação foi o elemento principal que possibilitou a entronização em 961 e o manteve no ofício por alguns anos, durante os quais as atividades do prelado oscilaram entre tentativas de administrar a diocese ao seu modo e reações às mesmas. Mesmo com a intervenção direta do Imperador, representada pela emissão de *Privilegium* em novembro de 967, diversos conflitos locais despontaram no ano seguinte, causando, como veremos na próxima seção, a saída definitiva do bispo da Península Itálica.

### **3.3) O acirramento dos conflitos e a partida definitiva da Península Itálica (968)**

A documentação produzida em 968 marca o surgimento de um impasse definitivo, no qual o bispo ficou sem alternativas para garantir a influência e a aplicabilidade de suas decisões. Os textos escritos nesse ano não visam mais, como havia sido o caso até então, transformar a estrutura do bispado ou interferir diretamente nas condutas dos clérigos. Na realidade, as evidências documentais testemunham a perda de controle das atividades em Verona por parte do prelado, que compôs diferentes cartas e sermões denunciando a fragilidade de sua posição. O exame desse material permite identificar de forma panorâmica o desgaste de suas relações com diversas figuras de importância política, o que culminou com seu retorno à região de Lobbes, na Lotaríngia.

No final de 967, Ratério já se mostrava insatisfeito com a insubordinação dos seus clérigos em Verona, e admitia que a margem de negociação com eles se tornou ainda mais reduzida. Os textos datados a partir de abril de 968 corroboram esse panorama delicado, já que o bispo não parecia ter expectativas de expandir sua autoridade na diocese.

---

<sup>545</sup> Ibidem: “Et quia ipse egenus et advena et omni carens, nisi dei et nostri auxilio, multa iam est perpeusus incomoda, hoc iuvandi ingenio eum volumus relevare, ut preter id quod est ut ceteri in regno noster episcopus, sit etiam mundeburde nostro tam spetiali prerogativa protectus”.

A carta intitulada *Discordia* destinada a Ambrósio, chanceler do Imperador Otão I na Itália, revela que nunca pôde consolidar acordos com seus sacerdotes, perpetuando relações conflituosas que impediam a construção de laços harmoniosos e o consequente trabalho conjunto no bispado.<sup>546</sup> De acordo com Ratério, os clérigos já haviam se mostrado infiéis por terem apoiado seu afastamento da diocese em outras três oportunidades – nos anos 934, 948 e 965 –, e, além disso, desprezariam as normas estabelecidas pelos cânones sagrados, uma vez que tinham o hábito, por exemplo, de manter relações com mulheres.<sup>547</sup>

Nesse quadro, o bispo procurou justificar, por meio do documento, suas atitudes enquanto figura central da congregação dos fiéis de Verona. Ele considerou que a proibição, crítica ou censura dos comportamentos contrários às leis de Deus que vinham sendo demonstrados pelos clérigos, nada mais eram do que tarefas de sua responsabilidade. A correção de tais práticas, portanto, deveria ser uma pauta importante na administração da diocese, sendo que qualquer reação contrária se enquadraria como ilegítima segundo as leis canônicas.<sup>548</sup>

O restante do texto sintetizou as principais queixas de seu autor, que revelou as dificuldades enfrentadas para garantir a execução plena de suas medidas. Mesmo sendo um bispo que havia recebido o apoio do Imperador – que, como vimos, esteve presente em Verona em novembro de 967 e concedeu um privilégio pessoal a Ratério –, ele jamais chegou a um acordo duradouro com seus clérigos, que inclusive fomentaram disputas contra o próprio prelado.<sup>549</sup> Ao final da epístola, notamos que o escritor buscou se isentar da responsabilidade sobre a instabilidade no bispado em Verona. Os únicos causadores desses conflitos seriam os sacerdotes rebeldes e traidores, que se recusariam a adequar suas condutas ao serviço de Deus.

<sup>546</sup> REID, op. cit., 1991, p. 491.

<sup>547</sup> BR, p. 160: “Monstrato quippe, quid sit discordia, numquam inter me et illos probabitur fuisse concordia, prodente praesertim hoc traditione, qua me hinc iam pepulerunt, trifaria. Eadem namque velle atque nolle, ea demum amicitia, si iuxta illum, qui hoc primitus dixit, est firma, vel si iuxta alium humanae amicitiae pares animos et non dissimiles expetunt adeo voluntates, ut nunquam diversitas morum ad firmam possit pervenire concordiam, nunquam vel apud me vel apud illos stabilitatem amicitia semper contraria cupiens obtinere ut non valuit nostra, ita quoque nequibit, cum illi semper consuetudinem antecessorum pontificibus suis incessanter rebellium sanctis et a Deo decretis praetulerint canonibus, ego sanctos et a Deo decretos canones a diabolo inventis praeferendos putaverim usibus. Prohibitae enim in Nicena sinodo mulieres tam consuetudinaliter tamque publice habere, tam parvipensa Dei et hominum reverentia, ipso quoque timore gehennae in tantum posthabito, ut putent adeo fieri non modo licere, sed etiam oportere, ut nemo hoc facere devitans videatur eis pessimo illo, quod apostolus in epistola ad Romanos memorat, scelere posse carere, non tibi videtur diabolium invenisse”.

<sup>548</sup> BR, p. 163: “Te ergo contra legem Dei faciente, ego, qui ad te corrigendum a Deo sum institutus, non debeo saltem latrare? Te consuetudinem illorum, quos infernus sine dubio detinet, statutis illorum, qui cum Deo in caelis consistunt, praeferente, ego neque ausus sim saltem muttire?”.

<sup>549</sup> BR, p. 164-165: “Sed si quis advertat, quod superius est prolatum de Iuda, non modo exortam hanc videbit discordiam, sed a tempore ordinationis meae nunquam inter nos extitisse concordiam, quod mille probabunt indicia, si quis meminisse valebit, qualia mihi iam acciderunt vel quanta. Licet nunc fiducia imperialis praesentiae et sinodi adunandae in propatulo sit designata, est tamen occasio huiusmodi rixandi nobis, quod scilicet eis manifestaverim ista, non vi tamen eos ad ea sequenda compellens, sed ratione rixandae suadens”.

Ratério, enfim, reiterou sua lealdade a Otão I por intermédio de Ambrósio, declarando estar alinhado com a expansão do Império Sagrado em prol da consolidação duradoura da paz de Cristo.<sup>550</sup>

Uma segunda carta composta no início da Páscoa tratou de uma temática bastante semelhante. O *Liber Apologeticus* não teve um destinatário específico, mas manifestou as principais reclamações de seu autor na condução da diocese.<sup>551</sup> Ratério, em primeiro lugar, defendeu a autonomia de seu poder episcopal, uma vez que, como bispo, considera ser o detentor de todos os direitos sobre as propriedades da igreja veronense, podendo decidir a respeito de seu uso sem ter que se sujeitar a qualquer interferência contrária dos clérigos rebeldes.<sup>552</sup> Estes, aliás, se tornaram o principal alvo de acusação nos parágrafos seguintes do documento, pois, ao invés de servirem e respeitarem as decisões do bispo, estariam, ao contrário, sujeitando-o aos seus próprios interesses.<sup>553</sup>

Perante essas incapacidades de controlar as condutas dos seus sacerdotes insurgentes, Ratério declarou que estaria perdendo a capacidade de exercer praticamente todas as atividades a ele reservadas enquanto prelado.<sup>554</sup> A fonte, assim, é um material que revela a delicada situação do bispo de Verona em 968, que estava sendo privado da possibilidade de supervisionar e tratar a respeito das práticas dos clérigos pertencentes à diocese da qual, em tese, ele seria a principal figura de influência.

Outras evidências da perda de grande parte da aplicabilidade de suas medidas são os sermões, que, como vimos na primeira parte do capítulo, haviam sido práticas muito recorrentes entre os anos 963 e 964.<sup>555</sup> Estes voltaram a ser pregados e registrados por escrito com alguma assiduidade a partir da Páscoa de 968, revelando, porém, conteúdos distintos. Em

---

<sup>550</sup> BR, p. 169: “[...] mihi, inquam, aliud non pertinet agere, nisi velle obtare et indesinenter Deum rogare, ut, cui fidelitatem iurasse me recolo, numquam id facere contingat, unde gratiam ipsius inrecuperabiliter perdat, sed illud potius ei divina concedat pietas agere, quod et hic eum diutius feliciter imperare et in futuro perenniter cum Christo faciat exultare”.

<sup>551</sup> REID, op. cit., 1991, p. 498.

<sup>552</sup> BR, p. 173-174: “Connivere ceterum, ut canonicus ipse, canonicè si non dedignamini regule, omnium ecclesiasticarum rerum disponendi episcopus habeat potestatem, haud dubito, habeatis quin respondere. Ubi vero ad ptochia, xenodochia ceterarum vel huiusmodi officia rerum erit perventum, Eugenii vobis, reor, quod satis pateat in decretis ita dicentis sententia: Per sollicitudinem episcoporum dispensentur omnia haec per presbyteros et diaconos; verum haec alias”.

<sup>553</sup> BR, p. 175: “Omnes suos sibi subiectos ambiunt habere pontifices, omnes dure audiunt dicentem, cum episcopos cogitant, Dominum: Non est discipulus supra magistrum”.

<sup>554</sup> BR, p. 177-178: “Si missam eis non celebro, quod eorum non simsaltem sacerdos, nedum episcopus, perspicue pando. Episcopus sane, ut in synodo est Papiensi quondam clamatum, Veronensium ego ipse si sum, cum episcopus superintendens interpretari dicatur, quibus superintendo, qui subpositum me omnibus video? [...] Huiusmodi et alia innumera neque minora inemendata, dum facultas non sequitur, utique omnino relinquere, estne, queso, superintendere? Superintendere vero nequaquam valere, estne episcopum fore? Non episcopum autem in cathedra episcopali sedere, estne, rogo, approbabile atque legale?”.

<sup>555</sup> Ver páginas 120 e 121.

um primeiro momento, a temática principal desses textos era orientar os fiéis de Verona, de maneira ampla, sobre as normas de comportamento ideais que deveriam ser postas em prática durante as celebrações festivas relacionadas à Ressureição de Cristo. Os sermões do ano 968, por outro lado, foram pregados tendo como temática central as denúncias e queixas de Ratério acerca dos inimigos que entravavam sua atuação episcopal.

Na ocasião da Oitava de Páscoa, por exemplo, o bispo lamentou que o Domingo da Ressureição não tenha sido marcado pela reconciliação dele com os seus irmãos, que, pelo contrário, teriam difundido, com todos os esforços de traição, falsas acusações contra o próprio prelado.<sup>556</sup> Além dos clérigos que se recusavam a seguir as ordens de Ratério, ele ainda pontua que Nanno, o conde de Verona que sucedeu Bucco no ofício a partir de maio de 967, estaria ameaçando a autonomia de seu poder episcopal pelo interesse em usurpar os bens e as propriedades pertencentes e de uso exclusivo do bispo. Como ele havia sido nomeado por Otão I, Ratério admitiu que não ousaria confrontá-lo frontalmente, já que, se o fizesse, poderia indicar deslealdade com relação ao Imperador que tinha garantido a entronização em 961 e a sua continuidade no bispado até então.<sup>557</sup>

No sermão pregado durante a Festa de Ascensão, ele afirma que é sua obrigação, enquanto bispo, garantir as condições necessárias na diocese para que essa celebração ocorra da maneira mais harmoniosa possível, o que inclui a tentativa de afastar as condutas dos sacerdotes de todos os vícios e pecados existentes.<sup>558</sup> Em razão de um contexto mais amplo marcado pela desobediência de alguns indivíduos, fenômeno que, conforme analisado, já se arrastava havia alguns anos e se intensificou em 968, Ratério admitiu que não tinha condições suficientes para fazer prevalecer plenamente seu poder episcopal em Verona, de modo a

---

<sup>556</sup> REID, op. cit., 1991, p. 509. CC46, p. 171: “[...] quando scilicet Deo et lesis fratribus reconciliari et, reconciliari veraciter optantes, non aspernari verbo atque exemplo instanter fuerant moniti, illos saltem, qui non in die festo quondam dixerant, non imitari dignati, contra eundem scilicet, quem me fore nemo utinam sciret, omnia insidiarum molimina. Omnes falsissimas concinnationes in palam per quoscumque valuerunt mittentes, taliaque de eo fingentes qualia nemo posset credere, nisi cuia ut eadem aut similia multa contigisset fecisse [...]”.

<sup>557</sup> CC46, p. 172: “Si enim imperator non meus dominus esset et ego illi in potentia similis essem, defendere contra eius fidelis comum meam et opus utcumque valerem. Nisi quoque isti me de domo eadem sua perfidia pepulissent, presentissimus cum essem, eam custodire die noctuque qb eorum furtis valerem. Nunc vero cum et ille meus cominus sit et pugnare contra domini mei fidelis, etiam si valerem, non solum perfidum sed et, ut ita loquar, apostaticum sit [...]”.

<sup>558</sup> REID, op. cit., 1991, p. 515. CC46, p. 186: “Maxima ista sed hodie est, fratres, festivitas, maxima, sed lumen celi considerare neque valentibus neque volentibus, nulla; nulla, inquam, nulla. Sit tamen cum veraciter Ascensionis Domini festivitas hodie maxima, episcopalis vocabuli quomodo silere sinitur, etsi desit facundia, saltem garrutio pauxillum perita? Sed cuius est Domini ista, rogo, festivitas? Christi utique, et ex eo utique Christi, quod Christus pro nobis dignatus est effici”.

assegurar à coletividade dos fiéis o distanciamento de todos os pecados durante esse período de festividades sagradas.<sup>559</sup>

Por fim, o bispo pregou um último sermão do qual se tem registro escrito na ocasião de Pentecostes.<sup>560</sup> Apesar da forte oposição encabeçada pelos clérigos, ele reitera que é seu dever, em virtude do ofício que ocupa, reunir condições adequadas para conduzir a referida celebração.<sup>561</sup> Para tanto, tendo em mente a situação política conflituosa em Verona, Ratério fez um apelo em prol da solidariedade entre todos os irmãos pertencentes à diocese, o que estimularia nela a ampliação do espírito de Cristo, e, em última instância, permitiria ao prelado um exercício mais efetivo da sua função.<sup>562</sup>

O conde Nanno, que era, como vimos no Sermão da Oitava de Páscoa, um dos principais adversários políticos de Ratério em Verona, foi o destinatário de uma carta escrita no final de junho, através da qual o bispo buscou afastar sua influência sobre a diocese, indicando algumas das atividades episcopais nas quais ele não deveria interferir.<sup>563</sup> O autor suplicou que Nanno parasse de aterrorizá-lo, o que significa, na prática, não mais incitar os clérigos a desobedecerem às ordens do seu prelado.<sup>564</sup>

De acordo com o documento, o conde teria até mesmo impedido os presbíteros de assistirem ao sínodo diocesano convocado em maio de 967, configurando uma séria intromissão nos assuntos do bispo que deveria ser imediatamente abandonada.<sup>565</sup> Por intermédio da carta, portanto, Ratério evidenciou a existência de conflitos sobre as definições das competências dos ofícios condal e episcopal em Verona, reivindicando uma separação mais clara da atuação de

---

<sup>559</sup> CC46, p. 187: “Cumque ab ipso legitimo quosdam hortati fuisset continere in quadragesima ista concubitu, ut sacrificium Domini in Pascha purificati mererentur accipere, voh illis qui sumpto sacrificio ab adulterino nequiverunt usque saltem in Octavas Domini abstinere! [...]. Eligant ergo quid faciant. Si enim desperantes sese obdurantur, idem utique frequentando, Iudae a se ipsis laqueo strangulantur. Si Petri lacrimas imitantur, veniam consequuntur; si veniam consequuntur, Christum in celis uti nunc affectu, ita post effectum ipso secuntur”.

<sup>560</sup> REID, op. cit., 1991, p. 519.

<sup>561</sup> CC46, p. 193: “Sed licet loqui nobis inhibeat timiditas, tacere non sinit officii nostri proprietates vel considerata tantae festivitatis enormitas”.

<sup>562</sup> CC46, p. 195-196: “Spiritus enim Christi non habet, qui caritatem non habet; caritatem vero non habet, qui nec Deum nec proximum diligit. Deum enim non diligit, qui proximum negligit; proximum vero negligit, qui ei in ipsius necessitate nequam succurrit. Succurramus vero quoquomodo proximis; testibus non indigemus aliis nisi nobis, qui loquimur, ipsis”.

<sup>563</sup> REID, op. cit., 1991, p. 525.

<sup>564</sup> BR, p. 181: “O ceterum delicto maximo rei, quibus nec impetranter petere nec salubriter impetrare illud datur psalmographi: Ab occultis meis munda me, Domine, et ab alienis parce servo tuo! Deprecor sane, ut de parte piissimi semper mihi cesaris me terrificare, cum nequeatis, cessetis. Milies enim vos magis formido quam ipsum”.

<sup>565</sup> BR, p. 181-182: “[...] ut, dum gloriosissimus imperator etiam corpora parrochianorum suorum episcopis consentiat suis, vos ipsas animas eis auferatis, dum presbyteros ad synodum venire et legationem ipsius papae de uxoris dimittendis audire et omnimodo episcopis obedire adeo prohibetis, ut eos more militum in vestris manibus recipiatis et eis in omnibus abominationibus, quas contra Deum faciunt, patrocinium ferre nullatenus omittatis [...]”.

cada um. Somente a este último, enfim, que os clérigos deveriam se sujeitar e dele receberem orientações.

A mobilização epistolar de meados de 968 abrangeu também pessoas muito próximas ao Imperador Otão I. Foi endereçada a Adelaide, a esposa deste, uma correspondência na qual o prelado fez um pedido apelativo pela proteção pessoal e de seu bispado.<sup>566</sup> Ambrósio, o chanceler imperial no Reino da Itália que já havia recebido uma carta em abril, foi mais uma vez contactado por Ratério, que visava denunciar a degradação da situação política na diocese, onde ele já havia perdido grande parte de sua influência e controle sobre as tomadas de decisão.<sup>567</sup>

Ele tratou, em primeiro lugar, dos obstáculos enfrentados para aplicar no seu bispado as determinações canônicas que haviam sido debatidas no sínodo de Ravenna em abril de 967, do qual havia participado juntamente com o papa João XIII e o Imperador Otão I.<sup>568</sup> Além das obstruções – citadas na carta acima – do conde Nanno, que proibiu padres e diáconos de acatarem as ordens do bispo, muitos clérigos não estariam de acordo com a forma da condução da diocese realizada por Ratério, em especial os mais importantes cônegos do capítulo catedralício, que eram vistos há anos como rebeldes.<sup>569</sup>

O conflito entre o prelado e os demais sacerdotes aparenta ter se intensificado em 968. Ratério argumenta que os cônegos e os seus servidores estariam a todo o tempo o acusando falsamente de atacá-los, insistindo em reivindicar a sua deposição do cargo episcopal.<sup>570</sup> Diante dessas circunstâncias nas quais o bispo e os clérigos não conseguiam entrar em acordo para dar continuidade à administração da diocese, um julgamento público foi convocado e conduzido por Nanno para tratar dos impasses. Segundo o autor da carta, o processo nada mais foi do que uma conspiração engendrada por este conde e pelos mais altos clérigos, que, descontentes com a perda do usufruto de alguns bens e propriedades, estariam pressionando o prelado para forçar

---

<sup>566</sup> REID, op. cit., 1991, p. 524. BR, p. 179: “Sed si pro episcopatu hoc agitis, satagite meam tantillum servare vestra potentia vitam, usque dum beatae Dei genitricis habeam perfectam ecclesiam. Paratissimum ad id faciendum, quod mihi exinde ratione praeceperitis duce, me nam fore omnino, Deum testor, scitote”.

<sup>567</sup> REID, op. cit., 1991, p. 527.

<sup>568</sup> Destacamos elementos deste sínodo na segunda seção do capítulo, página 130.

<sup>569</sup> BR, p. 183-184: “Celebrata mediante Aprili universali synodo Ravennae reversus convocavi ex omnibus nostrae diocesis plebibus presbyteros et diaconos, relaturus ex praecepto serenissimi imperatoris quae inibi constituta sunt, ad concilium omnes. Cumque versutia mihi semper rebellium vitaeque meae insidiantium nostrae matris ecclesiae maiorum venire quidam sint dedignati illorum, ex his, qui convenerant, aliqui cum maxima deliberaverunt superbia, quod neque mulierositatem relinquerent neque ab officio cessarent. [...] Non venientes vero cum iterum atque iterum vocare curassem, affuit missus nomine Giselpertus et ex parte sui magistri interdixit per bannum, ne venirent ullo modo ad nostrum concilium”.

<sup>570</sup> BR, p. 185: “Die noctuque canonici et famuli de interitu meo tractare non cessant, et quod illos temptare non desinam, me falso acusan”.

a sua saída.<sup>571</sup> Este, portanto, por intermédio da epístola enviada ao chanceler imperial Ambrósio, buscou encontrar um último apoio junto ao grupo político dos otônidas que pudesse impedir a destituição do ofício em Verona.

As evidências documentais expostas por Ratério nos textos demonstram que sua atividade episcopal em 968 já havia encontrado diversas limitações. As fontes não indicam mais tentativas concretas de reorganização do bispado veronense, como tinha buscado executar em anos anteriores, especialmente entre 965 e 967. As cartas e os sermões constituem muito mais apelos e desabafos de um prelado, que, ciente da impossibilidade do exercício pleno do ofício, escreveu de forma panorâmica e reflexiva sobre suas vivências na diocese para se autojustificar perante outras figuras de autoridade, principalmente Otão I e seus aliados políticos envolvidos no controle do Reino Italiano.

Dada a fragilidade da situação, seria improvável que Ratério, por intermédio do envio desses textos, obtivesse um auxílio efetivo em prol de sua causa. Além de lidar com a oposição de muitos dos veronenses, o próprio Imperador não deu mais indícios de que continuaria a apoiar o bispo que havia entronizado em 961.<sup>572</sup> Nesse quadro amplamente desfavorável, ele não tinha mais nenhuma garantia de que suas medidas seriam respeitadas e seguidas. Em outras palavras, o poder episcopal havia sido esfacelado, uma vez que Ratério não conseguia coordenar a administração da diocese.

A única alternativa foi o abandono definitivo de Verona, onde foi substituído pelo bispo Milo, seu antecessor no ofício entre 950 e 961.<sup>573</sup> A trajetória dele durante o terceiro episcopado, de modo geral, pode ser caracterizada pela existência de relações muito complexas com as principais forças políticas envolvidas na região. As formas de buscar exercer suas atividades estiveram conectadas com as constantes transformações das circunstâncias locais, que ora o favoreciam, ora o prejudicavam. A nomeação episcopal em 961, por exemplo, só foi possível em razão da intervenção militar direta do Imperador Otão I no Reino da Itália, que reinstalou Ratério no comando de Verona.

---

<sup>571</sup> BR, p. 186-188: "Ille iterum: "Quid de istis clericis, qui sua beneficia ita perdiderunt?" Exclamaverunt omnes: "Nihil peius!" Qui tamen, si boni filii fuissent et beneficiis ingrati non existerent, respondere, ut iam supra, quivissent: "Quid ad nos? [...] Quid magis? Coniurationem contra me factam cernitis, edictum ex parte imperatoris ad resistendum mihi pro viribus propositum considerare potestis, periculum videtis".

<sup>572</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 325: "Era sufficiente che il sovrano esprimesse la sua volontà o che, come nel caso di Raterio, il vescovo venisse impedito di esercitare il proprio ufficio e il popolo venisse sostenuto nel suo diritto di resistenza all'azione del vescovo, come appunto era stato dichiarato a conclusione del processo Veronese".

<sup>573</sup> Ibidem, p. 321: "[...] chiesa che lasciava e del vescovo, Milone, che gli succedeva". Para Cervato (p. 324), é possível afirmar que houve demissão ou deposição de Ratério, que foi forçado, enfim, a deixar o bispado em favor de Milo.

Até 968, a documentação expressa como procurou desempenhar seu papel enquanto bispo, tendo que conciliar suas próprias pretensões no cargo com diversas forças que contrabalançavam, ou, por vezes, impediam sua atuação. Por um lado, Ratério demonstrou iniciativa, conforme evidenciado pela análise de seus textos, para consolidar o seu poder episcopal. Ele buscou controlar melhor as normas e as condutas de comportamento dos clérigos, bem como reorganizar a estrutura da diocese, incluindo a redistribuição do usufruto dos rendimentos fundiários. Ao longo dos sete anos do seu episcopado, por outro, precisou se confrontar com o impacto de vários personagens opostos à sua influência. Desde quando reassumiu o ofício, ele já demonstrou desavenças com os condes de Verona – primeiramente Bucco, e, a partir de 967, Nanno – e o bispo antecessor Milo, que permaneceram ativos no cenário político, pressionando-o até sua abdicação definitiva. Muitos dos clérigos, em especial os cônegos do capítulo catedralício, alvos centrais de suas ideias e projetos para reformar a diocese, foram fortes opositores que não se prontificaram a cumprir plenamente as ordens do supervisor.

Nessa tensão constante entre os planos idealizados por Ratério para constituir o poder episcopal e as reações adversas, emergiu um enorme impasse que impedia a predominância de uma autoridade que controlasse os rumos do bispado. Em outras palavras, já não havia meios para que a sua administração fosse eficazmente conduzida. Esse inconveniente afetava o prelado mesmo tendo recebido apoio formal de Otão I, por intermédio do *Privilegium* de novembro de 967, que não foi, todavia, suficiente para estabilizar o cenário político. Quando os otônidas notaram que o bispado em Verona era o epicentro de diversos conflitos que não contribuía com o projeto imperial de integração da Península Itálica ao Sacro Reino Germânico, eles não hesitaram em retirar o apoio a Ratério.<sup>574</sup> Este, por sua vez, que já via há alguns anos muitas de suas medidas sendo boicotadas na diocese, perdeu talvez o último e único amparo que havia sustentado sua posição de liderança até então.

Rompida a aliança com o grupo político do Imperador Germânico, ele ficou numa posição bastante isolada na região, forçando sua abdicação do cargo episcopal. Após a perda deste posto, a única alternativa foi o retorno, em agosto de 968, à região do monastério formador

---

<sup>574</sup> MILLER, op. cit., 1993, p. 160: “Imperial priorities were what doomed this bishop's plans for reform. Ratherius had financed his new institution for training the lesser clergy by reallocating lands that had previously formed fiefs for several military retainers. While up to this point Otto I had shown support for Ratherius's reforms, he drew the line at the weakening of his own military resources. After the count of Verona, acting as imperial missus, placed the bishop on trial for various offenses, Ratherius's last sojourn in the see rapidly came to an end. Clearly the military services imperial bishops owed their lord were, when push came to shove, considered more important than religious initiatives”.

de Lobbes, situado na diocese de Liège, onde passaria os últimos anos de sua trajetória.<sup>575</sup> O período final de Ratério nessa abadia beneditina, onde reencontraria seu afilhado Folcuíno, será o foco do capítulo seguinte.

---

<sup>575</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 323: “Era la metà di agosto 968 quando Raterio lasciava Verona, la sua sede episcopale, e, da quella ch’era stata la sua città, si metteva in viaggio per l’ultima volta verso la patria, la Lotaringia”.

## **Capítulo 4 – A nomeação de Folcuíno na abadia de Lobbes e a querela com Ratério (965-990)**

O quarto e último capítulo desta dissertação desenvolverá reflexões sobre o reencontro de Ratério e Folcuíno no monastério de Lobbes em 968, destacando elementos da produção literária no período. Para tanto, decidimos fazer uma divisão tripla. A primeira parte, breve, apoiada em fontes secundárias e em estudos críticos, será destinada à contextualização e ao estabelecimento de elementos factuais, de modo que possamos compreender os detalhes da chegada quase simultânea dos dois indivíduos na referida abadia beneditina, o conflito subsequente e os acordos de reconciliação.

Num segundo momento, analisaremos os documentos compostos no mesmo período, que refletem, em partes, aspectos da querela e traços da história da comunidade monástica lobiana. Dentre eles, podem ser mencionados a *Gesta abbatum Lobiensium*, de autoria de Folcuíno, e os indícios textuais de leituras divergentes sobre o passado de Lobbes na época de fundação, em meados do século VII.

Por fim, a terceira seção do capítulo, abordando os anos finais das trajetórias dos dois clérigos, buscará identificar os impactos do conflito para o desenvolvimento posterior, ao final do século X, do monastério e da diocese de Liège. Veremos que, após a morte de Ratério, em 974, Folcuíno contribuiu decisivamente para o incremento do prestígio material e espiritual de Lobbes, onde permaneceu ocupando a função abacial até 990, ano de seu falecimento.

### **4.1) O reencontro de Ratério e Folcuíno e as disputas pelo monastério (965-974)**

Conforme discutido no capítulo 2, Folcuíno havia permanecido por quase duas décadas na abadia de Saint-Bertin em Saint-Omer, França Ocidental, onde foi oferecido como oblato pelos seus pais em 948. Entretanto, alguns eventos posteriores causaram sua saída do monastério formador. No mesmo capítulo, havíamos demonstrado que após as condenações de Reginaldo III e Balderico – os homens envolvidos na conspiração contra Ratério no bispado de Liège – Bruno, arcebispo de Colônia, nomeou Eráclio em 959 bispo dessa sede episcopal, que, por sua vez, designou um ano mais tarde Aletrão enquanto o novo abade de Lobbes, escolhido pela comunidade monástica local. No entanto, as debilitadas condições de saúde deste impediram que tivesse um abaciado mais longo: ele faleceu em 9 de novembro de 965.

Para a sua sucessão, Eráclio optou pela escolha de Folcuíno, que havia há pouco finalizado a escrita da *Gesta abbatum Sithiensium*.<sup>576</sup> Os motivos que levaram a essa decisão foram a sua conhecida reputação enquanto homem culto e letrado, adepto de uma vida beneditina regular e estrita, e ainda o prestígio gozado pela sua família de origem aristocrática na região da Lotaríngia, especificamente na diocese de Liège.<sup>577</sup> Diante dessas circunstâncias favoráveis, portanto, Folcuíno optou por deixar o monastério de Saint-Bertin em Saint-Omer, onde, embora desempenhasse um papel importante como escriba, era apenas um monge, não exercendo uma destacada função de poder e liderança. Seu destino foi a comunidade monástica de Lobbes, uma das instituições mais ricas e poderosas da Baixa Lotaríngia, tendo assumido o cargo abacial a partir de dezembro de 965, algumas semanas após o falecimento de seu antecessor Aletrão.<sup>578</sup>

No terceiro capítulo, vimos que Ratério exerceu o ofício episcopal pela terceira vez em Verona entre 961 e 968, dispondo, para tanto, do apoio do Imperador Otão I no quadro mais amplo de incorporação política do Reino da Itália ao Sacro Império Romano Germânico. Entretanto, também expusemos as principais dificuldades encontradas ao longo dos anos na constituição de seu poder eclesiástico nessa diocese, especialmente com relação aos clérigos locais. Por essa e outras razões, ele percebeu que estava totalmente desamparado e se viu na obrigação de abandonar a Península Itálica. De fato, em meados de 968, Ratério abdicou de forma definitiva do bispado veronense e decidiu retornar para a Lotaríngia, mais especificamente para a região do monastério beneditino de Lobbes, onde havia iniciado sua trajetória como monge e oblato entre os anos 900 e 920.<sup>579</sup>

---

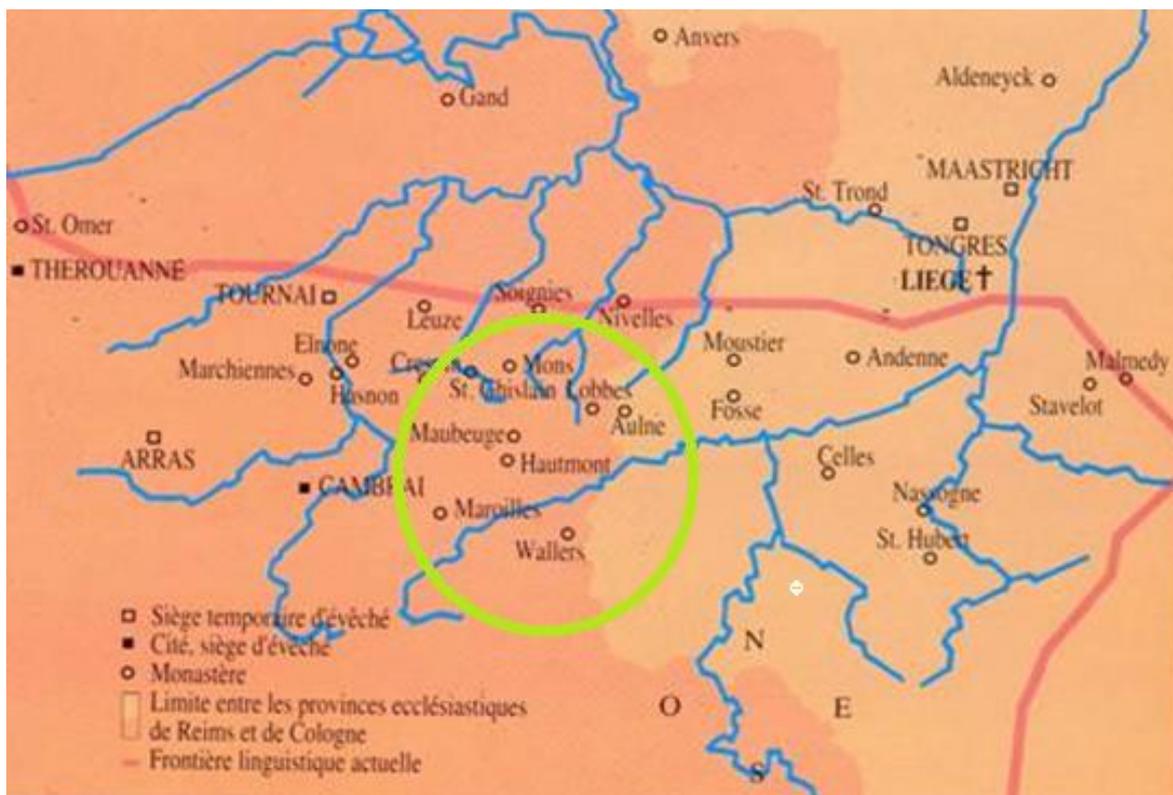
<sup>576</sup> DIERKENS, op. cit., 1985, p. 120: “On y verra notamment que la nomination de Folcuin est due à Eracle qui fait effectuer la consécration par son collègue de Cambrai”.

<sup>577</sup> MÉRIAUX, Charles. *Gallia irradiata*. Saints et sanctuaires dans le nord de la Gaule du haut Moyen Âge. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006, p. 177-181. Vimos no capítulo 2 que Folcuíno descendia da linhagem real carolíngia por parte de seu pai, cuja família aristocrática era muito influente em Liège e em grande parte da França Ocidental há mais de um século. Este é um elemento revelante que ajuda a explicar a nomeação para o cargo abacial em Lobbes: embora jamais tenha sido monge desta instituição durante sua trajetória, ele não pode ser considerado um clérigo novo numa região desconhecida. A importância histórica do grupo político familiar não deve ser negligenciada, como sugere, inclusive, a própria história da sucessão abacial da comunidade lobiana: sabe-se que dois antigos abades no século IX, Fulrado e Ramnerico, eram ancestrais de Folcuíno. Portanto, mesmo tendo sido oferecido oblato em Saint-Bertin em 948, onde permaneceu desde a infância por quase duas décadas, ele dispunha de um prestígio familiar poderoso suficiente para permitir sua designação para o comando de um monastério no qual jamais esteve pessoalmente.

<sup>578</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 289.

<sup>579</sup> CERVATO, op. cit., 1993, p. 329-330. No capítulo 1, examinamos a carta de Ratério para os monges de Lobbes, escrita entre 939 e 944, na qual propôs uma nova versão da *Vita Ursuari Tertia*. Ele também foi o abade local entre 953 e 955, como exposto no capítulo 2, durante o seu período à frente da diocese de Liège. Essas evidências dão indícios de ter mantido relações amigáveis com a comunidade monástica local ao longo de sua trajetória, o que viabilizou seu retorno em 968, já com 80 anos de idade.

O reencontro com o seu afilhado, o abade Folcuíno, aparenta ter sido amigável. Ele concedeu de imediato a Ratério o direito de receber parte dos rendimentos referentes aos pequenos mosteiros (*abbatiolae*) de Wallers e Santo Ursmar e às cidades/vilas (*villae*) de Strata e Gosiniaca.<sup>580</sup> Nesta última, estava situado o mosteiro de Aulne, cuja administração era feita diretamente pelo bispo de Liège. Eráclio, que ocupava o cargo no período, atribuiu a Ratério o controle da instituição, na qual havia sido abade entre 955 e 960.<sup>581</sup>



Mapa 6 - Lobbes e suas principais cercanias<sup>582</sup>

<sup>580</sup> Fundado pela dinastia pipinida no final do século VII na diocese de Cambrai, Wallers foi um mosteiro que gozava de certa autonomia e possuía na época uma identidade própria. Entretanto, a partir de 889, passou a depender institucionalmente de Lobbes. Já Santo Ursmar é originário da Igreja paroquial de Notre-Dame, construída na mesma época da Igreja abacial de São Pedro. Diferentemente de Wallers, ela compunha de fato a arquitetura da abadia de Lobbes, e abrigava também o cemitério da comunidade monástica. Na época carolíngia, devido ao incremento do culto das relíquias do Santo fundador Ursmar, a Igreja passou a incorporar seu nome, se tornando, inclusive, uma comunidade de cônegos alguns anos mais tarde. Sobre tudo isso, ver: DIERKENS, op. cit., 1985, p. 100-136. Já Strata e Gosiniaca são pequenas cidades da região, estando a última localizada a poucos quilômetros da abadia de Lobbes.

<sup>581</sup> ARNOULD, Maurice-Aurélien. Un village disparu de la Sambre liégeoise: Aulne. In: DECKERS, Joseph; LEJEUNE, Rita (Eds.). *Clio et son regard*. Mélanges d'histoire, d'histoire de l'art et d'archéologie offerts à Jacques Stiennon à l'occasion de ses 25 ans d'enseignement à l'Univ. de Liège. Liège: P. Mardaga, 1982, p. 1-22.

<sup>582</sup> Observamos no mapa a proximidade de Lobbes com a sede episcopal a qual pertence, Liège, bem como a localização de seus estabelecimentos monásticos adjacentes citados anteriormente: Aulne (situado na *villa* de Gosiniaca) e Wallers. Disponível em: <http://principauteliege.byethost13.com/tome1/origines/frontiere.php>. Acesso em 24 de junho de 2021. Contornos nossos.

Desse modo, no momento do retorno para a sua região de origem, ele foi privilegiado com concessões que expressam a retomada da sua influência local. No entanto, Ratério não estava satisfeito tendo o domínio apenas sobre pequenas vilas e estabelecimentos religiosos considerados secundários. Seu interesse incluía, principalmente, Lobbes, o mais rico e prestigiado monastério das proximidades. Efetivamente, em 971, contando com o apoio de grande parte da comunidade monástica lobiana que o conhecia há muitas décadas, ele teria invadido a abadia, e, assumindo a função abacial, forçado o seu afilhado Folcuíno a se retirar.<sup>583</sup>

O bispo de Liège Eráclio, que havia nomeado este último em dezembro de 965, se viu numa situação constrangedora: ele não podia contestar a situação com convicção e reivindicar o retorno de seu abade escolhido, porque, como mencionado no capítulo 2, foi um discípulo de Ratério na escola palatina do arcebispo de Colônia Bruno, por volta de 950.<sup>584</sup> Sua morte, em outubro de 971, tornou o contexto da querela ainda mais incerto. O sucessor Notger, apontado pelo Sacro Imperador Germânico Otão I em abril de 972, teve como uma de suas prioridades resolver este impasse.<sup>585</sup>

Rapidamente, ele parece ter encontrado uma solução. Em 973, atuando como mediador do conflito, Notger estabeleceu um compromisso entre as duas partes: Folcuíno foi reconduzido ao seu posto de abade de Lobbes, enquanto Ratério aceitou renunciar ao controle do monastério e se contentar com a posse e usufruto de parte dos rendimentos da *abbatiola* de Aulne.<sup>586</sup>

Não é possível detalhar com precisão todos os meandros da resolução da disputa e nomear os integrantes das respectivas redes de apoiadores. Sabemos que Notger requisitou os conselhos de Werenfrido e Heriberto, abades de Stavelot-Malmedy e Saint-Hubert, respectivamente.<sup>587</sup> Estes podem ter mencionado a legalidade canônica de Folcuíno, eleito de modo legítimo por Eráclio em 965, a questionada reputação de Ratério, que já havia sido afastado dos bispados de Liège – duas vezes, em 924 e em 955 – e de Verona – três vezes, em

---

<sup>583</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 290.

<sup>584</sup> SILVESTRE, Hubert. Comment on rédigeait une lettre au Xe siècle. L'épître d'Éracle de Liège à Rathier de Vérone. In: **Le Moyen Âge**, t. 58, 1952, p. 1-30.

<sup>585</sup> Sobre Notger e a região de Liège por volta do século X: GEORGE, Phillipe; KUPPER, Jean-Louis; PIRENNE, Françoise (Org.). **Liège**. Autour de l'an mil, la naissance d'une principauté (Xe-XIIe siècle). Liège: Éditions du Perron, 2000. DELVILLE, Jean-Pierre; KUPPER, Jean-Louis; LAFFINEUR-CRÉPIN, Marylène (Eds.). **Notger et Liège**. L'an mil au cœur de l'Europe. Liège: Éditions du Perron, 2008.

<sup>586</sup> PATZOLD, Steffen. "...inter pagensium nostrorum gladios vivimus". Zu den "Spielregeln" der Konfliktführung in Niederlothringen zur Zeit der Ottonen und frühen Salier. In: **Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte**: Germanistische Abteilung, n. 118, 2001, p. 88.

<sup>587</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 273-274.

934, 948 e 968 –, e ainda a idade avançada deste<sup>588</sup>, em contraposição à juventude de seu afilhado.

Além disso, não devemos desprezar o peso da autoridade do Imperador Germânico, uma vez que, como discutimos no capítulo 2, a Lotaríngia se tornou, apesar das muitas adversidades engendradas pela aristocracia regional, um ducado otônida por volta de 930.<sup>589</sup> Embora Ratério tivesse, por muito tempo, se beneficiado do apoio de Otão I e de seu irmão e chanceler Bruno, o arcebispo de Colônia<sup>590</sup>, dissertamos no capítulo 3 que as relações com os membros desta linhagem imperial se desgastaram muito após os conflitos que causaram a sua terceira e definitiva expulsão de Verona, em meados de 968.

Portanto, estando ele destituído do suporte daqueles que eram outrora seus principais aliados, é possível supor que Otão II<sup>591</sup> tenha visto em Folcuíno a imagem de um clérigo que, diferentemente de Ratério, não fosse o foco causador de discórdias, e que pudesse assegurar a estabilidade à comunidade monástica lobiana no processo de sua integração à área de influência do Sacro Império Romano Germânico. De fato, em 973, contando com o auxílio do bispo de Liège Notger logo após a resolução definitiva do conflito, ele recebeu um diploma de imunidade e proteção imperial, que confirmou a sua restituição no cargo abacial:

Em nome da Santa e Indivisível Trindade. Imperador Augusto Otão [II], com propiciada clemência divina. [...] O patrono e ao mesmo tempo assistente de nossa vontade [a paz das igrejas], o homem venerável e ilustre Notger, bispo da Igreja de Liège, sugeriu nossa serenidade pela sua dita abadia de Lobbes, que havia sido trazida pelos nossos antecessores, e já há algum tempo foi construída pela honra dos apóstolos Pedro e Paulo, onde repousam os preciosíssimos corpos dos confesores de Cristo Ursmar e Ermínio, para a qual este mesmo bispo também concedeu precisamente como abade no tempo presente Folcuíno. Ele pediu ainda para que a abadia deste fosse renovada com privilégios, e, de acordo com o costume dos maiores, pela nossa autoridade, para que nós corroborássemos por intermédio da antiga imunidade. Nós concedemos os termos da petição em favor do amor ao mesmo bispo, pela remuneração eterna de nossa alma, e, simultaneamente, em virtude da rica memória da caridade de nosso genitor Otão, e pelo amor da nossa cara genitora Adélia e do nosso cônjuge Teófano, à mesma abadia, por este preceito da autoridade imperial, bem como ao benevolente Cristo, os cenóbios restantes, e os consentimentos referentes à nossa proteção, para que a própria [a abadia de Lobbes], também se beneficie da defesa sob a perpétua imunidade.<sup>592</sup>

<sup>588</sup> Se considerarmos 890 como o ano de nascimento de Ratério, tal como é estipulado pela maior parte da historiografia, ele já teria completado 80 anos de idade no período do conflito, ou, ao menos, estaria muito próximo disso. Folcuíno, em compensação, não teria muito mais do que 30 anos, dado que seu batismo ocorreu por volta de 940.

<sup>589</sup> Ver páginas 69-70.

<sup>590</sup> Importante recordar o papel decisivo dos otônidas nas nomeações de Ratério para os cargos episcopais em Verona (946 e 961) e Liège (953), bem como os abaciais em Lobbes (953) e Aulne (955).

<sup>591</sup> Otão I faleceu em 7 de maio de 973, tendo sido sucedido pelo seu filho, que já havia sido coroado Sacro Imperador Romano Germânico em 967 para assegurar a continuidade da sua linhagem familiar otônida no comando do poder imperial.

<sup>592</sup> SICKEL, Theodor (Ed.). **Diplomata Ottonis II et Ottonis II**. Stuttgart: Monumenta Germaniae Historica: 1888-1893, p. 63: “In nomine sanctae et individue trinitatis. Otto divina propitiante clementia imperator augustus.

Após o término da querela, enfim, Ratério aceitou se retirar no monastério de Aulne e não mais reivindicou reingressar em Lobbes enquanto abade. Ele faleceu em 25 de abril de 974 em Namur, uma cidade vizinha, e foi enterrado na cripta da Igreja de Saint-Ursmar, destinada aos abades lobianos.<sup>593</sup> Desse modo, o conflito pelo controle da comunidade monástica foi definitivamente encerrado e Folcuíno pôde permanecer no seu cargo abacial com estabilidade e consentimento dos monges locais até a sua morte, em 16 de setembro de 990.<sup>594</sup> Ele foi sepultado na sequência ao lado de seu padrinho, simbolizando que o compromisso selado entre ambos aparenta ter sido eficaz e duradouro.<sup>595</sup>

#### 4.2) A produção literária no período

Nos tempos da franca disputa entre Ratério e Folcuíno pela hegemonia do cargo abacial em Lobbes e dos acordos posteriores, há documentos que foram redigidos por ou sob a influência deles. Constituídos no contexto da região da diocese de Liège no último quartel do século X, os materiais permitem examinar as formas dos dois monges se situarem nas relações de poder. Ambos pleitearam expandir a respectiva autoridade política, ou seja, cada um deles buscou se colocar numa posição de destaque junto ao monastério e às comunidades locais adjacentes. As fontes, portanto, são evidências muito importantes para investigar as mobilizações de Ratério e Folcuíno nos últimos anos das suas trajetórias.

---

[...]. Huius nostrae voluntatis [pace ecclesiarum] fautor simul et adiutor, vir venerandus et illustris Notgerus sanctae Leodiensis ecclesiae episcopus, suggestit serenitati nostrae pro quadam abatia Laubias dicta suae ecclesiae a nostris antecessoribus collata, iam dudum in honore sanctorum apostolorum Petri et Pauli constructa, ubi pretiosissima Christi confessorum Ursmari et Ermini requiescunt corpora, cui etiam ipse episcopus presenti tempore Folcuinum abbatem concessit preesse, petiitque ut eiusdem abbatiae privilegia renovare atque secundum morem maiorum nostrae auctoritate sub prisca emunitate corroborare iuberemus. Cuius petitioni annuentes pro eiusdem episcopi amore et pro eterna animae nostrae remuneratione simulque pro elemosina genitoris nostri Ottonis divae memoriae ac pro amore carae genitricis nostrae Adelheidis atque Theophanu nostrae coniugis concessimus eidem abbatiae per hoc preceptum auctoritatis imperatoriae ut, sicut Christo propitio reliqua coenobia sub nostra constituta tuitione, ipsa quoque gaudeat defensione sub perpetua emunitate”.

<sup>593</sup> DIERKENS, 1985, op. cit., p. 122. Não devemos nos esquecer que Ratério foi efetivamente abade de Lobbes entre 953 e 955, quando era, ao mesmo tempo, bispo de Liège. Isso explica o sepultamento na cripta abacial. Ainda assim, um texto em versos que foi escrito por ele, aparentemente para ser grafado em seu túmulo, destaca a identidade episcopal, mesmo no exílio, concomitante à monástica: “Qui cepisse librum dederas, finire dedisti, Cunctipotens, famulo dando rogata tuo. **Hunc ego, Ratherius**, pro te quia ferre laborem Suscepi, pobra delue, Christe, mea. **Verona praesul, sed ter Ratherius exul**. Ante cucullatus, Lobia, postque tuus. Nobilis, urbanus, pro tempore morigeratus. Qui inscribi proprio hoc petiit tumulo: Conculcate, pedes hominum, sal infatuatum, Lector propitius subveniat precibus. Amen”. STRECKER, Karl (Ed.). **Die Lateinischen Dichter des Deutschen Mittelalters**. Fünfter Band. Die Ottonenzeit. Leipzig: Monumenta Germaniae Historica, 1937, p. 556-557. Grifos nossos.

<sup>594</sup> “990. Obiit Fulcuinus, substituitur Herigerus natali Domini”. Extraído de: PERTZ, Georg Heinrich (Ed.). **Annales Laubienses**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores IV. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1841, p. 18.

<sup>595</sup> DIERKENS, op. cit., 2013, p. 283.

### a) Interpretações da *Gesta abbatum Lobiensium*

Em 968, três anos após a nomeação na abadia de Lobbes, Folcuíno iniciou a composição da *Gesta abbatum Lobiensium*, texto que, como sugerido pelo próprio título em latim, elencou os atos e as sucessões dos abades locais.<sup>596</sup> O trabalho com este gênero textual não é algo novo para o autor, pois, como analisamos no capítulo 2, ele já havia escrito entre 961 e 962 a *Gesta abbatum Sithiensium* sob a supervisão de Adolfo, então abade de Saint-Bertin. Dessa vez, por outro lado, a iniciativa partiu do próprio Folcuíno, que ocupava a principal posição de poder na comunidade, tendo a incumbência de gerenciar a instituição e os monges que a compunham.

Redigida em 29 capítulos dispostos, de modo geral, em ordem cronológica,<sup>597</sup> a fonte abrange elementos da história monástica desde meados do século VII, na época do seu fundador, o beato Landelin, até o momento presente da escrita, ou seja, o abaciado do próprio Folcuíno.<sup>598</sup> De acordo com o escritor, a *Gesta* “fornece tanto aquilo que nós dizemos, como aquilo que é dito ser deste local; nós dizemos o que é posto e a ele pertence, que é dele originário”.<sup>599</sup>

Consideramos que a forma do texto ser composto e a narrativa nele desencadeada não foram fortuitas: nos trechos selecionados que serão analisados a seguir, fica claro que o autor, moldando uma leitura histórica peculiar, visou defender e expressar valores e princípios em conformidade com as suas aspirações sociais e políticas, tal como já havia sido o caso na redação da *Gesta abbatum Sithiensium*. O processo de produção da escrita, portanto, é indissociável do quadro político e dos últimos eventos do passado recente de Lobbes, o que nos

<sup>596</sup> Utilizaremos a seguinte edição do documento: PERTZ, Georg Heinrich (Ed.). **Gesta abbatum Lobiensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum IV. Hannover: Impensis Bibliopolli Avlici Hahniani, 1841, p. 54-74. Esta versão de Pertz considerou os cinco manuscritos da *Gesta* preservados. Nenhum deles, porém, foi escrito pelo próprio Folcuíno. Todos são cópias dos séculos XVI e XVII, o que impossibilita trabalhar com o manuscrito original, ou, pelo menos, algum material escrito temporalmente mais próximo ao autor. Sobre a tradição manuscrita do texto: <https://www.geschichtsquellen.de/werk/2285>.

<sup>597</sup> Embora a *Gesta* contenha, ao total, 44 capítulos, a narrativa sobre os atos e as sucessões dos abades de Lobbes se encerra no capítulo 29, e é com este recorte que trabalharemos nas páginas seguintes. Alguns dos 15 capítulos restantes, dedicados principalmente aos milagres do Santo Ursmar, foram posteriormente compilados, pelo próprio Folcuíno, em um dossiê hagiográfico particular, as *Miracula Ursuari*. Sobre a relação da *Gesta* com a própria hagiografia: DIERKENS, Alain. La production hagiographique à Lobbes au Xe siècle. In: **Revue Bénédictine**, vol. 93, 1983, p. 245-259. Retomaremos discussão sobre o culto ao Santo Ursmar num outro momento deste capítulo.

<sup>598</sup> O texto passou por várias revisões e foi alterado por Folcuíno até a sua morte, em 990. Dessa maneira, podemos considerar que o processo de escrita durou, aproximadamente, duas décadas, isto é, todo o período no qual o autor esteve no comando de Lobbes, incluindo os anos do conflito com Ratério. Sobre essas precisões: DOLBEAU, François. Ratheriana I. Nouvelles recherches sur les manuscrits et l'oeuvre de Rathier. In: **Sacris Erudiri**, n. 27, 1984, p. 373-431.

<sup>599</sup> GaL, p. 55: “[...] sufficit ut de nostro tantum dicamus, et quia de loco dicendum est, situm dicamus eius, de quo dicendum est”.

leva a indagar sobre os projetos e as ideias que o então abade tinha para o seu monastério. Estes estavam diretamente conectados com o desenvolvimento e a organização presente da comunidade monástica, no contexto de transição durante, e imediatamente após o término da querela com Ratério.<sup>600</sup>

Antes de iniciar a escrita da história de Lobbes propriamente dita, Folcuíno representa no prólogo algumas complexas reflexões de cunho teológico. Entre elas, estão a onipotência e onipresença de Deus, o primeiro e eterno supervisor de todos os elementos do mundo terreno: “[...] certamente que os tempos tinham começado com ele [Deus] ordenando, e o próprio ordenou a coletividade ao longo do tempo, e por isso que o Criador, que é confiado com mérito, deve ser tido como superintendente”.<sup>601</sup> Na construção do argumento está contido um rico repertório da literatura bíblica, da qual o autor era certamente um grande conhecedor em razão da sólida formação monástica beneditina em Saint-Bertin:

O mais alto e principal/original, então, é tão somente a vontade de Deus pela causa das coisas. De onde nós celebramos: “O senhor fez tudo aquilo que ele quis” [citação extraída de Salmos, 135, 6]. Ninguém de fora age, a não ser, pois, alguém proveniente da Corte interna do mais alto Imperador, ou alguém que tenha sido ordenado ou permitido, seja para alguma utilidade, seja pela justiça oculta e pela vingança da sua decisão.<sup>602</sup>

Na sequência, Folcuíno defende a articulação dos reinos no mundo terreno com a responsabilidade intrínseca que eles carregam de manifestar e difundir as virtudes e os valores da Igreja Cristã. Por essa razão é citada muito brevemente a sucessão de alguns reinos que precederam o nascimento de Cristo, como o dos assírios e o dos persas. Ainda que, na visão do autor, estivessem sob controle de Deus, que tinha o poder de alterá-los quando quisesse, eles não eram guiados pelos ensinamentos do Cristianismo, e, por isso, foram mencionados de modo sucinto na *Gesta*. Neste quadro, o passado e as sucessões de eventos desses reinos “não são tanto para se admirar”.<sup>603</sup> Ele se atenta mais detidamente ao evocar o Reino Franco, que, a partir da conversão de Clóvis, se tornou um Reino Cristão, incorporando entre os seus motes a proteção da Igreja e o respeito aos ensinamentos de Deus:

<sup>600</sup> MAZEURE, op. cit., 2014, p. 220: “Enfin, cette transition institutionnelle et les nouveaux rapports politiques et sociaux de l’abbaye stimulent une réinterprétation du passé de l’abbaye, une légitimation de l’origine, de la continuité et de l’identité de la communauté”.

<sup>601</sup> GaL, p. 54: “[...] quippe cum tempora eo ordinante coeperint, et ipse in tempore cuncta ordinaverit, ut qui merito creditur creator, teneretur et dispensator”.

<sup>602</sup> GaL, p. 55: “Summa ergo et principalis, immo sola rerum causa voluntas Dei est. Unde et canimus: *Omnia quaecumque voluit Dominus fecit*. Nec quidquam foris agitur, nisi quod de interna summi Imperatoris aula aut iubeatur aut permittatur, sive ad quorundam utilitatem, sive ad occulti iustique iudicii sui ultionem”.

<sup>603</sup> GaL, p. 55: “De regnorum quoque successionibus seu permutationibus, quas vel audivimus vel vidimus, non multum mirandum”.

[...] os formidáveis Francos, que ocuparam finalmente a Gália e as partes restantes dos locais, modificaram a idolatria para a aprendizagem em Cristo. Então o rei deles, Clóvis, se tornou adepto ao Batismo pela graça de Cristo por intermédio de São Remígio, e converteu seu povo ao Cristianismo. Cristo, o rei dos reis, não difundiu a prática de presentear os combatentes; mas ele os conduziu aos reinos, expandindo rumo aos seguintes sucessos. A partir de Clóvis, Clotário e Dagoberto, a sucessão do Reino Franco permaneceu abençoada e hereditária. E por que a enorme sabedoria de Deus não deveria permanecer, que diz: “os reis governam por minha causa”, firmando a fé, consolidando a justiça e a igualdade? Atestam este bispado [Liège] e os mosteiros, que, destruídos ou inexistentes antes desse tempo, a partir de então, estando restaurados, se expandiram, e começaram com novos auspícios.<sup>604</sup>

Para explicarmos esse discurso, é muito importante relacionar a história do desenvolvimento do mosteiro de Lobbes com a atuação dos reis francos. A abadia, ao longo dos séculos VII e IX, esteve estreitamente articulada com os merovíngios e os carolíngios, já que estes se envolveram na sua fundação e consagração, e ainda foram os responsáveis pela concessão de diversos benefícios e privilégios.<sup>605</sup>

Dada esta importância dos soberanos francos na expansão de Lobbes, notamos que ocupam um lugar de destaque no texto: nos capítulos seguintes, há uma valorização das interferências destes reis em proveito do mosteiro, com ênfase em algumas doações e restituições. Assim, a retórica do Reino Cristão, assinalada no trecho acima, estava muito vinculada a um reino, no âmbito secular, que fosse capaz de assegurar o desenvolvimento institucional específico da abadia de Lobbes.

No segundo capítulo, ao citar um dos primeiros abades e fundadores do mosteiro, o beato Ursmar, Folcuíno indica que foi diretamente beneficiado pelas medidas tomadas por Pepino de Herstal, um dos prefeitos de palácio<sup>606</sup> mais proeminentes do século VII:

Lá onde um certo tempo o ilustre beato Ursmar, virtuoso em todos os exercícios, a quem o Senhor Apóstolo havia delegado o mosteiro de Lobbes, ele foi logo evocado pelo príncipe Pepino de Herstal. Ele recebeu o mesmo mosteiro para ser governado

---

<sup>604</sup> GaL, p. 55: “[...] ferocitatem Franci sortiti sunt nomen; qui Gallias demum ocupantes, et ceteris id locorum formidabiles, ydolagiam in Christi tyrocinium commutaverunt. Nam rex eorum Clodoveus per sanctum Remigium Christi gratiam baptisate adeptus, gentem suam christianam effecit. Nec distulit rex regum Christus donavitum dare sibi militantibus; nam provexit eos regnis, auxit successibus secundis. Inde ad Clodoveos, Clotharios, et Dagobertos felix illa et hereditaria permansit successio. Et quare non maneret, quam sapientia Dei, quae ait: *Per me reges regnant*, fide firmabat, aequitate et iustitia roborabat? Testantur hoc episcopia vel monasteria ante id temporis diruta aut nulla, quae abhinc aut rediviva pullularunt aut novis auspiciis inchoarunt”.

<sup>605</sup> DIERKENS, op. cit., 1985, 91-111.

<sup>606</sup> Os prefeitos de palácio eram, durante o período merovíngio, os mais importantes dignitários do Reino Franco, atrás apenas do próprio rei. Pepino de Herstal, por exemplo, era o prefeito de palácio da região da Austrásia, que corresponde, aproximadamente, às fronteiras atuais entre a Bélgica e a França. Ele era o pai de Carlos Martel, e, portanto, pertencia à linhagem dos carolíngios, dinastia que passou a designar os reis francos a partir de meados do século VIII.

através da intervenção de Hildolfo, que era um dos mais proeminentes príncipes do reino.<sup>607</sup>

O mesmo Ursmar, sobre o qual Folcuíno afirma ter encontrado textos nos arquivos da Igreja<sup>608</sup>, teria assegurado o desenvolvimento inicial de Lobbes: “[...] a graça de Ursmar há de ser proclamada, pois ele convinha aos primeiros princípios da nova fé, fora consagrado bispo para que os supérfluos rituais das famílias bárbaras fossem reprimidos”.<sup>609</sup> Efetivamente, é enfatizado no texto que teria sido o responsável pela consagração da Igreja abacial de São Pedro, e Folcuíno teve o cuidado em datar com precisão este evento, destacando, mais uma vez, o soberano franco temporalmente correspondente:

Então [Ursmar], no começo de seu controle sob a Igreja abacial, que antes desse tempo ainda não havia sido consagrada, ele enfim a consagrou, dedicando-a ao Senhor pela honra do príncipe dos apóstolos Pedro, e ao mesmo tempo do catequista do povo Paulo, e de todos os apóstolos de Cristo; acumulando no templo e no altar presentes e múltiplas proteções dos santos. Essa consagração ocorreu no ano 697 da Reencarnação do Senhor, no dia 26 de agosto, reinando o Senhor Deus perpetuamente, e governando Pepino, por outro lado, os Francos.<sup>610</sup>

As descrições das sucessões de muitos dos abades foram acompanhadas, várias vezes, da menção aos reis francos contemporâneos: o sucessor de Ursmar, Ermínio, ocupou o cargo abacial a partir de 713, enquanto Pepino e posteriormente seu filho, Carlos Martel, comandavam os francos.<sup>611</sup> Por meio desse modo de datação, um importante ponto de referência cronológica, é possível inferir que os reis francos, cujas nomeações e práticas foram explicitamente representadas no documento, estiveram a par dos eventos e do desenvolvimento de Lobbes.

Assim, Folcuíno indica que, após a morte do abade Teodolfo, em 776, Anson foi nomeado seu sucessor, “[...] governando o mesmo monastério durante 24 anos no tempo do

---

<sup>607</sup> GaL, p. 56: “[...] beatus Usmarus virtutum exercitiis omnibus clarus, cui Lobbias apostolatus locum delegaverat Dominus, a Pippino iam dicto principe evocatus, idem monasterium regendum accepit per Hyldulphi interventum, qui erat unus de proceribus regni maioribus”.

<sup>608</sup> Gal, p. 57: “Sed in cartis sub eius tempore factis ac perantiquis membranarum peciolis, quae continentur in ecclesiae nostrae archivis, inscriptum eum invenimus sub nomine episcopi et pontificis”.

<sup>609</sup> GaL p. 57: “[...] quod praedicandi gratia, ut competebat tunc rudimentis novellae fidei, ad compescendos superfluos ritus gentis barbaricae episcopus fuerit ordinatus [...]”.

<sup>610</sup> GaL, p. 57: “Igitur in exordio regiminis sui (697) ecclesiam, quae ante id temporis erat inconsecrata, consecravit, dedicans illam Domino in honore principis apostolorum Petri, simulque doctoris gentium Pauli, et omnium apostolorum Christi; cumulans templum donis et altare multiplicibus sanctorum patrociniis. Facta est autem haec dedicatio anno qui est sexcentus nonagesimus septimus dominicae incarnationis, septimo Kalendas Septembris, Domino in perpetuum regnante, Pippino autem in Francis principante”.

<sup>611</sup> GaL, p. 58: “Obiit autem anno 713 dominicae incarnationis, nobis in perpetuum domino Deo regnante, et Pippino agente in sceptris. Qui antequam decederet, fractus longa molestia, se vivo sanctum Erminum successorem sibi substituerat [...]. Rexit autem sanctus Erminus idem monasterium sub praefato principe Pippino tribus annis, et sub Carolo eiusdem Pippini filio similiter seniore et duce viginti duobus annis”.

Imperador Carlos Magno”.<sup>612</sup> No registro das três sucessões consecutivas após a morte deste mesmo Anson, permanece a menção aos respectivos reis contemporâneos:

Depois dele [Anson], o cónego Hilderico usurpou a mesma abadia no tempo do mesmo Imperador [Carlos Magno]. E depois dele veio Ranerico, já no tempo do Senhor Imperador Luís, o Piedoso. Em seguida, chegou o piedosíssimo senhor abade Fulrado, tio materno do já mencionado Ranerico, ainda no tempo do mesmo Imperador [Luís].<sup>613</sup>

A centralidade dos reis carolíngios na narrativa se deve, também, aos bens temporais que concederam para Lobbes.<sup>614</sup> Por esse motivo Folcuíno cita, no capítulo 13, alguns acontecimentos do monastério no século IX, mencionando os que estiveram envolvidos, como o Rei Lotário II:

Ora, em seguida, já pela atuação do Rei Lotário II, filho do já dito Imperador Lotário I, o mesmo local [Lobbes] começou a ser reparado/renovado, e tanto as possessões, quanto os habitantes, foram restaurados não mediocrementemente pelo bispo de Cambrai João e por um certo Hugo, e pela ordem do mesmo rei.<sup>615</sup>

Em virtude do papel preponderante dos francos no desenvolvimento do monastério na passagem do século VIII ao IX, o escritor celebra que nesse contexto próspero “o Senhor teria encontrado a sua glória”.<sup>616</sup> O mencionado abade Fulrado conseguira, até mesmo, proceder à elevação dos restos mortais e à consequente celebração do culto ao Santo Ursmar junto aos monges da comunidade monástica lobiana:

E tendo sido completada a elevação [de Santo Ursmar], foram os clérigos que a conduziram neste dia festivo, e sancionaram para que nós e nossos descendentes celebremos essa condição. Essa elevação ocorreu de fato no ano 823, realmente do próprio Santo Senhor, o que eu não digo óbito, mas nascimento, já que começou a viver com Cristo, precisamente 110 anos depois [da sua morte, em 713]. A partir de então, portanto, começou a se intensificar a fama do beato homem célebre, e a vibrar para as diversas origens/condições de nascimento em prol da saúde dos doentes, confluindo os milagres aos esquadrões.<sup>617</sup>

<sup>612</sup> GaL, p. 59: “[...] regens idem coenobium sub iam dicto imperatore Carolo viginti quatuor annis”.

<sup>613</sup> GaL, p. 59: “Post eum eandem abbatiam usurpavit Hildricus canonicus sub ipso imperatore. Et post eum Ramnericus tempore domni Ludovici imperatoris. Deinde pervenit ad domnum Folradum, piissimum abbatem, avunculum iam dicti Ramnerici, sub eodem imperatore”.

<sup>614</sup> Mencionaremos com mais detalhes algumas dessas concessões nas páginas 166-167.

<sup>615</sup> GaL, p. 61: “Iam vero postea a Lothario rege, filio iam dicti imperatoris Lotharii, coepit idem locus reparari et per Iohannem Cameracensem episcopum vel Hugonem quendam tam possessionibus quam et habitatoribus per eiusdem regis iussum non mediocriter redintegrari”.

<sup>616</sup> GaL, p. 60: “Hiis diebus lucernam suam Dominus [...]”.

<sup>617</sup> GaL, p. 60: “Expletaque elevatione, diem illam festivam duxere, nobisque et posteris celebrem esse sanxere. Facta est autem haec elevatio anno Domini 823, ab ipsius vero sancti non dicam obitu sed natalitio, quo vivere coepit cum Christo, decimo post centum exacto. Abhinc ergo coepit beati viri celebris fama crebrescere, et confluentibus languentium turmis ad diversa sanitatum genera miraculis coruscare”.

As múltiplas divisões do Império Carolíngio, ocorridas ao longo do século IX, marcam um ponto de inflexão na narrativa. Se até o capítulo 14 o autor destacou que a prosperidade da Igreja Cristã e, conseqüentemente, de Lobbes, iam de par com as realizações dos reis francos, as crises de sucessões e o enfraquecimento das autoridades destes teriam representado um cenário de instabilidade:

Nesse tempo [final do século IX], vacilam a situação das coisas e dos reis naturais; como dissemos anteriormente, os francos sempre eram estimados como hereditários, agora a sucessão se mostra deficitária, por isso que o supracitado Luís [II, o Gago], que dizem não ter feito nada por causa da brevidade do seu reino [de fato, ele reinou por apenas dois anos, entre 877 e 879], deixou o reinado ao seu filho Carlos, o Simples [...].<sup>618</sup>

Uma vez que “a paz eclesiástica havia sido conturbada”,<sup>619</sup> o monastério, indefeso por não mais contar com a sólida proteção dos reis carolíngios, teria sido fortemente afetado pelas invasões normandas e pelas destruições e saques subseqüentes:

Os Normandos, pelos quatro grandíssimos rios, Reno e Escalda, do Oriente, Loire e Sena, do Ocidente, entraram na França. Todas as coisas são devastadas; por meio dos incêndios e das pilhagens, eles levaram os cativos, sem poupar ninguém, independentemente de sexo ou idade; eles foram violadores dos altares com as mãos pagãs. [...] O local [Lobbes] foi assim destruído pelos Normandos, embora permanecessem nele, a custo, as ruínas dos muros. De forma semelhante, as propriedades restantes da nossa Igreja, que em Brabante eram extravagantes, nesse tempo foram esvaziadas e esgotadas.<sup>620</sup>

As datações dos atos dos abades se tornaram menos precisas. Se antes Folcuíno marcava, com clareza, o período de cada abaciado, relacionando com o rei franco correspondente, a fragmentação do poder dos imperadores carolíngios, a partir do final do século IX, fez com que ele abandonasse tal forma de registro do tempo. No capítulo 18, por exemplo, ao relatar a passagem do cargo abacial de Franco para Estevão, o autor não forneceu detalhes sobre o ano exato dessa transição, tampouco citou a autoridade laica correspondente:

<sup>618</sup> GaL, p. 61: “Interea vacillante rerum statu, et regum naturalium, sicut ante diximus, qui apud Francos semper hereditarii habebantur, deficiente successione, pro eo quod Ludovicus supradictus, quem propter brevitatem regnandi nichil fecisse dicunt, Carolum filium vix bimum reliquisset [...]”

<sup>619</sup> GaL, p. 62: “Tali ergo modo turbata ecclesiae pace.”

<sup>620</sup> GaL, p. 61-62: “Qui videlicet Northmanni per quatuor nobilissima flumina, Renum et Scalt ab oriente, Secanam et Ligerim ab occidente, Franciam ingressi, incendiis et rapinis omnia depopulantur, nulli sexui vel aetati parcentes, captivos abducunt; ipsa etiam altaria paganis manibus profanantes. [...] Qui locus a Northmannis ita destructus est, ut remaneret in eo vix maceriarum ruinae. Similiter et cetera ecclesiae nostrae predia, quae apud Brabantum erant profusiora, hoc tempore exhausta sunt et exinanita”.

“Este Estevão sucedeu [a Franco], homem letrado e muito aplicado à religião, tanto quanto os clérigos”.<sup>621</sup>

Por meio dessa alteração, Folcuíno expressa que a passagem da administração de Lobbes do rei carolíngio para o bispo de Liège<sup>622</sup> teria como resultado uma profunda instabilidade, de modo que, para ele, não seria mais possível apontar os contornos precisos dos atos de cada abade, tampouco mencionar o soberano temporalmente correspondente.<sup>623</sup> Ao tratar dos conflitos desencadeados a partir de 920 pela sucessão do bispado de Liège após o falecimento de Estevão<sup>624</sup>, o escritor indica, na sua narrativa, uma possível perda de exatidão das definições das autoridades políticas envolvidas com a condução e exercício de influência sobre o monastério:

Tendo Estevão sido enterrado na Igreja de São Lamberto após a sua morte, a Igreja estava novamente perturbada em razão da sucessão do bispo de Liège. De um lado, Hilduíno, clérigo da mesma Igreja, desejava ser bispo, tendo o apoio do Duque da Lotaríngia, Gisleberto, que, tomando a majestade régia, tinha usurpado para si o topo do reino; de outro, o abade de Prüm, Ricário, desejado pelo dom e com acordo do rei Carlos, o Simples. Evidentemente que Carlos, como é dito, tornado rei no interregno dos interregnos de alguns reis, foi evocado, consagrado e restituído como o rei paternal pelo arcebispo de Reims, Fulquério.<sup>625</sup>

---

<sup>621</sup> GaL, p. 62: “Hunc Stephanus sequitur, vir litterarum et, quantum ad canonicos, religioni studens”. É necessário ressaltar que a descrição desta sucessão abacial é muito mais vaga do que as que foram feitas com relação aos séculos VIII e IX. Para esse período, Folcuíno havia estabelecido os respectivos anos dos cargos de abades, e indicado que coincidiam com o reinado de Carlos Magno, Luís, o Piedoso, etc. Ver nota 613.

<sup>622</sup> Vimos no início do capítulo 1 que o monastério, em 889, passou a fazer parte da sede episcopal de Liège, sendo que os respectivos bispos eram também abades de Lobbes. Folcuíno faz uma breve menção ao início dessa ligação, quando Franco, com consentimento do rei Arnulfo de Caríntia e da comunidade monástica, acumulou ambos os cargos. GaL, p. 61: “[...] iam dictus Franco ad opus ecclesiae Leodiensis supradictam abbatiam petiit et consentientibus fratribus impetravit, facta prius convenientia, ut medietas abbatiae fratribus inibi regulariter militantibus in usu communi deserviret, aliam episcopus sibi et militantibus manciparet”.

<sup>623</sup> Hipótese mencionada em: RENSWOUDE, Irene van. Time is on our side. Liturgical time and political history in the Chronicle of Lobbes. In: **Forschungen zur Geschichte des Mittelalters**, vol. 12, 2006, p. 332.

<sup>624</sup> Importante lembrar que, conforme demonstrado no primeiro capítulo, esse conflito foi responsável pela partida de Ratério da comunidade monástica lobiana. Folcuíno não deixa de ressaltar que ele, junto com outros clérigos, havia sido responsável por incrementar o estudo da cultura literária no monastério no início do século X. Entretanto, a forte aliança com Hilduíno forçou sua mudança para a Península Itálica, onde recebeu posteriormente a administração da diocese de Verona. GaL, p. 63: “Floruerunt his temporibus apud nos studia litterarum, quibus ediscendis operam dantes opinatissimi fuerunt Scaminus, Theoduinus, et perspicacissimus horum Ratherius; qui videlicet Ratherius partibus Hilduini favens, illi inseparabiliter adhaesit. Hilduinus enim fraudatus Leodiensi episcopio, ab Hugone rege Italiae, apud quem fecerat confugium, usu stipendiario promeruerat Veronense episcopium, promisso regis manente, quod ubi illum altius promovendi tempus emergeret, Ratherius Veronensibus daretur episcopus”.

<sup>625</sup> GaL, p. 63: “Isto quoque mortuo et in ecclesia sancti Lamberti sepulto, turbatur rursus ecclesia de antistite substituendo. Nam pars una Hilduini, eiusdem ecclesiae clericum sibi poscebat episcopum, favente sibi ad hoc Gisleberto Lothariensi duce, qui floccipendens regiam maiestatem, regni sibi usurpaverat summam; alia Richarium Prumiae abbatem, dono et consensu Caroli regis expetitur. Qui videlicet Carolus, factus, ut dictum est, interregno regum quorundam interregnantium, a Fulcone archiepiscopo Remis evocatus et consecratus paternoque regno est restitutus”.

O início da restituição do que seria, para o autor, a paz eclesiástica ideal, só ocorreu com a ascensão dos imperadores do Sacro Império Romano Germânico, em especial a partir do reinado de Otão I e do incremento de sua influência sobre a região.<sup>626</sup> As virtudes de Cristo e as vontades de Deus, que, como assinalado no prólogo, deveriam acompanhar toda a administração no mundo terreno, seriam elementos plenamente restaurados somente com a recomposição da autoridade imperial otônida, mais de meio século após as sucessivas fragmentações do poder político dos carolíngios:

Otão, então poderosíssimo rei austral, governava também a subjugada Península Itálica; seu irmão, Bruno, terá a única e singular glória futura na Igreja de Cristo, bem como a preciosíssima lápide dos filósofos, que tinha muito poder, segundo suas múltiplas evidências. [...] O modo como [Otão] viveu, foi instruído, aquilo que fez, a maneira com que acordou a si próprio pela paz das Igrejas de Deus, sendo que as Igrejas hão de ser o mais possível ampliadas ou restauradas, os edifícios privados e públicos hão de ser construídos em maior número possível, os serviços da casa hão de ser os mais ordenados possíveis, a mudança terá sido realizada o mais possível em função das coisas da Santa Igreja de Deus, tudo o que é feito é admirável, louvável de dizer.<sup>627</sup>

A única exceção que contrapôs esse contexto favorável foi a revolta da aristocracia da Lotaríngia deflagrada durante as celebrações do Natal de 955,<sup>628</sup> que, durante alguns anos, impactou na proteção imperial oferecida a Lobbes e à Igreja de Liège:

Toda esperança da restituição dele [Ratério] foi perdida. Pois ele celebrava junto conosco agradável e suntuosamente o Nascimento do Senhor, e então ocorreu em Liège uma gravíssima conspiração contra ele, sendo removido de dentro do monastério durante a celebração do Natal, e no mesmo local Balderico, que era um dos magnatas descendentes de uma família daquela terra, foi escolhido como o seu substituto, não tendo conseguido se assentar no poder. Confluíram para este local [bispado de Liège] inúmeras tempestades vindas de todos os lados.<sup>629</sup>

---

<sup>626</sup> Sobre a atuação otônida na Lotaríngia em meados do século X: BOSHOF, Egon. Lotharingien-Lothringen. Vom Teilreich zum Herzogtum. In: BIRTSCH, Günter; HAVERKAMP, Alfred; HEIT, Alfred (Eds.). **Zwischen Gallia und Germania**, Frankreich und Deutschland. Konstanz und Wandel raumbestimmender Kräfte. Vorträge auf dem 36. Deutschen Historikertag, Trier, 8.-12. Oktober 1986. Trier: Verlag Trierer Historische Forschungen Trier, 1987, p. 129-153. REUTER, Timothy. **Germany in the Early Middle Ages**. 800-1056. London: Routledge, 1992, p. 148-174.

<sup>627</sup> GaL, p. 64: “Ottho, tunc potentissimus rex australis, et subactae Italiae tunc imperitabat; cuius frater Bruno unicum et singulare in Christi ecclesia decus futurum, velut pretiosissimus lapis multiplicibus philosophorum pollebat argumentis. [...] Ubi quomodo vixerit, quomodo docuerit, vel quid fecerit, qualiter pro pace ecclesiarum Dei se ipsum impenderit, quam in ecclesiis sive ampliandis sive restaurandis, quam in privatis et publicis aedificiis componendis, quam in ordinandis domi militiaeque, quam sanctae Dei ecclesiae rebus sollicitus fuerit, actu est admirabile, dictu laudabile”.

<sup>628</sup> Se trata da conspiração planejada por Balderico que, como explicado no capítulo 2, causou a destituição de Ratério do bispado de Liège e da abadia de Lobbes.

<sup>629</sup> GaL, p. 65: “Ablata est omnis spes restitutionis eius. Nam cum apud nos nativitatem Domini festive et opipare celebraret, facta est in Leodio contra eum gravissima conspiratio, quae nisi et hic penitus amoveretur, et in eundem locum Baldricus, qui erat de magnatorum terrae illius prosapia oriundus, subrogaretur, sedari visa est non posse. Ad hanc sentinam tempestates undique innumerae confluerunt”.

Entretanto, logo após o exílio do conde Reginaldo III em 958 e a morte de Balderico no ano seguinte, Bruno, o arcebispo de Colônia e irmão de Otão I, visando retomar a interferência otônida direta na região, nomeou Eráclio para o ofício episcopal em Liège. Este, por sua vez, não acumulando a função abacial em Lobbes como os seus predecessores, designou Aletrão para o cargo:

Algun tempo após a morte de Balderico, o senhor superior Eráclio, decano proveniente de Bonn, é nomeado bispo, garantido por Bruno [de Colônia], um homem letrado possuidor de artes nobres. Ele designou pela lei de Deus de algum lugar o experiente e eloquente inteligentíssimo senhor Aletrão como abade de Lobbes, seguindo todos os desejos [da comunidade monástica], onde assim viveu como servo do Senhor. [...] da maneira como foi instruído, ele [Aletrão] corrigiu a todos segundo a Regra [de São Bento]. [...]. Assim, tendo sido por muito tempo essa paz desejada, a partir de então, enfim, ela é obtida.<sup>630</sup>

A mobilização de um discurso que evoca o restabelecimento da paz da Igreja de Cristo é uma retórica, como anteriormente citado, estreitamente conectada com a estabilidade e a prosperidade da abadia de Lobbes. Com efeito, a partir de meados do século X, as invasões húngaras, que haviam causado destruições ao monastério, são combatidas com eficácia por Otão.<sup>631</sup> Junto com os seus irmãos, ele garantiu que a paz eclesiástica “fosse completamente acordada”<sup>632</sup> de modo que Deus, tal como no momento da Criação, também estivesse “em paz, em prol da salvação do seu povo”.<sup>633</sup> Em resumo, Otão, atuando enquanto protetor de Lobbes, é descrito por Folcuíno como um Imperador que, ao encarnar as vontades de Deus e as virtudes indispensável de um Rei Cristão, teria incorporado funções outrora reservadas aos carolíngios:

[...] o gloriosíssimo triunfo do Imperador [Otão] sobre o próprio rei dos bárbaros, os duques e príncipes, capturados; as numerosas vitórias por toda extensão daquele reino, até o final/até a expulsão da mesma família [dos húngaros]. Essas coisas todas são particulares, e expressam a aplicação do seu trabalho pelo louvor e pela glória do onipotente Deus.<sup>634</sup>

---

<sup>630</sup> GaL, p. 69: “Interea Baldrico decedente, domnus Evracrus ex Bonna decanus, Brunone concedente, efficitur episcopus, vir ingenuarum artium litteratus. Hic domnum Aletrannum undecumque doctissimum et in lege Dei exercitatum ac eloquentem, volentibus omnibus, Laubiis praefecit abbatem; ubi ita vixit, ut servum Dei decuit. [...] hic, quomodo instructus fuit, omnia ad regulam correxuit. [...]. Hac igitur diu desiderata pace iam tandem sero potita”.

<sup>631</sup> BOWLUS, Charles R. **The Battle of Lechfeld and Its Aftermath**, August 955: The End of the Age of Migrations in the Latin West. Farnham: Ashgate Publishing, 2006.

<sup>632</sup> GaL, p. 67: “[...] ecclesiae pax in placito regali confirmata”.

<sup>633</sup> GaL, p. 67: “[...] pacis, tanquam eius inicio operatus est salutem in populo suo”.

<sup>634</sup> GaL, p. 67: “[...] gloriosissimum imperatoris triumphum, regem ipsum barbarorum, duces et principes captivos, trophaea per totam regni illius latitudinem usque ad eiusdem gentis fines frequentissima, quae omnia proprii industriam operis ad laudem et gloriam omnipotentis Dei expectant”.

O fato de Folcuíno ter se colocado na narrativa em prol dos soberanos que defenderam os patrimônios de Lobbes em diferentes contextos – sejam eles francos ou otônidas – expressa que estava, acima de tudo, empenhado em interceder em favor do monastério do qual era abade. Isso nos conduz a outro ponto fundamental, essencial na análise da fonte: o autor buscou marcar com maior precisão os bens e as propriedades que pertenciam e definiam a identidade da comunidade monástica.

Nesse sentido, a *Gesta* contribuiu na construção de uma memória não apenas em relação ao passado e às sucessões dos abades, mas também sobre os arquivos de Lobbes. Ao longo da narrativa, embora não haja transcrições completas de cartas de doações,<sup>635</sup> é visível o zelo de Folcuíno em buscar o registro por escrito do histórico de movimentações dos bens fundiários. Em meados do século VIII, ainda durante a dinastia merovíngia dos reis francos, Carlomano, o filho mais velho de Carlos Martel, teria fornecido ao monastério um documento assinado, atestando concessões de propriedades:

Depois deste [Ermínio], apareceu o abade Teoduíno; durante o seu abaciado, Carlomano, este o mais velho da dinastia, concedeu a cidade Fontanas, banhada pelo rio Sambre, que a nossa Igreja obteve; em cuja carta de concessão foi assim escrito: “Feito na cidade pública Liptinas, no dia seis de fevereiro, no segundo ano do rei Childerico III” [aproximadamente 745]. E nesta estipulação “Sinal/assinatura, disse, de Carlomano, o mais velho da dinastia, que fez e firmou esta doação”. E este Carlomano, que é seguramente o irmão de Pepino [o Breve], abandonando a trabalhosa administração do reino, se tornou primeiramente clérigo em Roma, tendo construído um monastério no monte Serapti, e depois foi feito monge junto a São Benedito no monte Cassino.<sup>636</sup>

Já no que se refere à época carolíngia, o autor pontuou acerca de algumas transferências que foram concedidas no período, principalmente durante o reinado de Carlos Magno, ainda que ele próprio reconheça não ser possível determinar com mais detalhes aquilo que foi de fato acordado:

---

<sup>635</sup> Na *Gesta abbatum Sithiensium*, que Folcuíno escreveu entre 961 e 962, quando era oblato no monastério de Saint-Bertin em Saint Omer, e que foi analisada no capítulo 2, a narrativa das sucessões dos abades era alternada com documentos diplomáticos, que atestavam as doações, os privilégios e as proteções concedidos à Saint-Bertin. Na *Gesta abbatum Lobiensium*, por outro lado, salvo raríssimas exceções, predomina uma narrativa com o mesmo fio condutor, sem grandes interrupções com transcrições de cópias de cartas. Para maiores detalhes sobre essa distinção qualitativa entre as duas *Gestae*: MAZEURE, op. cit., 2014, p. 215-245. VANDERPUTTEN, Steven. "Literate memory" and social reassessment in tenth-century monasticism. In: **Mediaevistik**, vol. 17, 2004, p. 67-94.

<sup>636</sup> GaL, p. 58: “Post quem extitit Theoduinus abbas; sub quo, Karlomanno maiore domus concedente, villam Eontanas, quam Sambre alluit, ecclesia nostra habere meruit; in cuius concessionis carta sic subscriptum est: Actum Liptinas villa publica, quo facit Februarius dies sex, anno secundo regnante Hilderico. Et in hac stipulatione: Signum, inquit, Karlomanni maioris domus, qui hanc donationem fecit firmavitque. Is sane est Karlomannus Pippini frater, qui relinquens operosam regni administrationem, primum Romae clericus factus, in Serapti monte monasterium aedificavit, postea apud Sanctum Benedictum in Cassino monte monachus effectus est”.

[...] Carlos Magno governara o Reino Franco não preguiçosamente, e o expandira não mediocrementemente. Com efeito, no tempo dele, muitas propriedades foram trazidas à nossa Igreja, que deveriam ter sido registradas, ainda que não fossem doações e cartas legatárias de fácil acesso. Pela brevidade das informações apresentadas, eu mesmo não poderia me aplicar ao registro delas [...].<sup>637</sup>

Além de fazer menção aos bens que foram trazidos a Lobbes pelo Rei Lotário II, Folcuíno também destaca, particularmente, o modo como essas informações teriam sido gravadas e registradas:

Ora, em seguida, pelo Rei Lotário [II], filho do dito Imperador Lotário, o mesmo local [Lobbes] começou a ser renovado, e tanto as possessões, quanto os habitantes, são restaurados não mediocrementemente pelo bispo de Cambrai João e por um certo Hugo, e pela ordem do mesmo rei. Seguramente que Lotário II, por causa da repudiada e tomada como esposa Waldrada, fora excomungado em Roma, onde o rei pediu e acordou para que a nossa Igreja obtivesse o mencionado “fisco Hum”. [...] Então, no décimo quarto ano de seu reino [por volta de 867], Lotário ordenou que fossem descritas as doações das nossas vilas, que se chamam políptico. E essa descrição foi realizada pelo referido bispo João [de Cambrai]”.<sup>638</sup>

Especialmente com relação aos eventos mais recentes do passado do monastério, isto é, aqueles ocorridos a partir do início do abaciado de Folcuíno em 965, é possível notar que o autor, por intermédio da *Gesta*, construiu uma narrativa que pudesse destacar as evoluções contemporâneas de Lobbes. Ao fazer isso, visou demonstrar que a abadia, sob sua governança, não era mais instável, em contraponto às décadas anteriores, e tampouco se envolvia em disputas tensas, como aquela desencadeada com seu padrinho Ratério entre 970 e 973, abordada anteriormente.

Pelo contrário, ele compôs um discurso que marcasse que o seu abaciado, juntamente com a ascensão em 972 do bispo Notger, de Liège, teria representado estabilidade, inovação, prosperidade e, finalmente, a tão almejada estabilidade da Igreja de Cristo para os monges da sua comunidade:

Tendo sido restabelecida a nossa sólida paz pela graça de Deus através do agente Notger, o senhor bispo de Liège retorna, e no tempo restante inova e decora os templos, multiplicando as coisas eclesiásticas consumidas. Então, nós verdadeiramente confessamos, nenhum dos seus predecessores, por aquilo que é

<sup>637</sup> GaL, p. 59: “[...] sub Carolo rege post vero imperatore; regens illud non segniter et augmentans non mediocriter. Sub eius enim tempore multa ecclesiae nostrae praedia collata sunt, quae describerentur, si non in promptu essent donationes, et cartae legatariae, et ipse brevitati non studerem [...]”.

<sup>638</sup> GaL, p. 61: “Iam vero postea a Lothario rege, filio iam dicti imperatoris Lotharii, coepit idem locus reparari et per Iohannem Cameracensem episcopum vel Hugonem quendam tam possessionibus quam et habitatoribus per eiusdem regis iussum non mediocriter redintegrari. Is sane ille Lotharius, qui pro regina repudiata et Waldrada superducta Romae fuerat excommunicatus, qua petente et rege concedente, fiscum Hum dictum ecclesia nostra meruit habere. [...] Quarto decimo igitur regni sui anno redditus villarum nostrarum describere iussit, quod polipticum vocant. Facta est autem haec descriptio a Iohanne episcopo praenominato”.

recordado, aumentou tanto as coisas da Igreja de Liège e fez notabilizar os edifícios como ele. Naquele tempo, alguns edifícios em nosso monastério se desenvolveram a partir do impulso do bispo, obra feita para o abade [o próprio Folcuíno].<sup>639</sup>

Ao tratar do momento em que foi nomeado abade de Lobbes pelo arcebispo Bruno de Colônia e pelos bispos Eráclio de Liège e Igrano de Cambrai, em 965, Folcuíno teve a cautela em modelar na *Gesta* um retrato muito positivo das condições que possibilitaram sua ascensão no monastério.<sup>640</sup> Além de ter contado com os supostos consentimentos do Imperador Germânico Otão I e da comunidade monástica, ele teria sido designado para a abadia no mesmo dia do nascimento de Cristo. Está aqui presente uma evidente estratégia discursiva, pois o autor fez questão de coincidir e explicitar na fonte o evento de sua nomeação com uma data importantíssima de celebração do calendário litúrgico<sup>641</sup>, cunhando, assim, uma narrativa que fosse capaz de legitimar e sacralizar, perante a comunidade monástica, tanto a sua função abacial, quanto o seu prestígio pessoal:

Depois este senhor Eráclio designou como abade de Lobbes Folcuíno, verdadeiramente pecador, jovem; que é quem o mesmo bispo de Colônia Bruno fez ser apontado diante da presença imperial, com anuência de grande parte da população, e, anteriormente, pela selecionada e recitada escolha dos irmãos [comunidade monástica]. Ele foi nomeado, pois, pelo bispo Igrano de Cambrai, no mesmo dia do nascimento do Senhor [25 de dezembro]. Portanto, tendo regressado e adquirido o posto de abade, ele agiu dispondo de numerosas liberdades de ação; onde a prosperidade foi servida à abadia em muitas oportunidades.<sup>642</sup>

No que diz respeito ao conflito travado com seu padrinho Ratério entre 970 e 973 – contemporâneo, assim, à composição da *Gesta* –, que havia causado inclusive seu afastamento temporário do monastério, Folcuíno registrou as informações no texto de dois modos, em momento distintos.<sup>643</sup> Ele empregou inicialmente termos muito depreciativos para relatar a

<sup>639</sup> GaL, p. 70: “Pace nobis per Dei gratiam Nothgero agente firmissima collata, domnus episcopus Leodium revertitur, reliquum tempus in innovandis sive decorandis aedibus et ecclesiasticis rebus multiplicandis consumens. Nam, ut verum fateamur, nullus praedecessorum suorum, quantum recordatur opinio, illo amplius Leodiensem ecclesiam rebus auxit, aedificiis nobilitavit. Creverunt illo tempore et in monasterio nostro aedificia nonnulla, instinctu episcopi, opera abbatis facta”.

<sup>640</sup> Na análise de *Phrensis*, notamos que Ratério adotou a mesma estratégia discursiva para defender a legalidade canônica de sua nomeação episcopal em Liège no ano 953.

<sup>641</sup> RENSWOUDE, op. cit., 2006, p. 324. Na *Gesta abbatum Sithensium*, Folcuíno havia feito algo muito parecido ao identificar o dia da sua oblação em 948 com a data exata da celebração litúrgica do fundador Saint-Bertin.

<sup>642</sup> GaL, p. 69: “Post haec domnus Evracrus Folcuinum, vere peccatorem, aetate iuvenem, Laubiensibus praefecit abbatem; quem, cum esset idem pontifex Coloniae in praesentia imperiali, in frequentia magna populari, recitata prius et lecta fratrum e lectione, ibidem ordinari fecit. Ordinatus est ergo ab Ingranno Cameracensi episcopo die ipso Domini natalicio. Inde reversus, et loco potitus, plura suo arbitratu egit; unde et fortuna in plurimis eam servire fecit”.

<sup>643</sup> DOLBEAU, François. *Ratheriana I. Nouvelles recherches sur les manuscrits et l'oeuvre de Rathier*. In: **Sacris Erudiri**, n. 27, 1984, p. 373-431. Essas investigações de Dolbeau sobre a tradição manuscrita indicam que o texto final da *Gesta*, concluído ao redor de 990 e sintetizado por Pertz na *Monumenta Germaniae Historica* – com o qual trabalhamos até então –, fora iniciado por volta de 970, contendo determinados termos posteriormente revisados e

chegada do bispo deposto de Verona: “Ratério, por ter manifestado causas superiores de inimizade, colocando-as à frente das obrigações estabelecidas pela filiação do Sagrado Batismo, invadiu o monastério [de Lobbes]”<sup>644</sup>. O autor afirma também que, “[...] devido a essa gravíssima e perniciosa conspiração, o abade [o próprio Folcuíno] tendo notado que este era também o desejo do bispo Eráclio [de Liège], decidiu se retirar do local [da abadia]”.<sup>645</sup>

Já o texto de 980 foi escrito de maneira distinta, e, adotando outro tom, aparenta ter minimizado os efeitos da querela. Embora tenha registrado que Ratério “[...] tramava armadilhas contra o abade [de Lobbes]”<sup>646</sup> após ter recebido alguns privilégios na sua volta à Lotaríngia em 968<sup>647</sup>, o autor compôs uma narrativa final menos intransigente: além de não ter incluído a expressão “gravíssima e perniciosa conspiração”, ele tampouco buscou deslegitimar categoricamente as atitudes de Ratério se referindo à violação do batismo: “Ratério, então, já que ostentava causas de inimizade prévia, invadiu o local.”<sup>648</sup>

Com a ascensão de Notger ao bispado de Liège em 972, Folcuíno ressaltou no texto a forma do conflito ter sido conduzido, tendo em vista a busca por uma reconciliação. Consequentemente, foi selada a sua volta ao cargo abacial, bem como a restauração do bom relacionamento com o padrinho até a morte deste, em 974, sepultado de forma solene na cripta abacial da Igreja de São Ursmar:

Aquele ano [971] foi assim conduzido até a morte do bispo Eráclio, que foi sucedido por Notger. [...] Não querendo que os inícios [de seu episcopado] fossem considerados triviais ou precipitados, Notger evocou os abades Werenfrido de Stavelot-Malmedy e Heriberto de Saint-Hubert. Com o apoio de alguns irmãos [parte da comunidade monástica], primeiro Notger procurou resolver as origens da conspiração. Para tanto, ele examinou os encontrados [Werenfrido e Heriberto], e conduziu por último os que discutiram [Folcuíno e Ratério] a um julgamento. Quando notou que todos estavam em condições frívolas, ele reconciliou os irmãos [os monges de Lobbes] ao abade [Folcuíno] e o restituiu ao seu posto. Ratério retornou para Aulne, monastério onde ambos, isto é, ele próprio e o abade foram reconciliados, no qual viveu o restante da sua vida. Depois em Namur, aí por acaso onde deteve-se um pouco com o conde, ele faleceu. O corpo foi transportado para nós [monastério de Lobbes]; tendo sido os ritos

---

não inclusos na versão definitiva de Folcuíno no período final de seu abaciado. É o caso principalmente do capítulo 28, que reúne os eventos de Lobbes no período compreendido entre a nomeação de Folcuíno, em 965, e a reclusão de Ratério em Aulne, em 974.

<sup>644</sup> Ibidem, p. 423: “Ratherius, ut manifestaret causas superioris imicitiae, postponens eam quae ex bapismo est filiationem locum invadit”.

<sup>645</sup> Ibidem: “[...] facta conspiratione perniosa et gravissima, abbas, ut persensit episcopum Eueracum sic quoque uelle – nam nostrum nihil aliud est dicere – cessit loco”.

<sup>646</sup> GaL, p. 70: “Sed ipse locum nostrum semper execrans, abbati insidias machinabatur, instigantibus eum ad hoc nonnullis”.

<sup>647</sup> GaL, p. 70: “Dederat autem ei et abbas cum consensu fratrum villas Stratam et Gosiniacas, et abbatiolam sancti Ursuari, et aliam quam Waslare monasterium vocant”.

<sup>648</sup> GaL, p. 70: “Ratherius, ut ostenderet prioris inimicitiae causas, locum invadit”.

funerais pontificais solenemente celebrados, Ratério foi enterrado honradamente na Igreja de São Ursmar na parte setentrional.<sup>649</sup>

Desse modo, a *Gesta abbatum Lobiensium*, incluindo as suas modificações indicadas acima, testemunham diretamente os eventos ocorridos na comunidade monástica nos anos 970. Uma vez que o processo de produção do texto corresponde ao período durante o qual o conflito mencionado transcorreu, é possível examinar as nuances do desenvolvimento da escrita e estabelecer nexos entre a composição do documento e as transformações da visão de seu autor.

Se este difamou Ratério num primeiro momento, acusando-o de desonrar o compromisso batismal em virtude da conspiração, a narrativa final, moldada após o término do conflito, foi constituída para demonstrar que, apesar desse ligeiro contratempo, Folcuíno, ao se reconciliar com o padrinho e se consolidar como abade, teria garantido a continuidade dos tempos prósperos de seu monastério. A *Gesta*, em suma, procedendo a uma interpretação conciliadora da história lobiana no final do século X, é um meio de enaltecer, harmonizar e legitimar a posição ocupada pelo seu escritor.<sup>650</sup>

Por fim, com relação aos bens materiais da abadia descritos no último capítulo da fonte, Folcuíno procurou deixar claro que muitos dos objetos litúrgicos, certamente presentes no cotidiano da comunidade monástica no período de escrita do texto (978-990), bem como outras riquezas, pertenciam de fato a Lobbes, e foram incorporados, sobretudo, em virtude das ações executadas por este abade e pelo bispo Notger:

O refeitório, estando muito elegante, teve sua construção finalizada. Ele foi fundado e concedido a Deus. Na entrada, Notger fez um vestíbulo, no qual projetou um ducto subterrâneo para a passagem de água [...]. Então o refeitório foi consagrado pelo senhor bispo com velas [...] A Igreja de São Paulo, que os húngaros haviam incendiado, ele recuperou, a qual anexou a casa dos enfermos [...]. A Igreja fora restaurada com os ornamentos mais elegantes, o que fez com que ela se tornasse belíssima. A mesa do altar, que era insignificante, Notger tornou-a prateada; ele

---

<sup>649</sup> GaL, p. 70: “Annus ille sic ductus est, donec defunctus est Evracrus episcopus et in loco eius Nothgerus successit. [...] Qui nolens primordia sua levia aut praecipitata haberi, evocatis abbatibus, Werinfredo videlicet a Stabulaus et Heriberto ab Andagino, cum aliquibus fratribus, primum conspirationis exordia quaerit, inventa trutinat et discutit, discussa demum iudicio utitur. Ubi perspexit omnia esse frivola, fratres a bbati reconciliat, ipsum restituit. Ratherius Alnam revertitur, ubi uterque, ipse videlicet et abbas, sibi reconciliatus, de reliquo deguit. Qui postea apud Namurcum, cum ibi forte cum comite aliquantulum moraretur, vita decessit. Cuius corpus ad nos delatum, pontificalibus exequiis solemniter celebratis, honorifice est tumulatum in ecclesia sancti Ursmari ad partem aquilonarem”.

<sup>650</sup> Argumento desenvolvido de modo semelhante em: REMBOLD, Ingrid. History and (Selective) Memory: Articulating Community and Division in Folcuin’s *Gesta abbatum Lobiensium*. In: SCREEN, Elina; WEST, Charles (Eds.). **Writing the Early Medieval West**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 64-79.

decorou a mesma casa do altar e o teto desta. [...] E ele ainda fez uma coroa de prata, na qual escreveu versos.<sup>651</sup>

Buscando se inserir na memória litúrgica dos monges locais e obter aceitação deles, Folcuíno defende que seria, portanto, o responsável direto, junto com o bispo de Liège, por assegurar o incremento material e a serenidade espiritual que permitiriam a continuidade regular dos ofícios monásticos. Para encerrar a narrativa, o autor cita a construção de dois sinos que simbolizariam o engajamento perpétuo e ininterrupto do monastério a serviço de Deus, iniciado apenas durante o seu abaciado:

E [Notger] fez dois grandes sinos, um dos quais, que era o maior, dedicou-o a São Pedro, e o outro, a São Ursmar. E no verso desse primeiro está escrito o seguinte: “A mão artística de Daniel me estabelece pela ordem de Folcuíno, para que eu exalte em favor da Santíssima Trindade”. E no outro apenas isso: “Folcuíno, em nome de Deus e de seu protetor São Ursmar”.<sup>652</sup>

A redação da *Gesta abbatum Lobbiensium* e o modo de sua narrativa ter sido concebida se devem a diversos fatores inter-relacionados.<sup>653</sup> Em primeiro lugar, o documento buscou organizar com maior clareza o histórico de algumas doações e privilégios concedidos ao longo das sucessões dos abades, assim como registrar determinados bens que pertenceriam a Lobbes, especialmente aqueles mais importantes para sua definição no momento presente da escrita.<sup>654</sup> O texto, assim, síntese da história monástica, foi concebido para melhor consolidar a

<sup>651</sup> GaL, p. 70-71: “Refectorium a fundamento coeptum, et Deo concedente satis elegans perfectum. In cuius introitu fecit vestibulum, in quo per subterraneos meatus aquae ductum fecit [...] Quod refectorium a domno Tiedone episcopo consecratum est [...]. Ecclesiam sancti Pauli, quam Hungari incenderant, retexit, cui domum infirmorum annexit. [...] Ecclesia quia per se satis elegans erat, ut in ornamentis elegantior redderetur operam dedit; quam de pulchra fecit pulcherrimam. Cuius altaris tabulam, quia nulla erat, fecit argenteam; domum ipsam altaris et laquear ipsius apprime pinxit. [...] Fecit et coronam argenteam, in qua versus scripsit”.

<sup>652</sup> GaL, p. 71: “Fecit et campanas duas maiores, quarum unam, quae maxima erat, sancto Petro, et aliam sancto Ursmaro dedit. In ista versus hii inscripti sunt: Iussu Fulcuini me condidit artificis manus Danielis, ad laudem Triadis. In alia istud tantummodo: Fulcuinus Deo et patrono suo sancto Ursmaro”.

<sup>653</sup> MAZEURE, op. cit., 2014, p. 247: “Car des facteurs divers liés au contexte local influencent fortement les choix faits lors de la rédaction de récits historiographiques: le développement institutionnel et les relations sociales de la communauté, la tradition de l’écrit mémoriel au sein de l’abbaye, l’état des archives et la personnalité propre des auteurs et des commanditaires”.

<sup>654</sup> Isso não significa dizer que a *Gesta* tenha sido composta para servir como um instrumento arquivístico, de modo a descrever o histórico de transferência de bens fundiários e propriedades. Este documento, ao contrário do outro texto de Folcuíno redigido em Saint-Bertin, praticamente não transcreveu cópias de cartas de doações e demais documentos diplomáticos. Apesar dessa “emancipação metodológica do Folcuíno historiográfico”, permanecem algumas breves menções a aquilo que constituía o patrimônio da abadia, bem como às concessões e privilégios obtidos, elementos que, portanto, faziam parte da história institucional lobiana: “Folcuin change d’avis quant à la meilleure manière d’emprunter aux actes et de prendre soin, en même temps, de leur transmission. La manière dont il compose ensuite les *gesta* de Lobbes confirme cette interprétation. Il y réduit les actes presque exclusivement à leur rôle de recueil de données historiques, mais veille en même temps à garantir l’autorité et la véracité de celles-ci en renvoyant à la disponibilité et à la lisibilité des actes conservés au chartrier”. Extraído de: MAZEURE, op. cit., 2014, p. 250.

identidade institucional da abadia, que estava em vias de se estabelecer como um espaço de poder particular no final do século X.

Composto logo após períodos de turbulências, ele visava pontuar, em segundo lugar, que o monastério sob Folcuíno seria, a partir de então, um lugar de poder estável, cujas propriedades estariam bem estabelecidas. Portanto, o autor criou uma narrativa que pudesse constituir uma memória favorável à sua função como abade, de modo que fosse visto como o clérigo que finalmente trouxe paz e prestígio a Lobbes, em contraponto às disputas e consequentes instabilidades que tanto teriam caracterizado a abadia ao longo dos séculos, em especial nos últimos anos, como representado pelo conflito deflagrado com Ratério. Nesse sentido, o documento poderia assegurar a reconciliação e a coesão interna entre os monges e o seu abade.

Para tanto, a retórica da paz eclesiástica cumpriu um papel fundamental. Folcuíno enalteceu especialmente os reis francos – merovíngios e carolíngios –, bem como o Imperador Germânico Otão I, indivíduos que, assim como ele, estariam empenhados no cumprimento das virtudes cristãs, traduzidas pela proteção material e espiritual dos interesses específicos da comunidade lobiana, o que viabilizaria a realização plena e contínua dos serviços e ofícios monásticos em nome de Deus.

Finalmente, sabemos que a *Gesta abbatum Lobiensium* poderia ser um instrumento de legitimação, ou seja, uma ferramenta escrita para que os abades pudessem reivindicar seus direitos particulares e as respectivas autoridades sobre o local. Nesse sentido, a fonte não foi redigida apenas em função dos interesses políticos pessoais de Folcuíno, inseridos no contexto do final do século X. Por ser tratar de uma obra de referência deixada para a posteridade, ela seria armazenada nos arquivos monásticos, constituindo uma espécie de catálogo da biblioteca local.<sup>655</sup>

Os monges poderiam identificar os traços definidores característicos da história do desenvolvimento da instituição, e ainda teriam a oportunidade de acrescentar ou alterar informações relativas aos atos e às sucessões dos futuros abades. Com efeito, um escritor anônimo de Lobbes em 1162 retomou o trabalho de Folcuíno, se comprometendo a registrar os principais eventos da história lobiana ocorridos a partir de 990, ano em que o primeiro autor

---

<sup>655</sup> VANDERPUTTEN, op. cit., 2004, p. 78: “His later work as a hagiographer, historiographer and compiler of the first known library catalogue of Lobbes conclusively demonstrate a strong interest in Classic authors [...]”.

havia concluído suas intervenções. Essa complementação foi intitulada *Gesta abbatum Lobiensium continuata* e cobriu os atos dos abades até, aproximadamente, 1159.<sup>656</sup>

### **b) Os embates literários pela leitura do passado de Lobbes na época de fundação**

Além da *Gesta abbatum Lobiensium*, dispomos de outros textos referentes às movimentações políticas de Ratério e Folcuíno, nas proximidades da região de Liège, ao final do século X. Conforme será examinado, demonstraremos a existência de leituras divergentes com relação ao passado de Lobbes e de suas cercanias, especialmente no que concerne os primeiros anos transcorridos da sua fundação, em meados do século VII. Argumentaremos que é possível estabelecer relações entre essas distintas interpretações com a querela deflagrada por volta de 970.

Em primeiro lugar, podemos destacar que Folcuíno buscou reforçar o culto a São Ursmar – que fora bispo e um dos primeiros abades fundadores de Lobbes –, enfatizando seus milagres e suas virtudes e demonstrando a sua importância para desenvolvimento monástico posterior. Ora, havíamos analisado na *Gesta abbatum Lobiensium* que, de acordo com seu escritor, Ursmar teria se beneficiado de boas relações com o prefeito de palácio Pepino de Herstal, o que viabilizou medidas fundamentais para a fundação e consolidação institucional da abadia, como a consagração da Igreja abacial de São Pedro.<sup>657</sup> E não apenas isso: Ursmar seria o responsável pelo incremento da arquitetura eclesiástica lobiana, construindo edifícios como a Igreja paroquial de Notre-Dame:

Não foi permitido de forma alguma poluir a Igreja [abacial de São Pedro] com os cadáveres dos mortos [isto é, não seria mais permitido nenhum sepultamento], por isso ele [Ursmar] fez ainda uma outra Igreja [Notre-Dame] pela honra de Santa Maria, no ponto mais alto da montanha, conectando-a ao referido monastério [Lobbes]; ali o cemitério dos fiéis foi constituído, e para lá que o povo deveria confluir. De fato, seria a partir de então ilegal, salvo por certo tempo, o acesso de mulheres na outra [a Igreja abacial de São Pedro].<sup>658</sup>

---

<sup>656</sup> BERKANS, Frans Henri (Ed). *Gesta abbatum Lobiensium continuata*, Actes des abbés de Lobbes continuation de ceux de Folcuin, Lobbes: Cahiers de Thudine, 1993. ARNDT, Edente Wilhelmo. (Ed.). *Gesta abbatum Lobiensium*. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum XXI. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1869, p. 307-333. Pouco se sabe sobre a autoria deste texto. O monge que o redigiu não se identifica, escrevendo, portanto, de forma anônima. Tampouco está claro se havia relação direta entre a composição da fonte e possíveis interferências de Franco II, o abade contemporâneo à escrita. Esta hipótese, todavia, parece ser bastante plausível.

<sup>657</sup> Ver páginas 159-160.

<sup>658</sup> GaL, p. 57: “Quam ecclesiam nequaquam passus pollui cadaveribus mortuorum, fecit aliam in honore sanctae Mariae in montis vertice, cui subiacet praedictum monasterium; ubi cimiterium constituit esse fidelium, et ad quam conflueret populus; nam illicitus, ut nunc quoque nisi certo tempore, apud aliam erat feminarum accessus”.

Folcuíno ainda ressalta que a comunidade monástica deveria dar os créditos a Ursmar pela edificação de estabelecimentos religiosos adjacentes, incorporados ao patrimônio de Lobbes<sup>659</sup>:

Ele mesmo [Ursmar] também construiu um monastério em Aulne e o submeteu a Lobbes. Também edificou o dito monastério de Wallers, no pasto/floresta de Teorácia, nas fronteiras com Fânia, para o qual nomeou como abade Dodone, absolutamente um homem santo, já que ele próprio [Ursmar] o havia instruído. Tendo aí permanecido por muito tempo, ele [Dodone] desejou a solidão, e por isso foi construída a “célula” na mesma floresta em Fânia, com a permissão e licença do piedoso pai [Ursmar]; ele [Dodone] viveu aí ao longo da vida de forma contemplativa, onde depois esse célebre homem migrou em direção ao Senhor [faleceu], acompanhado de muitas virtudes.<sup>660</sup>

A narrativa da *Gesta*, assim sendo, atribuiu ao Santo Ursmar um papel espiritual e material preponderante no desenvolvimento institucional do monastério em sua época de fundação.<sup>661</sup> Segundo o autor, este homem teria dedicado grande parte da sua vida à expansão dos ensinamentos do Cristianismo:

Por outro lado, o Santo Ursmar, como estava sempre atento, tendo recebido as almas, se dirigiu de Flandres até as fronteiras de Menapo pela graça de pregar, onde eram tidas até então superstições vãs/pagãs na cerimônia religiosa do povo. Os convertidos pelo ensinamento da fé de Cristo constituíam um grande herdeiro de parte de suas propriedades, entre as quais se incluía essa Igreja de Cristo em Lobbes.<sup>662</sup>

Sua morte em 713 é vista somente como uma separação da prisão do corpo, já que seria levado ao paraíso celestial, onde desfrutará, com muito êxito, de Deus.<sup>663</sup> A partir de então, ele seria reconhecido como santo, recebendo cada vez mais a admiração dos fiéis. Sua celebração fora ainda renovada com a elevação de suas relíquias e de seus restos mortais em

<sup>659</sup> Fazemos alusão ao mapa 6 representado na página 153, que ilustrou a localização de Lobbes e de alguns monastérios situados nas proximidades, incluindo Wallers e Aulne.

<sup>660</sup> GaL, p. 57: “Monasterium quoque in Alna ipse construxit et Lobiis subiecit. Monasterium quoque Waslare dictum, versus Teoraciae saltum, in finibus Faniae aedificavit, cui et Dodonem praefecit, virum admodum sanctum, utpote a se instructum, qui aliquantisper inibi demoratus, heremum concupivit, extractaque in eodem Faniae saltu cellula, cum permissu pii patris et licentia, vita in ea vixit theorica; ubi postea multis virtutibus clarus migravit ad Dominum”.

<sup>661</sup> A leitura parcial da história de uma comunidade monástica no período de sua fundação não é algo novo para Folcuíno. Como havíamos demonstrado na análise da *Gesta abbatum Sithiensium* no capítulo 2, ele salientou a particular relevância da atuação de Bertin na formação da abadia de Sithiu, minimizando o papel de outras figuras que estiveram envolvidas no processo.

<sup>662</sup> GaL, p. 57-58: “Sanctus autem Ursmarus, ut erat semper lucrando animabus intentus, praedicandi gratia se Flandriae intulit versus Menapum fines, qui ritu gentis adhuc detinebantur vanis superstitionibus. Cuius doctrina ad fidem Christi conversi, non minimae partis praediorum suorum illum faciebant heredem, et eam quae in Lobbiis ecclesiam Christi”.

<sup>663</sup> GaL, p. 58: “Beatus igitur Ursmarus virtutum omnium commerciiis plenus, officio sibi credito fideliter administrato, locoque priscis monasteriis regia munificentia constructis coaequato, solvitur carnis ergastulo, et coelesti introfertur paradiso, ubi nunc et semper, nostri petimus memor, feliciter fruatur Deo”.

823, durante o abaciado de Fulrado.<sup>664</sup> Por conseguinte, Folcuíno identifica que a celebração do mártir de um dos santos fundadores seria doravante uma atividade imprescindível e definidora da identidade de monástica local.

Essa importância pode ser testemunhada ao final da narrativa, isto é, a partir do capítulo 30. Como comentamos na análise da *Gesta abbatum Lobiensium*, o autor deixou então de descrever os eventos do monastério de Lobbes e começa a reunir os milagres *post mortem* de São Ursmar, indicando que estava particularmente interessado em expandir os seus ensinamentos.<sup>665</sup>

A santificação desse indivíduo aparenta ter sido uma das tarefas primordiais: os milagres inseridos na *Gesta abbatum Lobiensium* foram em sequência descritos em um novo documento. Para tanto, Folcuíno se aproveitou da existência prévia em Lobbes de uma tradição hagiográfica dedicada a Ursmar<sup>666</sup>, e compôs sua versão particular denominada *Miracula Ursmari*.<sup>667</sup> Efetivamente, há correspondência direta entre ambos os textos. Nos primeiros quinze capítulos da hagiografia são expostas realizações que já haviam sido anteriormente registradas em capítulos da *Gesta*.<sup>668</sup>

Portanto, não resta dúvidas de que Folcuíno, por intermédio de seus textos do período, tentou aprofundar o culto e o reconhecimento de Ursmar em sua comunidade local. Tanto na hagiografia quanto no texto narrativo, ele buscou explicitar que este santo seria o principal mártir fundador de Lobbes, bem como das instituições adjacentes Aulne e Wallers, que teriam sido incorporadas ao patrimônio abacial.

Por outro lado, essa interpretação da história monástica lobiana referente aos seus princípios não era a única. Concomitante a tal explicação, havia também por volta de 970 outra leitura, que estipulava uma visão distinta do passado, principalmente no que concerne o século

---

<sup>664</sup> Ver páginas 161-162.

<sup>665</sup> Na *Gesta abbatum Lobiensium*, os capítulos finais (30 a 44) compõem, assim, um dossiê hagiográfico relativo ao São Ursmar.

<sup>666</sup> Há indícios de que o abade Anson, por volta de 770, teria redigido sua *Vita Ursmari secunda*. Dado que foi conservado por muitos anos, o texto foi seguramente uma das referências de Folcuíno na composição da sua versão. O próprio Ratério, como discutimos no capítulo 1, já havia elaborado um novo documento por volta de 939, a *Vita Ursmari tertia*, durante seu exílio em Como, sendo também outro possível material de consulta para Folcuíno. Por fim, o clérigo Heriger, que se tornaria abade de Lobbes após a morte de Folcuíno em 990, havia composto uma *Vita Ursmari* em versos, por volta de 965. Retomaremos abaixo a relação estabelecida por Ratério com Ursmar e a fundação de Lobbes. A respeito desses detalhes dos manuscritos: DOLBEAU, François. La diffusion de la "Vita S. Ursmari" de Rathier de Vérone. In: **Recueil d'études d'hagiographie médiévale offert à Guy Philippart**. Turnhout: Brepols, 2005, p. 181-207.

<sup>667</sup> HOLDER-EGGER, Oswald (Ed.). **Ex Miraculis SS. Ursmari et Ermini**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum XV/2. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1888, p. 832-837.

<sup>668</sup> Eles são, respectivamente, os capítulos XXV, XXX, XXXI, XXXVI, XL, XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVII, XXXVIII, XXXIX, XLI, XLIII, XLIV e XLII. DIERKENS, Alain. La production hagiographique à Lobbes au Xe siècle. In: **Revue Bénédictine**, vol. 93, 1983, p. 252.

VII, na época de fundação. Se, por um lado, Folcuíno enfatizou na *Gesta* e na *Miracula* o papel imprescindível de Ursmar na composição do monastério, destacando aspectos da celebração posterior de sua santidade, por outro, houve um texto redigido no início do século X<sup>669</sup> que trouxe à tona os feitos de Landelin, o primeiro abade e considerado pela historiografia como o fundador de Lobbes de fato.<sup>670</sup>

De acordo com essa perspectiva, teria sido a ele – e não a Ursmar – incumbido a construção e consagração da Igreja abacial de São Pedro.<sup>671</sup> Nessa hagiografia, os mosteiros de Aulne e Wallers são apresentados como estabelecimentos separados (as expressões em latim são bem claras a respeito “*disparatum e discretum a Laubias/Laubaco*”) e, portanto, independentes institucionalmente de Lobbes. Na versão de Folcuíno, porém, vimos anteriormente que Ursmar teria não apenas construído Aulne e Wallers, mas também vinculado ambos à Igreja abacial de São Pedro.<sup>672</sup>

As comemorações relativas a Landelin presentes na *Vita Landelini* em prosa não ficaram restritas ao contexto do início do século X. Por volta de 970, uma nova versão, conhecida como *Vita Landelini metrica*<sup>673</sup>, foi redigida de forma anônima<sup>674</sup> em Lobbes, e retomou praticamente quase todos os elementos do texto anterior, incluindo a preponderância do papel de Landelin em detrimento de Ursmar, bem como a autonomia institucional de Aulne e Wallers. Desse modo, notamos que, no final do século X, existiam duas visões opostas e conflitantes a respeito do passado local na época da fundação do monastério. A presença dessas

<sup>669</sup> Se trata da *Vita Landelini* em prosa, editado em: KRVSCH, Bruno; LEVISON, Wilhelm (Eds.). **Vita Landelini abbatis Lobiensis et Crispiniensis**. In: Monumenta Germaniae Historica, Passiones vitaeque sanctorum aevi Merovingici (IV). Hannover: Impensis Bibliopolli Avlici Hahniani, 1913, p. 433-443.

<sup>670</sup> DIERKENS, op. cit., 1983, p. 256: “Au milieu du XIIe siècle en tout cas, Hugues de Lobbes fait explicitement de Landelin le fondateur de Lobbes, Aulne et Wallers”.

<sup>671</sup> KRVSCH, Bruno; LEVISON, Wilhelm (Eds.), op. cit., 1913, p. 441-442: “Cumque igitur in pace reversus fuisset, licentia cum benedictione accepta a beato pontifice Audberto, profectus est in pagum nuncupatum Hainou in locum super fluvium Sambram situm, qui ex nomine rivuli decurrentis in praefatum flumen vocatur Laubacus, et ibi [Landelin] construxit sibi et discipulis suis monasteriales habitationes, et quod ille Deo annuente fideliter coepit, postmodum a successoribus, qui per eius ministerium in loco eodem aggregati sunt, feliciter est peractum. **Constuxit etiam aliud monasterium in pago Sambreo nomine Alneo [Aulne], discretum a Laubaco tribos iuxta Sambram milibus**, quod fulget principis apostolorum sacris pigneribus ac munitur praeclaris eius virtutibus. Tertium quoque **aedificavit coenobium in Templutensi pago, Guaslaris [Wallers] dictum, disparatum octo leuguis a Laubias primitivo suo monasterio**, quod ut superiora clavigeri regis superni, sancti scilicet Petri, consecrari fecit nomine atque sanctitate. Horum quidem duorum magis ditavit commertiis habitacula, sed Laubias regiis honoravit muneribus ac villarum famulorumque inedibili replevit copia”. Grifos nossos.

<sup>672</sup> Ver páginas 173 e 174. Na *Gesta*, foi proposto que Aulne, após sua edificação, estaria sujeito a Lobbes “*Lobii subiecit*”. Já Wallers teria tido como primeiro abade um clérigo, Dodone, um discípulo de Ursmar nomeado diretamente por este. Portanto, vemos que, na interpretação de Folcuíno, esses dois estabelecimentos, além de terem sido construídos sob a égide de Ursmar, e não de Landelin, não eram institucionalmente separados e/ou independentes em relação a Lobbes.

<sup>673</sup> STRECKER, Karl (Ed.). **Die Lateinischen Dichter des Deutschen Mittelalters**. Fünfter Band. Die Ottonenzeit. *Vita S. Landelini*. Leipzig: Monumenta Germaniae Historica, 1937, p. 211-225.

<sup>674</sup> Apesar do anonimato, há indícios de que a obra teria sido composta na escola claustral de Lobbes: DIERKENS, op. cit., 1983, p. 251.

versões concorrentes e simultâneas pode ser explicada, em partes, pelo contexto do conflito entre Ratério e Folcuíno.<sup>675</sup>

No início do capítulo, expusemos que, após ter sido deposto pela terceira e última vez do bispado de Verona, em 968, Ratério retornou à Lotaríngia e passou a receber parte dos rendimentos referentes à Aulne e Wallers. Sua presença nesses monastérios pode ter estimulado o incremento da tradição de Landelin, evidenciada pela escrita, nesses mesmos anos, da *Vita Landelini metrica*. Ora, vimos que este documento estipulava a separação física e política de ambas as instituições com relação a Lobbes.

Assim, podemos formular a hipótese de que a influência de Ratério impulsionou o crescimento da hagiografia dedicada a São Landelin, em detrimento de Ursmar.<sup>676</sup> Com o intuito de explicitar que tanto Aulne quanto Wallers – isto é, suas possessões recentemente adquiridas – não seriam dependências de Lobbes, ele evocou uma história da fundação que lhe conviesse, ou seja, que comprovaria sua autonomia em relação à Igreja abacial de São Pedro, e, conseqüentemente, ao abade Folcuíno.

A hipótese com um argumento contrário parece ser igualmente plausível. A presença da outra explicação, que privilegia os feitos de Ursmar em detrimento de Landelin, foi incrementada por Folcuíno em seus dois textos, a *Gesta abbatum Lobiensium* e a *Miracula Ursuari*. Ele o fez, pois os textos hagiográficos relativos a Ursmar determinavam, como vimos, a preponderância histórica de Lobbes, desde a sua fundação, com relação aos estabelecimentos monásticos adjacentes, incluindo Aulne e Wallers, que dependeriam institucionalmente da Igreja abacial de São Pedro. Essa leitura aparenta ser extremamente conveniente para Folcuíno: enquanto abade, estava interessado em expandir a sua própria influência política e a de seu monastério, o que abarcava o domínio sobre instituições mais próximas, como aquelas nas quais Ratério esteve presente.

As disputas locais entre o afilhado e seu padrinho, ocorridas por volta de 970, encontraram assim ecos na produção literária do período relativa à época de fundação da abadia.<sup>677</sup> Enquanto Folcuíno buscou consolidar uma história na qual, por intermédio da

---

<sup>675</sup> DIERKENS, op. cit., 1983, p. 254: “C’est le contexte général de l’histoire de Lobbes vers 970-975 qui explique, sans équivoque, la présence de traditions contradictoires à Lobbes. Dans ces années-là, on assiste à une nouvelle opposition entre Folcuin et Rathier”.

<sup>676</sup> Vimos no capítulo 1 que Ratério, na época do exílio em Como – por volta de 939 –, havia escrito e enviado à comunidade monástica de Lobbes a *Vita Ursuari tertia*. No entanto, destacamos que 30 anos depois, num contexto completamente distinto, ele alterou a leitura feita a respeito dos primeiros anos da abadia. Afinal de contas, seria prejudicial exaltar e reiterar a tradição de São Ursmar, que, por vincular estreitamente Aulne e Wallers a Lobbes, estabelecería sua sujeição ao abade Folcuíno.

<sup>677</sup> Já sugerido em: BOLDRINI, Vitor. Os escritos episcopais e monásticos enquanto vestígios das movimentações políticas e sociais de Folcuíno de Lobbes (935-990) e Ratério de Verona (890-974). In: **Revista Epígrafe**, v. 10, n. 2, 2021, p. 540.

valorização do Santo Ursmar, o monastério prevalecesse sobre os estabelecimentos vizinhos, Ratério tentou enfatizar, por meio da tradição vinculada a São Landelin, que Aulne e Wallers gozavam de liberdade, não devendo, por isso, pagar qualquer tributo, tampouco se sujeitar a Lobbes e ao seu abade.

Para ambos, parecia ser de suma importância consolidar uma dessas visões diante dos demais indivíduos inseridos nesse quadro, como os monges locais. Folcuíno, o então abade, priorizava uma interpretação histórica que fosse mais favorável ao desenvolvimento contemporâneo do seu monastério, enquanto Ratério privilegiava um argumento histórico em prol da autonomia e extensão de Aulne e Wallers, duas das mais recentes instituições sob o seu controle.

#### 4.3) A expansão de Lobbes e de Liège após a querela (974-1008)

Conforme expusemos no início deste capítulo, o conflito foi solucionado por intermédio do novo bispo de Liège, Notger, em 973. Ratério concordou em se retirar definitivamente no monastério de Aulne, tendo falecido no ano seguinte, já com mais de 80 anos de idade. Folcuíno, por sua vez, foi reconduzido ao cargo abacial de Lobbes, onde permaneceu executando essa função de maneira contínua e ininterrupta até sua morte, em 16 de setembro de 990.<sup>678</sup>

Para avaliar esses quinze anos subsequentes, dispomos de algumas informações fornecidas pelas fontes diplomáticas da época. Além do já mencionado diploma de imunidade<sup>679</sup> concedido pelo Imperador Germânico Otão II em 973, que garantiu proteção imperial tanto à abadia de Lobbes quanto ao bispado de Liège<sup>680</sup>, temos também o registro de uma bula pontifical datada de 01 de fevereiro 990.

Nela, o papa João XV destacou que o monastério, estreitamente vinculados aos bispos de Liège, era um espaço religioso muito importante, que poderia, a partir de então, gozar da imunidade e proteção papal. Além disso, seria reconhecida a autoridade política de seu

<sup>678</sup> DIERKENS, op. cit., 1985, p. 124.

<sup>679</sup> Ver página 155.

<sup>680</sup> O texto também cita que a Igreja paroquial de Notre-Dame, construída na época merovíngia, foi expandida e transformada por Folcuíno no capítulo catedralício de São Ursmar, uma comunidade na qual atuavam doze cônegos dependentes do abade de Lobbes: “[...] monasterium autem in montis eiusdem coenobii vertice positum, ubi requiescunt praedictorum corpora sanctorum, ubi est etiam cimiterium fidelium, XII semper canonicis deputetur [...] ut [...] abbatis seu monachorum ordinationi subiaceant.” SICKEL, Theodor (Ed.). **Diplomata Ottonis II et Ottonis II**. Stuttgart: Monumenta Germaniae Historica: 1888-1893, p. 63-64.

abade, assim como a permissão para o usufruto de vestimentas litúrgicas particulares para a celebração da missa:

[...] nós confirmamos, pela mesma proteção da nossa imunidade, para que o abade, que é sempre nomeado entre os monges, seja assim escolhido entre eles, embora o bispo de Liège seja o responsável por designá-lo aos mesmos [...]. E concedemos aos abades desse monastério o uso do anel dourado, das sandálias e das túnicas subdiaconais para a celebração da missa, assim como ter o poder de se ligar e de se dissolver com a autoridade/autorização prévia de seu bispo [de Liège].<sup>681</sup>

Diante dessas evidências documentais, podemos deduzir que Lobbes se tornou, no final do século X, um importantíssimo centro monástico da Lotaríngia, sob o impulso de seu abade Folcuíno.<sup>682</sup> Apesar de ser um relato parcial e, como vimos, dispor de informações delicadamente selecionadas pelo seu autor, a *Gesta* expôs acerca do incremento da prosperidade material e espiritual da abadia nesse contexto.<sup>683</sup>

A *Gesta abbatum Lobiensium continuata*, escrita em meados do século XII, registrou alguns elementos da comunidade monástica durante o abaciado de Folcuíno e nos anos imediatamente posteriores. As informações reiteram determinados aspectos apontados pelos textos do século X. Por exemplo, o diploma de imunidade, que havia sido concedido em 973 pelo Imperador Otão II ao bispo Notger, e que foi confirmado por intermédio da autoridade apostólica de João XV em 990, foram documentos novamente mencionados para definir que o abade de Lobbes deveria ser regular – isto é, o cargo não poderia mais ser ocupado diretamente pelo bispo de Liège, tal como fora o caso entre 889 e 957 – e escolhido pela comunidade monástica. É mencionado também o relevante papel de Folcuíno nesse cenário:

A imunidade da nossa Igreja [Lobbes], fornecida ao senhor bispo Notger, fora primeiramente acordada pelo Imperador Otão II. Posteriormente, agindo o bispo deste [o próprio Notger, visto como um bispo de Otão II], o abade Folcuíno obteve a confirmação a partir da autoridade apostólica do papa João XV. [...]. Por intermédio de Notger, que era o sucessor de Eráclio, nos foi concedido e confirmado pelo mencionado papa João XV, tal como desde o início até o abaciado de Franco, que a

<sup>681</sup> ZIMMERMANN, Harald (Ed.). *Papsturkunden* 896-1046. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1984, p. 592: “[...] sub eadem immunitatis nostrae tuitione confirmamus, ita ut a monachis semper incolatur et abbatem de suis habeant, quem tamen episcopus Leodiensis eis praefecerit [...]. Et concedimus eiusdem loci abbati annulo aureo ubique et sandaliis in celebratione missae et tunicis subdiaconalibus uti, salva etiam vel praemissa sui episcopi auctoritate potestatem ligandi et solvendi habere”.

<sup>682</sup> VANDERPUTTEN, op. cit., 2004, p. 91: “Folcuin's transfer to Lobbes by no means interrupted his career as an author. Indeed, his greatest achievement had yet to come. Besides its troubled recent history, the abbey had also become famous for its artistic and intellectual splendour, and quite possibly attracted the new abbot for this reason. He rapidly immersed himself in the history of the abbey as well as its literary past and became a promoter of local arts, architecture and literature. Evidence of this policy can be found in his already mentioned catalogue of the abbey's library, his *Gesta* of the abbots of Lobbes (NaSo F013)94 and his hagiographic work, dedicated to his saint uncle Folcuin and Lobbes' own saint Ursmarus”.

<sup>683</sup> Ver páginas 167-170.

partir de então deveríamos ter um abade regular. O poder de designá-lo, que nesta Igreja até o Rei Arnulfo os reis possuíam, os bispos de Liège mantiveram consigo através da concessão real, isto é, o abade, que doravante a congregação monástica escolhesse livremente para si, o nomeasse, e ainda estabelecesse apoio segundo o voto dos eleitores da Igreja. [...] O monastério contabiliza tantos livros em seus arquivos quanto ornamentos que haviam sido encontrados na Igreja pela ordenança no seu tempo [de Folcuíno], bem como escritos acrescentados também deixados para a posteridade. [...] nesses tempos é manifestado ter bastante florescido e revigorado os leitores pelos estudos das artes liberais e o culto da mesma religião.<sup>684</sup>

A livre escolha dos abades pelos monges locais pode ser demonstrada pela sucessão de Folcuíno. Após a sua morte, em 990, a função foi ocupada por Heriger, um dos clérigos mais prestigiados da comunidade lobiana.<sup>685</sup> Para tanto, foi redigida pelos monges de Lobbes uma carta aos bispos Notger de Liège e Rotardo de Cambrai, solicitando o reconhecimento dessa nomeação:

Carta enviada pelos monges de Lobbes aos bispos Rotardo de Cambrai e Notger de Liège. Não é nenhum absurdo ser observado que nós podemos inferir que os monges lobianos, agora há algum tempo desprovidos de um pastor [abade], solicitem ao senhor bispo Rotardo e a Notger de Liège, por meio do texto epistolar, para que seja escolhido Heriger como abade junto ao monastério. Eles pediram escrito deste modo.<sup>686</sup>

Assim como Folcuíno, Heriger também trouxe contribuições importantes para a abadia. De acordo com a *Gesta abbatum Lobiensium continuata*, ele buscou estimular o desenvolvimento da arquitetura monástica e expandir o mobiliário de itens religiosos. Executou o ofício do modo contínuo até o seu falecimento, em 1007:

Depois que Heriger fora nomeado abade, ele construiu este oratório na região ocidental da Igreja em honra de São Bento, e o fez para ser dedicado ao próprio bispo

<sup>684</sup> ARNDT, Edente Wilhelmo. (Ed.). **Gesta abbatum Lobiensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores XXI. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1869, p. 308-309: “Imunitatem ecclesiae nostrae, suggerente domno episcopo Notghero, ab Othone imperatore de nomine secundo innovari primum, postea eodem episcopo agente, a Iohanne papa autoritate apostolica confirmati obtinuit abbas Folcuinus. [...]. Per Nothgerum autem eiusdem Evracri successorem nobis concessum, et a prefato Iohanne papa confirmatum est, ut sicut ab initio usque ad Franconem, ita deinceps abbatem habere deberemus, sic tamen ut potestatem, quam in ipsa ecclesia esque ad Arnulphum regem reges habuerant, Leodinsensis episcopi regali concessione sibi retinerent, videlicet abbatem, quem congregatio libere sibi elegisset, ipsum freficerent, advocatum quoque secundum eligentium votum ecclesiae constituerent. [...]. Recensuit quantum librorum in armario, quantum ornatum in ecclesia ordinationis suae tempore invenerit, et quantum addiderit scripto etiam posteris reliquit. [...] ubi et studia liberalium artium et religionis cultum hisdem temporibus plurimum viguisse legentibus manifestum est”.

<sup>685</sup> “990. Obiit Fulcuinus, substituitur Herigerus natali Domini”. PERTZ, Georg Heinrich (Ed.). **Annales Laubienses**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores IV. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1841, p. 18.

<sup>686</sup> “Epistola, quam Laubienses monachi miserunt episcopis Rothardo Cameracensium, et Nocheri Leodensium. Nec absurdum videri putamus inserere, quod Laubiensis monachi, iam dudum pastore viduati, domnum Rothardum episcopum et Nocherum Leodecensium epistolariter aggressi, subrogari sibi abbatem Herigerum scripto huiusmodi petierunt”. Extraído de: BETHMANN, L. C. (Ed.). **Gesta episcoporum Cameracensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores VII. Hannover: Impensis Bibliopolli Avlici Hahniani, 1846, p. 445.

Notger. Donde ele apontou/atribuiu pela autoridade do mesmo bispo, pedindo aos irmãos para que fossem administradas as oferendas no dia da translação do beato Bento por todo tempo posterior. Ele incrementou bastante os ornamentos eclesiásticos e se ocupou em anotar nas cartas para que os monges ainda servissem com zelo a cúria episcopal, e para que ele se tornasse/consolidasse como abade. [...]. Ele faleceu já bem idoso, no ano 1007 da encarnação do Senhor, no dia 31 de outubro. Foi sepultado diante do altar do apóstolo São Tomás na Igreja de São Ursmar, que era realmente um altar, pois no dia desse mesmo apóstolo, para que o abade fosse efetivamente ordenado, ele havia construído e dedicado a esse mesmo apóstolo.<sup>687</sup>

As evidências documentais apontam que não apenas Lobbes, mas também Liège, o bispado ao qual o monastério esteve estreitamente vinculado, foi agraciado no final do século X com privilégios que trouxeram modificações substanciais. A ação política de seu bispo, Notger, resultaram na formação de um principado episcopal e na aquisição de condados e de fortificações, que constituíram um espaço simbólico significativo.<sup>688</sup> Consequentemente, fora projetado um poder territorial regional forte e estável, que se prolongou ao longo dos séculos XI e XII.<sup>689</sup>

O Imperador Otão II, em 980, confirmou a imunidade de proteção imperial e elencou algumas das principais possessões de Liège, incluindo o monastério de Lobbes. Sobre estas, somente os bispos, dotados de competências administrativas próprias, poderiam interferir. Por outro lado, as autoridades laicas, como os condes locais, não teriam o direito de usurpá-las:

[...] pelo nosso pai o Imperador Otão II, são confirmadas todas as possessões capitais dessa igreja matriz de Liège, a saber: Hoiium, Fosses, Tongres, Lobbes, Maslines. E sobre os demais locais onde todas as coisas e homens a ela pertencem, pois tendo sido excluído todo poder público, elas estão singularmente nas mãos dos bispos. Por isso nós, os observadores, ordenamos, por meio desse édito imperial, pela dignidade da mesma Santa Igreja, que nenhum conde, juiz ou bispo que o acompanhe, se arrisque a exercer poder sobre este local ou convocar julgamento, cobrar impostos e taxas,

<sup>687</sup> “Postquam vero abbas ordinatus est, construxit hoc oratorium ad occidentalem ecclesiae plagam in honore sancti Benedicti, quod ab eodem Nothgero episcopo dedicari fecit, et unde obsonium competens fratribus in die translationis eiusdem beati Benedicti omni in posterum tempore procuraretur, eiusdem episcopi autoritate assignavit. Ornatum ecclesiasticum, cum adhuc monachus episcopali curiae deserviret, et cum factus esset abbas, quantum adauxit, ipse quoque annotare litteris curavit. [...]. Obiit in senectute bona, anno dominicae incarnationis 1007 pridie Calendas Novembris, sepultusque est ante altare sancti Thomae apostoli in ecclesia sancti Ursuari, quod quidem altare, quod in die eiusdem apostoli ordinatus esset abbas, eidem apostolo ipse construxerat”. Extraído de: ARNDT, Edente Wilhelmo. (Ed.). **Gesta abbatum Lobbiensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum XXI. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1869, p. 309.

<sup>688</sup> MARGUE, Michel. Face à l'évêque, le comte. Politique ottonienne et pouvoir comtal en Lotharingie à l'époque de Notger. In: KUPPER, Jean-Louis; WILKIN, Alexis (Org.). **Évêque et prince**. Notger et la Basse-Lotharingie aux alentours de l'an Mil. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2013, p. 241: “Quand on observe globalement l'action politique de l'évêque Notger, on pourrait la résumer en deux objectifs et trois instruments : la formation des premiers éléments d'une principauté épiscopale et l'intégration dans le royaume de l'est pour les objectifs, et, pour les moyens, l'acquisition de comtés et de fortifications, la construction d'un lieu central fortifié et d'un espace symbolique signifiant”.

<sup>689</sup> KUPPER, Jean-Louis. **Liège et l'Église impériale aux XI-XIIe siècles**. Liège: Presses Universitaires de Liège, 1981.

estabelecer proibições ou exigir o retorno de navios de guarda, tanto nos mencionados locais quanto em todos os outros demais que agora são possuídos ou os restos que estão sendo possuídos.<sup>690</sup>

Os direitos episcopais de Notger e, conseqüentemente, de seus sucessores, foram ampliados por Otão III em 985, que forneceu aos bispos de Liège a função condal em Huy. A partir desse ano, seria concedida a possibilidade de executarem medidas que eram até então competências essencialmente de autoridades laicas, como a cunhagem de moedas e a cobrança de impostos. Esta foi, na realidade, a primeira vez no Sacro Império Romano Germânico que um bispo recebeu de fato atribuições condais.<sup>691</sup> Também a imunidade e a proteção imperial ao bispado de Liège contra a ingerência de condes externos foram expandidas, de modo que somente os prelados locais pudessem exercer controle e autoridade sobre a diocese:

Em nome da santa e indivisível Trindade. Rei Otão III, demonstrando clemência. Nós queremos que seja manifestado a todos os nossos fiéis presentes e igualmente aos futuros, por intermédio deste título, que o bispo Notger de Tongres e de Liège se aproxima da nossa grandeza de fidelidade e venerabilidade, para que o condado de Huy, que estava em nosso poder até esse momento, seja servido com zelo por ele e pelos seus sucessores em nome de Santa Maria e São Lamberto. O ilustre homem conde Anfrido, que no presente o possuía [Huy], pela honra de Deus e dos mencionados santos o entregou/devolveu com amor e com veneração desse bispo, para que nós concedêssemos a posse perpetuamente. E isso inclui todo o remanescente que era de poder real, como a cunhagem de moeda, a cobrança de taxas e impostos e o usufruto de proveitos restantes. A munificência do rei e dos nossos imperadores predecessores cede a Igreja de Santa Maria, agora situada em Liège e Huy. Já que nossa amadíssima imperatriz Teófana tinha pedido para ser feito tudo isso, nós conduzimos na prática o que foi estabelecido para cumprir plenamente a petição dela. [...] nenhum conde ou alguém que age pelo conde e nenhum juiz com poder judicial, a menos que eles forem designados pelo bispo no local supracitado, devem ousar residir, apontar causas para serem aceitas, cobrar impostos e taxas, estabelecer proibições ou exigir o retorno de navios de guarda [...].<sup>692</sup>

<sup>690</sup> SICKEL, Theodor (Ed.). *Diplomata Ottonis II et Ottonis II*. Stuttgart: Monumenta Germaniæ Historica: 1888-1893, p. 238-239: “[...] a patre nostro Ottone imperatore confirmata, super universas possessiones eiusdem matris ecclesie quarum iste sunt capitales: Hoiium, Fosses, Lobies, Tungres, Maslines, et super cetera loca cum omnibus rebus et hominibus ad ea pertinentibus, ut omni publica potestate exclusa in manu episcopi singulariter consistant. Nos itaque eandem sancte ecclesie dignitatem considerantes imperiali edicto precipimus, ut nullus comes, nullus iudex nisi cui episcopus commiserit, audeat potestatem exercere super ea loca neque placitum habere aut freda aut tributa aut bannos aut telonea aut redditus de statione navium exigere neque in prefatis locis neque in quibuslibet aliis que vel nunc habentur vel de cetero habenda sunt”.

<sup>691</sup> ISAÏA, Marie-Céline (Dir.). *Pouvoirs, Église et société*. France, Bourgogne, Germanie. 888-1220. Neuilly-sur-Seine: Atlande, 2009, p. 203.

<sup>692</sup> SICKEL, Theodor (Ed.). *Diplomata Ottonis II et Ottonis II*. Stuttgart: Monumenta Germaniæ Historica: 1888-1893, p. 413-414: “In nomine sanctae et individuae trinitatis. Otto divina favente clementia rex. Cunctis fidelibus nostris presentius scilicet atque futuris per scripti huius pretitulationem manifestari volumus, quia adiit celsitudinem nostram venerabilis et fidelitatis nostrae in omnibus exequutor Nodkerus Tungrensium vel Leodicensium episcopus, ut ei vel successoribus suis sanctae Mariae sanctoque Lamberto deservituris comitatum Hoiensem quod in nostra ditione hactenus erat quodque Ansfridus comes illustris vir qui illum ad presens tenebat, pro dei honore et predictorum sanctorum veneratione ipsiusque episcopi amore reddiderat, perpetuo habendum concederemus. Et quia quod reliquum erat regiae ditionis, in moneta scilicet et teloneo reliquisque redditibus, munificentia regum vel imperatorum predecessorum nostrorum ecclesie sancte Marie Leodio vel Hoiio posite iam cesserat, et dilectissima mater nostra Theophana imperatrix fiendum petebat, ratum duximus eius subservire

Em suma, após o acordo de reconciliação entre Folcuíno e Ratério em 973, a abadia de Lobbes passou por notável evolução institucional, que se prolongou durante as demais décadas do final do século X. Depreende-se, a partir das fontes elencadas acima, que Folcuíno conseguiu restabelecer com solidez sua autoridade abacial e expandir as riquezas espirituais e materiais do monastério. Após a sua morte em setembro de 990, o sucessor, o clérigo Heriger, também contribuiu substancialmente para a expansão da comunidade monástica lobiana, que, dispondo de uma escola claustral muito bem reputada culturalmente, se tornou uma das instituições mais poderosas e ricas da região da Lotaríngia.

Como vimos, ela fazia parte do bispado de Liège, que, sob o comando de Notger (972-1008), se transformou simultaneamente em um principado episcopal. Os bispos doravante concentrariam direitos condais, como o controle da construção de castelos. O poder deles abrangeria também a concessão de privilégios econômicos, dentre os quais estão a cunhagem de moedas e o estabelecimento de medidas ligadas ao comércio de mercadorias. Gradativamente, a partir do início do século XI, o poder episcopal dos bispos de Liège e de outras dioceses na região da Lotaríngia começariam a ser exercidos num quadro geográfico e territorial mais bem delimitado.

---

peticioni. [...] ut nullus comes vel sub comite agens vel iudex aut ex iudiciaria potestate, exceptis eis qui ab episcopo suffecti fuerint in loca supradicta, residere audeat vel ad causas audiendas aut freda aut tributa aut bannos aut telonea aut redditum de statione navium [...].”

## Conclusão

O estudo das obras e trajetórias de Ratério e Folcuíno é um ponto de partida interessante para compreender aspectos do quadro político e social do século X na Europa Ocidental, no amplo contexto de desintegração do Reino Franco Carolíngio. Os quatro capítulos deste trabalho buscaram, em ordem cronológica, expor e analisar os principais deslocamentos, eventos, textos e atividades dos dois clérigos, de forma a destacar os impactos e as delimitações de seus respectivos poderes episcopal e monástico. Por intermédio dessa perspectiva, foi possível averiguar de quais modos cada um deles aspirou desempenhar papéis importantes na sociedade, considerando as diversas circunstâncias transcorridas ao longo de seus percursos de vida.

Há de se notar que a atuação de ambos era dependente de uma relação intrínseca e inseparável com a esfera secular, o que constituiu um traço marcante da Idade Média até o século XII, ao menos. Assim, uma vez que os poderes laico e eclesial eram indissociáveis e trabalhavam conjuntamente para garantir a vontade de Deus e a salvação de toda a comunidade cristã, constatamos que só é possível determinar os efeitos da influência de Ratério e Folcuíno levando em consideração as transformações nas dinâmicas de sua integração com a aristocracia. Em última instância, por conta da dimensão de dependência mútua, clérigos e laicos se configuravam na sociedade como instâncias de poder efetivas somente quando havia um exercício de colaboração entre essas duas esferas.

Tendo em vista a importância desta intersecção, o propósito central da conclusão é fazer uma reflexão final panorâmica acerca das condições que viabilizaram ou entravaram a execução dos ofícios de Ratério e Folcuíno, o que nos permitirá discorrer sobre a relevância histórica do poder eclesiástico durante as significativas transformações sociais e políticas que marcaram o período compreendido entre os anos 900 e 1000.

### **1) Ratério, um caso de poder episcopal e monástico fragilizado?**

Ao analisarmos a trajetória de Ratério, não há como deixar de mencionar a instabilidade e a brevíssima duração das funções eclesiásticas que exerceu. Em um primeiro momento, este é o aspecto de sua carreira enquanto clérigo que mais desperta a nossa atenção: entre 900 e 974, resumidamente, ele foi monge e abade no monastério de Lobbes, três vezes bispo de Verona, e ainda ocupou os ofícios abacial em Aulne e episcopal em Liège (ver o anexo I com informações mais detalhadas contendo as respectivas datas).

Entre tantas nomeações e destituições, é impossível não concluir que ele nunca dispôs de um poder eclesiástico estável e duradouro, tampouco conseguiu se consolidar numa elevada posição de poder. Como vimos no capítulo 3, seu período mais longo à frente de uma instituição foi na diocese de Verona entre 961 e 968, durante o qual, entretanto, encontrou diversas adversidades para executar plenamente suas tarefas enquanto bispo. Por outro lado, esses entraves, bem como as condições que permitiram sua ascensão a tais postos, são problemáticas que podem nos ajudar a esclarecer a complexidade das sucessões abaciais e episcopais durante o século X.

Diferentemente de Folcuíno, não dispomos de informações detalhadas a respeito do histórico da família de Ratério. Sabe-se que foi oferecido como oblato pelos seus pais em Lobbes ao redor do ano 900, o que poderia expressar pertencimento a uma importante linhagem aristocrática da região de Liège.<sup>693</sup> No entanto, não há evidências documentais que indiquem com precisão as maneiras pelas quais a sua família obteve uma posição de prestígio na Lotaríngia, ou junto ao monastério beneditino em si. As redes de contato e de aliança estabelecidas só podem ser identificadas, conseqüentemente, por meio da reconstituição de sua trajetória pessoal.<sup>694</sup>

Não pretendemos recapitular todos os eventos relacionados à nomeação e/ou destituições nos diferentes cargos eclesiásticos ocupados por Ratério ao longo de sua carreira. Cabem aqui reflexões mais amplas para estabelecer hipóteses que ajudam a explicar o caráter transitório de seus ofícios tanto na Lotaríngia quanto na Península Itálica. Por exercer funções em instituições religiosas envolvidas em transformações e processos políticos mais amplos, ele esteve constantemente vulnerável a instabilidades e mudanças nas relações de poder.

Por exemplo, conforme discutido no capítulo 1, o afastamento da sede episcopal de Verona em 934, e a retomada da mesma 12 anos depois, estiveram estreitamente conectadas com os rumos políticos do Reino Italiano e do condado veronense, durante e logo após a sucessão do rei Hugo. Da mesma maneira, vimos no capítulo seguinte que a destituição do bispado de Liège em 955 foi uma consequência da insatisfação da aristocracia local, não tanto

---

<sup>693</sup> CERVATO, op. cit. 1993, p. 58. Ver nota 6, na qual a origem nobiliárquica (*nobilis*) foi apenas brevemente mencionada, sem indicar com exatidão de qual linhagem familiar se tratava. De forma semelhante: DIERKENS, op. cit., 2013, p. 278. DOLBEAU, op. cit., 2021, p. 5-6.

<sup>694</sup> ROSSI, Maria Clara. Raterio vescovo: biografie, documentazione e suggestioni per una ricerca. In: ARZONE, Antonella; NAPIONE, Ettore (Eds.). **L'iconografia rateriana: la più antica veduta di Verona ; l'archetipo e l'immagine tramandata ; atti del seminario di studi, 6 maggio 2011, Museo di Castelvecchio. Verona: Caselle di Sommacampagna, 2012, p. 58: "Ritengo pertanto ineludibile un tentativo di indagine anche in questa direzione, alla ricerca delle istituzioni ma soprattutto delle persone che lo affi ancorarono nel suo operato di presule, per verificare se sia possibile attraverso gli scritti e i documenti coevi provare a costruire una più ampia rete di relazioni di Raterio nel contesto Veronese".**

com relação a Ratério, mas com o processo mais abrangente de incorporação da Lotaríngia ao Reino Germânico sob o comando da dinastia otônida.

Essas influências políticas amplas não excluem, evidentemente, a possibilidade de que as próprias atitudes tomadas por Ratério e as reações decorrentes tenham contribuído para impedir a consolidação do seu poder eclesiástico. De fato, muitas de suas ações em circunstâncias específicas suscitaram a oposição de outras figuras notáveis e influentes. Os casos típicos foram as várias adversidades encontradas ao longo do terceiro bispado em Verona, entre 961 e 968. A partir das fontes, foi possível averiguar que ele, em virtude das mudanças que buscou implementar nesta diocese, nutriu discordâncias e inimizades tanto com clérigos, em especial os cônegos do capítulo catedralício e o bispo antecessor Milo, quanto com os condes Bucco e Nanno. Na prática, essas tensões o impediram de executar suas tarefas na administração da congregação veronense.

Por outro lado, tais obstáculos testemunham, ao mesmo tempo, a importância de suas relações políticas e sociais. Isto é, suas fragilidades são também evidências das estratégias e tentativas desse prelado para buscar expandir seu poder de influência.<sup>695</sup> Homem culto e letrado, ele foi muito valorizado pela linhagem imperial germânica, incluindo o próprio Imperador Otão I, cujo apoio possibilitou sua entronização nas dioceses de Liège e Verona em 953 e 961, respectivamente. A trajetória de Ratério, portanto, não apenas coincidiu, nos âmbitos temporal e geográfico, com a formação do Sacro Império Romano Germânico, como também esteve envolvida diretamente nesse processo de expansão do poder otônida sobre a Europa Ocidental, uma vez que ele se beneficiou de tal aliança para ser nomeado em determinados postos eclesiais.

Apesar desse vínculo estreito com o grupo político dos soberanos germânicos, não devemos negligenciar sua mobilização pessoal, ou seja, as iniciativas enquanto clérigo e indivíduo proeminente da sociedade do século X. A partir da análise de suas obras, discutimos que procurou defender a legitimidade das funções para as quais foi designado, reivindicando inclusive a retomada dos postos de que fora destituído.

Assim, após ter sido preso pelo rei Hugo da Itália em 934 e ter passado alguns anos no exílio em Como, Ratério compôs *Praeloquia* e enviou cópias deste documento em cartas a bispos aliados, que poderiam auxiliá-lo na recuperação do seu ofício episcopal em Verona. De forma semelhante, em 955, quando Balderico, em suas palavras, usurpou o comando da diocese de Liège e do monastério de Lobbes, ele reiterou a legalidade canônica de suas próprias

---

<sup>695</sup> MILLER, op. cit., 1993, p. 160: “But if Ratherius's career highlights the political vulnerability of imperial bishops, it also suggests some of their strengths”.

nomeações, recorrendo ao apoio de Otão I e de outros clérigos formados na Capela Imperial, como Bruno, arcebispo de Colônia.

No terceiro período à frente do bispado de Verona, durante o qual concentrou a escrita da maioria das obras, há evidências mais detalhadas acerca de suas atividades episcopais, isto é, os modos de exercer o poder buscando administrar a diocese. Embora seja bastante delicado tentar estimar a aplicabilidade e a efetividade das medidas, as fontes indicam que Ratério se engajou, por intermédio de sermões e resoluções sinodais, em controlar melhor as condutas morais e as normas de comportamento que deveriam ser seguidas pelos clérigos, de maneira a honrarem seus ofícios, combatendo assim vícios e pecados como a fornicção. Para reduzir a pobreza dos sacerdotes de escalões inferiores, ele propôs ainda a redistribuição dos bens fundiários, em detrimento das propriedades do alto clero, em particular dos cônegos catedráticos.

Em suma, a complexa trajetória de Ratério atesta uma tensão constante entre, por um lado, tentativas de assegurar sua influência e, por outro, condições que favoreciam ou impediam a concretização de seus planos. Os motivos que faziam a balança pesar para algum desses lados são muito diversificados. Historiadores já apontaram que a forte personalidade e o temperamento de Ratério seriam possíveis razões para o fato de jamais ter conseguido permanecer em um ofício de modo duradouro, especialmente em virtude de sua dúbia identidade episcopal e monástica.<sup>696</sup>

Em nossa análise, sem negar a validade da hipótese citada acima, destacamos que é fundamental considerar a evolução institucional das comunidades monásticas ou dos bispados nos quais Ratério esteve presente ao longo de sua trajetória. Isto inclui tanto as transformações políticas mais amplas – sucessões reais e imperiais de dinastias nos reinos Italiano e Germânico, por exemplo –, quanto os contatos e as relações sociais com outros indivíduos de influência num nível mais local – a aristocracia laica, os condes, os clérigos de uma diocese ou de uma abadia, demais bispos, etc.

Alinhados com as estratégias e iniciativas próprias de Ratério evidenciadas a partir de seus textos, esses fatores nos auxiliaram a demarcar, ao longo dos quatro capítulos desta dissertação, alguns dos alcances e limites do poder eclesiástico deste clérigo na sociedade do século X. Apesar de ter tido uma carreira particularmente conturbada, as suas ambiguidades, ao

---

<sup>696</sup> RENSWOUDE, op. cit., 2010, p. 228-229: “Scholars have even blamed Rather’s unfortunate ecclesiastical career on his controversial and unbending character. They regard him as an eccentric, querulous, disagreeable person who was unable to adapt to the social standards of his time and consider it no surprise that he was banished so often. [...] The modern explanation of Rather’s complex personality conforms to an image of himself that he had artfully constructed”.

invés de afastá-lo, o aproximam do perfil da grande maioria dos monges e bispos do período, cujas atividades, enfim, também foram marcadas por inúmeras ambivalências.<sup>697</sup>

## 2) A relevância de Folcuíno no desenvolvimento institucional das abadias de Saint-Bertin e Lobbes

Quando comparado com Ratério, Folcuíno teve uma trajetória muito mais estável e, do ponto de vista político, podemos até afirmar que se tratou de uma carreira eclesiástica mais bem-sucedida. Com exceção do curto período em que ficou afastado, entre os anos 971 e 973, do comando da abadia de Lobbes – tendo, porém, logo retomado o cargo contando com o apoio do bispo Notger, de Liège, do Imperador Germânico Otão II e do Papa João XV –, ele permaneceu ao longo de sua vida sendo um clérigo bastante importante.

Tanto na abadia de Saint-Bertin, cujo papel enquanto destacado oblato e monge/escriva foi analisado no capítulo 2, quanto na comunidade monástica lobiana, onde, como vimos no capítulo 4, exerceu a função abacial até 990, Folcuíno não foi atormentado por fortes oposições e consequentes destituições como Ratério. Pelo contrário, a única vez que deixou um ofício de fato foi em Saint-Bertin no ano 965, tendo optado por assumir a direção de Lobbes após ter sido nomeado abade pelo bispo Eráclio. Além disso, ao considerarmos suas próprias obras e demais fontes que foram escritas nesses mencionados contextos, depreende-se

---

<sup>697</sup> HEAD, Thomas. Postscript: The Ambiguous Bishop. In: JONES, Anna Trumbore; OTT, John S (Eds.). **The bishop reformed: studies of episcopal power and culture in the central Middle Ages**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 253: “His career was defined by a number of dyads or ‘twin ideals’, including the spiritual and the active life, ecclesiastical corruption and reform, local and imperial politics. Rather of Verona provides an excellent complement to the bishops described in this volume. All of them were beset by ambiguity. The bishops of the central Middle Ages were men “in the middle” of competing ideals and loyalties. While this inherent ambiguity makes bishops difficult to define in absolute terms, it does not rule out the possibility of a thick description that provides some real precision. Indeed, the contributors to this volume have shown how attention to the local circumstances of individual bishops can map the competing ideals that compelled and control led their actions. All of the bishops in this volume, however, were also affected by the gradual transformation of the place of the bishop in western Christendom that occurred during the central Middle Ages”. Há de ser levado em conta ainda o fato de que as vivências de Ratério foram registradas com minuciosidade em seus textos, que continham um notável valor autobiográfico. Assim, ele relatou nas obras a respeito de suas experiências, fornecendo inclusive detalhes sobre as dificuldades e as suas inquietações durante o exercício de atividades específicas enquanto clérigo. Não há outros documentos escritos por bispos ou monges no século X que contenham tais descrições pormenorizadas dos obstáculos na condução cotidiana do monastério ou da diocese. Portanto, a possibilidade de que os entraves mencionados de forma excepcional por Ratério em suas fontes tenham sido comuns a outros clérigos do período não deve ser completamente excluída. No caso dos bispos, a perspectiva comparativa a partir de estudos de caso revela a diversidade de fatores que interferia na sua capacidade de atuação e de influência. É o que sugere uma discussão panorâmica recente sobre as delimitações do poder episcopal na Idade Média: RÖCKELEIN, Hedwig. *Bischöfe im frühen und hohen Mittelalter im internationalen Vergleich: Ergebnisse und neue Perspektiven*. In: BIHRER, Andreas; RÖCKELEIN, Hedwig (Eds.). **Die „Episkopalisierung der Kirche“ im europäischen Vergleich**. Berlin, Boston: De Gruyter Akademie Forschung, 2022, p. 465-476.

que contribuiu de modo substancial para o desenvolvimento histórico e institucional de ambos os mosteiros.

Em primeiro lugar, sua atuação na comunidade de Saint-Bertin deve ser explicada pela notável influência exercida na região da França Ocidental pela linhagem aristocrática da família a qual pertencia. A oblação em 948 foi um desdobramento disso e marcou a continuidade das estreitas relações tecidas pelos seus ancestrais com esta instituição. Como vimos, seu tio-avô homônimo – que era neto de Carlos Martel e, portanto, descendente direto da dinastia carolíngia – havia sido bispo de Théroutanne em meados do século IX, cujas relíquias foram solenemente elevadas e celebradas em Saint-Bertin pelo pai de Folcuíno, em 928.

Esta conexão foi reforçada duas décadas mais tarde, quando, sob o impulso da reforma monástica beneditina executada pelo conde de Flandres Arnulfo I a partir de 944, alguns clérigos foram incorporados ao mosteiro para constituírem o grupo dos monges que serviam à abadia. Uma vez que Folcuíno estava incluso entre eles quatro anos mais tarde como oblato, é plausível afirmar que, além da ligação secular de Saint-Bertin/Sithiu com sua família, esta também esteve alinhada com o projeto político mais amplo de constituição do condado de Flandres, realizado por intermédio da expansão da influência da linhagem condal sobre os mosteiros da região.

Até 965, o papel direto de Folcuíno nessa instituição é testemunhado por uma única fonte de sua autoria, a *Gesta abbatum Sithiensium*. Discutimos anteriormente os valores identitário e jurídico da obra, cuja produção foi encomendada em 961 pelo então abade Adolfo, que visava proporcionar um instrumento de legitimação à comunidade monástica, num período em que esta se constituía como um espaço de poder particular, conforme demonstrado por outras evidências documentais. Portanto, a história de Folcuíno nas duas primeiras décadas de sua trajetória esteve ligada e, em certa medida, coincidiu com as transformações de Saint-Bertin em meados do século X. Ele era um monge e escriba que, após ter sido inserido no mosteiro pela intervenção direta de sua prestigiosa família aristocrática, contribuiu para a expansão material e institucional deste estabelecimento, apesar dos inevitáveis impactos e instabilidades decorrentes dessas mudanças em sua estrutura interna.<sup>698</sup>

---

<sup>698</sup> VANDERPUTTEN, Steven. Individual experience, collective remembrance and the politics of monastic reform in high medieval Flanders. In: **Early Medieval Europe**, vol. 20(1), 2012, p. 78-80: “Walter and his successor Trudgand (984/5–6) certainly initiated a period of resurgence and splendour: Walter apparently fostered local spiritual and intellectual life, and he and Trudgand are also attested for attempting to regulate the management of monastic property. [...] What emerges from these scant sources is that the abbey of Saint-Bertin, despite its troubled history in the 960s and early 970s, emerged as a powerful institution governed by regular abbots intent

Podemos balizar que a nomeação como abade de Lobbes em dezembro de 965 seria o evento que iniciou um segundo período de sua trajetória. Folcuíno deixou então o monastério formador no norte da França Ocidental e se direcionou para a região da diocese de Liège. Sua escolha pelo bispo Eráclio pode ser explicada, mais uma vez, pela importância política de sua família, que se fez presente historicamente tanto no bispado de Théroutane quanto na Lotaríngia.<sup>699</sup>

Essa entronização representou um grande avanço na carreira eclesiástica de Folcuíno. Enquanto em Saint-Bertin ocupava um cargo hierarquicamente inferior como monge e escriba, ele se tornou então abade, isto é, o principal líder da comunidade monástica lobiana. Os dois anos – 971 e 972 – em que ficou afastado do ofício em virtude da trama de Ratério, não parecem ter comprometido seriamente suas contribuições à prosperidade material e institucional de Lobbes. As fontes secundárias evocadas no capítulo 4, em conjunto com a *Gesta abbatum Lobiensium* de sua autoria, apontam, muito pelo contrário, que Folcuíno, bem como alguns de seus abades sucessores entre o fim do século X e o início do XI, tiveram um papel decisivo na expansão do monastério enquanto um destacado centro de poder do bispado de Liège.<sup>700</sup>

### 3) Questões abertas e limites da presente pesquisa

Embora esta dissertação tenha sido o primeiro trabalho, em nosso conhecimento, a considerar as trajetórias de Ratério e Folcuíno do ponto de vista do poder eclesiástico, ela não encerra, evidentemente, as possibilidades de pesquisa sobre os dois clérigos. Pelo contrário, esta foi apenas uma tentativa inicial de investigar as delimitações de suas respectivas esferas de influência nas tomadas de decisão, o que, esperamos, poderá fomentar novos debates. Em virtude desse recorte que leva em conta os percursos de vida completos de ambos – isto é, seus deslocamentos, obras, atividades, ofícios eclesiais, etc. –, há diversos pontos que não foram aprofundados e que poderão ser mais bem explorados futuramente.

---

on managing and preserving the monastic domain. The monks also maintained the high intellectual and artistic standards of their institution, managed their participation in regional and international networks, and possibly even introduced new liturgical practices which in time would revolutionize the relationship between themselves and lay society”.

<sup>699</sup> MÉRIAUX, op. cit., 2006, p. 180: “La nomination de Folcuin comme abbé de Lobbes participe de cette implantation lotharingienne de la famille [...]”.

<sup>700</sup> DEFRIES, op. cit., 2019, p. 248-249: “This means that around the same time that Folcuin wrote the *Vita Folquini* [971-84], he became a powerful Lotharingian abbot with the backing of an expansionist Ottonian monarch”.

No caso de Ratério, destacaríamos o grande potencial de investigação existente acerca dos seus usos do direito canônico, temática abordada diretamente pela historiografia somente em um único artigo.<sup>701</sup> Ao longo de sua carreira episcopal, ele manifestou em diversas obras um amplo conhecimento sobre os cânones sagrados transmitidos por meio de concílios, resoluções sinodais e coleções normativas, datados desde a época dos Pais da Igreja na Antiguidade Clássica, até o período carolíngio.

Um estudo específico sobre essa problemática poderia determinar com mais precisão as referências utilizadas, de forma a esclarecer em que medida as suas escolhas nos textos estiveram relacionadas com reivindicações a respeito da legalidade canônica das atividades e dos ofícios para os quais havia sido designado. Nessa mesma lógica, também seria interessante ampliar o escopo de análise levando em conta o rico repertório deste clérigo no que se refere à literatura bíblica e à patrística.

Ainda que tenha escrito uma quantidade muito menor de textos do que seu padrinho, Folcuíno não deixa de apresentar aspectos em sua trajetória que merecem ser examinados com maior profundidade. Uma obra pouco explorada nesta dissertação é a hagiografia de seu tio-avô homônimo, intitulada *Vita Folquini episcopi Morinensis*. Um questionamento a ser feito é a razão de apresentar os milagres do santo bispo de Thérouanne, no período em que havia deixado o monastério de Saint-Bertin para se tornar abade de Lobbes.

De modo quase simultâneo, Folcuíno compôs a sua versão da hagiografia de Santo Ursmar, a *Miracula Ursuari*. Dada a coincidência temporal das duas obras, poderíamos nos perguntar se existia alguma relação qualitativa entre ambas, ou, de forma mais ampla, se há uma explicação para que este abade tenha se dedicado a construir narrativas hagiográficas somente por volta de 970.

Para finalizar, salientamos certas perguntas que foram postas no início desta pesquisa, mas que não puderam ser plenamente respondidas por conta da falta de evidências documentais. Não é possível estipular, por exemplo, o impacto efetivo das obras de Ratério e Folcuíno nas tentativas de constituição de seus respectivos poderes eclesiásticos junto aos seus contemporâneos. Em outras palavras, não sabemos ao certo se os textos foram lidos logo após a escrita, e, se foi o caso, por quais indivíduos, de que maneiras, e como influenciaram nas tomadas de decisão. Um caso bastante ilustrativo dessa lacuna metodológica são as epístolas de Ratério destacadas no capítulo 1, sobre as quais não temos indícios claros se chegaram de fato aos seus destinatários, tampouco se foram consideradas e respondidas por estes. A solução

---

<sup>701</sup> CAPITANI, op. cit., 1973, p. 137-164.

encontrada neste trabalho para superar parcialmente tais impasses foi articular os textos dos dois clérigos com a reconstituição das respectivas trajetórias, se valendo, para tanto, de fontes secundárias produzidas nos contextos em que estiveram inseridos.

Essas dificuldades, em última instância, estão ligadas à impossibilidade de mapear a circulação dos manuscritos de suas obras. As versões delas preservadas nos dias de hoje – não apenas nas edições críticas modernas – são provenientes, em sua grande maioria, de cópias de séculos posteriores.<sup>702</sup> Diante dessa carência de ordem material, ficamos impedidos de estimar com precisão os resultados da mobilização política de Ratério e Folcuíno a partir da receptividade e da relevância de seus textos na época.

#### **4) Perspectivas e possibilidades para futuras investigações**

Destacamos na seção anterior determinados elementos sobre Ratério e Folcuíno que não foram completamente explorados neste trabalho e que, portanto, poderiam ser possíveis temas de novas pesquisas. Já nesta última parte da conclusão, proporemos de forma mais geral reflexões finais sobre abordagens e perspectivas teórico-metodológicas advindas ao longo desta dissertação, e que podem servir como pontos de referência para futuras investigações a respeito da história política e social entre os séculos IX e X.

Um primeiro ponto que merece maior atenção é a necessidade de se explorar com mais profundidade as tradições manuscritas dos documentos. Isto inclui o questionamento das edições modernas das fontes, que não devem ser consideradas como meros instrumentos intermediários entre os textos do período e o trabalho do historiador. Na realidade, tal como havíamos indicado na análise da *Gesta abbatum Sithiensium* de Folcuíno que foi publicada na *Monumenta Germaniae Historica*, os editores, a depender de suas perspectivas epistemológicas, podem alterar substancialmente a estrutura ou mesmo os sentidos de uma obra, modificando a forma pela qual ela foi pensada pelo seu autor no momento da escrita.

Nesse sentido, é muito importante refletir sobre como as evidências documentais foram preservadas até os dias de hoje, o que nos leva a compreender os processos mais amplos de circulação, transmissão e modos de arquivamento ao longo dos séculos. Idealmente, é preferível trabalhar, sempre que possível, com o manuscrito original, apesar das inegáveis dificuldades decorrentes relacionadas à paleografia e à tradução. Caso tenha sido perdido – algo muito comum no que se refere às fontes da Alta Idade Média – as cópias se tornam a única

---

<sup>702</sup> Os manuscritos foram listados de forma não exaustiva em uma plataforma digital. Para as obras de Ratério: <https://www.geschichtsquellen.de/autor/4506>. E de Folcuíno: <https://www.geschichtsquellen.de/autor/2311>.

alternativa, embora, como assinalado, só possam ser empregadas após a realização das devidas críticas de autenticidade, de forma a identificar possíveis alterações na versão inicial do documento.

Conforme salientamos na introdução deste trabalho, uma importante tendência da historiografia sobre o século X nas últimas décadas é a reconsideração dos papéis sociais desempenhados pelos clérigos. A atuação política destes havia sido praticamente desconsiderada por perspectivas epistemológicas e modelos explicativos muito recorrentes ao longo do século XX, tais como a noção de que as igrejas seriam bens privados de dominação de aristocratas laicos (*Eigenkirche*), o processo de configuração de um Sistema de Igreja Imperial Otônida e Sálvio (*Reichkirchensystem*), e ainda a transição da ordem carolíngia à sociedade feudal (*Mutation féodale*).

Esta dissertação, em diálogo com as abordagens mais recentes que destacam a importância do poder eclesiástico – especialmente episcopal e monástico – durante as remodelações sociais e políticas na Europa Ocidental após a fragmentação do Reino Franco Carolíngio, procurou dar uma contribuição para esse panorama historiográfico analisando as obras e trajetórias de Ratério e Folcuíno.

Diante desse quadro acadêmico, não há dúvidas de que novas pesquisas podem ser desenvolvidas nos próximos anos, de modo a fomentar os debates acerca das dinâmicas da sociedade pós-carolíngia, na qual os clérigos eram figuras de mais alta relevância. Muitos de seus ofícios, atividades e esferas de influência devem ser mais bem investigados pelos historiadores. Para tanto, é essencial explorar as evidências materiais do período, em especial os manuscritos produzidos por eles e que foram conservados. Estes são fontes primárias importantes na análise das funções sociais dos diversos membros da hierarquia eclesiástica, desde os mais altos, como abades, bispos e arcebispos, até aqueles pertencentes a escalões inferiores, isto é, padres, diáconos, subdiáconos e capelões.

## Referências

- **Fontes editadas**

### 1) **Obras de Ratério**

DOLBEAU, François. Édition de la Vie de saint Ursmer, rédigée par Rathier de Vérone. In: **Rathier de Vérone**. Lecteur, remanieur et centonisateur. Fireze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2021, p. 303-339.

REID, Peter L. D. (Ed.). **Corpus Christianorum**, Continuatio Medievalis XLVI, Ratherii Veronensis Opera Minora. Turnhout: Brepols, 1976.

\_\_\_\_\_. **Corpus Christianorum**, Continuatio Medievalis XLVIA, Ratherii Veronensis. Praeloquiorum libri VI ; Phrenesis ; Dialogus confessionalis ; Exhortatio et preces. Turnhout: Brepols, 1984.

\_\_\_\_\_. **The Complete Works of Rather of Verona**. New York: Medieval & Renaissance texts & studies, 1991.

VALTORTA, Benedetta (Ed.). **Raterio di Verona: Qualitatis coniectura**. Edizione critica, traduzione e commento. Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2016.

WEIGLE, Fritz (Ed.). Urkunden und Akten zur Geschichte Rathers in Verona. In: **Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken**, vol. 29, 1938-1939, p. 1-40

\_\_\_\_\_. **Die Briefe der deutschen Kaiserzeit**, I. Die Briefe des Bishofs Rather von Verona. Weimar: Monumenta Germaniae Historica, 1949.

### 2) **Obras de Folcuíno**

GANSHOF, François-Louis. Le polyptyque de l'Abbaye de Saint-Bertin (844-859). In: **Mémoires de l'Institut national de France**, tome 45, 1975, p. 57-209.

GUÉRARD, Benjanmin (Ed.). **Cartulaire de l'abbaye de Saint-Bertin**. Paris: Collection de documents inédits pour servir à l'histoire de France, 1840.

GYSELING, Maurits; KOCH, A. C. F. (Eds.). **Diplomata belgica ante annum millesimum centesimum scripta**. Tome I. Brussel: Belgisch Inter-Universitair Centrum voor Neerlandistiek, 1950, p. 1-50.

HOLDER-EGGER, Oswald (Ed.). **Gesta abbatum Sithiensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores XIII. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1881, p. 607-635.

\_\_\_\_\_. **Vita Folquini episcopi Morinensis**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores XV/1. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1887, p. 423-430.

\_\_\_\_\_. **Ex Miraculis SS. Ursuari et Ermini**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores XV/2. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1888, p. 832-837.

PERTZ, Georg Heinrich (Ed.). **Gesta abbatum Lobiensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores IV. Hannover: Impensis Bibliopolli Avlici Hahniani, 1841, p. 54-74.

### 3) Demais fontes

ARNDT, Edente Wilhelmo. (Ed.). **Gesta abbatum Lobiensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores XXI. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1869, p. 307-333.

BERKANS, Frans Henri (Ed.). **Gesta abbatum Lobiensium continuata**, Actes des abbés de Lobbes continuation de ceux de Folcuin. Lobbes: Cahiers de Thudine, 1993.

BETHMANN, L. C. (Ed.). **Gesta episcoporum Cameracensium**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores VII. Hannover: Impensis Bibliopolli Avlici Hahniani, 1846, p. 402-489.

BOLLAND, Jean (Ed.). **Vita altera Bertini**. In: Acta Sanctorum Septembris 2, 1755, p. 590-595.

HALPHEN, Louis; LOT, Ferdinand (Eds.). **Recueil Des Actes de Lothaire Et de Louis V : Rois de France (954-987)**. Paris: Imprimerie nationale, 1908, n. 15, p. 32-35.

HEHL, Ernst-Dieter (Ed.). **Brief Erzbischof Wilhelms von Mainz an Papst Agapit II**. Die Konzilien Deutschlands und Reichsitaliens (916-1001). Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1987, p. 205-206.

\_\_\_\_\_. **23. Pavia**. April 962. Die Konzilien Deutschlands und Reichsitaliens (916-1001). Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1987, p. 221-225.

\_\_\_\_\_. **28 Rom**. Januar 967. Die Konzilien Deutschlands und Reichsitaliens (916-1001). Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1987, p. 255-260.

HINSCHIUS, Paul (Ed.). **Decretales pseudo-Isidorianae**. Leipzig: Scientia Verlag, 1863.

HIRSCH, Paul. (Ed.). **Die Sachsengeschichte des Widukind von Korvei**. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1935, p. 1-54.

KÖLZER, Theo (Ed.). **Die Urkunden der Merowinger**. In: Monumenta Germaniae Historica. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2001.

\_\_\_\_\_. **Die Urkunden Ludwigs des Frommen.** In: *Monumenta Germaniae Historica*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2016.

KRVSCH, Bruno; LEVISON, Wilhelm (Eds.). **Vita Landelini abbatis Lobiensis et Crispiniensis.** In: *Monumenta Germaniae Historica, Passiones vitaeque sanctorum aevi Merovingici (IV)*. Hannover: Impensis Bibliopolli Avlici Hahniani, 1913, p. 433-443.

KURZE, Fridericus (Ed.). **Annales Regni Francorum - ab a. 741, usque ad a. 829.** In: *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores VI*. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1895, p. 1-178.

LEVISON, Wilhelm. (Ed.). **Vitae Audomari, Bertini, Winnoci.** In: *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores V*. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1910, p. 753-775.

LOT, Ferdinand (Dir.). **Recueil des Actes de Charles II le Chauve, roi de France.** Paris: Imprimerie nationale, 1943.

PERTZ, Georg Heinrich (Ed.). **Annales Augiensis.** In: *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores I*. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1826, p. 67-69.

\_\_\_\_\_. **Annales Laubienses.** In: *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores IV*. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1841, p. 9-20

\_\_\_\_\_. **Vita Brunonis archiepiscopi Coloniensis.** In: *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores IV*. Hannover: Impensis Bibliopolli Hahniani, 1841, p. 254-274.

POWELL, Jonathan. M. (Ed.). **Tvlli Ciceronis De re pvblica. De legibvs. Cato maior de senectvte. Laelivs de amicitia.** Oxford: Clarendon, 2006.

SICKEL, Theodor (Ed.). **Die Urkunden Konrad I., Heinrich I. und Otto I. (Conradi I., Heinrici I. et Ottonis I. Diplomata).** Hannover: *Monumenta Germaniae Historica*, 1879-1884.

\_\_\_\_\_. **Diplomata Ottonis II et Ottonis II.** Stuttgart: *Monumenta Germaniae Historica*: 1888-1893.

SILANO, Giulio. **Regino of Prüm: Two Books on Synodal Causes and Ecclesiastical Discipline.** Toronto: PIMS, 2021

SILVESTRE, Hubert. Comment on rédigeait une lettre au Xe siècle. L'Épître d'Eracle de Liège à Rathier de Vérone. In: **Le Moyen Âge.** *Revue d'histoire et de philologie*, n. 58, 1952, p. 1-30.

SQUATRITI, Paolo (Ed.). **The complete works of Liudprand of Cremona.** Washington: The Catholic University of America Press, 2007

STRECKER, Karl (Ed.). **Die Lateinischen Dichter des Deutschen Mittelalters.** Fünfter Band. Die Ottonenzeit. Leipzig: *Monumenta Germaniae Historica*, 1937.

ZIMMERMANN, Harald (Ed.). **Papstregesten 911-1024**. In: Böhmer, J. F. *Regesta Imperii*. 2, die Regesten des Kaiserreichs unter den Herrschern aus dem sächsischen Hause, 919-1024. Viena: Böhlau, 1969.

\_\_\_\_\_. **Papsturkunden**. 896-1046. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1984.

- **Estudos críticos**

ALTHOFF, Gerd. **Die Ottonen**. Königsherrschaft ohne Staat. Stuttgart: Kohlhammer Verlag, 2012.

AMANN, Émile; DUMAS, Auguste. **L'Église au pouvoir des laïques, 888-1057**. Evreux: Bloud & Gay (Histoire de l'Eglise depuis les origines jusqu'à nos jours), 1945.

ANTI, Elisa. Raterio, Verona e il furto del corpo di san Metrone. In: **Il difficile mestiere di vescovo (secoli X-XIV)** (Quaderni di storia religiosa). Verona: Cierre, 2000, p. 9-30.

ANTON, Hans Hubert. Ratherius Bischof von Verona (890–974). In: BAUTZ, Friedrich Wilhelm; BAUTZ, Traugott (org.). **Biographisch-bibliographisches Kirchenlexikon**, vol. 7. Hamm: Herzberg, 1994, p. 1377–80.

\_\_\_\_\_. Geschichte des Bistums Trier im frühen Mittelalter: Vom ausgehenden 5. Jahrhundert bis zur ersten Hälfte des 10. Jahrhunderts (480/500-930). In: HEINEN, Heinz; ANTON, Hans Hubert; WEBER, Winfried (Eds.). **Geschichte des Bistum Trier**. Im Umbruch der Kulturen. Spätantike und Frühmittelalter. Trier: Paulinus Verlag, 2003, p. 119-282.

ARNOULD, Maurice-Aurélien. Un village disparu de la Sambre liégeoise: Aulne. In: DECKERS, Josphe; LEJEUNE, Rita (Eds.). **Clio et son regard**. Mélanges d'histoire, d'histoire de l'art et d'archéologie offerts à Jacques Stiennon à l'occasion de ses 25 ans d'enseignement à l'Univ. de Liège. Liège: P. Mardaga, 1982, p. 1-22.

ARRIGNON, Jean-Pierre; HEUCLIN, Jean (Org.). **Pouvoirs, Église et société dans les royaumes de France, Bourgogne et Germanie: aux Xe et XIe siècles (888-vers 1110)**. Nantes: Temps, 2008.

BARTHÉLEMY, Dominique. La mutation féodale a-t-elle eu lieu ? (note critique). In: **Annales**. Économies, Sociétés, Civilisations, 47-3, 1992, p. 767-777.

\_\_\_\_\_. **La société dans le comté de Vendôme de l'an mil au XIV siècle**. Paris: Fayard, 1993.

\_\_\_\_\_. **La mutation de l'an mil, a-t-elle eu lieu?: servage et chevalerie dans la France des Xe et XIe siècles**. Paris: Fayard, 1997.

- \_\_\_\_\_. **A Cavalalaria: Da Germânia Antiga à França do século XII**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.
- BARTHÉLEMY, Dominique; WHITE, Stephen. Debate: the "Feudal Revolution". In: **Past & Present**, n. 152, 1996, p. 196-223.
- BATANY, Jean. Rhétorique et statuts sociaux dans les "Praeloquia" de Rathier de Vérone. In: CHEVALIER, Raymond (Ed.). **Colloque sur la rhétorique**. Calliope I. Paris: Les Belles Lettres, 1979, p. 221-238.
- BAUER, Thomas. **Lotharingien als historischer Raum**. Raumbildung und Raumbewusstsein im Mittelalter. Colônia-Weimar-Viena: Böhlau, 1997.
- \_\_\_\_\_. Art. Ruotbert (Rotbert), Erzbischof von Trier (seit 931), † 19.5.956 Köln, begr. Trier, (wahrscheinlich) Liebfrauenkirche. In: **Neue Deutsche Biographie**, Band 22, 2005, p. 268.
- BERKHOFER, Robert F. **Day of Reckoning: Power and Accountability in Medieval France**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.
- BERTRAND, Paul. À propos de la révolution de l'écrit (Xe-XIIIe siècle). Considérations inactuelles. In: **Médiévales**, 56, 2009, p. 75-92.
- BERTRAND, Paul; DUMÉZIL, Bruno; HÉLARY, Xavier; *et al.* **Pouvoirs, Église et Société dans les royaumes de France, de Bourgogne et de Germanie aux Xe et XIe siècles (888-vers 1100)**. Paris: Ellipses, 2008.
- BEUNZA, José Maria Imízcoz; RUIZ, Lara Arroyo. Redes sociales y correspondencia epistolar. Del análisis cualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. In: **Redes**. Revista hispana para el análisis de redes sociales, vol. 11, 2011, p. 98-138.
- BIHRER, Andreas; BRUHN, Stephan (Org.). **Bischöfe und ihre Diözesen im nachkarolingischen ostfränkisch-deutschen Reich (850–1100)**. Berlin : Walter de Gruyter, 2019.
- BISSON, Thomas Noel. The "Feudal Revolution". In: **Past & Present**, n. 142, 1994, p. 6-42.
- BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- BODE, Tina. **König und Bischof in ottonischer Zeit**. Herrschaftspraxis – Handlungsspielräume – Interaktionen. Husum: Matthiensen Verlag, 2015.
- BOLDRINI, Vitor. Paz e violência na Vida de São Geraldo de Aurillac (c. 930). In: **XVII Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP**. Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica, n. 27, 2019.

\_\_\_\_\_. Os escritos episcopais e monásticos enquanto vestígios das movimentações políticas e sociais de Folcuíno de Lobbes (935-990) e Ratério de Verona (890-974). In: **Revista Epígrafe**, v. 10, n. 2, 2021, p. 518-552.

\_\_\_\_\_. Um breve levantamento dos horizontes de pesquisa sobre a sociedade senhorial do século X: os exemplos de Folcuíno de Lobbes e Ratério de Verona. In: CORDEIRO, Gabriel R. S. *et al* (Org.). **Idade Média e História Global: Publicação das III Jornadas de Estudos Medievais**. São Paulo: Pensante, 2021, p. 141-169.

\_\_\_\_\_. A mobilização estratégica da escrita. Uma análise sobre a *Gesta abbatum Lobiensium* composta pelo abade Folcuíno (940-990). In: **CALAMUS**. Revista de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales, vol. 6, 2022, p. 1-19.

BONNASSIE, Pierre. **La Catalogne du milieu du x<sup>e</sup> siècle à la fin du XI<sup>e</sup> siècle** : croissance et mutations d'une société. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2 vols., 1975-1976.

BORGOLTE, Michael. **Sozialgeschichte des Mittelalters**. Eine Forschungsbilanz nach der deutschen Einheit. München: Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 1996.

BOSHOF, Egon. Lotharingien-Lothringen. Vom Teilreich zum Herzogtum. In: BIRTSCHE, Günter; HAVERKAMP, Alfred; HEIT, Alfred (Eds.). **Zwischen Gallia und Germania**, Frankreich und Deutschland. Konstanz und Wandel raumbestimmender Kräfte. Vorträge auf dem 36. Deutschen Historikertag, Trier, 8.-12. Oktober 1986. Trier: Verlag Trierer Historische Forschungen Trier, 1987, p. 129-153.

BOUGARD, François. Milone. In: **Dizionario Biografico degli Italiani**, vol. 74, 2010. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/milone\\_%28Dizionario-Biografico%29/](https://www.treccani.it/enciclopedia/milone_%28Dizionario-Biografico%29/).

\_\_\_\_\_. Le royaume d'Italie entre l'Empire et les réalités locales. In: GAILLARD, Michèle. *et al.* (Eds.). **De la mer du Nord à la Méditerranée**. Francia Media, une région au coeur de l'Europe. Luxembourg: Publications du CLUDEM, 2011, p. 487-510.

BOUGARD, François; LE JAN, Régine. Hiérarchie : le concept et son champ d'application dans les sociétés du haut Moyen Âge. In: BOUGARD, François; IOGNA-PRAT, Dominique; LE JAN, Régine (Eds.). **Hiérarchie et stratification sociale dans l'Occident médiéval (400-1100)**. Turnhout: Brepols, 2008, p. 5-19.

BOURNAZEL, Éric; POLY, Jean-Pierre. **La mutation féodale (Xe-XIIIe siècle)**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

BOWLUS, Charles R. **The Battle of Lechfeld and Its Aftermath**, August 955: The End of the Age of Migrations in the Latin West. Farnham: Ashgate Publishing, 2006.

BRUNHÖLZL, Franz. **Histoire de la Littérature Latine du Moyen Âge**. Tome II: De la fin de l'époque carolingienne au milieu du XIe siècle. Turnhout: Brepols, p. 307-317.

BÜHRER-THIERRY, Geneviève. L'épiscopat en France orientale et occidentale à la fin du IXe siècle : Substitut ou soutien du pouvoir royal ? In: LE JAN, Régine (Ed.). **La royauté et les élites dans l'Europe carolingienne** (du début du IXe aux environs de 920). Lille: Publications de l'Institut de recherches historiques du Septentrion, 1998, p. 347-364.

\_\_\_\_\_. Episcopat et royauté dans le monde carolingien. In: FALKOWSKI, Wojciech; SASSIER, Yves (Eds.). *Le monde carolingien: bilan, perspectives, champs de recherches*. Turnhout: Brepols, 2009, p. 143-156.

BÜHRER-THIERRY, Geneviève; JÉGOU, Laurent. L'épiscopat du premier âge féodal (Xe - milieu XIe siècles). In: IOGNA-PRAT, Dominique *et al* (Dir.). **Cluny: Les moines et la société au premier âge féodal**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, p. 79-90.

CABAILLOT, Claire. De la théorie des trois ordres à la revue des états: Rathier de Vérone et Bonizon de Sutri. In: **Revue des études italiennes**, vol. 39, 1993, p. 35-51.

CABY, Cécile. La mémoire des origines dans les institutions médiévales. Présentation d'un projet collectif. In: **Mélanges de l'École Française de Rome (Moyen Âge)**, n. 115, 2003, p. 133-140.

CAPITANI, Ovidio. Raterio e il diritto canonico. In: **Atti del X Convegno storico Internazionale** (Todi, 12-15 ottobre 1969). Todi: Convegni del Centro di Studi sulla Spiritualità Medievale, 1973, p. 137-164.

CAVALLARI, Vittorio. **Raterio e Verona** (qualche aspetto di vita cittadina nel X secolo). Verona: Istituto per gli studi storici veronesi, 1967.

CERVATO, Dario. **Raterio di Verona e di Liegi**. Il terzo periodo del suo episcopato veronese (961-968). Scritti e attività. Verona: Segno Editrice, 1993.

\_\_\_\_\_. Raterio, monaco e vescovo itinerante: di luogo, di mansioni e di animo. In: **Atti del IV convegno del „Centro di Studi Farfensi“**, Santa Vittoria in Matenano, 9-12 Settembre 1993 (Scuola di Memoria Storica, 4), San Pietro in Cariano 1996, p. 55-83.

\_\_\_\_\_. Aspetti liturgici negli scritti di Raterio, vescovo di Verona e di Liegi (890 ca-974). In: **Miscellanea Ottorino Pasquato**, 2002, p. 379-396.

CHASTANG, Pierre. Cartulaires, cartularisation et scripturalité médiévale: la structuration d'un nouveau champ de recherche. In: **Cahiers de civilisation médiévale**, n. 193, 2006, p. 21-31.

CONSTAMBEYS, Marios; INNES, Matthew; MACLEAN, Simon (Eds.). **The Carolingian World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

COOLEN, Georges. Guntbert de Saint-Bertin, Chronique des temps carolingiens. In: **Revue du Nord**, vol. 40, 1958, p. 213-224.

COSS, Peter; DENNIS, Chris; JULIAN-JONES, Melissa; SILVESTRI, Angelo (Eds.). **Episcopal Power and Local Society in Medieval Europe, 900-1400**. Turnhout: Brepols Publishers, 2017.

COUÉ, Stephanie. **Hagiographie im Kontext** : Schreibanlaß und Funktion von Bischofsviten aus dem 11. und vom Anfang des 12. Jahrhunderts. Berlin, Boston: De Gruyter, 2007.

D'ACUNTO, Nicolangelo. Le elezioni vescovili nel Regnum Italiae tra contesti locali e sistemi a vocazione universalistica (secoli X-XI). In: **Chiese locali e chiese regionali nell'alto medioevo**. Fondazione Centro Italiano di Studi sull'Alto medioevo, Spoleto, 2014, p. 649-687.

DAVIS, Jennifer R. **Charlesmagne's Practice of Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

DE JONG, Mayke. **In Samuel's image**. Child Oblation in the Early Medieval West. Leiden: Nova York e Colônia, 1996.

\_\_\_\_\_. Sacrum palatium et ecclesia: L'autorité religieuse royale sous les Carolingiens (790-840). In: **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, n. 58, 2003, p. 1243-1269.

\_\_\_\_\_. Ecclesia and the early medieval polity. In: AIRLE, Stuart; POHL, Walter; REIMITZ, Helmut (Eds). **Staat im frühen Mittelalter**. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2006, p. 113-132.

\_\_\_\_\_. The state of the church: ecclesia and early medieval state formation. In: POHL, Walter; WIESER, Veronika (Eds). **Der frühmittelalterliche Staat: Europäische Perspektiven**. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2009, p. 241-255

\_\_\_\_\_. **The penitential state: Authority and atonement in the age of Louis the Pious, 814-840**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DECLERCQ, Georges. Originals and Cartularies: The Organization of Archival Memory (Ninth-Eleventh Centuries). In: HEIDECKER, Karl (Ed.). **Charters and the Use of the Written Word in Medieval Society**. Turnhout: Brepols, 2000, p. 147-170.

\_\_\_\_\_. History, Memory and Remembrance in Early Cartularies and Libri Traditionum. In: **Studi Medievali**, LVIII, 2017, p. 1-21.

DEFRIES, David. **From Sithiu to Saint-Bertin**. Hagiographic Exegesis and Collective Memory in the Early Medieval Cults of Omer and Bertin. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2019.

DELVILLE, Jean-Pierre; KUPPER, Jean-Louis; LAFFINEUR-CRÉPIN, Marylène (Eds.). **Notger et Liège**. L'an mil au cœur de l'Europe. Liège: Éditions du Perron, 2008.

DHONDT, Jan. **Études sur la naissance des principautés territoriales en France (IXe-Xe siècle)**. Bruges: De Tempel, 1948.

DIERKENS, Alain. La production hagiographique à Lobbes au Xe siècle. In: **Revue Bénédictine**, vol. 93, 1983, p. 245-259.

\_\_\_\_\_. **Abbayes et chapitres entre Sambre et Meuse: VIIe-XIe siècles: contribution à l'histoire religieuse des campagnes du haut Moyen Âge.** Sigmaringen: J. Thorbecke, 1985.

\_\_\_\_\_. Notger, Folcuin et Rathier. L'abbaye de Lobbes et les évêques de Liège à la fin du Xe siècle. In: KUPPER, Jean-Louis; WILKIN, Alexis (Org.). **Évêque et prince.** Notger et la Basse-Lotharingie aux alentours de l'an Mil. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2013, p. 271-294.

\_\_\_\_\_. Le cheval de l'évêque Folcuin de Thérouanne († 855). In: JÉGOU, Laurent; *et al.* (Dir.). **Faire lien.** Aristocratie, réseaux et échanges compétitifs. Mélanges en l'honneur de Régine Le Jan. Paris: Publications de la Sorbonne, 2015, p. 279-288.

DINAN, Desmon. **Origins and Evolution of the European Union.** Oxford: Oxford University Press, 2014.

DOLBEAU, François. Ratheriana I. Nouvelles recherches sur les manuscrits et l'oeuvre de Rathier. In: **Sacris Erudiri**, n. 27, 1984, p. 373-431.

\_\_\_\_\_. Ratheriana II. Enquête sur les sources des Praeloquia. In: **Sacris Erudiri**, n. 28, 1985, p. 511-556.

\_\_\_\_\_. Ratheriana III. Notes sur la culture patristique de Rathier. In: **Sacris erudiri**, n. 29, 1986, p. 151-221.

\_\_\_\_\_. La diffusion de la "Vita S. Ursuari" de Rathier de Vérone. In: **Recueil d'études d'hagiographie médiévale offert à Guy Philippart.** Turnhout: Brepols, 2005, p. 181- 207.

\_\_\_\_\_. Pour mieux lire les Praeloquia de Rathier. In: **Mélanges Pascale Bourgain.** Turnhout: Brepols, 2016, p. 133-151.

\_\_\_\_\_. **Rathier de Vérone.** Lecteur, remanieur et centonisateur. Fireze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2021.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico.** Escrever uma Vida. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUBY, Georges. **Les trois ordres ou l'imaginaire du féodalisme.** Paris: Gallimard, 1978.

\_\_\_\_\_. **La société aux XIe et XIIe siècle dans la région mâconnaise.** Paris: EHESS, 1988.

\_\_\_\_\_. **L'histoire continue.** Paris: Odile Jacob, 1991.

ELDEVIK, John. **Episcopal Power and Ecclesiastical Reform in the German Empire.** Tithes, Lordship and Community, 950–1150. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

ESDERS, Stefan. GREER, Sarah; HICKLIN, Alice (Eds.). **Using and not Using the Past after the Carolingian Empire.** London: Routledge, 2019.

EWIG, Eugen. Das Privileg des Bischofs Audomar von Thérouanne von 663 und die Anfänge der Abtei Sithiu. In: ENNEN, Edith; WIEGELMANN, Günther (Eds.). **Festschrift Matthias Zender**. Studien zur Volkskultur, Sprache und Landesgeschichte. Bonn: Bouvier Verlag, 1972, p. 1019-1046.

FINCK VON FINCKENSTEIN, Albrecht Graf. **Bischof und Reich** : Untersuchungen zum Integrationsprozeß des ottonisch-frühsalischen Reiches (919 - 1056). Sigmaringen: Thorbecke, 1989.

FLECKENSTEIN, Josef. Königshof und Bischofsschule unter Otto d. Gr. In: **Archiv für Kulturgeschichte**, 38. Band, 1956, p. 38-62.

FLICHE, Augustin. **La réforme grégorienne**. I: Formation des idées grégoriennes. Paris: E. Champion, 1924.

FREDOUILLE, Jean-Claude; ROBERGE, René-Michel (Dir.). **La documentation patristique**: bilan et prospective. Laval: Les Presses de l'Université Laval, 1990.

FUMAGALLI, Vito. Il potere civile dei vescovi italiani al tempo di Ottone I. In: MOR, Carlo Guido (Ed.). **I poteri temporali dei vescovi in Italia e in Germania nel Medioevo**. Atti della settimana di studio, 13 - 18 settembre 1976. Bologna: Il Mulino, 1979, p. 77-86.

GAILLARD, Michèle *et al* (Eds.). **De la mer du Nord à la Méditerranée**. *Francia Media*, une région au coeur de l'Europe (c. 840-c. 1050). Luxemburgo: CLUDEM, 2011.

GEARY, Patrick. Entre gestion e Gesta. In: GUYOTJEANNIN, Olivier; MORELLE, Laurent; PARISSÉ, Michel (Eds.). **Les Cartulaires**. Actes de la Table ronde organisée par l'Ecole nationale des chartes et le G.D.R 121 du C.N.R.S., Paris, 5-7 décembre 1991. Genève et Paris: Librairie Droz et Librairie H. Champion, 1993, p. 13-26.

\_\_\_\_\_. **Phantoms of Remembrance: Memory and Oblivion at the End of the First Millenium**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

GEORGE, Phillipe; KUPPER, Jean-Louis; PIRENNE, Françoise (Org.). **Liège**. Autour de l'an mil, la naissance d'une principauté (Xe-XIIe siècle). Liège: Éditions du Perron, 2000.

GIBBON, Edward. **History of the Decline and Fall of the Roman Empire**. Volume 2. Chicago: Encyclopedia Britannica Inc., 1990.

GILSDORF, Sean (Ed.). **The bishop: power and piety at the first Millenium**. Münster: Lit Verlag, 2004.

GOETZ, Hans-Werner. **Moderne Mediävistik**. Stand und Perspektiven der Mittelalterforschung. Darmstadt: Primus, 1999.

\_\_\_\_\_. Gesellschaftliche Neuformierungen um die erste Jahrtausendwende?: Zum Streit um die "mutation de l'an mil". In: HUBEL, Achim; SCHNEIDMÜLLER, Bernd (Eds.). **Aufbruch**

**ins zweite Jahrtausend:** Innovation und Kontinuität in der Mitte des Mittelalters. Ostfildern: Thorbecke, 2004, p. 31-50.

GOLINELLI, Paolo. Nota su Raterio agiografo. In: **Mittellateinisches Jahrbuch**, 24-25, 1989/1990, p. 125-131.

GROSSE, Rolf. Rathier de Vérone, détracteur et démon de lui-même. In: BARTHÉLEMY, Dominique. **Moines et démons**. Autobiographie et individualité au Moyen Âge (VIIe-XIIIe). Genève: Droz, 2014, p. 27-43.

GROSSE, Rolf; SOT, Michel (Eds.). **Charlemagne: les temps, les espaces, les hommes: Construction et déconstruction d'un règne**. Turnhout: Brepols, 2018.

GOULLET, Monique; PARISSE, Michel. **Apreda o latim medieval: Manual para um grande começo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

HAARLÄNDER, Stephanie. **Eine Quellengattung zwischen Hagiographie und Historiographie**, untersucht an Lebensbeschreibungen von Bischöfen des Regnum Teutonicum im Zeitalter der Ottonen und Salier. Stuttgart: Anton Hiersemann, 2000.

HALPHEN, LOUIS. France, the last carolingians and the accession of Hugh Capet (888- 987). In: BURY, John Bagnell; G WATKIN, Henry Melvill (Eds.). **The Cambridge Medieval History**. Vol 3 - Germany and the Western Empire. Cambridge: Cambridge Press, 1967, p. 71-98.

HARTMANN, Wilfried (Ed.). **Recht und Gericht in Kirche und Welt um 900**. Munique: Oldenbourg Verlag, 2007.

\_\_\_\_\_. **Kirche und Kirchenrecht um 900: Die Bedeutung der spätkarolingischen Zeit für Tradition und Innovation im kirchlichen Recht**. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2008.

HEAD, Thomas. Postscript: The Ambiguous Bishop. In: JONES, Anna Trumbore; OTT, John S (Eds.). **The bishop reformed: studies of episcopal power and culture in the central Middle Ages**. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 250-264.

HEHL, Ernst-Dieter. Die Synoden des ostfränkisch-deutschen und des westfränkischen Reichs im 10. Jahrhundert. Karolingische Traditionen und Neuansätze. In: HARTMANN, Wilfried (Ed.). **Recht und Gericht in Kirche und Welt um 900**. Munique: Oldenbourg Verlag, 2007, p. 125-150.

HIRSCHMANN, Frank G. Die Bischofsstadt als Versammlungsort der Heiligen. Patrozinien, Reliquien, Heiligengräber (10.–12. Jahrhundert). In: EHRICH, Susanne; JÖRG, Oberste (Org.). **Städtische Kulte im Mittelalter**. Regensburg: Schnell & Steiner, 2010, p. 37-52.

HOWE, John. **Before the Gregorian reform : the Latin Church at the turn of the first millennium**. Ithaca : Cornell University Press, 2016.

- HUYSMANS, Ortwin. **Tutor ac Nutritor**. Episcopal Agency, Lordship and the Administration of Religious Communities: Ecclesiastical Province of Rheims, c. 888- 1073. 2016. 462 f. Tese (Doutorado em História) - KU Leuven, Leuven, 2016.
- INNES, Matthew. **State and society in the early Middle Ages: the middle Rhine valley**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- IOGNA-PRAT, Dominique. **La Maison Dieu**. Une histoire monumentale de l'Église au Moyen Age, v. 800-v. 1200. Paris: Le Seuil, 2006.
- \_\_\_\_\_. *et al* (Dir.). **Cluny: Les moines et la société au premier âge féodal**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013.
- ISAÏA, Marie-Céline (Dir.). **Pouvoirs, Église et société**. France, Bourgogne, Germanie. 888-1220. Neuilly-sur-Seine: Atlande, 2009.
- JACOBSEN, Peter Christian. Rather (Ratherius) von Verona und Lüttich. In: STAMMLER, Wolfgang *et al.* **Die deutsche Literatur des Mittelalters**. Verfasserlexikon. Berlin: Walter de Gruyter, 1989, p. 1013-1032.
- JÉGOU, Laurent. L'évêque entre autorité sacrée et exercice du pouvoir. L'exemple de Gérard de Cambrai (1012-1051). In: **Cahiers de civilisation médiévale**, 47, 2004, p. 37-55.
- \_\_\_\_\_. **L'évêque, juge de paix**. L'autorité épiscopale et le règlement des conflits entre Loire et Elbe (milieu VIIIe-milieu XIe siècle). Turnhout: Brepols, 2011.
- JÉGOU, Laurent. PANFILI, Didier. **L'Europe seigneuriale**. 888-1215. Paris: Armand Colin, 2018, p. 9-10.
- JONES, Anna Trumbore; OTT, John S (Eds.). **The bishop reformed: studies of episcopal power and culture in the central Middle Ages**. Aldershot: Ashgate, 2007.
- KELLER, Hagen. **Ottomische Königsherrschaft**. Organisation und Legitimation königlicher Macht. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002.
- KLEINJUNG, Christine. **Bischofsabsetzungen und Bischofsbild** : Texte - Praktiken - Deutungen in der politischen Kultur des westfränkisch-französischen Reichs 835-ca. 1030. Ostfildern: Jan Thorbecke Verlag, 2021.
- KLINKENBERG, Hans Martin. Versuche und Untersuchungen zur Autobiographie bei Rather von Verona. In: **Archiv für Kulturgeschichte**, n. 38/3, 1956, p. 265-314.
- KÖRNTGEN, Ludger; WASSENHOVEN, Dominik (eds.). **Patterns of Episcopal Power**. Bishops in Tenth and Eleventh Century Western Europe. Berlin: De Gruyter, 2011.
- KUPPER, Jean-Louis. **Liège et l'Église impériale aux XI-XIII siècles**. Liège: Presses Universitaires de Liège, 1981.

\_\_\_\_\_. Art. Folcuin, Abt von Lobbes (um 935-990). In: **Lexikon des Mittelalters**, vol. 4, 1989, p. 608.

\_\_\_\_\_. La part de l'empereur Lothaire Ier: aspects politiques, institutionnels et religieux (843-1056). In: GAILLARD, Michèle *et al* (Eds.). **De la mer du Nord à la Méditerranée**. Francia Media, une région au coeur de l'Europe (c. 840-c. 1050). Luxemburgo: CLUDEM, 2011, p. 11-40.

KURDZIEL, Emilie. La vie est un sport de combat. L'agon dans l'oeuvre de Rathier de Vérone (v. 899-974). In: BOUGARD, François; LE JAN, Régine; LIENHARD, Thomas (Eds.). **Agôn**. La compétition, Ve-XIIe siècle. Turnhout: Brepols, 2012, p. 311-332.

LANGOSCH, Karl. **Lateinisches Mittelalter**: Einleitung in Sprache und Literatur. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1975.

LAUDIZI, Giovanni. Osservazioni sulla composizione dei "Praeloquia" di Raterio vescovo di Verona. In: **Bollettino di studi latini**, n. 28, 1998, p. 494-505.

LAUWERS, Michel (Dir.). **Guerriers et moines**: Conversion et sainteté aristocratiques dans l'Occident médiéval (IXe-XIIe siècle). Tunhout: Brepols, 2002.

\_\_\_\_\_. *Memoria*. A propos d'un objet d'histoire en Allemagne. In: OEXLE, Otto Gerhard; SCHMITT, Jean-Claude (Eds.). **Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2003, p. 105-126.

\_\_\_\_\_. L'Église dans l'Occident médiéval: histoire religieuse ou histoire de la société? Quelques jalons pour un panorama de la recherche en France et en Italie au XXe siècle. In: **Mélanges de l'École française de Rome. Moyen-Âge**, tomo 121, n. 2, 2009, p. 267-290.

\_\_\_\_\_. De l'incastellamento à l'inecclesiamento. Monachisme et logiques spatiales du féodalisme. In: IOGNA-PRAT, Dominique *et al* (Dir.). **Cluny**: Les moines et la société au premier âge féodal. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, p. 315-338.

\_\_\_\_\_. (Ed.). **Monastères et espace social**: Genèse et transformation d'un système de lieux dans l'Occident medieval. Turnhout: Brepols, 2014.

\_\_\_\_\_. **O nascimento do cemitério**. Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente Medieval. Campinas: Editora da Unicamp, 2015

LAUWERS, Michel; RIPART, Laurent. **Pouvoirs, Église et Société dans les royaumes de France, de Bourgogne et de Germanie aux Xe et XIe siècles**. (888-vers 1100). Paris: Hachette Supérieur, 2008.

LE JAN, Régine. L'aristocratie lotharingienne au Xe siècle: structure interne et conscience politique. In: HANS-WALTER, Herrmann; SCHNEIDER, Bernhard (Org.). **Lotharingia**. Eine

europäische Kernlandschaft um das Jahr 1000. Saarbrücken: SDV Saarbrücker Druckerei und Verlag, 1994, p. 71-88.

\_\_\_\_\_. **Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe-Xe siècle)**: Essai d'anthropologie sociale. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2003.

LEMARIGNIER, Jean-François. **Le gouvernement royal aux premiers temps capétiens (987-1108)**. Paris: Picard, 1965.

LEONARDI, Claudio. Raterio e Marziano Capella. In: **Italia medioevale e umanistica**, n. 2, 1959, p. 73-102.

\_\_\_\_\_. Von Pacificus zu Rather. Zur Veroneser Kulturgeschichte im 9. und 10. Jahrhundert. In: **Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters**, n. 41, 1985, p. 390-417.

\_\_\_\_\_. Raterio di Verona. Um bilancio metodologico. In: **Mittellateinisches Jahrbuch**, 24/25, 1989-90, p. 125-131.

LEYSER, Conrad. Episcopal Office in the Italy of Liudprand of Cremona, c.890–c.970. In: **English Historical Review**, vol. 125, 2010, p. 795-817.

LOT, Ferdinand. **Les derniers Carolingiens**, Lothaire, Louis V, Charles De Lorraine (954-991). Paris: Émile Bouillon éditeur, 1891.

LUMAGHI, Louis Francis. **Rather of Verona: Pre-Gregorian Reformer**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, University of Colorado, Boulder, 1975.

MACLEAN, Simon. **Kingship and Politics in the Late Ninth Century**. Charles the Fat and the end of the Carolingian Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. Shadow Kingdom: Lotharingia and the Frankish World, c.850-c.1050. In: **History Compass**, vol. 11, n. 6, 2013, p. 443–457.

MAGNANI, Eliana. **Monastères et aristocratie en Provence**, milieu Xe.-XIIe. Münster: Lit Verlag, 1999.

MARGUE, Michel. Face à l'évêque, le comte. Politique ottonienne et pouvoir comtal en Lotharingie à l'époque de Notger. In: KUPPER, Jean-Louis; WILKIN, Alexis (Org.). **Évêque et prince**. Notger et la Basse-Lotharingie aux alentours de l'an Mil. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2013, p. 237-271.

\_\_\_\_\_. Pour une redéfinition dynamique des relations entre comtes et abbayes (fin IX<sup>e</sup> – fin XI<sup>e</sup> siècle). In: **Trajectoires**, Hors-série 2, 2017.

\_\_\_\_\_. Zwentibold, roi (895-900) et Gislebert, duc (928-939) du royaume de Lothaire. In: MARGUE, Michel; PETTIAU, Hérold (Eds.). **La Lotharingie en question**. Identités, oppositions, intégration. Lotharingische Identitäten im Spannungsfeld: zwischen integrativen

und partikularen Kräften. Luxemburgo: Publications de la section historique de l'Institut Grand-Ducal de Luxembourg, 2018, p. 55-151.

MARTINE, Tristan (Dir.). Comtes et abbayes dans le monde franc. Francie occidentale, Francie orientale et Bourgogne. Fin IXe – fin XIe siècle. In: **Trajectoires**, Hors-série 2, 2017.

MARTINE, Tristan; NOWAK, Jessika (Eds.). **D'un regnum à l'autre**: la Lotharingie, un espace de l'entre-deux? Vom Regnum zum Imperium: Lotharingien als Zwischenreich? Nancy: Presses Universitaires de Nancy – Éditions Universitaires de Lorraine, 2020.

MARTINE, Tristan; NOWAK, Jessika; SCHNEIDER, Jens (Dir.). **Espaces ecclésiastiques et seigneuries laïques (IXe-XIIIe siècle)**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2021.

MAZEL, Florian. **La noblesse et l'Église en Provence**, fin Xe-début XIVe siècle. Paris: Éditions du CTHS, 2002.

\_\_\_\_\_. Amitié et rupture de l'amitié. Moines et grands laïcs provençaux au temps de la crise grégorienne (milieu XI<sup>e</sup>-milieu XII<sup>e</sup> siècle). In: **Revue historique**, t. 307, 2005, p. 53-95.

\_\_\_\_\_. (Ed.). **L'espace du diocèse**. Genèse d'un territoire dans l'Occident médiéval (Ve-XIIIe siècle). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

\_\_\_\_\_. Pouvoir aristocratique et Église aux Xe-XIe siècles. Retour sur la "révolution féodale" dans l'œuvre de Georges Duby. In: **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre**. Hors-série n° 1, 2008.

\_\_\_\_\_. Monachisme et aristocratie aux Xe – XIe siècles. Un regard sur l'historiographie récente. In: MEIJNS, Brigitte; VANDERPUTTEN, Steven (Org.). **Ecclesia in medio nationis**: Reflections on the Study of Monasticism in the Central Middle Ages. Leuven: Leuven University Press, 2011, p. 47-76.

\_\_\_\_\_. **L'évêque et le territoire**. L'invention médiévale de l'espace. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

MAZEURE, Nicolas. **La vocation mémorielle des actes**: L'utilisation des archives dans l'historiographie bénédictine dans les Pays-Bas méridionaux, Xe – XIIe siècles. Turnhout: Brepols, 2014.

MCKITTERICK, Rosamond. **The Carolingians and the Written Word**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Carolingian culture**: emulation and innovation. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. The Church. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 130-162.

\_\_\_\_\_. **History and Memory in the Carolingian World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MEIJNS, Brigitte. Communautés de chanoines dépendant d'abbayes bénédictines pendant le Haut Moyen Âge. L'exemple du Comté de Flandre. In: **Revue bénédictine**, vol. 113, 2003, p. 90-123.

\_\_\_\_\_. A defence against the arrows of the disturbance to come: royal protection and the consolidation of monastic reform under Count Arnulf I of Flanders (918–65). In: **Early Medieval Europe**, n. 26, 2018, p. 486– 517.

MEIJNS, Brigitte; VANDERPUTTEN, Steven (Org.). **Bishops in the Long Tenth Century**. Episcopal Authorities in France and Lotharingia, c. 900- c. 1050. The Medieval Low Countries, vol. 6. Turnhout: Brepols, 2019.

MÉRIAUX, Charles. Historiographie des élites ecclésiastiques du haut Moyen Âge. In: **L'historiographie des élites dans le haut Moyen Âge**. Actes du colloque, Université de Marne-la-Vallée, n. p., 2003.

\_\_\_\_\_. **Gallia irradiata**. Saints et sanctuaires dans le nord de la Gaule du haut Moyen Âge. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006.

MICCOLI, Giovanni. Raterio, um riformatore? In: **Raterio da Verona**. Atti del X Convegno storico Internazionale (Todi, 12-15 ottobre 1969). Todi: Convegni del Centro di Studi sulla Spiritualità Medievale, 1973, p. 95-136.

MILLER, Maureen. Donors, Their Gifts, and Religious Innovation in Medieval Verona. In: **Speculum**, vol. 66, n. 1, 1991, p. 27-42.

\_\_\_\_\_. **The Formation of a Medieval Church: Ecclesiastical Change in Verona, 950–1150**. Ithaca: Cornell University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. From Episcopal to Communal Palaces: Places and Power in Northern Italy (1000-1250). In: **Journal of the Society of Architectural Historians**, vol. 54, n. 2, 1995, p. 175-185.

MORELLE, Laurent. Les chartes dans la gestion des conflits (France du Nord, XIe-début XIIe siècle). In: **Bibliothèque de l'école des chartes**, 1997, tomo 155, p. 267-298.

\_\_\_\_\_. Histoire et archives vers l'an mil : une nouvelle 'mutation' ? In: **Histoire et archives**, n. 3, 1998, p. 119-141.

\_\_\_\_\_. The Metamorphosis of Three Monastic Charter Collections in the Eleventh Century (Saint-Amand, Saint-Riquier, Montier-en-Der). In: HEIDECKER, Karl (Ed.). **Charters and the Use of the Written Word in Medieval Society**. Turnhout: Brepols, 2000, p. 171-204.

- \_\_\_\_\_. Diplomatic Culture and History Writing: Folcuin's Cartulary-Chronicle of Saint Bertin. In: MAXWELL, Robert (Ed.). **Representing History**, 900-1300. Art, Music, History. The Pennsylvania State University, 2010, p. 53-65
- MÜLLER-MERTENS, Eckhard. The Ottonians as kings and emperors. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 233-266.
- NANU, Irina. Princeps. Filosofía política medieval: una bibliografía (II). In: **Memorabilia**, n. 14, 2012, p. 193-218.
- NELSON, Janet. **Charles The Bald**. London: Routledge, 1992.
- NEYRA, Andrea Vanina; PÉREZ, Mariel (Eds.). **Obispos y monasterios en la Edad Media : trayectorias personales, organización eclesiástica y dinámicas materiales**. Buenos Aires: Colección Cursus, 2020.
- NIEUS, Jean-François; RUFFINI-RONZANI, Nicolas. Société seigneuriale, réformes ecclésiastiques: les enjeux documentaires d'une révision historiographique. In: MEIJNS, Brigitte; VANDERPUTTEN, Steven (Org.). **Ecclesia in medio nationis: Reflections on the Study of Monasticism in the Central Middle Ages**. Leuven: Leuven University Press, 2011, p. 77-100.
- OEXLE, Otto Gerhard. Les moines d'Occident et la vie politique et sociale dans le Haut Moyen Âge. In: **Revue Bénédictine**, vol. 103, Issue 1-2, 1993, p. 255-272.
- PAPASIDERO, Marco. **Translatio sanctitatis**. I furti di reliquie nell'Italia medievale. Firenze: Firenze University Press, 2019.
- PARISSE, Michel. **Encyclopédie illustrée de la Lorraine**, t. 2: L'époque médiévale. Austrasie, Lotharingie, Lorraine. Metz: Presses Universitaires de Nancy, 1990.
- \_\_\_\_\_. Princes laïques et/ou moines. Les évêques du Xe siècle. In: **Il secolo di ferro**. Mito e realtà del secolo X. Settimane di studio del Centro italiano di studi sull'alto medioevo / 38. Spoleto: Fondazione CISAM, 1991, p. 449-513.
- \_\_\_\_\_. Lotharingia. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 310-327.
- PATZOLD, Steffen. "...inter pagensium nostrorum gladios vivimus". Zu den "Spielregeln" der Konfliktführung in Niederlothringen zur Zeit der Ottonen und frühen Salier. In: **Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte: Germanistische Abteilung**, n. 118, 2001, p. 58-99.
- \_\_\_\_\_. L'épiscopat du haut Moyen Âge du point de vue de la médiévistique allemande. In: **Cahiers de civilisation médiévale**, n°192, 2005, p. 341-358.
- \_\_\_\_\_. **Wissen über Bischöfe im Frankenreich des späten 8. bis frühen 10. Jahrhunderts**. (Mittelalter-Forschungen 25.) Ostfildern: Jan Thorbecke Verlag, 2008.

\_\_\_\_\_. Le “premier âge féodal“ vu d’Allemagne. Essai sur les historiographies française et allemande. In: IOGNA-PRAT, Dominique et. al. (Dir.). **Cluny: Les moines et la société au premier âge féodal**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, p. 19-29.

\_\_\_\_\_. **Presbyter**. Moral, Mobilität und die Kirchenorganisation im Karolingerreich. Stuttgart: Hiersemann Verlag, 2020.

PATZOLD, Steffen; VAN RHIJN, Carine (Eds.). **Men in the Middle: Local Priests in Early Medieval Europe**, Berlin, Boston: De Gruyter, 2016.

PEZÉ, Warren (Ed.). **Wissen und Bildung in einer Zeit bedrohter Ordnung: der Zerfall des Karolingerreiches um 900**. Stuttgart: Monographien zur Geschichte des Mittelalters, 2020.

PIETRAS, Henryk. **Council of Nicaea (325)**. Religious and Political Context, Documents, Commentaries. Roma: Gregorian and Biblical Press, 2016.

POKORNY, Rudolf. Nochmals zur Admonitio synodalis. In: **Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte: Kanonistische Abteilung**, vol. 71, no. 1, 1985, p. 20-51.

REECY, Benny R. **Learning in the Tenth Century**. Greenville: Furman University, 1968.

REID, Peter. **Tenth-Century Latinity: Rather of Verona**. Malibu: Undena, 1981.

REMBOLD, Ingrid. History and (Selective) Memory: Articulating Community and Division in Folcuin’s *Gesta abbatum Lobiensium*. In: SCREEN, Elina; WEST, Charles. **Writing the Early Medieval West**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 64-79.

RENARD, Étienne. Que décrit le polyptyque de Saint-Bertin? A propos de la notion de mense à l’époque carolingienne. In: **Revue Mabillon**, vol. 15, 2004, p. 51-79.

RENSWOUDE, Irene van. Time is on our side. Liturgical time and political history in the Chronicle of Lobbes. In: **Forschungen zur Geschichte des Mittelalters**, vol. 12, 2006, p. 323-344.

\_\_\_\_\_. The sincerity of fiction. Rather and the quest for self- knowledge. In: **Forschungen zur Geschichte des Mittelalters**, vol. 15, 2010, p. 309-334.

\_\_\_\_\_. **The Rhetoric of Free Speech in Late Antiquity and the Early Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

REUTER, Timothy. “The Imperial Church System” of the Ottonian and Salian Rulers: A Reconsideration. In: **Journal of Ecclesiastical History**, n. 33, 1982, p. 347-374.

\_\_\_\_\_. **Germany in the Early Middle Ages. 800-1056**. London: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. Introduction: Reading the tenth century. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 1-24.

REUTER, Timothy; WICKHAM, Chris. Debate: The "Feudal Revolution". In: **Past & Present**, n. 155, 1997, p. 177-208.

RICHERS, Theo. The Function of the Gesta Episcoporum as Archive: Some Reflections on the Codex sancti Gislени. In: **MS Den Haag KB**, n. 75:15, 2007, p. 7-46.

ROBERTS, Edward. Bishops on the Move. Rather of Verona, Pseudo-Isidore, and Episcopal Translation. In: **The Medieval Low Countries**, n. 6. Turnhout: Brepols, 2019, p. 117-138.

RÖCKELEIN, Hedwig. Bischöfe im frühen und hohen Mittelalter im internationalen Vergleich: Ergebnisse und neue Perspektiven. In: BIHRER, Andreas; RÖCKELEIN, Hedwig (Eds.). **Die „Episkopalisierung der Kirche“ im europäischen Vergleich**. Berlin, Boston: De Gruyter Akademie Forschung, 2022, p. 465-476.

ROSÉ, Isabelle. **Construire une société seigneuriale: itinéraire et ecclésiologie de l'abbé Odon de Cluny (fin du IXe-milieu du Xe siècle)**. Turnhout: Brepols, 2008.

\_\_\_\_\_. Les moines et leur vie communautaire du IXe au XIIe siècle. Tour d'horizon historiographique. In: MEIJNS, Brigitte; VANDERPUTTEN, Steven (Org.). **Ecclesia in medio nationis: Reflections on the Study of Monasticism in the Central Middle Ages**. Leuven: Leuven University Press, 2011, p. 11-45.

\_\_\_\_\_. Reconstitution, représentation graphique et analyse des réseaux de pouvoir au haut Moyen Âge. Approche des pratiques sociales de l'aristocratie à partir de l'exemple d'Odon de Cluny". In: **Redes**. Revista hispana para el análisis de redes sociales, 2011, vol. 21, p. 199-172.

ROSENWEIN, Barbara. **To be the Neighbor of Saint Peter**. The Social Meaning of Cluny's Property. Ithaca: Cornell University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Negotiating Space**. Power, Restraint, and Privileges of Immunity in Early Medieval Europe. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

ROSSI, Maria Clara. Raterio vescovo: biografia, documentazione e suggestioni per una ricerca. In: ARZONE, Antonella; NAPIONE, Ettore (Eds.). **L'iconografia rateriana: la più antica veduta di Verona ; l'archetipo e l'immagine tramandata ; atti del seminario di studi, 6 maggio 2011, Museo di Castelvecchio**. Verona: Caselle di Sommacampagna, 2012, p. 47-58.

SANTIFALLER, Leo. **Zur Geschichte des ottonische-salischen Reichkirchensystems**. Vienna: Österreichische Akademie der Wissenschaften, 1954.

SCHALLER, Hans Martin. Art. Rather, Bischof von Verona und Lüttich († 974). In: **Lexikon des Mittelalters**, vol. 7. München – Zürich, 1995, p. 458.

SCHIEFFER, Rudolf. Karolingische und ottonische Kirchenpolitik. In: BAUER, Dieter R *et al* (Eds.). **Mönchtum - Kirche - Herrschaft 750-1000**. Josef Semmler zum 65. Geburtstag. Sigmaringen: Thorbecke, 1998, p. 311-325.

SCHLOCHTERMEYER, Dirk. **Bistumschroniken des Hochmittelalters**. Die politische Instrumentalisierung von Geschichtsschreibung. Paderborn: Schöningh, 1998.

SCHNEIDER, Jens. **Auf der Suche nach dem verlorenen Reich**. Lotharingen im 9. und 10. Jahrhundert. Köln: Böhlau Verlag, 2010.

SCHUMACHER, Daniel. Zwischen Ost- und Westfranken: Herzog Giselbert von Lothringen. In: MARTINE, Tristan; NOWAK, Jessika (Dir.). **D'un regnum à l'autre: la Lotharingie, un espace de l'entre-deux? Vom Regnum zum Imperium: Lotharingen als Zwischenreich?** Nancy: Presses Universitaires de Nancy – Éditions Universitaires de Lorraine, 2020, p. 125-138.

SERGI, Giuseppe. The Kingdom of Italy. In: REUTER, Timothy (Ed.). **The New Cambridge Medieval History**. Volume III – C. 900 - C. 1024. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 346-371.

SHIMAHARA, Sumi. L'exégèse biblique de la fin du IXe siècle au milieu du XIe siècle. État des lieux. In: PEZÉ, Warren (Ed.). **Wissen und Bildung in einer Zeit bedrohter Ordnung: der Zerfall des Karolingerreiches um 900**. Stuttgart: Monographien zur Geschichte des Mittelalters, 2020, p. 103-146.

SILVESTRE, Hubert. Comment on rédigeait une lettre au Xe siècle. L'épître d'Éracle de Liège à Rathier de Vérone. In: **Le Moyen Âge**, t. 58, 1952, p. 1-30.

SOBREIRA, Victor Borges. **O modelo do grande domínio: os polípticos de Saint-Germandes-Prés e de Saint-Bertin**. História e historiografia. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Epístolas e cultura política no reino de Carlos, o calvo: o abade Lupo de Ferrières (829 - 862)**. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOT, Michel. **Gesta episcoporum, gesta abbatum**. Turnhout: Brepols, 1981.

STOPPACCI, Patrizia. **Il secolo senza nome**. Cultura, scuola e letteratura latina dell'anno Mille e dintorni. Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2020.

STOTZ, Peter. **Handbuch zur lateinischen Sprache des Mittelalters: Bedeutungswandel und Wortbildung**. München: Beck, 1996.

STUTZ, Ulrich. **Die Eigenkirche als Element des mittelalterlich-germanischen Kirchenrechts**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1955.

THOMPSON, James Westfall. **The Dissolution of the Carolingian Fisc in the Ninth Century**. Berkeley: University of California Press, 1935.

- TOUBERT, Pierre. **Les structures du Latium médiéval**. Le Latium méridional et la Sabine du IXe siècle à la fin du XIIe siècle. Roma: Escola Francesa de Roma, 1973.
- UBL, Karl; ZIEMANN, Daniel (Eds.). **Fälschung als Mittel der Politik?** Pseudoisidor im Licht der neuen Forschung. Gedenkschrift für Klaus Zechiel-Eckes. MGH Studien und Texte 57. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2015.
- UGÉ, Karine. Creating a usable past in the tenth century. Folcuin's Gesta and the crises at Saint-Bertin. In: **Studi medievali**, n. 37, 1996, p. 887-903.
- \_\_\_\_\_. **Creating the Monastic Past in Medieval Flanders**. Nova York: Boydell & Brewer, 2005.
- VALTORTA, Benedetta. **Clavis scriptorum latinorum medii aevi**. Auctores Italiae (700-1000). Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2006.
- \_\_\_\_\_. Raterio agiografo: l'Invectiva de translatione sancti Metronis. In: **Hagiographica**, vol. 22, 2015, p. 151-166.
- \_\_\_\_\_. Ratherius Veronensis ep. In: CASTALDI, Lucia e MATTALONI, Valeria (Eds.). Te.Tra. 6. **La trasmissione dei testi latini del Medioevo** / Mediaeval Latin Texts and their Transmission. Firenze: Sismel Edizioni del Galluzzo, 2019, p. 570-613.
- VANDERPUTTEN, Steven. Typology of Medieval Historiography Reconsidered: a Social Reinterpretation of Monastic Annals, Chronicles and Gesta. In: **Historical Social Research/Historische Sozialforschung**, 26:4, 2001, p. 141-178.
- \_\_\_\_\_. Benedictine local historiography from the middle ages and its written sources: Some structural observations. In: **Revue Mabillon**, vol. 15, 2004, p. 107-130.
- \_\_\_\_\_. "Literate memory" and social reassessment in tenth-century monasticism. In: **Mediaevistik**, vol. 17, 2004, p. 65-94.
- \_\_\_\_\_. Monastic literate practices in eleventh- and twelfth-century northern France. In: **Journal of Medieval History**, 32, 2006, p. 101-126.
- \_\_\_\_\_. Gérard de Brogne en Flandre. État de la question sur les réformes monastiques du Xe siècle. In: **Revue du Nord**, n. 385, 2010/2, p. 271-295.
- \_\_\_\_\_. Individual experience, collective remembrance and the politics of monastic reform in high medieval Flanders. In: **Early Medieval Europe**, 20(1), 2012, p. 70-89.
- \_\_\_\_\_. **Monastic Reform as Process: Realities and Representations in Medieval Flanders, 900-1100**. Ithaca-London: Cornell University Press, 2013.
- VIGNODELLI, Giacomo. Il problema della regalità nei Praeloquia di Raterio di Verona. In: ISABELLA, Giovanni. (Ed.), **C'era una volta un re...** Aspetti e momenti della regalità da un

seminario del dottorato in Storia medievale (Bologna, 17-18 dicembre 2003) Bolonha: CLUEB, 2005, p. 59-74.

\_\_\_\_\_. *Milites Regni : aristocrazie e società tripartita in Raterio da Verona*. In: **Bullettino dell'Istituto storico italiano per il medioevo**, n. 109, 2007, p. 97-149.

\_\_\_\_\_. *Attone e Raterio. Un dialogo tra storiografia e filologia*. In: **Filologia Mediolatina. Studies in Medieval Latin Texts and Transmission**, vol. 24, 2017, p. 221-288.

VINAY, Gustavo. *Arrabbiati e sognatori. Aspetti del secolo X: la confessione sdoppiata di Raterio*. In: **Alto Medioevo Latino**, n. 42, 1978, p. 377-389.

VOGEL, Albrecht. **Ratherius von Verona und das zehnte Jahrhundert**. Leipzig: Zentralantiquariat, 1977.

WASSENAAR, Jelle. *Bishops, canon law, and the politics of belonging in post-Carolingian Italy, c. 930–c. 960*. In: ESDERS, Stefan. GREER, Sarah; HICKLIN, Alice (Eds.). **Using and not Using the Past after the Carolingian Empire**. London: Routledge, 2019, p. 221-240.

WEI, John; WINROTH, Anders (Eds.). **The Cambridge History of Medieval Canon Law**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

WEIGLE, Fritz. *Ratherius von Verona im Kampf um das Kirchengut, 961-968*. In: **Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken**, vol. 26, 1937-1938, p. 1-35.

\_\_\_\_\_. *Zur Geschichte des Bishofs Rather von Verona. Analekten zur Ausgabe seiner Briefe*. In: **Deutsches Archives**, n. 5, 1941-42, p. 347-386.

WEILER, Björn. **Paths to Kingship in Medieval Latin Europe, c. 950–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

WEMPLER, Suzanne Fonay. **Atto of Vercelli**. Church state und christian society in tenth century Italy. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979.

WEST, Charles. **Reframing the Feudal Revolution**. Political and Social Transformation between Marne and Moselle, c. 800-c. 1100. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. *Quelle place pour l'ecclisia dans l'Europe médiévale?* In: **Médiévales**, n. 74, 2018, p. 165-178.

WORSTBROCK, Franz Joseph. *Art. Folkwin von Lobbes (Laubach)*. In: STAMMLER, Wolfgang *et al.* **Die deutsche Literatur des Mittelalters**. Verfasserlexikon. Berlin: Walter de Gruyter, 1980, p. 764-767.

ZIMMERMANN, Harald. *Der Streit um das Lütticher Bistum 920-921*. In: **Mitteilungen des Instituts für Österreichische Geschichtsforschung**, n. 65, 1957, p. 15-52.

\_\_\_\_\_. **Das dunkle Jahrhundert**. Ein historisches Porträt. Graz: Verlag Styria, 1971.

**Anexo I - Registro dos principais deslocamentos, obras e eventos da trajetória de  
Ratério**

<b>c. 890</b>	Nascimento nos entornos da diocese de Liège.
<b>c. 900</b>	Oblação no monastério beneditino de Lobbes.
<b>920-922</b>	Morte do bispo Estevão, de Liège, e disputas pela sua sucessão episcopal. Partida de Hilduíno e Ratério para a Península Itálica
<b>926</b>	Entronização do rei Hugo da Itália.
<b>928-931</b>	Hilduíno ocupa o ofício episcopal em Verona.
<b>931</b>	Primeira nomeação de Ratério como bispo de Verona, substituindo Hilduíno, que foi designado para comandar a diocese de Milão.
<b>933-934</b>	Arnulfo da Baviera invade o Reino Italiano.
<b>934-936</b>	Ratério é destituído da sede episcopal por Hugo e preso em Pavia. Início da escrita de <i>Praeloquia</i> .
<b>936-939</b>	Exílio em Como. Início da difusão de <i>Praeloquia</i> e do intercâmbio epistolar com bispos mais próximos.
<b>939-945</b>	Trânsito constante entre as regiões da Provença e da Lotaríngia, passando por Lobbes entre 944-945. Conclusão de <i>Praeloquia</i> e envio da carta aos monges de Lobbes com uma versão da <i>Vita Ursuari Tertii</i> .
<b>946</b>	Retomada do comando do bispado de Verona.
<b>946-947</b>	Hugo abdica do trono real italiano em favor do filho Lotário II, retornando à Provença. Berengário se torna conselheiro e principal figura política de liderança da região.
<b>948</b>	Ratério é forçado a abandonar sua função episcopal em Verona em favor de Manasses.
<b>950</b>	Manasses cede o comando do bispado a Milo, sobrinho do conde.
<b>951</b>	Tentativa frustrada de Ratério de retomar a diocese ao acompanhar a primeira expedição militar de Otão I na Península Itálica.
<b>952-953</b>	Integra a escola palatina real de Bruno.
<b>953</b>	Nomeado bispo de Liège, se tornando, ao mesmo tempo, abade de Lobbes.
<b>955</b>	Destituição em virtude da conspiração planejada pela aristocracia local, principalmente por Balderico e Reginaldo III. Refúgio junto ao arcebispo Guilherme, em Mainz. Composição de <i>Conclusio Deliberativa e Phrensis</i> .
<b>955-960</b>	Abade no monastério de Aulne. Escrita de <i>Dialogo Confessionali</i> .
<b>961</b>	Segunda expedição militar de Otão I na Península Itálica e terceira entronização de Ratério em Verona.
<b>962</b>	Otão I é coroado Sacro Imperador Romano Germânico em Roma pelo papa João XII.
<b>961-968</b>	Terceiro e último período de Ratério como bispo de Verona. Composição de sermões, textos de reflexão pessoal, tratados aos clérigos e correspondências diversas.

<b>968</b>	Destituição do bispado veronense em favor do seu antecessor Milo após fortes oposições dos condes e clérigos locais. Retorno à Lotaríngia e à abadia formadora de Lobbes.
<b>970-973</b>	Querela com Folcuíno pelo cargo abacial.
<b>973</b>	Renúncia ao comando de Lobbes e retirada no monastério de Aulne.
<b>974</b>	Morte em Namur e sepultamento na cripta abacial da Igreja de Saint-Ursmar de Lobbes.

**Anexo II - Registro dos principais deslocamentos, obras e eventos da trajetória de  
Folcuíno**

<b>816--855</b>	Período em que seu tio-avô homônimo foi bispo da diocese de Théroutanne.
<b>928</b>	Translação das relíquias de Folcuíno de Théroutanne em Sithiu/Saint-Bertin, pela iniciativa do pai de Folcuíno.
<b>c. 940</b>	Nascimento nos entornos da diocese de Liège, batizado por Ratério.
<b>944</b>	Reforma da abadia de Sithiu pelo abade Gerardo de Brogne, sob os auspícios do conde de Flandres Arnulfo I. Consolidação institucional do monastério de Saint-Bertin e do capítulo catedralício de Saint-Omer.
<b>948</b>	Oblação beneditina em Saint-Bertin.
<b>961</b>	Professado como monge.
<b>961-962</b>	Escrita da <i>Gesta abbatum Sithiensium</i> .
<b>965</b>	Nomeação como abade de Lobbes pelo bispo de Liège, Eráclio, e partida de Saint-Bertin.
<b>c. 970</b>	Início da escrita da <i>Vita Folquini episcopi Morinensis</i> .
<b>c. 971</b>	Breve destituição do cargo abacial após a conspiração de Ratério.
<b>971</b>	Morte de Eráclio no mês de outubro
<b>972</b>	Entornização episcopal de Notger em Liège
<b>973</b>	Confirmada a restituição abacial de Folcuíno em Lobbes pelo Imperador Germânico Otão II.
<b>968-990</b>	Escrita da <i>Gesta abbatum Lobiensium</i> e da <i>Miracula Ursuari</i> .
<b>990</b>	Morte e sepultamento na cripta abacial da Igreja de Saint-Ursmar de Lobbes, ao lado do seu padrinho Ratério.